FR. THOMÉ DE JESUS

TRABALHOS DE JESUS

Editado por

TRABALHOS DE JESUS

FREI THOMÉ DE JESUS

TOMO SEGUNDO

NOTA

O livro "Trabalhos de Jesus" foi escrito no sec. XVI. Os textos disponíveis na internet, que utilizámos como fontes, respeitam a uma edição de 1865.

Para facilitar a leitura e compreensão utilizámos a inteligência artificial (ChatGPT) para conseguir uma "tradução livre" com a ortografia e estilo correntes. Por exemplo, fraccionando parágrafos muito extensos — abrangendo por vezes várias páginas — em parágrafos de menor dimensão, e substituindo formas e expressões arcaicas por outras análogas usadas atualmente, respeitando o tom devocional, contemplativo e penitente do original:

Note-se que a IA, alíás como a a inteligência humana, não é imune a erros Assim, antecipadamrnte pedimos que nos sejam relevadas eventuais imprecisões que escaparam à nossa revisão.

Como já se disse no início do Tomo Primeiro, para facilitar o nosso trabalho, dada a extensão do livro, não foram consideradas as notas de pé de página.

Fontes:
books.google.pt
archive.org
alexandriacatolica

Texto original (pdf de texto) mais utilizado neste Tomo Segundo: Clicar AQUI

TRABALHOS DE JESUS

SEGUNDA PARTE

OS QUAIS PASSOU O SENHOR NO DIA DE SUA SACRATÍSSIMA PAIXÃO

TRABALHO XXVI

Agonia no Horto.

Cristo, nosso Senhor, começou os tormentos e penas da sua santíssima Paixão pelo mesmo género de sofrimento com que iniciara a sua vida, na primeira hora da sua santíssima Conceição (como ficou dito no primeiro capítulo da primeira parte): o sentir as dores, tormentos e morte que naquele dia havia de padecer, bem como os muitos e grandes pecados dos homens, pelos quais devia satisfazer, e que Ele sentia como se fossem seus. Assim, chegado o tempo em que este Senhor determinara cumprir a obediência ao Pai Eterno — que Ele, com suma sujeição, gosto e amor aceitara, e à qual se oferecera de livre vontade, para padecer pelos homens — fê-lo de tal maneira, que não só o Pai Eterno ficasse plenamente satisfeito, mas também os corações humanos, fracos, fossem iluminados, fortalecidos e instruídos no conhecimento e amor a Ele, que era o que sobretudo pretendia acender neles. Porque disso dependiam os frutos que Ele desejava colher dos seus trabalhos. E como esta era a coisa que Ele mais trazia no coração durante toda a sua vida, e mais desejava ver realizada — como quem se lança com ímpeto a algo muito desejado, cuja presença já não suporta pequenas demoras —, ao ver-se na noite e hora em que havia de ser entregue aos seus inimigos, o seu amor não permitiu que fossem as mãos e ânimos dos seus adversários os primeiros a atormentá-lo e derramar o seu sangue. Mas Ele próprio se colocou em tamanhos extremos de aflição, que nenhuma outra aflição que a malícia dos seus inimigos pudesse inventar, poderia ultrapassá-la. Porque, como a fúria da maldade nunca pode igualar-se ao poder e força do divino e puro amor que o levava a padecer, não podia a malícia ser tão engenhosa para inventar tormentos como foi o seu amor para manifestar-se.

Por isso, logo no início da sua Paixão, quis que víssemos claramente que o seu amor e livre vontade o levavam a padecer, e que nem o poder nem a malícia dos seus inimigos o podiam forçar.

E ainda que Ele já muitas vezes, ao longo da vida, o tinha mostrado com clareza aos seus discípulos, muito mais o veio mostrar agora, na entrada desta sua ensanguentada batalha. Pois não só foi buscar um lugar onde pudesse ser encontrado — o que já muitas vezes fizera para esse fim —, mas, enquanto os seus algozes não chegavam, soltou as rédeas à sua humanidade, e permitiu-lhe, como humana que era, sentir os seus sofrimentos, colocando-se voluntariamente em tal aflição e angústia que víssemos claramente que era só o seu amor que o levava a morrer por nós.

Com esta determinação, tendo o Senhor acabado de lavar os pés aos seus discípulos, e instituído o Santíssimo Sacramento, e depois de algumas altíssimas e divinas conversas com eles, mandou-os levantar-se da mesa e foi com eles ao Horto das Oliveiras. Pelo caminho, continuou a dar-lhes as últimas doutrinas, com muita saudade, pois já lhes dissera que naquela noite havia de ser entregue aos seus inimigos. A saudade era intensificada pela quietude da noite, já passada há mais de uma hora, onde tudo estava em sossego e silêncio, exceto o amor que ardia no coração do Senhor e a malícia dos seus inimigos, que tramavam maneiras de o prender. Chegados ao Horto, o Senhor mandou aos discípulos que velassem e orassem, e que não confiassem na prontidão de ânimo que sentiam para padecer por Ele e com Ele, como lhe tinham prometido. Pois esse bom espírito estava unido a uma natureza carnal tão fraca, que só a divina graça e o favor de Deus — merecidos e alcançados pela humilde e fervorosa oração — poderiam sustentá-los e dar-lhes força para um combate tão grande como o que iriam passar.

O Senhor deu assim claro aviso do engano em que vivem todos aqueles que passam a vida cheios de laços e tentações do pecado, com tão grande descuido de Deus e de si mesmos, como se não vivessem em carne fraca e pudessem resistir sem estarem sempre ligados a Ele.

O Senhor afastou-se então com Pedro, Tiago e João, e estando com eles, representou interiormente à sua humanidade, com uma imaginação viva e presente, tudo o que iria padecer: o abandono de Deus e dos homens, dores

e tormentos imensos, desonras, desprezo da sua pessoa, o triunfo dos seus inimigos, o abatimento da sua sabedoria, escárnio dos seus milagres, novas e cruéis invenções de insultos, e, finalmente, um novo género de crueldades com que seria atormentado e morto. E deixou a sua santíssima humanidade sentir tanto esta cruel batalha que se cobriu de uma tristeza mortal, que bastaria para o matar, se não fosse a sua humanidade ajudada e sustentada com a virtude da divindade, para poder padecer muito mais do que as forças humanas permitiriam.

Assim entendem alguns aquela palavra que o Senhor disse a estes três discípulos, revelando-lhes o que se passava no seu interior: “A minha alma está triste até à morte.” O que quer dizer: estou coberto de tristeza mortal; morro de tristeza. E ainda que o Senhor se abaixou a tomar consolo e desabafar com os seus discípulos, para dar exemplo a todos de usarem do ofício da humildade ao darem conta de si, e da caridade ao ajudarem os atribulados em casos semelhantes, estavam os corações dos Apóstolos tão entorpecidos que Ele não encontrou neles nenhum consolo. E não era de estranhar; pois era tão novo no Senhor mostrar tristeza ou perturbação em qualquer coisa — e era tão habitual Ele confortá-los e encorajá-los — que, vendo tão triste a alegria de todos, os seus corações ficaram tão abatidos que não souberam fazer mais do que entristecer-se ainda mais com Ele.

Vendo o Senhor que pouco consolo encontrava nos seus discípulos, deixou-os e afastou-se para orar, e buscar força e consolação na fonte onde ela verdadeiramente se encontra: no seu Eterno Pai. E, prostrado em terra, disse: “Pai, se é possível, afasta de mim este cálice; mas não se faça o que eu quero, mas o que Tu mandas.”

Cristo, nosso Senhor, encontrou no seu Eterno Pai a confirmação de que era indispensável cumprir o que tinha sido ordenado, e reprimiu ainda mais todo o alívio que da sua alma e divindade poderia a sua natureza humana receber. E deixou que o sentimento e tristeza chegassem a tal ponto, que São Lucas não achou termo mais adequado para descrever a sua intensidade senão “agonia”, palavra própria dos que morrem. Pois o que a tristeza e aflição não fizeram em matá-lo (já que não convinha que se matasse a si mesmo), fê-lo em levá-lo a um extremo quase mortal, e contrário à

natureza: suar sangue tão copiosamente, que lhe manchou as vestes e caiu em terra.

Quis o Senhor que, nessa agonia, descesse do Céu um Anjo a confortá-lo com lembranças celestes e divinas. Não porque à sua divindade faltasse força para se consolar, mas para que todos os aflitos que se voltam para Deus tivessem a certeza de que os seus sofrimentos são lembrados no Céu, e infalivelmente se tratará do seu remédio. E o Anjo, que sabia bem quem era aquele Senhor, não perderia tempo em palavras de conforto, mas em petições que o Céu, a Terra, os pecadores e as necessidades do mundo faziam ao seu divino amor: que tivesse paciência consigo mesmo e se poupasse para as obras do seu amor, pelas quais Céu e Terra esperavam. E pois, a troco de um dia de tormento, tantas e tão grandes necessidades ficariam remediadas, que refreasse o seu sangue, que desejava todo verter. E com o gosto que Ele tinha dos bens e glórias que os seus tormentos daquele dia haviam de causar, tivesse em pouco o que tinha por passar. Assim o fez o Senhor — como diz São Paulo —, que, pondo diante dos olhos a alegria do remédio do mundo, desprezando os desprezos, sofreu a Cruz.

Entre tais e tão pesadas agonias do Senhor, e tão suave compaixão dos Anjos, deve o pecador — a quem cabe a maior parte destas graças — pedir ao Senhor espírito e brandura de coração para sentir o que o coração deste Senhor sentiria nesse momento. Pois, sendo o coração de Jesus digno de toda a glória, estando em tamanha angústia e extrema tristeza, sem nenhum alívio humano, com voluntária obediência e sujeição para padecer o que a sua carne tanto temia, entre a obrigação de obedecer e o medo do sofrimento, é um trabalho que ninguém pode declarar, nem sequer compreender, sem dom particular e espírito de Deus — que neste momento se deve pedir com toda a insistência.

Assim se desamparou Aquele que a todos ampara; assim se desconsolou Aquele que a todos consola; assim se entristeceu Aquele que a todos alegra; assim quis parecer-se com os humanos e fracos — ou, melhor dizendo, quis tomar parte ainda maior dos trabalhos e aflições humanas do que todos os humanos, para assim poder conquistar o amor de todos, e ser procurado por

todos como verdadeiro consolador, único companheiro e verdadeiro amigo dos aflitos.

Duas coisas aumentaram muito esta imensa tristeza do Senhor. Uma, os muitos e grandes pecados dos homens, que Ele tinha presentíssimos, tanto pelo quanto ofendiam o seu Pai Eterno como pelo grande dano que causavam aos próprios homens. Porque como só Ele conhece o peso e gravidade deles, e como se obrigara a satisfazê-los, só Ele os sabia sentir como mereciam. A outra, a lembrança que o Senhor teve então de quantas pessoas não se iriam aproveitar dos seus trabalhos, e por quantos morreria em vão, já que voluntariamente se haviam de perder. Pois costuma ser alívio, nos sofrimentos, a certeza do fruto que deles se colherá. E ainda que muitos e imensos seriam os frutos dos trabalhos do Senhor, todavia, como Ele não padecia menos pelos que se haviam de perder do que pelos que se haviam de salvar, o seu amor — que era geral por todos, e que particularmente amava cada uma das almas por quem padecia —, o zelo que tinha da honra de Deus, e o desejo da salvação de todos, aumentavam tanto a tristeza e agonia que sofria com a lembrança dos que se haviam de perder, que a sua tristeza ficava sem alívio, com muito maior aflição e dor.

Durou este sofrimento do Senhor e a sua oração cerca de três horas (segundo parece), durante as quais, como verdadeiro e bom Pastor, sem esquecer as suas ovelhas e discípulos, foi visitá-los três vezes. Nas duas primeiras, repreendia-os porque dormiam, e despertava-os para que estivessem vigilantes em oração. E na última disse-lhes: “Dormiu já e descansai, porque está perto aquele que me há de entregar.” Com estas palavras (segundo explica Santo Hilário), quis dizer que, enquanto a sua prisão se retardava, era necessário vigiar e orar, porque o inimigo andava mais solto para fazer o mal que pudesse; e o receio dos perigos em que se iriam ver não os devia deixar repousar e descansar. Mas, chegada já a hora em que o inimigo investia contra Ele, e Ele tomava sobre si as nossas prisões e entrava na batalha por todos, então já podiam descansar e dormir mais seguros, confiados num combatente tão forte e num escudo tão certo que em si lhes deu para os seus sofrimentos.

São estes extremos admiráveis de amor: pois não se contentou com menos do que colocar-se num estado em que nenhum desconsolado pudesse

pensar que alguma vez estaria em tão inumana desconsolação como a que Ele sofreu; e declarou-se verdadeiro remediador dos nossos sofrimentos e perigos. Quis sentir muito os seus sofrimentos para que não nos julgássemos perdidos quando a nossa miserável natureza sentisse muito os seus. Mas para que entendêssemos que Ele não nos julgará pela fraqueza da natureza de barro que Ele próprio formou, mas pela obediência da vontade que Ele estima. Quis medir os seus sofrimentos pelas suas próprias forças, para que vivamos confiantes de que, no Céu — onde se distribuem os trabalhos e penas da vida humana —, não se dá a ninguém uma carga sem medida, mas sim um peso inferior ao que podemos suportar, e com mais ajuda divina do que merecemos, para que de tudo possamos tirar proveito. Quis mostrar em si duas vontades contrárias: uma, da baixeza corporal que temia e recusava sofrer; outra, racional, que se submetia à obediência divina, para que não nos julguemos afastados de Deus quando a carne fraca contradiz o espírito, mas a dominemos com a entrega à vontade divina.

E entendamos que a rudeza da natureza não pode prejudicar a alma que, com a vontade, não consente, mas resiste pela obediência à lei de Deus. Quis que viesse um Anjo do Céu a confortá-lo, para que nunca nos sintamos desamparados, por mais desconsolados que estejamos, com a certeza de que os nossos sofrimentos são vistos e lembrados no Céu. Quis finalmente o Senhor buscar consolação na oração ao Pai Eterno, mesmo sabendo que não encontraria dispensa daquilo que lhe mandava padecer, para que entendamos que a consolação divina não está em Deus retirar-nos os sofrimentos que nos dá, mas na humilde sujeição e conformidade com a sua santa vontade — e em vivermos sempre unidos a Ele por amor, dependendo d’Ele em tudo.

Exercício da Agonia no Horto.

O vosso amor, meu bom Jesus, não suporta pequenas demoras, pois, não suportando os apertos em que Ele vos colocava, vos pareceu demasiado esperar mais duas ou três horas até que vos prendessem e começassem os grandes sofrimentos que hoje tendes para passar. Antes que os soldados cruéis vos amarrem com cordas, doce Jesus, e antes que os judeus e gentios vos afrontem com tantas injúrias como vos hão de fazer, e antes que os desumanos algozes rasguem as vossas carnes com açoites e vos

crucifiquem, colocais a vossa santíssima humanidade em tamanha aflição e angústia, que chega a queixar-se e a buscar alívio nos discípulos, ignorantes da tristeza mortal que cobre o vosso coração.

Não sois Vós, como eu, a alegria dos Anjos. A mim vence-me a tristeza que me oprime quando quero estar alegre, e os pensamentos fazem força contra a minha vontade, com lembrança de coisas tristes que me perturbam e que desejaria ter esquecido. Mas Vós, descanso da minha alma, só o vosso amor vos vence, a Ele vos rendes por vontade, e Ele vos faz lembrar coisas que apertam esse coração tão largo e acolhedor de todos os tristes, para sentirdes como humano o sofrimento que nós, fracos, passamos, forçados pelo peso desta miserável carne.

Nós sofremos como miseráveis, e Vós, bom Jesus, como verdadeiro amante dos tristes filhos de Eva. Não vos basta, Senhor da minha alma, terdes hoje para suportar tão imensos mares de sofrimentos e dores, tantos abandonos de Deus e dos homens, tantas injúrias e afrontas, tão desumanos, novos e cruéis tormentos, para vos contentardes com isso e vos poupardes um pouco para os poderdes suportar? Mas ainda vos estais quebrando e consumindo, trazendo tudo à memória com tanta vivacidade pela vossa soberana sabedoria, como se tudo já estivesse a acontecer de uma só vez?

E permitis que essa humanidade tenha medo, receie, ora trema de frio, ora se inflame, ora sue suores mortais, ora o sangue ferva com aflição e saia misturado com suor, sem consolação, sem alívio, sem refrigério; apenas sentir, entristecer-se, sofrer e temer, como se para Vós já tivesse acabado todo o remédio de consolação da terra, do Céu, dos amigos e até de Deus!

Ó minha verdadeira fortaleza, com esse ânimo tão derretido de aflições estais agora, quando é tempo de entrar em batalha com os vossos inimigos, que só Vós podeis vencer? Onde está aquele desejo que tínheis de padecer, e do qual dizíeis que vos dava imenso trabalho a demora da vossa Paixão? Agora que a tendes à porta, tendes-lhe medo? E estais, alegria da minha alma, tão triste e aflito? Que mudança é esta, meu bom Jesus? Que força será essa para os atribulados, que hão de pôr em Vós os olhos, divino espelho, para vos imitar, e tomar de Vós exemplo, alegria e força?

Bendito, louvado, glorificado e adorado seja o vosso infinito amor, vida da minha alma e todo o meu bem, que tanto quereis em tudo parecer-vos comigo; tanto desejais mostrar-me que ninguém vos levou a padecer senão o vosso amor, para que sempre e em tudo vos possa ter por espelho e companheiro dos meus sofrimentos e penas, e por verdadeiro amigo e único remediador delas.

Estardes, bom Jesus, esforçado e forte para suportar os sofrimentos — isso muito é? Pois sois a divina fortaleza, isso é próprio de Vós, e na hora de padecer ver-se-á que não há coisa que vos possa derrubar ou vencer. Mas ocultardes isso por amor e remédio meu, e deixardes essa natureza enfraquecer e temer os seus sofrimentos antes de os padecer, como eu receio os meus quando penso neles — sendo eu pura fraqueza e miséria —, e quererdes que, como em mim os sofrimentos começam pelo medo e desconsolo, assim também comecem em Vós, e que as mudanças que a minha fraqueza sente, as melancolias e tristezas, sinta também a vossa humanidade em tamanho extremo, à sua medida — quem faz isso senão o vosso amor, bom Jesus, amor da minha alma?

Eu devia andar a competir convosco em padecer por Vós, e Vós andais a disputar comigo todos os meus sofrimentos, para parecer-vos comigo e acompanhar-me em tudo. Ó amor divino, verdadeiramente o vosso amor é mais algoz que os judeus e gentios que vos hão de atormentar. Aqui não há ainda açoites, nem cravos, nem inimigos, e já o suor de sangue vos cobre e rega a terra onde estais prostrado! Quem o faz sair dessas veias senão esse amor em que ardeis?

Sois todo amor, meu bom Jesus; todo puro fogo de caridade. Oh, se eu sempre tivesse andado atrás de Vós, minha luz e minha riqueza perfeita! Porque vejo outra coisa, porque penso noutra coisa, porque amo qualquer outra coisa que não Vós? Tão ciumento está, meu bom Jesus, o vosso amor de mim, que até vigiou e guardou as horas em que parecia que a minha natureza, com razão, podia buscar recreio e alívio — que são as da aflição e tristeza que enfraquecem — e buscou essa invenção para que eu não procurasse senão em Vós, vendo que por experiência passastes o mesmo sofrimento, para que todos os tristes confiassem em Vós, sabendo que vos compadecereis deles e os socorrereis.

Assim, minha esperança, assim, minha riqueza, assim, minha verdadeira consolação, quisestes mostrar-me que não estou perdido quando estou com medo, que não estou fora de Vós quando estou desconsolado, que não deixo de ser vosso quando sofro e sinto como fraco os meus trabalhos. Pois Vós, forte, invencível e poderoso Senhor da minha alma, sem perderdes nada do que sois, passastes pelas mesmas fraquezas. Bendito e louvado sejais, minha bem-aventurança perfeita, que quisestes que até aquelas misérias minhas, que mais me tiram o juízo e mais parecem abafar o fogo da graça e a fortaleza do espírito, essas mesmas me levassem até Vós, meu Deus.

Porque, vendo o mesmo em Vós, respiro, animo-me e não penso que tudo está perdido. Ó conhecedor e poderosíssimo remediador das minhas misérias e fraquezas, Vós sabeis bem que género de sofrimento é, para a natureza, ver-se a alma que vos busca e deseja agradar-vos, coberta de tristeza, aflição interior e desamparo, sem saber onde lançar os olhos, combatida pela tentação, afligida por outros sofrimentos que Vós permitis. Vós sabeis como tudo o que é divino e humano a abandona, como a fé e a esperança enfraquecem, como não consegue levantar os olhos a coisa alguma sublime, como lhe parece que todo o bem se acaba.

Parece-lhe que o favor divino está longe e esquecido, o humano não dá alívio, a natureza vê-se solta, a graça está encoberta; o medo, receio, alterações e mudanças reinam então; os pensamentos e tentações ganham força, e tudo lhe parece contrário e rigoroso. Ó amor divino, ó amor fiel, ó amigo, que nas maiores necessidades és mais leal e mais presente! Sendo tão imprópria de ti a fraqueza que a natureza sofre, isso mesmo quiseste sofrer, para que em ti, como num espelho, se veja, em ti, como em sua fortaleza, se fortaleça; a ti, como a seu amparo, se encoste; e em ti confie, como verdadeiro remédio.

O que sou eu, amor divino, para que tanto me queiras? Oh, se quisesses fazer em ti uma só mudança de quantas fazes em mim! Se em tudo isso me queres fortalecer, fortalece-me. Se me queres prender, prende-me. Não sei amar-te senão contigo; não sei estimar-te senão em ti; nem me sei agarrar a ti, senão se tu te apegares a mim. Pois tudo, Senhor meu, há de ser teu, não tardes: prende-me, e faz de mim quanto quiseres, para que preso de ti não

fuja. Tira-me todo o gosto da vida, todo o alívio humano, todo o desejo de me consolar e alegrar, senão em ti, meu suave amor.

Oh, como ando cego, enganado e perdido, quando busco consolação fora de Vós, alegria da minha alma, por boa que pareça — e quanto mais perdido ando, quando me esqueço do amor que vos devo e gasto a vida nos pecados que vos trouxeram a este sofrimento, onde estais, meu Deus, com essa tristeza mortal! Como não me envergonho, meu bom Jesus, de mim mesmo? Como não desejo que a terra me engula, vendo-vos chorar os meus males e perdição, e suar por eles sangue, e sentindo neles gosto? Oh, quem se visse desterrado de si mesmo! Para que nasci, se vos havia de dar tanto trabalho, meu Deus?

Misericórdia infinita, ajudai-me. Ao vosso amor, e a essa tristeza e sangue que suais, minha esperança perfeita, peço que, já que tive gosto em pecar contra Vós, tenha daqui por diante gosto em padecer convosco. Dai-me, bom Jesus, para tudo, o vosso puro amor, com o qual me veja, me conheça e me aborreça, e me vingue em mim mesmo, com dor e cruz, do que com gosto cometi contra a vossa divina majestade e que tanto vos atribulou. Ó divino amor, já que sentis tanto os que se hão de perder, ganhai-me, não me deixeis perder.

Abri os meus ouvidos para que ouça a vossa voz; abri os meus olhos para que vejam os vossos exemplos. Inflamai o meu coração, para que participe dos vossos sentimentos e dores, e nunca mais torne a renovar a causa desta vossa aflição. Ó vida da minha alma, que nem sei sentir-me como Vós, nem doer-me dos meus males como Vós, nem pedir-vos como Vós desejais dar!

Que farei, bom Jesus? Ofereço-me e entrego-me ao vosso amor. Tratai-me como quiserdes; mudai-me como vedes que preciso; prendei-me como desejais; purificai-me e limpai-me como quereis; e trazei-me sempre a Vós unido e cativo como sabeis que me convém, meu Deus, meu remediador e todo o meu bem.

Ó Santíssima Mãe de Deus, que nesta mesma hora no vosso interior sentíeis com o Senhor os sofrimentos que lhe estavam preparados, pois bem sabíeis que naquela noite Ele havia de começar a padecer — de que eu sou

a causa —, dai-me, Senhora minha, parte desses sentimentos e verdadeiro arrependimento dos meus males, que tanto fizeram sofrer este Senhor e tanta aflição causaram ao vosso coração.

Ó Corte celestial, fundada e edificada no sangue e sofrimentos deste Senhor, alcançai para este pobre pecador o amor e a graça que do sangue deste Senhor manaram, para que em vossa companhia vá gozar eternamente dos suaves abraços deste tão verdadeiro e doce amigo meu. Amém.

Exercício da Oração do Senhor.

«Padre, se é possivel, passe de mim este cálice; mas não se faça a minha vontade.

Porque não aprendo de Vós, meu divino Mestre, onde devo ir buscar o remédio e a consolação quando me vejo tentado e aflito? Ao vosso próprio Pai, que Vos manda morrer por mim; ao seu próprio amor, que Vos oferece inteiramente para meu remédio; à própria mão divina que Vos atribula e que agora está sobre Vós com tanto rigor, é a Ele que ides, meu bom Jesus, sabendo que Ele não há de dispensar o que tem determinado que haveis de padecer.

Oh, desgraçado de mim, que por isso duram tanto as minhas perturbações, porque não vou com elas até Vós! Vejo-Vos, divino espelho da minha alma, suar sangue e coberto de tristeza quando orais; vejo-Vos na oração visitado do Céu por um Anjo; e quando parece que estais mais abatido, vejo-Vos sair ao encontro dos que Vos vêm prender, e estimar tanto a obediência ao Pai, que não permitis que os vossos discípulos Vos defendam nem Vos acompanhem.

Então, amor da minha alma, mostrais-Vos tão contente com aquilo que temíeis, tão forte diante do que receáveis, tão obediente no que Vos entristecia — como se fôsseis outro. Porque procuro fora de Vós a consolação, a alegria da minha alma? Adoro-Vos, ó divina e amorosa mão, que castigando consola, atribulando anima, afligindo alegra, derrubando levanta, e matando dá vida.

Com razão vivo triste, pois fujo de Vós, pois não reconheço o amor paternal com que tudo fazeis, e quanto mais me amais quando me afligis, mais do que eu a mim mesmo, quando procuro consolação fora de Vós. Sou inteiramente miserável, bom Jesus, porque ou fujo de Vós quando me atribulais e não procuro em Vós a consolação, ou procuro-Vos apegado à minha vontade e amor-próprio, que impedem a obra que quereis fazer nesta alma.

Livrai-me de mim, meu Deus, pois sou eu quem me mato e quem coloco todos os impedimentos à vossa graça, à vossa luz e às vossas soberanas misericórdias. Em tudo sou quem sou — curai-me Vós, meu Deus, em tudo como quem sois.

Mas que é isto, Senhor meu, que dizeis ao vosso eterno Pai, que não se faça a vossa vontade, mas a d'Ele? Em Vós, bom Jesus, amor da minha alma, que sois impecável por natureza e pelos imensos rios de graças e verdades que há em Vós, poderá haver vontade contrária à do vosso eterno Pai? Tão atento estais, Senhor e minha esperança, às minhas necessidades, tão pronto a remediá-las todas, que até isto quisestes ter — sem pecado — para que não me desanimem nem derrubem os movimentos da minha natureza, quando neles não consente a razão.

Dais-me confiança de que não me julgareis por esses movimentos, mas pela vontade firme com que Vos busco ou fujo, Vos sirvo ou Vos ofendo. Bendito seja o vosso amor, que tão generoso está comigo, que até os movimentos que a minha miséria tem contra Vós fizestes que me sirvam de estímulo para me aproximar de Vós, ocasião de maior merecimento e oportunidade de Vos mostrar obediência, amor e fidelidade. Verdadeiramente, meu Deus, sois Pai deste pecador e amigo verdadeiro desta alma. Quando Vos conhecerei, entenderei, amarei de todo o coração, e Vos buscarei e obedecerei em tudo sem contradição? Quando, do íntimo desta alma, Vos dirá sempre o meu coração, em tudo: «Não se faça a minha vontade, mas a vossa»?

Onde mereci eu, meu Deus, ser governado por essa vontade paternal, amorosa e divina? Quando me foi mal, seguindo essa vontade, ou quando me foi bem, fazendo a minha? Toda a Corte Celestial, desde o vosso Filho Unigénito e a Santíssima Virgem até à multidão dos espíritos angélicos e

bem-aventurados, sem nenhum cuidado de si, apenas com o cuidado de Vos obedecer, tornaram-se o que são, e serão sempre, só por serem governados por Vós.

E eu, bicho da terra, quero agir por mim mesmo? Os elementos e corpos celestes sustentam-se pelo vosso governo, sem erro nem dano, apesar de tudo o que neles há; e eu, verdadeiro nada da terra, presumo ter e ser algo afastado da vossa obediência?

Fazeis-me, meu bom Jesus, a mercê de cuidar de mim, tendo tantos e tão puros servos e amigos, e eu fujo e sacudo de mim o vosso amoroso governo, e quero ter vontade e parecer próprios? Oh miserável de mim! Oh miserável, e cem mil vezes miserável, e cego de mim!

Penso que me entendo, e que sei o que me convém, e não vejo os meus enganos e males, e quão mal me conheço afastado de Vós, clara luz do meu coração. Sem Vós, afeição ou paixão cegam-me nas minhas decisões, e não vejo o mal que está por vir, nem o que me faço: sei transformar bens em males, e nenhum mal sei mudar em bem.

Sei pecar, e sem Vós, meu Deus, não sei arrepender-me. Sei carregar-me de trabalhos e meter-me em tentações, ocasiões e perigos, mais do que posso suportar, nem sei como sair deles. Sei destruir e condenar em mim todos os bens que me dais.

E por fim, depois de perdido, sem remédio e cansado de mim e daquilo em que me meto, recorro a Vós afogado, sem forças nem alento. E ainda assim presumo de mim e não me rendo totalmente a Vós, querendo que façais as coisas como eu as imagino, e não confio em Vós o que me convém.

Oh cegueira e miséria minha! Vejo como cego, governo-me como ignorante; quero e não quero, como malicioso; consolo-me como fraco e não chego a render-me a Vós como servo. Oh verdadeiro Pai de misericórdia, perdoai estas minhas desventuras e fazei a vossa vontade, e não a minha.

Oh Senhor, que me vedes e me conheceis, pois sois verdadeiro Pai deste filho tão errado, tudo haveis de sofrer de mim, e tudo haveis de curar. Não me trateis como mereço, mas segundo o amor que me tendes. Vós, meu Deus e amor da minha alma, governais-me com sabedoria e amor: de todos os males tirais bens; os próprios danos, tentações e tribulações em que me colocais, tomais por meios e caminhos certos dos bens que me quereis dar.

Por onde penso que me destruís, por aí me edificais, porque tudo vedes como sábio: desejais-me todo o bem como amoroso Pai, de todo o mal me curais como médico e amigo — e eu ainda não me quero confiar inteiramente a Vós!

Oh bom Jesus, oh verdadeiro Pai da minha alma, faça-se a vossa vontade e não a minha, em tudo, em tudo, em tudo. Dai-me que esta seja a exceção do meu querer, e que esta entrega seja de todo o coração.

Guiai-me, meu Deus, quando erro; trazei-me de volta quando me afasto; prendei-me quando fujo de Vós; abraçai-me e fortalecei-me quando Vos procuro. Por esta vossa vontade prendei-me, meu Deus, e não me julgueis pelas minhas rebeliões infelizes.

Vós vedes quão generoso sou em oferecer-me, e quão fraco e mentiroso em cumprir — mas para tudo está o vosso amor. Desta vossa vontade quero viver — antes em correntes e cativeiro, em poder de inimigos, desconsolado, aflito, atribulado e perseguido — do que da minha, pois sou desventurado, pobre, cego, errado e perdido.

Um momento em que mostrais o vosso raio, tudo se torna saboroso, e o que parecia perdido mostra ser caminho seguro da vida. Pois, Senhor meu, se não me convém estar sempre em luz e consolação, tomai à vossa conta a fraqueza desta miserável natureza e tratai-me como quiserdes, e tende-me na vossa mão em tudo. E se Vós me guiais, faça-se a vossa vontade e não a minha.

Oh Santíssima Mãe de Deus, obedientíssima serva, que também nesta mesma hora Vos estaveis oferecendo e resignando ao eterno Pai para irdes ajudar o seu e vosso Filho Divino e Senhor a passar as dores e trabalhos da sua Paixão, porque sabíeis que era chegada a hora, e entendíeis que essa era

a sua divina vontade — e ainda que o sentísseis muito, entregávais-Vos a todo esse sofrimento — imprimi, Senhora minha, na minha alma estas verdades, fortalecei esta vontade para seguir sempre este caminho, e nunca querer outra coisa senão aquilo que o vosso Filho unigénito me ordena.

Tirai de mim toda a outra vontade, todo o desejo humano e miserável, pois só este é o caminho seguro para agradar ao meu Deus e Senhor. Oh Anjos e Santos puros, e limpos Espíritos celestiais, ajudai-me e alcançai-me deste Senhor que não a minha, mas a sua vontade seja perfeitamente feita nesta minha miserável terra, como Vós a fazeis no Céu. Amém.

TRABALHO XXVII

Falsa amizade, pela qual foi vendido.

Enquanto o Senhor, depois da Última Ceia, se ocupava a dar aos seus discípulos divinas doutrinas, e depois disso a sofrer as agonias e trabalhos na oração do Horto, o falso amigo e traidor Judas andava a concluir a venda que fizera do Senhor, e a combinar as estratégias para O prenderem. Nosso Senhor quis passar por este género de sofrimento — o da falsa amizade de quem tanto Lhe devia — porque, não podendo padecer todos os males que sofrem os outros homens, por muitos deles não convirem à santidade e exemplo da sua pessoa, escolheu aqueles que mais costumam magoar e ferir os corações humanos.

Não saberá quanto dói este sofrimento — tão agreste e cruel — quem não sabe ter amigos, nem os sabe conservar, ou pouco lhe importa agravar e perder essa amizade, o que é mais próprio de selvagens do que de seres humanos. A Sagrada Escritura exalta tanto o bom e fiel amigo, que parece não encontrar palavras suficientes para o valorizar. Chama-lhe fortíssimo apoio da vida, tesouro incomparável, remédio da vida imortal — e não cessa de louvar quanto se deve estimar.

E por isso, conta como um dos grandes males da vida a falsa amizade, sobretudo quando chega a afrontas, desonras públicas, infâmia do amigo, revelação de segredos, desprezo ou traições que o prejudicam. E tanto o reprova que afirma que a amizade, uma vez quebrada por tais caminhos, nunca mais se pode recompor. E com razão: porque a verdadeira e boa amizade — cujo próprio sentido é tudo tornar comum — começa por partilhar o coração e o amor. Por isso alguns chamaram ao amigo: “o outro eu”.

Ora, esse “outro eu”, em quem confio os meus segredos, que partilha todos os meus gostos e desgostos, que tem parte em tudo, que está dentro do coração, estimado e acolhido como se fosse a própria alma — se, saindo de mim, vier a trair-me, fizer aliança com os meus inimigos, aproveitar-se do que sabe de mim para me arruinar, transformar todas as minhas amizades

em veneno para me impedir… penso ou afirmo que se poderá, por algum tempo, disfarçar com contenção, mas suportar tudo isto com perfeição só é possível por efeito da graça divina.

E não de qualquer graça, mas de uma graça muito particular, dada por Deus para tal, com grande eficácia do seu Espírito — e uma das coisas em que Deus mais manifesta a força do seu Espírito é quando o infunde no coração humano. Porque este género de sofrimento é tão contrário à natureza e fraqueza humanas que se pode considerar pequeno milagre da graça divina o sustentar um coração terreno com perfeita paciência nesse tormento.

Não falta doutor que veja neste género de sofrimento aquilo que São Paulo diz de si, que Deus lhe deu um aguilhão na carne — um anjo e ministro de Satanás — que continuamente o esbofeteava. Isso era ver-se perseguido por falsos irmãos, e por aqueles mesmos pelos quais ele se esforçava pela salvação, e outros que trabalhavam para abater a sua doutrina e desacreditá-lo, devendo-lhe a própria vida cristã que, por seu meio, tinham alcançado — e que tão mal lhe agradeciam. Essa falsa amizade era, para ele, sofrimento maior do que todos os outros, de modo que rogava a Deus com toda a insistência que lho tirasse.

Mas Deus não quis tirá-lo, para que lhe servisse como ministro de Satanás que o humilhasse com bofetadas. E, todavia, prometeu-lhe a sua graça para que não caísse em pecado.

Este género de sofrimento passou nosso Senhor, com tais e tão novas formas de traição e falsa amizade, que ninguém pode igualar-se a Ele.

Deixo de lado a falsidade dos fariseus, que muitas vezes Lhe mostravam honra e acolhimento, ora convidando-O para comer, ora louvando-O em palavras — todos recebendo d’Ele muitas graças — e que, no entanto, faziam de toda a familiaridade do Senhor veneno contra Ele, para O condenar.

Mas entre os doze sagrados Apóstolos, havia um Judas Iscariotes, a quem o Senhor já tinha dado poder para fazer milagres, como aos outros; a quem tinha escolhido para uma das doze colunas da sua Igreja; a quem

tinha confiado o encargo de guardar as esmolas destinadas a manter aquele Santíssimo Colégio Apostólico; com quem partilhava segredos, como com os demais; amigo da sua mesa, da sua conversação familiar.

Este Judas, poucos dias antes de o Senhor padecer, vendo que Maria Madalena ungira a cabeça do Senhor com um precioso unguento cujo aroma encheu toda a casa, começou logo a murmurar que o unguento se poderia ter vendido por trezentas moedas de prata para os pobres — venda da qual esperava embolsar pelo menos o dízimo, isto é, trinta moedas.

Porque, segundo diz São João, tinha por hábito apropriar-se das moedas das esmolas que eram dadas ao Senhor e que lhe passavam pelas mãos. E, para se compensar da "perda" daquela "riqueza", foi fazer aliança com os inimigos do Senhor — sabendo que nada mais desejavam do que prendê-l'O, e que estavam sedentos de uma boa oportunidade para o fazer.

Ou Judas pensava que o Senhor, por milagre, se livraria das mãos dos Seus adversários, como já fizera antes — e ele ficaria com o dinheiro no bolso, zombando deles; ou, mesmo que não se livrasse, ele ainda assim ficaria a ganhar. Enfim, de qualquer maneira que sucedesse, decidiu vender o Senhor.

E é de crer que, diante dos fariseus, apresentasse essa sua decisão murmurando contra o Senhor, acusando-O de ser mimado e dado a luxos, de aceitar banquetes e unguentos perfumados, embora pregasse pobreza e desprezo do mundo — que comia e bebia nas casas dos amigos, por vezes até na companhia de maus homens, e que depois saía com extremada dureza nas suas doutrinas.

E muitas outras coisas terá dito, para fingir que tinha algum fundamento ou razão, mostrando-se descontente com a convivência com o Senhor e arrependido de até então ter com Ele privado. E, com um falso zelo para que tais "hipocrisias" não prosseguissem, combinou com eles que O entregaria em lugar afastado do povo simples, em quem Jesus se apoiava, para que O pudessem prender com segurança.

Estas e outras infâmias terá dito — agradáveis aos ouvidos daqueles que nada mais desejavam senão ocasião para executar os seus desígnios

perversos. Os quais, ouvindo tudo isto, terão feito festa, e celebraram em segredo, reforçando-se no descrédito e maquinações que urdiam contra Cristo, dizendo que aquela era a verdade sobre Ele e que tudo o contrário era engano.

E louvando Judas como homem prudente, ponderado, amigo da honra de Deus e do bem do povo, não discutiram com ele, mas concluíram logo o preço da traição e venda por trinta moedas de prata — que, segundo o valor e tipo de moeda usada então, algumas das quais ainda hoje se guardam como relíquias, correspondia aproximadamente a três cruzados, ou mil e duzentos réis portugueses (a seiscentos réis por cruzado).

Este foi o grande preço — como já profetizara Zacarias: Judas vendeu o Filho de Deus, perdeu a sua amizade, perdeu a Deus e todos os bens que d'Ele tinha recebido — e perdeu a sua própria alma.

Depois de concluída a venda, Judas, o falso e traidor amigo, deixou combinado que os seus cúmplices estivessem prontos, mas que não se movessem até ele voltar. Porque, sendo falso e malvado, já tinha decidido aproveitar-se da hora em que o Senhor estaria em oração para o entregar — justamente naquelas horas que mais deveria buscar para O acompanhar em tão divino exercício. Tal é o coração do falso amigo: dos maiores bens tira o maior veneno, e das coisas que mais o deviam mover ao amor, faz ocasiões para executar a sua maldade.

Com esta determinação, voltou Judas ao Senhor, disfarçando o veneno que trazia no coração, e sentou-se à mesa com Ele na Última Ceia. E quando o Senhor disse que um dos doze O havia de trair naquela noite, e todos perguntavam quem seria, também o traidor, fingindo inocência, perguntou de si mesmo. Cristo, com divina mansidão, lavou-lhe os pés como aos outros discípulos, sem que ele se comovesse com tão grandes benefícios e doutrinas recebidas naquela ceia — nem sequer se compadeceu do Cordeiro humilde, que, tão manso, se inclinava aos seus pés.

Recebeu o Santíssimo Sacramento — como diz Santo Agostinho — naquele mesmo momento em que foi instituído pelo Senhor, tornando-se sacerdote d'Ele. Recebeu todas aquelas amizades e demonstrações de carinho, que o Senhor naquela despedida fazia aos seus amigos mais

chegados, sem que houvesse qualquer diferença no trato com Judas. Mas como tudo isso não aproveitava, o Senhor disse-lhe:

“O que tens que fazer, fá-lo depressa” (Jo 13,27), palavras que os outros discípulos interpretaram como se o mandasse dar esmolas. Assim, o Senhor ainda lhe conservou a honra até ao fim, mantendo uma amizade perfeita.

Mas o traidor levantou-se daquela santa mesa com o demónio na alma, e foi buscar gente para entregar o Senhor — como mais adiante se narrará. Enquanto o Senhor instruía os seus discípulos e sofria as dores do Horto, suando sangue, o malvado andava a preparar a sua prisão.

O quanto o Senhor sentiu essa traição, fê-lo saber com palavras do Salmo, pronunciadas outrora por David, figura de Cristo, ao ser perseguido por seu filho Absalão:

“Se fosse o meu inimigo quem me caluniasse, eu o suportaria. Se fosse quem me odiava, esconder-me-ia dele. Mas tu, meu companheiro, meu íntimo amigo, que comigo partilhavas a mesa e frequentavas a casa de Deus em comunhão...” (Salmo 55(54), 13-15)

E mais adiante:

“Venha sobre eles a morte, desçam vivos ao inferno, pois só há malícia em sua casa e convivência.” (Salmo 55(54), 16)

Basta notar que o Senhor, que suportou tantos tormentos na sua Paixão com sumo e admirável silêncio, apenas nesta traição demonstrou dor abertamente. Queixou-se aos discípulos de que um deles O trairia, e queixou-se ao próprio Judas, dizendo:

“Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?”

Foi nesta falsa amizade que começaram todos os sofrimentos da Paixão de Cristo. Por ela foi ferido o seu coração, com toda a razão. E nela nos deixou admiráveis exemplos de brandura, mansidão e paciência.

Quem dera que Judas tivesse sido o único traidor! Mas por causa dos nossos pecados, o Senhor tem hoje muitos companheiros de Judas no mundo. Quantos de nós vendemos o Senhor e as Suas graças por prazeres baixos e vaidades humanas! Quantos usamos as Suas bênçãos para O ofender e desprezar!

E ainda que hoje Cristo não possa sofrer dor como naquela altura, tudo aquilo já Lhe era presente, e bem via quantos falsos amigos teria no futuro. E já então morria também por isso. E magoava-se por todas as traições que, ao longo do tempo, sofreria dos que se diziam Seus.

As Suas amizades são constantes e fiéis. Mas as nossas deslealdades parecem disputar em crescer sempre mais. E cada um de nós pergunte a si mesmo:

Quando honrei a Deus acima das opiniões do mundo? Quando, por amizade verdadeira com este Senhor, desprezei tudo o mais? Quando renunciei à minha própria vontade para ser Seu fiel amigo?

Se fizermos bem as contas e nos conhecermos com verdade, talvez descubramos que em nós há tanto de Judas, que temos mais a nos acusar do que a ele.

Quantas vezes, com o coração manchado pelo pecado, entramos na Igreja, saudamos Deus de joelhos, com o barrete na mão, e Lhe dizemos em oração: “Pai, amigo, Senhor”? E, estando tão distantes da verdadeira amizade com Ele, tratamo-Lo no altar e em Sua casa como se fôssemos íntimos, escondendo os contratos feitos com o demónio, com a carne, com o mundo, com a vaidade da vida — todos contra este Senhor, contra a Sua lei e contra a Sua amizade.

Sem dúvida, Cristo pode bem queixar-Se de nós todos como de falsos amigos, e sofre ainda hoje as traições que Lhe fazemos.

E ao mesmo tempo, teve o Senhor grande consideração pelos seus verdadeiros amigos, ao querer Ele mesmo sofrer o tormento da falsa amizade. Porque este é um dos sofrimentos mais comuns e dolorosos dos que verdadeiramente servem a Deus.

Os que se convertem e abandonam a vaidade do mundo, cedo encontram encontros amargos com falsas amizades: — Uns dizem que são fingidos; — outros, que são hipócritas; — outros, que são esquisitos.

Tornam em vício o seu zelo; dizem que o seu afastamento do pecado é ódio; as suas virtudes viram armas contra eles mesmos. E enquanto os falsos amigos lideram o ataque, o inocente sofre em silêncio e arde em tribulação.

Mas Cristo consola os seus verdadeiros amigos, mostrando-lhes que Ele mesmo passou por isso, e dá-lhes uma luz particular, para que compreendam que esse é o verdadeiro caminho para se desapegar de todas as amizades humanas e passá-las todas para Ele.

Assim, os inimigos e os falsos amigos são amados em verdade, e suportados com paciência. E os braços da alma perseguida e cercada por estas dores abraçam o Senhor como único e verdadeiro Amigo — n'Ele se alegram, consolam e se firmam

Exercício da falsa amizade que o Senhor sofreu.

Também, amor do meu coração, minha esperança e minha vida, quisestes passar, por mim, o duro sofrimento de suportar um traidor e falso amigo, com tamanha e feia traição como a de Judas, que estava a comer convosco à vossa mesa, a receber as vossas soberanas graças, a ouvir as vossas santíssimas palavras como se fosse vosso amigo leal, mas cheio de dissimulação e malícia; e, no entanto, já decidido no coração a entregar-vos aos inimigos, depois de vos ter vendido por dinheiro e de procurar ocasião para vos entregar.

Ó divina sabedoria, a quem o coração desse perverso não estava encoberto, como é que Vós, apesar de tudo, dissimuláveis com ele, sem deixar de lhe mostrar amizade, como aos outros Apóstolos e amigos fiéis? Lavais-lhe os pés, fazeis dele sacerdote, dais-lhe o vosso santíssimo corpo a comer e o vosso precioso sangue a beber; encobris-lhe a malícia para não o desonrar.

Este sois Vós, bom Jesus, e esta é a vossa verdadeira amizade, que nunca, da vossa parte, se quebra: sempre suportais as traições, sempre desejais reconciliar-vos com as almas, sempre as atraís com amor, sempre as abrandais com benefícios, sempre quebrais a sua dureza com misericórdias. Que vos importa, Senhor, a nossa amizade, para que até traidores acolhais? Isto é vosso, bom Jesus; é qualidade apenas do vosso amor não poder nunca voltar atrás. Quando todos vos abandonam, permaneceis sempre constante.

Ó minha glória e minha bem-aventurança, sendo Vós o único merecedor do amor das almas, quisestes mostrar-me o amor que me tendes, passando por tão penoso sofrimento como é a falsa amizade, para que a minha fraca natureza, quando se visse nela, vos encontrasse como companheiro naquilo que mais costuma magoar. Quisestes assim, porque o amor vos levou a isso. Mas como pode um coração humano, que vos tratou, conviveu convosco, vos ouviu e recebeu tantas graças, cair numa traição tão grande, em tamanha falsidade?

A vossa convivência cativa as almas, o vosso amor prende os corações, o vosso exemplo corrige os erros da vida, as vossas palavras ensinam toda a verdade, a vossa brandura remedeia todas as necessidades, o vosso acolhimento alivia todo o trabalho. Nem tendes coisa mais conhecida que a largueza, a verdade e a lealdade do vosso amor. E, todavia, esperança minha, houve um coração humano que cometeu falsidade contra esta verdadeira amizade, que traiu esta santíssima convivência, que magoou este coração tão puro e amoroso, que trocou esse amor tão fiel por dinheiro, para vos vender aos vossos inimigos, para agradar a quem queria tirar-vos a vida?

Ó verdadeiro amigo e refúgio desta alma, ninguém está seguro de si mesmo senão quem está unido e agarrado a Vós. E quanto maiores são as graças recebidas, maiores e mais danosas são as quedas da alma que se descuida e se desapega de Vós. Como não hei de ter medo de mim, e não andar sempre a clamar pela vossa misericórdia, quando vejo que sou da mesma natureza e massa corrupta de onde pode nascer tanto desagradecimento, desamor e deslealdade contra Vós?

Ó bondade infinita, sustentai-me com a vossa poderosa mão. Se o demónio, da vossa mesa, da vossa convivência e presença, levou um Apóstolo a tão grande perdição, que segurança tenho eu de mim? Se São Pedro vos negou, porque confiou em si próprio, que será de mim se Vós não tomardes a meu cargo a minha fraqueza?

Humilhai-me, Senhor, e prendei-me convosco, meu bom Jesus, pois sem a vossa graça particular, sou o mesmo que facilmente vos perde e vos abandona. E quando penso estar mais seguro, então é quando vos faço maiores traições, e correspondo com menos lealdade ao amor que me tendes e à amizade que me mostrais.

Espanto-me de Judas, que vos perdeu, e que, sem vergonha, com um beijo de paz e amizade, vos entregou; que trocou o amor e afeição por dinheiro, preferindo-o a Vós, riqueza soberana. E eu não reparo em quantas vezes, com hipocrisia, me finjo e tomo as vossas coisas como meio de satisfazer os meus apetites; em quantas vezes, estando cheio das vossas graças, as troquei por um baixo e miserável gosto terreno; em quantas vezes preferi o favor dos homens à vossa convivência; em quantas vezes fui vosso traidor, trocando-vos pelas abominações que Vós vedes neste coração triste; sem dar ouvidos às vossas inspirações e doutrinas, que lia, ouvia e acreditava, nem às vossas graças, que continuamente recebia.

Ó infinita misericórdia, perdoai-me, que ainda por cima não estou diante de Vós tão confuso e envergonhado como os meus pecados e traições merecem. Não vos bastou, meu Deus, um Judas — porque hei de eu querer sê-lo também, Senhor? Volto-me para Vós, meu Deus, amigo verdadeiro. Aqui me lanço a estes santíssimos pés; confesso e reconheço todas as minhas traições e falsas amizades que tive convosco. Perdoai-me, Senhor, satisfazei-vos de mim como quiserdes, mas não deixeis que o vosso amor me perca como a Judas, pois a Vós me volto.

Lembrai-vos, Senhor, de quanto fizestes para render o coração de Judas, e de quanto nisso trabalhastes em vão, e de quanto sofrestes em perdê-lo. Pois, Senhor, esse amor que não é particular, mas geral a todos os pecadores, manifeste-se agora em mim; pois aqui venho a Vós, aqui me entrego, aqui me confesso e aqui me rendo. Pesa-me de ser quem sou;

tratai-me como quiserdes, mas recebei-me com misericórdia na vossa amizade.

Ainda que fui, meu bom Jesus, dos traidores, fazei-me do número dos verdadeiramente convertidos. O vosso amor triunfa em converter pecadores, em tornar traidores leais e inimigos em amigos. Convertei-me, bom Jesus, a Vós, e fazei-me vosso amigo leal e fiel até ao fim da minha vida.

Ó amor da minha alma, como vos entregastes tanto a Judas, a ponto de ele vos poder vender como escravo? Tinha ele tanto poder sobre Vós que vos podia tratar desta maneira? Ó bondade, ó amor verdadeiro, sois Vós, meu bom Jesus? Assim vos entregais por inteiro? Assim mostrais que sois o verdadeiro amigo da alma, que, depois de vos dar, vos deixais tratar por cada um como quiser. Desgraçado é quem não sabe aproveitar-se de Vós e vos lança de si; ditoso é quem se abraça convosco e vos tem como único tesouro.

Ó se tu soubesses, Judas, aproveitar-te desse Senhor, e não pelo dinheiro! Não irias aos judeus — dá-me que eu O comprarei para o pôr nesta alma, para O servir e adorar. Como não corro eu, bom Jesus, atrás de Vós, com todo o amor, com toda a alma e com toda a vontade, quando vejo isto? Não quereis que haja coisa mais minha do que Vós, meu único e verdadeiro bem. Sois pai, irmão, amigo, tesouro, alimento e escravo: de todas as maneiras que os homens consideram coisas suas, quereis Vós, com esse mesmo título, ser meu.

Ó como estou rico convosco, bom Jesus! Sois um só, mas servis-me de tudo. Aceito-vos, bom Jesus, como todo o meu bem; abraço-vos como meu único tesouro; quero-vos como toda a minha bem-aventurança; e, daqui em diante, despeço-me de todas as outras coisas.

A quem Vós não bastais, vida da minha alma, que pode desejar que o satisfaça? Doente e sem gosto está a alma que não se contenta convosco. Vós sois o meu único e singular bem; o único e singular amigo; o único e rico tesouro; a única bem-aventurança. Convosco estou rico, sem Vós sou pobre; convosco tenho tudo, sem Vós nada tenho. Vinde, bom Jesus, a esta

alma; amemo-nos, possuamo-nos, e convivamos para sempre sem nos separarmos. Reinai Vós em mim, e eu viva sempre em Vós.

Ó todo o meu bem, toda a minha felicidade, amoroso Jesus! Ó amigo fidelíssimo da minha alma, Vós sabeis que uma das coisas que mais impedem a vossa convivência e amizade, e as vossas secretas e familiares graças às almas, é a desordenada afeição aos amigos e ocupar neles demasiado o coração. E porque só Vós quereis ser desta alma, permitis que, quando se converte de todo a Vós, encontre poucos amigos, e esses poucos leais. Vós bem sabeis quanto magoam as deslealdades dos amigos, e também como cativam e prendem os fiéis.

Mandais-me ser amigo e leal para com todos, mas estar agarrado apenas a Vós, e em Vós somente ter toda a minha esperança, e reconhecer-vos como meu amigo fidelíssimo. Assim o quero, meu Deus, assim o desejo, meu Deus. Mas, pois passastes pelo sofrimento causado por maus e falsos amigos, fortalecei esta natureza fraca para passar pelo mesmo, para que nem a afeição e confiança neles me cative, nem a mágoa das suas deslealdades me derrube. Se quereis e ordenais que seja desamado, perseguido e aborrecido por todos, faça-se a vossa vontade, e ensinai-me Vós a querer o mesmo; possuí o meu coração, mostrai-me o vosso rosto, prendei-me à vossa amizade, ensinai-me a não me queixar, a não me vingar, a não dar mal por mal, e a chamar amigos até àqueles que mais falsamente me mostram amizade.

Fazei, Senhor, que me baste estar convosco e nisso me contente. Como posso eu querer que todos sejam meus amigos e que todos me tratem com verdade, se Vós tivestes à vossa mesa o traidor, e lhe chamastes amigo, quando, vendido, vos entregava? Ó amigo fidelíssimo, só a vossa amizade é leal; por ela troco tudo o resto. Arrancai do meu coração todo o amor e ódio que possa impedir a vossa convivência.

Ó luz divina, ó autor das soberanas verdades, abri os olhos desta alma cega, fazei-me conhecer aquele ditoso estado em que, perseguido por todas as criaturas, aborrecido por todos os homens, desamparado por todos os amigos, esquecido por todos os humanos e desprezado pelos próprios que mais obrigação tinham, pode a minha alma, livre de tudo e de todos, alargar

os braços e o amor, e dizer-vos com mais confiança: «Pai meu, meu Deus, e meu único amor!»

Ó ditosa hora, oxalá já chegasse, oxalá toda a vida se perdesse, e só nestes braços e neste amor se gastasse! Dai-me, Senhor, verdadeiro conhecimento destas verdades, para que esta alma, tão distante delas, não se perca na sua cegueira.

Ó meu amor, minha esperança, Jesus!

Rainha dos Anjos, fiel serva e amiga deste Senhor, mãe e amparo dos pecadores, prendei-me à sua amizade e desapegai-me de todas as outras.

Ó Corte celeste, que viveis de um só amor deste Senhor, e n’Ele tudo amais ordenadamente, alcançai-me essas belas prisões com que estais, ao mesmo tempo, livres e cativos do seu amor para sempre. Amém.

TRABALHO XXVIII

Da prisão.

O primeiro mal que a falsa amizade do traidor Judas causou a Cristo nosso Senhor, depois de o ter vendido, foi fazer com que Ele fosse preso como um criminoso, contra toda a justiça e razão. Neste ofício infame, Judas quis ser o capitão, como quem já tinha perdido o temor de Deus e a vergonha diante dos homens. E não é de admirar que, em tão pouco tempo, um varão apostólico cometesse pecado tão grande, pois, por vontade própria, abandonou a Deus. A experiência mostra que as piores pessoas do mundo são aquelas que abandonam a fé católica, entregando-se aos vícios, ou que, tendo deixado a vida evangélica e apostólica que haviam professado, voltam à vida profana do mundo que por Deus tinham renunciado. Todos estes pertencem à bandeira de Judas, o traidor. Como desprezaram a casa e o serviço do Senhor pelo mundo, afastaram a boca da verdadeira fonte de águas vivas — da qual se vive na casa de Deus — para beber dos charcos venenosos da carne, do mundo e do demónio, é maior maravilha os pecados que deixam de cometer do que os abomináveis males que de facto cometem.

Assim, Judas, capitão desses infelizes, para se tornar mau fechou os olhos à luz divina, os ouvidos às palavras de Deus e o coração, depois de ter perdido o amor, entregou-o ao demónio. Como então admirar que, em poucas horas, de apóstolo se tornasse traidor, chefe de soldados e carrascos, para prender o Senhor? E ainda desse conselhos e astúcias para que Ele não escapasse das suas mãos?

É preciso prender o coração ao serviço do Senhor com muito cuidado, vigilância e cautela; porque, uma vez solto, mal acostumado e desordenado, já não suporta prisão nem freio, e corre para todo o mal com tamanha fúria que só a mão e a graça divina podem operar nele as suas maravilhas. Mas às vezes o coração apega-se tanto aos vícios que nem mesmo a graça de Deus, que lhe é oferecida, quer aceitar — como fez Judas, que não quis abrir o coração a nenhuma inspiração do Senhor, nem a qualquer motivo que pudesse levá-lo à conversão. Determinado no mal, rejeitou tudo.

Judas sabia bem que o Senhor, ao anoitecer em Jerusalém, costumava retirar-se para o Horto das Oliveiras (Getsémani), como lugar solitário, tranquilo e próprio para a oração, onde costumava passar as noites depois de acolher os seus discípulos. E é de crer que o Senhor, sabendo tudo o que havia de acontecer, escolhesse aquele lugar para que soubessem onde se recolhia, e assim pudessem prendê-lo sem alvoroço entre o povo. Cada vez que ali entrava, com a lembrança do que ali havia de suceder, agitava-se-lhe o coração para começar ali a sua batalha — por isso amava particularmente aquele lugar.

Vendo Judas que era hora, e que o Senhor já estaria ali recolhido em oração, deu o sinal para que se apressassem: dividiu com os fariseus os grupos de soldados, distribuíram lanternas com luz escondida (para não alarmar o povo) e tochas para acenderem no momento oportuno. Lembravam-se de que já antes haviam tentado prender o Senhor, e Ele lhes escapara, tornando-se invisível; o mesmo fizera quando o quiseram apedrejar. E como os fariseus o acusavam de feiticeiro, temiam que os seus esforços fossem em vão. Por isso, não confiaram o feito a outros: os principais entre eles decidiram ir com a gente armada. E, com essa falsa opinião de que o Senhor era um feiticeiro, incentivavam os soldados a prendê-lo com firmeza, prometendo recompensas, dizendo-lhes que agissem como homens valentes, arrancando-o das mãos de quem quer que o defendesse.

Entre aquela profana companhia havia apostas sobre quem o prenderia melhor e mais firmemente; cada um fazia grandes promessas de esforço e coragem para agradar aos fariseus. Imaginemos os saltos, as festas, os gracejos, os ditos, as palavras contra Cristo; os abraços a Judas, erguendo-o no ar, louvando-o como homem de feitos e valor — tudo isso é doloroso de imaginar, e mesmo assim tudo quanto pensarmos será pouco comparado ao que ali realmente houve.

No meio desta agitação, Judas — o mais ardiloso entre eles, e que sabia bem que tudo seria em vão se o Senhor quisesse escapar — animava-os, advertindo que não garantia aquelas valentias, mas que cumpriria a sua palavra: indicaria quem era Jesus. E como havia muitos que não o conheciam, e outros que pela escuridão da noite poderiam não reconhecê-

lo, aproximar-se-ia dele e o beijaria no rosto — esse seria o sinal. Depois disso, que o prendessem com toda a cautela.

Nessa confusão andava Judas, tramando astúcias contra o Cordeiro mansíssimo, nas horas em que Ele derramava lágrimas abundantes, suava sangue, ardia em amor por aqueles mesmos que lhe queriam mal, e negociava com o Pai Eterno o remédio e salvação do género humano.

Sentindo o Senhor que seus inimigos já se aproximavam e que era chegada a hora de se lhes entregar e começar o seu martírio, tendo já despertado os discípulos para lhes dar exemplo de fortaleza e constância diante dos sofrimentos por amor de Deus, e de obediência à vontade divina — por mais dura que fosse —, não esperou que Judas o indicasse nem que o fossem buscar, mas Ele mesmo saiu ao encontro daquela cruel companhia e lhes perguntou:

— «A quem buscais?» Responderam: — «A Jesus Nazareno.»

O Senhor, ainda que decidido a entregar-se, quis primeiro mostrar-lhes e aos seus discípulos o poder divino — que toda a malícia humana não passa de vento diante de Deus. Quis que todos os seus eleitos, que ainda estavam por nascer, soubessem que só o amor pelos homens e a sua vontade livre o faziam sofrer: porque queria, e quando queria. E que deviam a sua Paixão ao seu infinito amor, não à malícia dos homens.

Quis ainda tirar qualquer desculpa dos que o vinham prender, tornando-os testemunhas de que nada podiam contra Ele e que reconhecessem o mal que vinham fazer — e, se quisessem, se arrependessem. Por isso, ao responder: «Sou Eu», aquela palavra foi tão poderosa que Judas, toda aquela companhia perversa e os fariseus recuaram e caíram por terra, espantados.

Poderia o Senhor ter-se retirado então, e mostrado ali as suas costumeiras maravilhas. Mas, tendo já mostrado o seu poder em meio a tantos ardis contra si preparados, deixou-os levantar-se. Tornou a perguntar: — «A quem buscais?» Responderam: — «A Jesus Nazareno.»

E o Senhor ordenou: — «Deixai estes (os discípulos) irem; a mim é que buscais.»

E assim, nenhum mal lhes fizeram. Porque, mesmo enquanto o Pastor padecia, não abandonava, com a sua virtude, o cuidado de suas amadas ovelhas. E é maravilha que ninguém se lembrasse de prender também os discípulos — o que seria habitual em tais revoltas —, mas nada podiam contra aqueles que o Senhor guardava.

Ainda não quis o Senhor que tão cedo o prendessem: com toda a brandura, falou aos príncipes dos fariseus e sacerdotes do Templo, que ali estavam ocupados num ofício tão indigno, e perguntou-lhes por que vinham prendê-lo com armas e lanternas, de noite, como a um ladrão, se todos os dias estava no Templo, pregando publicamente? Eles não responderam, pois não havia razão justa a apresentar.

Ainda os deteve mais o Senhor, sem eles terem coragem para fazer nada, enquanto Ele não o permitia: para realizar ali um milagre; que foi em Malco, criado do Sumo-Sacerdote. Este, querendo avançar para prender primeiro o Senhor, foi impedido por São Pedro que, para cumprir o que tinha prometido — morrer em defesa do Senhor e da sua fé — perguntou ao Senhor: «Atacamos?» e, sem esperar resposta, lançou-se sobre ele para o matar, cortando-lhe a orelha direita.

O Senhor aproximou-se, tocou-lhe a orelha com a mão, e curou-o — milagre pelo qual foi bem mal agradecido. Depois, mandou Pedro aquietar-se, dizendo:

— «Pedro, não queres que eu beba o cálice saborosíssimo que meu amantíssimo Pai me deu? Como se cumpririam as profecias, que dizem que tudo isso deve acontecer? Que seria do mundo se eu não cumprisse isso? Embainha a tua espada, pois quem fere com ferro, com ferro morrerá. Se eu quisesse, bastava pedir ao Pai, e Ele mandaria mais de doze legiões de anjos, que viriam fazendo tremer o mundo para me defender.»

Pedro recuou, e os discípulos fugiram, deixando o Senhor sozinho. Ainda que isso fosse fraqueza deles, também era disposição de Cristo, pois queria padecer sozinho.

Então o Senhor disse aos fariseus, dando-lhes licença para fazerem o que quisessem:

— «Esta é a vossa hora, e o poder das trevas. Fazei o que quiserdes.»

Aproximou-se Judas e deu-lhe um beijo no rosto, dizendo: — «Salve, Mestre.»

E o Senhor lhe respondeu:

— «Judas, com um beijo de amizade me trais?»

Mas nada disso aproveitou ao infeliz para se converter.

Na Palestina, era costume saudar-se com um beijo no rosto os amigos, e o Senhor o aceitava dos seus. Também não o negou ao traidor, para que nem naquela hora faltasse à sua habitual brandura, e ver se assim Judas se enternecia. E estas duas coisas contrárias causam espanto: a dureza do coração humano determinado no mal e afastado de Deus, e a brandura de Jesus, mesmo para com quem sabia que não haveria proveito.

Judas partiu com o dinheiro na bolsa e o demónio na alma, com o qual, poucas horas depois, iria ter ao inferno. E os soldados investiram sobre o divino Cordeiro, que a nada resistia. O que lhe fizeram não há coração que se atreva a imaginar. Logo o derrubaram por terra, dando-lhe pontapés; amarraram-lhe as mãos atrás das costas, puseram-lhe uma corda ao pescoço. Temiam-no como feiticeiro, e não se pode imaginar as palavras que lhe diziam, a disputa por quem o ataria, a violência com que lhe amarraram as mãos, quase fazendo o sangue saltar das unhas. Com zombarias dos seus milagres, chamavam-no de enganador, feiticeiro, sedutor, agitador do povo — e outros nomes tão feios quanto a malícia o permitisse.

Levantaram-no com empurrões, arrancando-lhe a barba e os cabelos, e com grande festa, como quem celebra ter capturado aquele que tanto temiam que lhes fugisse das mãos. Fizeram-no caminhar até à casa do sumo sacerdote, com grande gritaria e tumulto, tratando o Senhor com afrontas e

desonras, despejando todo o veneno e ódio que há tempos guardavam no coração e que agora podiam enfim descarregar sem impedimento.

No meio de tudo isso, o manso Cordeiro Jesus ia calado, sem abrir a boca nem contradizer nada, caminhando com os pés na terra e o coração no céu, clamando interiormente ao Pai Eterno com lágrimas nos olhos — lágrimas que, naquela noite e no dia seguinte, correriam como fontes incessantes —, pedindo misericórdia pelos pecadores e oferecendo cada pancada, cada empurrão, cada pontapé, cada injúria e cada dor que sofria com fervorosa intenção pelas necessidades dos filhos de Adão.

Nada mais perturbava o seu espírito; nada o entristecia nem o desconsolava. E o que, antes da batalha, o fazia tremer, agora que nela estava, cada dor sofrida lhe aumentava o ânimo e o desejo de sofrer mais por amor.

Aqui, e em todos os outros passos da Paixão do Senhor, os devotos têm larguíssima matéria para se ocuparem — não apenas nos cruéis sofrimentos exteriores do Senhor, mas sobretudo para porem os olhos no seu divino Coração, que ardia em amor e nadava em imensos mares de virtudes, bondades e misericórdias.

Os que olham para estas prisões de Cristo só à flor da pele tiram algum fruto. Mas quem entra no amor e no Coração deste Cordeiro sente-se logo preso, mudado, outro homem, cativo do seu amor — e experimenta a suavidade que mana dessas mãos atadas. Quem ainda não provou tantos bens nessa prisão, pense na inocência deste Senhor e entenda que aquilo que Ele padeceu é exatamente o que nós merecíamos. E se, para nos perdoar, quisesse que fôssemos nós a passar por isso, já seria grande misericórdia. Mas, carregando Ele o peso de tudo sobre si, deixa-nos mais livres. E nós, tão mal agradecidos, em vez de refrearmos os nossos sentidos, soltamo-los, ofendendo-o tanto, que melhor nos fora perdê-los ou tê-los sempre cativos. E pois que nossas desordens o prenderam, tenhamos dó de nós mesmos, para aprendermos a ter dó dele.

Exercício da prisão.

Quem vos prende, minha verdadeira e segura liberdade? Quem vos pode atar, meu bom Jesus? Que corações tão desumanos existem para tratarem assim a vossa divina pessoa e levarem-vos tão cruel e profanamente preso?

A vossa mansidão, Deus do meu coração, transforma e converte as almas; a vossa modéstia e maturidade recolhem os corações; a vossa presença cativa os olhos e os espíritos; os vossos benefícios e graças, tantos e tão universais, encheram toda a terra. Como foi possível que homens ousassem lançar as mãos sobre Vós, Filho de Deus vivo, como se fôsseis pior que um ladrão ou um feiticeiro, com tantas palavras injuriosas, tantos murros e bofetadas, tanto arrancar de barbas, tanto apertar de cordas, que parecia que o sangue vos saía pelas unhas; tantas pancadas e empurrões, e ainda vos levarem com festa, fúria e triunfo, preso e amarrado?

E Vós, vida da minha alma, não fugis nem vos escondeis, mas saís ao encontro dos inimigos, entregando-lhes o vosso santíssimo corpo e mãos, e ainda ordenais aos vossos discípulos que não vos defendam. Com essas próprias mãos, que eles vos atam, curais a orelha de Malco, que vos estava a prender. Não quereis ajuda dos Anjos, deixais os vossos discípulos fugir, e não pensais em mais nada senão em beber o cálice que o vosso Pai eterno vos dá, obedecendo em tudo até à morte e remediando os nossos males.

Oh bendito, oh glorificado sejais, minha esperança: porque, acabando de pedir ao Pai que afastasse de Vós esse cálice, se fosse possível; e sendo tão possível que dissestes a São Pedro que, se pedísseis ao Pai, ele vos daria mais de doze legiões de Anjos para vos defender, mesmo assim preferistes tanto a obediência ao Pai, que nada desejais senão aquilo mesmo que temíeis, e só para isso vos preparastes e estais pronto. E porque só quereis padecer, ocultais a vossa virtude e poder, para que os vossos inimigos possam mais livremente fazer de Vós tudo o que quiserem.

Oh bom Jesus, oh luz do meu coração, mostrai a esta alma essas vossas prisões interiores, que tão cativo vos têm da obediência ao vosso eterno Pai e do amor às almas! Se não fosse isso, quem poderia ter poder para vos tocar e prender? Essas prisões é que vos renderam, que vos fazem entregar-vos a todo esse sofrimento em que estais; são elas que tornam suaves as cordas e doces as injúrias; são elas que vos deitam aos pés e golpes desses ministros de Satanás.

Porque não me prendeis também assim por dentro, vida do meu coração, já que por fora me dissimulais, e não quereis que eu pague com correntes as minhas culpas? Já que só quereis padecer o que eu mereço, porque me deixais livre, minha esperança, se eu, livre, não sei senão pecar, e Vós é que pagais?

Adoro-vos, mãos divinas, que assim atadas prendeis os meus inimigos; adoro-vos, cordas; adoro-vos, nós; adoro-vos, injúrias, que me fazeis tantos bens do Céu e tantas misericórdias divinas!

Oh miserável de mim, quanto melhor estaria preso de Vós do que livre, como ando! Por estas prisões vos peço, Senhor meu, que me tireis das minhas, que tanto me afastam de Vós. Eu penso que estou livre quando ninguém me contradiz, quando todos me amam e louvam, quando digo o que quero, vejo o que quero, ouço o que quero, quando me alegro e brinco como quero, quando trago este miserável corpo folgado e contente de si, e lhe faço todas as vontades. Mas no meio dessas liberdades da carne, ou no fim de cada gosto e sentido dela, se quero ir para Vós, se quero conversar convosco, meu soberano amor que estais em toda a parte, encontro-me tão longe de Vós, tão cativo e preso, e sinto tanta contradição, tantas cordas de coisas baixas que me puxam, nós tão cegos e tão difíceis de desatar, que então percebo que a minha liberdade é verdadeiro cativeiro e prisão; percebo então quão duros são os ferros das paixões e dos afetos que me prendem e me afastam de Vós.

Oh sagradas prisões, oh divinas mãos atadas, tende piedade desta liberdade tão cativa e presa para Vós. Como pode ser bom o que me faz perder-vos, meu soberano bem? Oh horas desgraçadas em que fui livre para o mal, pois delas saí tão cativo e preso de mim e não de Vós! Quando se trocará isto, meu bom Jesus, e me verei livre de mim e preso de Vós? Quando quebrareis estas correntes e cordas que me afastam de Vós e me cativam nos meus males?

Oh quem nunca tivesse dado o coração e o amor a nada fora de Vós, amor da minha alma! Quanto tenho de chorar diante de Vós, infinita misericórdia! Não me contentei, minha esperança, em afastar-me de Vós e encerrar-me nas prisões dos meus afetos: mas, sem sentir nem conhecer, com muito desagrado vosso, atei e prendi essas vossas santíssimas mãos,

que sofrem mais com essas correntes do que eu. Vós, bom Jesus, com essas mãos atadas prendeis o demónio, libertais-me dos meus vícios, sujeitais aos vossos pés todos os meus inimigos; e, para me fazerdes bem, sempre as tendes abertas e soltas, sempre estendidas, cheias de dons e de larguíssimas mercês, que continuamente me ofereceis, e eu rejeito, desviando os olhos para mim e para o mundo, trocando todas as vossas riquezas pelas minhas miseráveis baixeza.

E Vós tornais a recolher as vossas mãos cheias de bens por meu desagrado, e ficais preso sem me dar o que desejais; Vós magoado com amor, e eu pobríssimo dele e de todo o bem.

Oh divinas mãos, cheias de todas as misericórdias, ainda que eu não mereça nenhum bem, a vossa generosidade é maior que a minha ingratidão e culpa; não vos afasteis de todo de mim. Não perdestes o vosso poder com essas cordas; fazei força sobre esta alma cativa e desventurada, por cujo resgate estais atadas. Assim levanto os olhos para Vós, Senhor do Céu, como os olhos dos servos estão sempre fixos nas mãos dos seus senhores, e como a escrava olha sempre para as mãos da sua senhora, esperando delas socorro e remédio para as suas necessidades, assim também os meus olhos, bom Jesus e Senhor meu, estão suspensos nessas mãos presas por mim, esperando delas misericórdia.

A Vós, divinas mãos atadas por mim, peço que prendais estes olhos, para que não vejam vaidades; prendei esta língua e estes sentidos, que andam soltos para o mal; prendei este coração vadio, que não pense em tantos disparates nem se ocupe em tantos desvarios que o enchem e o afastam de Vós. Para tudo, divinas mãos, tendes bondade; para tudo, misericórdia; para tudo, poder. Se até aqui vos fugi, eis-me de novo aqui; se quebrei as vossas suaves prisões, eis-me aqui curvado e rendido, quanto de coração posso: prendei-me como quiserdes, algemas serão suaves, grilhões serão do Céu, correntes serão brandas, se de dentro, divinas e amorosas mãos, me prenderdes.

Basta já o que pequei até aqui: fiz até agora o que quis; fazei Vós, divinas mãos, daqui em diante o que quiserdes. Oh, quem nunca tivesse saído dessas mãos! Elas, por Jesus, me fizeram; como me hão de desamparar? Lembrai-vos, meu Deus, que essas santíssimas mãos me

fizeram do barro, homem vivo, capaz do vosso conhecimento e amor; por elas sou o que sou, e delas me há de vir todo o bem. Se eu destruí a vossa obra, Vós podeis reformá-la, pois para isso, misericordiosas mãos, estais atadas.

Já que nenhuma das vossas obras aborreceis, o mesmo amor que vos deixou prender liberte-me a mim dos meus males. Conservai, Senhor meu, purificai, reformai a vossa obra, para que não se perca pelo que eu nela estraguei e condenei. A beleza dessas prisões é a reforma e liberdade das almas cativas do pecado, tê-las interiormente presas a Vós. Pois, Senhor, tão vossa criatura sou, ainda que má, como se nunca tivesse pecado; reconhecei a vossa miserável criatura e livrai-me de mim, cativai-me na vossa lei e obediência.

Oh amor divino, como prendes quando te acendes na alma! Como cativas quando lhe mostras alguma parte da beleza da tua face divina! Sem te ver claramente, a alma peregrina, só pelo que de ti sente e experimenta com a tua graça, fica livre de si e das prisões da terra, e cativa de ti, presa do teu amor! Estas tuas prisões amorosas e suaves tanto a prendem e possuem, que até os sentidos corporais perdem o gosto neles, porque tudo lhe trazes sujeito à tua mão e à obediência do teu amor. Se quer dormir, tu a acordas; se quer descansar, tu a espicas; se quer comer, tu lhe tiras o sabor; se quer conversar, tu a afastas: toda a prendes, toda a queres, tudo lhe tiras, tudo lhe defendes; sempre amigo, sempre ciumento, porque todo te dás e toda a tomas; todo te entregas e toda a prendes. Vive presa, contente; vive cativa, livre, porque em ti e de ti vive.

Oh meu cárcere e meu carcereiro, minhas prisões e meu guarda, que fazes que me deixas fora? Em ti, amor divino, e contigo prendes os que te amam; tu os atas, tu os arrebatas, tu os conservas e guardas: na carne humana levam espíritos puros, e com a tua presença e amor em ti transformados. Quem em ti está e contigo preso, que outra liberdade deseja? Oh como está largo, oh como dilatado, oh como livre de tudo, oh como satisfeito e contente!

Tu sabes, amor divino, que estas prisões podem ser desejadas, e o coração abrasado no teu amor pode suspirar por elas, mas não sabe falar o que pode experimentar. Não sejas para mim escasso e cruel. Porque, se me

deres tudo quanto tens fora de ti, não me dás nada; se me libertares de ti, cruelmente me castigas e entregas aos meus inimigos. Prende-me, ata-me, ama-me e inflama-me, meu Jesus.

Oh que divinas obras fazes, amor divino, nas almas que tens presas! Quem as sente, diga, se sabe; e experimente-as quem as tem, quanto puder. Mas a minha alma, tocada de ti, deseja aquele divino estado em que mais mostres a tua força na humanidade fraca: quando, tendo presas as forças da alma em ti e transformadas em ti, te escondes e lhe ocultas a suavidade da tua presença, e todavia as tens tão atadas a ti que nem sabem contradizer a isso, nem sabem desejar fora de ti alívio; porque só lhes é consolação padecer e estar presas de ti.

Oh vida e amor da minha alma, que divina obra é esta vossa! Desconsoladas de Vós, fogem dos amigos, não ousam distrair os sentidos; não sabem pedir-vos consolações, nem querem mais do que beber o vosso cálice como Vós o bebeste. Oh como reinais nestes corações! Assim temem as consolações humanas como os terrenos fogem dos trabalhos: assim receiam que os abandoneis se se virem sem cruzes, como os fracos se julgam abandonados quando não os visitais com gostos e suavidades. De Vós cativos, até de Vós estão livres, porque não vos querem senão como Vós quereis; e sendo Vós o seu único descanso e bem, querem-vos à vossa vontade e não à deles, e deixam-vos livre e absoluto Senhor. Entregam-se a Vós sem condição nem limite: livres só para vos amar, livres para sempre padecer, livres para vos possuir e gozar, livres para vos deixar sem vos perder: humanos na natureza, mas sobre-humanos nas obras da vossa graça e amor.

Oh livre cativeiro! Oh ricas prisões! Quem se visse assim preso de Vós, amor divino! Mas já que a minha miséria está tão longe disso, ao menos fazei-me cativo da vossa esperança: só nela viva e nela descanse. Sois, bom Jesus, porto seguro onde se amarram as minhas esperanças; sois verdadeiro no que prometeis, sois piedoso para ter misericórdia, generoso para conceder graças, fiel em cumprir, amoroso em abraçar. Prendei-me com as esperanças desta alma toda: que só a Vós olhe, que por Vós ande, que a Vós suspire, que a Vós me entregue por inteiro, e só em Vós descanse.

Oh meu amor, oh minha vida, oh esperança da minha alma. Oh Virgem Santíssima, de todas as maneiras e em tudo sempre presa do amor deste Senhor, e nele livre: ajudai-me a ser preso dele, para que dele e nele sempre viva

Ó corte celestial, já de todo rendida sem mudança a este divino cárcere e livre prisão, desatai as minhas miseráveis prisões, libertai este espírito e, pela beleza divina que aí vedes, prendei-o para sempre. Amém.

TRABALHO XXIX

Ser levado por audiências de maus juizes.

O nosso Senhor continuava os sofrimentos da sua santíssima Paixão depois de ser preso, por meio de coisas que, humanamente, mais dor lhe poderiam causar, tornando tudo ainda mais pesado e penoso. Entre essas coisas, houve uma — e não menor que as outras: andar de casa em casa e de audiência em audiência, entre juízes ímpios e conselhos dos seus inimigos e adversários.

E mesmo que fossem amigos, era tão impróprio que o Juiz e Senhor soberano fosse julgado por criaturas tão baixas e pecadoras, que só o submeter-se ao julgamento humano já era um trabalho gravíssimo e um extremo admirável do seu amor. Quanto mais o seria andar preso, de juiz em juiz, e de audiência em audiência, perante juízes tão perversos, que não haviam de tratar a sua causa com justiça, mas com o ódio profundo e maldito que lhe tinham.

Não sei se existe algo que mais possa causar espanto aos corações humanos do que ver aquela pessoa divina feita homem — já de si tão grave e santíssima — que tantas demonstrações tinha dado do seu poder e grandeza divinos: que fez tremer o mar e a terra, ao cujo mandado os mortos e enterrados voltavam à vida; de quem os demónios fugiam, o mar amansava as ondas bravias, a lepra e as doenças desapareciam dos corpos; aquele a quem toda a criação — terrestre, celeste e infernal — obedecia sem resistência; que, pelo que se via nele, era digno de todo o respeito, adoração, obediência e reverência; cuja santíssima presença manifestava uma modéstia, compostura, gravidade e maturidade admiráveis: atado com as mãos atrás das costas e uma corda ao pescoço, entre guardas, diante de um mau juiz, respondendo a perguntas como os réus fazem nas audiências; e levado de um juiz a outro, e a outro ainda, cada qual pior e mais perverso.

Nessas audiências, o Senhor andava tão paciente e sofredor, tão calado e modesto, que nada era capaz de alterar, entristecer ou modificar a serenidade e maturidade do seu santíssimo rosto. E sujeitou-se tanto, e se

humilhou aos pareceres e sentenças — ou melhor dizendo, às vontades danadas dos seus acusadores e juízes — que Isaías já profetizara que ele seria tido em tão baixa conta, que não lhe seria feita justiça, nem sequer haveria quem olhasse por ela, sendo completamente pervertida.

Assim foi que, nas audiências feitas sobre ele, não se tratava de justiça, mas sim de satisfazer uma paixão maldita e o ódio mortal que lhe tinham: em todas foi abatido, afrontado, injuriado e, contra toda a justiça, condenado, como diremos adiante.

A quatro juízes foi levado o Senhor: Anás e Caifás, judeus; Pilatos e Herodes, gentios. Logo que ser preso foi levado a Anás, que era sogro de Caifás, o Sumo Sacerdote. Como Anás não exercia o sumo sacerdócio naquele ano, não lhe competia julgar a causa do Senhor. Mas Caifás, por cortesia com o velho sogro, quis fazer-lhe a vontade, mesmo à custa da honra e do crédito do Senhor, e mandou que o levassem primeiro a ele. Tal era o desprezo que já tinham por Jesus, arrastando-o de casa em casa, não para fazer justiça, mas para o afrontarem.

Cumprindo a ordem do Sumo Sacerdote Caifás, os guardas, depois de prenderem o Senhor no Horto, levaram-no a Jerusalém. E dizem alguns que, no caminho, ao passar o ribeiro de Cedron (perto do qual o Evangelho diz estar o Horto de Getsémani), não lhe deram tempo para atravessar a água com calma, mas com a fúria que levavam, fizeram-no cair na água, e, puxando-o pelas cordas do pescoço e das mãos, com que ia atado, o tiraram de lá, enchendo-o de socos, bofetadas, puxões de barba e injúrias. E alguns consideram esta afronta com tanta dor, que piedosamente entendem que é a ela que se refere aquela palavra de David, que se aplica à sua Paixão: «No caminho bebeu do ribeiro, por isso levantou a cabeça.» Pois, pela gravíssima e afrontosa injúria de ter passado meio afogado sob os pés dos ímpios naquele ribeiro, sem lhe darem tempo de atravessar por si, Deus o exaltou, e pôs sob os seus pés os seus inimigos.

E entrando em Jerusalém com esta fúria, onde tudo estava em silêncio e a população recolhida, tanto barulho fizeram e tais gritos lançavam, que os que acordavam ficavam confusos, imaginando que se tratava da prisão do Senhor, e pasmavam-se de como tal coisa podia ser. Ficavam inquietos, esperando o dia para saber o que se passava. Tudo isto aumentava a desonra

do Senhor, pois ao amanhecer, tudo era rumores, espantos, julgamentos sobre ele, e grande alvoroço para ver no que dava o caso, chamando uns aos outros para maior confusão do Senhor, como diremos mais adiante.

Assim chegaram à casa de Anás com o Senhor, que já o esperava. Uns aqueciam-se ao fogo para descansar, outros contavam as façanhas feitas, com risos, escárnios do Senhor, juramentos, mentiras e zombarias entre si, como gente desalmada e sem temor de Deus, como costuma ser esse tipo de gente em tais ocasiões. Anás começou a fazer-lhe perguntas, pedindo-lhe contas dos seus discípulos, onde estavam, porque não o acompanhavam; escarnecendo daquela gente e lançando insultos contra ela, dizendo que agora o mundo veria quem era o Mestre e quem eram os discípulos.

Tudo isso magoava o Senhor, mas o inocente Cordeiro calava-se, entregando tudo interiormente ao seu Eterno Pai, que no seu tempo mostraria a verdade. Também lhe perguntou pela sua doutrina, querendo examinar se ensinava a verdade, tentando apanhá-lo em alguma palavra, para ver se havia nela motivo para o condenar. O Senhor respondeu que não via razão para aquelas perguntas, pois sempre tinha falado no templo e em público — que perguntasse aos que o ouviram, e eles que dissessem. E esta é a segurança da boa consciência: quem faz e diz as coisas com pureza, simplicidade e bondade, não tem que temer nem gastar palavras em justificação própria, porque as obras e a verdade falam por si. E, na maioria das vezes, quem gasta muitas palavras a justificar-se diante dos homens, não é tão justo diante de Deus como parece; as suas obras são tão imperfeitas que ele não confia nelas para mostrar o que pretende. Mas Deus, que é justo, permite que, quando falta pureza de intenção e desejo de agradar só a Deus, as palavras de justificação diante dos homens aproveitem pouco. E, na maioria das vezes, depois de tanto falar em defesa própria, cada um fica a julgar como lhe parece: o melhor é confiar em Deus e justificar-se com Ele.

Estava perto do Senhor um criado do Sumo Sacerdote, parente de Malco, aquele a quem o Senhor curara a orelha no Horto, e ao ouvir a resposta que Jesus dera ao sacerdote, deu-lhe uma grande bofetada, dizendo: «É assim que respondes ao Pontífice?» Disse o Senhor: «Se falei mal, diz em quê; e se falei bem, por que me bates?» Tal era o juiz e tão

pouca a justiça daquela audiência, que nem a verdade deixavam o Senhor dizer; e havia um guarda com atrevimento e licença para dar bofetadas à parte, injuriando-o diante do juiz, sem repreensão — antes com o seu gosto. Coisa que nem entre bárbaros se consentia, senão só contra o Senhor: já assim se começava a perverter toda a ordem de cortesia e justiça contra Ele.

Logo Anás mandou o Senhor, ainda atado como estava, a Caifás, seu genro, onde estavam reunidos os principais judeus, fariseus e sacerdotes do templo. E se da primeira casa o Senhor saiu afrontado com uma cruel bofetada, diante do segundo juiz, Caifás, ali lhe foram dadas muitas mais, e contra ele apresentado tanto falso testemunho, e feitas tantas injúrias — como diremos adiante — que o coração humano não pode imaginar. Nessa casa foi julgado como blasfemo e digno de morte, e preso.

Ao amanhecer foi levado a Pilatos, que logo o mandou a Herodes. Na casa de Herodes foi escarnecido como doido, e tratado como tal, vestindo-o com um manto de louco, e com ele o mandou de volta a Pilatos.

Na casa de Pilatos, que foi o quarto juiz, foi açoitado, coroado de espinhos, sentenciado injustamente à morte, e levado com a cruz às costas para ser crucificado entre dois ladrões. Não há conta para as injúrias que sofreu, para as injustiças que lhe fizeram, para o crédito dado aos falsos testemunhos, para o ódio dos seus inimigos, para o desprezo com que foi tratado. Por todas essas casas andou o Senhor calado, dizendo apenas algumas palavras muito contadas, nenhuma em sua defesa. Deixava que falassem, acusassem e julgassem como quisessem: e não respondia por si, nem tinha quem o fizesse, até isso lhe custar a honra e a própria vida.

Em todos estes momentos, o Senhor sofreu coisas que lhe causaram grandíssima dor; mas em todos eles houve uma grande vitória das suas verdades e deu exemplos imensos e absolutamente necessários. Doía-lhe muito as ofensas que ali se faziam ao seu Eterno Pai, e também ver a enorme dureza e a malícia perversa dos corações dos seus inimigos. Porque, como Ele amava aqueles mesmos que lhe faziam mal, esse seu amor perfeitíssimo fazia com que sentisse mais o mal que aqueles maus faziam a si próprios do que o mal que Ele deles recebia. Pois os sofrimentos que deles padecia eram precisamente os meios pelos quais os podia e desejava salvar. Mas o que eles faziam a si mesmos, nos pecados que cometiam e na

dureza de coração que aumentavam, eram os próprios caminhos pelos quais se haviam de perder e condenar. E custava muito ao Senhor ver que Ele se tornava, por causa da sua bondade, motivo da sua perdição, sendo o verdadeiro Salvador que tinham diante de si e do qual se podiam aproveitar para a salvação das suas almas, se a malícia não os tivesse cegado.

Aumentava ainda mais essa dor o facto de Ele saber que era o juiz soberano, que um dia havia de julgar aqueles mesmos que agora o julgavam — e que nada mais desejava do que morrer por eles e vê-los bem julgados por si. Mas viu tudo isto invertido: dizia-lhes as verdades eternas para os iluminar, e eles, diante d'Ele, fechavam os corações a essas verdades de tal modo que Ele ficava contra eles como testemunha, acusador, juiz e justo condenador.

Quem conhece o coração de Jesus e a perfeição do seu amor, compreenderá que muito mais leve lhe teria sido sofrer ainda mais, desde que ganhasse para a salvação aqueles mesmos perdidos, do que vê-lo obrigado, pela sua justiça divina, a condená-los pelos males que lhe fizeram — e de que não se haviam de arrepender — e ser-lhes, com o tempo, o próprio remédio da vida eterna a causa da sua morte.

Por essas audiências, o Senhor alcançou uma grande vitória sobre as suas verdades divinas e soberanas: então mal compreendida, mas depois proclamada ao mundo abertamente e claramente conhecida. Porque, estando abertas todas as portas — perante juízes maus — à falsidade, à malícia e a falsos testemunhos, e procurando-se todo o tipo de artimanhas para desmentir as verdades do Senhor, para abater e desonrar a perfeição da sua vida santíssima e puríssima, tudo isso acabou por fazer brilhar ainda mais a luz e a beleza das suas palavras e obras. Porque todo o engenho da malícia não conseguiu encontrar nada que com verdade pudesse ser dito contra Ele, nem nenhuma falta que se lhe pudesse apontar.

A malícia raivosa voltava-se contra si mesma; a inveja lançava toda a sua fúria; o ódio mortal vingava-se em injúrias, bofetadas, gritos e clamores que abalavam o mundo — mas contra o Cordeiro calado não se encontrava queixa justa. A própria malícia era testemunha da sua puríssima inocência. A verdade saiu vencedora sem Ele precisar de falar, e a malícia faladora e barulhenta ficou confusa. Porque as trevas não têm jurisdição contra a luz,

nem a maldade contra a santidade perfeita, nem a mentira contra a suprema e eterna verdade. Antes, pelo contrário: a luz brilha ainda mais nas trevas; e, mesmo que elas não a compreendam, isso não lhe tira beleza nem vitória.

Por isso, ainda que fosse muito impróprio nosso Senhor andar por juízos e audiências — e ainda por cima como eram aqueles —, quis, no entanto, passar por essa afronta e sofrimento, para que a sua doutrina e vida fossem submetidas ao exame rigoroso da justiça e ficasse claro para todos que tudo n'Ele era tão santo, puro e perfeito, que nem toda a malícia humana — que parecia naquele momento infernal — pôde achar nele culpa alguma. E pelos próprios seus adversários, ficássemos nós mais confirmados na verdade.

Grande repreensão e grande ensinamento dá o Senhor com isto a todos aqueles que, por causa da autoridade da sua pessoa, ou por presunção de si mesmos, ou pelos respeitos que a sua humanidade ou vaidade lhes ditam, se ofendem com o facto de verem os seus assuntos serem levados a juízo, e se recusam a submeter-se à justiça, como os outros que julgam inferiores. De tais pessoas disse o Senhor que quem faz o mal odeia a luz e não quer vir à luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. É uma injustiça extrema, e refinada soberba, quando alguém se julga ofendido por ser chamado a juízo por quem considera inferior — e é um sinal claro de que deseja valer mais pela autoridade e prestígio da sua pessoa do que pela verdade das suas obras. Se não és justo, reconhece-te, e não te finjas: pois tens a este Senhor — tão mal julgado — por justo juiz. E se és justo, não te incomodes por seres chamado a juízo. Se mereces repreensão, não queiras que a idade ou a vaidade te desculpem e te escondam; e, se não a mereces, que perdes em deixares que se conheça a tua razão? E mesmo que os juízes sejam tão maus que com razão receies o seu julgamento injusto, ainda assim não será pequeno o ganho de sofrer e padecer com Cristo.

Mas temos esta certeza segura: que Cristo, verdadeiro Juiz, defenderá a verdade — pelo modo que menos se espera, se se confiar n'Ele. E, mesmo que permita que a malícia do mau julgador vá por diante, toma Ele a causa e a vingança a seu cargo, para dar muitos bens ao que foi injustamente julgado, por causa da sua paciência, e restituir-lhe a honra no dia do juízo — diante do Céu, da terra e do inferno — em audiência pública e universal,

aquela mesma honra que injustamente lhe foi tirada perante poucas testemunhas.

Outro altíssimo e perfeitíssimo ensinamento nos dá o Senhor no admirável silêncio que manteve em todas essas audiências por onde passou — silêncio adorado por todos, mas entendido por poucos e ainda menos imitado; e por muitos, infelizmente, considerado como algo demasiado rigoroso.

Esse silêncio é confiar tanto em Deus, que se queira vencer tudo apenas por amor, calando.

Quem procura a paz perfeita do coração, o profundo ódio e desprezo de si mesmo, o puro amor de Deus, o desejo perfeito de agradar só a Ele e de o imitar — esse compreenderá quão mal empregadas são as horas gastas a defender a própria honra, quão grande é o ganho em perder com os homens e quão pouco se ganha em ganhar com eles. Sei que a lei de Deus não obriga a tanto; sei que há estados públicos e obrigações públicas nos quais não me intrometo; mas também sei que a perfeição que Cristo, nosso Senhor, realizou — se for imitada com simplicidade e sinceridade — não pode perder ninguém. Disse Isaías de Cristo (como dissemos acima) que, por causa da sua grande humildade, lhe foi tirada a justiça; mas acrescenta dos frutos dessa entrega: «E quem poderá contar a sua geração?» Pois se o silêncio do Senhor, nosso divino Mestre, deu tantos Santos, tantas Ordens Religiosas, tantas verdades divinas, tantos bens celestiais — será o calar-se por amor a Ele, para não perturbar a alma, para lhe agradar apenas a Ele e para se parecer com Ele — será isso sem fruto? Oh, se Deus mostrasse a todos os corações estas verdades, e desse a conhecer ao mundo a paz, o prazer, o repouso, a riqueza das almas que trilharam este caminho suave e de mortificação perfeita, porque reconheceram nele uma semelhança do Paraíso na terra!

Mas aquele que não chega a tanto — já que lhe parece demasiado rigoroso calar-se tanto — ao menos seja prudente e moderado no falar, e confie mais em Deus do que na sua própria justiça, para assim ter a Deus do seu lado.

Exercício de ser levado por audiências.

Ó meu bom Jesus, é este o vosso lugar? Não é mais próprio de Vós andar de terra em terra, fazendo as vossas costumeiras maravilhas e ensinando as vossas soberanas verdades? Não é mais digno que andeis de templo em templo, sendo adorado e servido por aqueles que reconhecem quem sois? Ou não é mais próprio de Vós andar de coração em coração, sendo amado e abraçado com pura caridade, desejado, conhecido e louvado com puro amor — e não levado a audiências de maus juízes?

Louvem-vos, Senhor meu, o Céu e a terra. Adore-vos toda a criação. Ame-vos todo o coração limpo, pois tanto vos abaixastes por minha causa. Sendo eu o culpado, Vós sois o acusado, mal julgado e condenado.

Adoro esses extremos do amor que me tendes, meu bom Jesus, porque a mim submetestes-me apenas ao vosso juízo, e a Vós mesmos vos entregastes aos piores juízes do mundo. Adoro-vos por terdes querido passar o que eu merecia. Nenhum mau juiz me poderia condenar tão injustamente que eu não o merecesse ainda mais, e nenhum juiz poderia ser tão justo para convosco, que soubesse quanta adoração, serviço e amor mereceis.

Mas porque eu só poderia ser bem julgado se o fosse com misericórdia, quisestes Vós ser meu juiz, e carregastes sobre a vossa puríssima inocência toda a malícia dos maus juízes que eu merecia. Quanto melhor, Deus da minha alma, pareceria eu diante desses juízes do que Vós: porque toda a malícia deles não encontra na vossa santidade perfeita coisa que possa condenar — enquanto em mim acharão tanto que condenar, que poderão satisfazer a sua fúria e aplicar justiça com verdade.

Em mim acharam o que em Vós buscavam; em mim poderiam executar a sua ira com desculpa, enquanto contra Vós a mostraram com injustiça. Poderiam arrancar-me olhos que viram tantas coisas más, cortar-me a língua que disse tantas palavras vãs, quebrar este corpo que tanto vos desobedeceu, arrancar-me o coração que tanto vos desamou, condenar as minhas obras e costumes contrários à vossa lei, e dar fim a uma vida que tão mal empreguei no vosso serviço — como Vós, Senhor meu, bem o sabeis.

Se procuravam um traidor, mentiroso e falso, eu era esse. Se queriam um pervertedor de todo o bem, encontrá-lo-iam em mim. Se buscavam um pecador que justamente fosse tirado da terra, deveriam vir ter comigo — pois eu sou, ó meu Deus, aquele que Vós bem conheceis.

Mas Vós, misericórdia infinita, verdadeiro amante e cuidador da minha salvação, dissimulais comigo, e guardais-me para mostrar em mim as vossas misericórdias. Reservais-me para o vosso juízo paternal e piedoso. E a Vós mesmos vos entregais ao ódio desses maus juízes, vossos inimigos, para que falsamente vos julguem como se fôsseis eu, e vos condenem injustamente naquilo que eu justamente mereço.

Que direi, meu soberano Juiz, diante de tão piedosa troca, e de tão branda e rica misericórdia? A ela me ofereço, a ela entrego tudo o que há em mim. E, pois sabeis bem por quem fazeis isto, não permitais, Senhor, que em mim se desperdicem tão grandes misericórdias. Levai, Senhor, este meu coração atrás de Vós por todas essas casas de maus juízes. Iluminai este coração para que veja as verdades que ali me ensinastes. Inflamai-o no vosso amor, para que eu vos vá adorando entre todas as blasfémias que sofreis por minha causa.

Ó maus juízes e desumanos! Se soubésseis quem tendes aí preso, como trocaríeis de papel com ele! E, lançando-vos aos seus pés, lhe pediríeis que vos julgasse com misericórdia.

Mas só para Vós, Senhor meu, se acabou a justiça, se perverteram as leis e se esqueceu a verdade. Ensinai-me, Senhor, essa divina sabedoria: vencer com o silêncio, triunfar com o sofrimento, ser justificado sem que me seja feita justiça.

Mas quem sou eu, ó meu Deus? Tudo quanto vos vejo sofrer me condena. Eu sou pior que todos esses juízes: porque eles não vos conhecem nem vos adoram, e eu — eu vos adoro, vos conheço, creio nas vossas palavras pela fé, louvo as vossas obras com a boca — e, no entanto, quando o amor-próprio se levanta contra a vossa santíssima vontade, levo-vos atado a julgamento diante de tantos maus apetites quantos tenho.

Quantas vezes, divina Majestade, não vos tive em conta — sabendo que estais dentro de mim, inspirando-me as vossas verdades — e vos dei bofetadas, vos fiz calar para que falassem e valessem os meus malditos gostos?

Quantas vezes, pior que Anás, acusei a vossa doutrina para justificar os meus apetites? Quantas vezes tive por loucura, dentro de mim, a vossa doutrina do desprezo do mundo — doutrina que creio pela fé — e vos desonrei com o meu perverso juízo, só para seguir a vaidade do meu coração?

Misericórdia, Senhor, misericórdia. Porque, ainda que sejais Vós a verdade, calais-vos — e eu, pecador, justifico-me. Vós vos entregais aos maus juízes — e eu queixo-me. Vós morreis por aqueles que vos não guardam justiça, e ainda assim os amais com amor infinito — e em mim duram as espinhas, queixas e ódios toda a vida. Vós deixais-vos julgar por todos — e eu quero julgar a todos.

Ó bondade infinita, quando se mudará isto? Quando vos terei diante dos meus olhos como espelho da minha vida, para de todo vos imitar? Quando estimarei mais parecer-me convosco do que agradar aos homens?

Ó meu Deus, meu Juiz, meu sapientíssimo Mestre, termine nesta hora a minha presunção. Confesso a minha malícia e soberba, e desejo imitar-vos, e proponho fazê-lo com a vossa graça: calando e sofrendo a todos, sem distinção.

Daqui em diante, Senhor meu, e para sempre, dou licença a toda a criatura que for mais forte que eu, que se levante contra mim — e vingue em mim as desonras que tantas vezes vos fiz. Bem sei, meu Deus, que se não tivésseis Vós mão sobre as vossas criaturas, todas se levantariam justamente contra mim, como contra um vosso ingrato inimigo. Mas Vós, misericórdia infinita, que me suportais, já que me poupastes, não me abandoneis por mais tempo. Não permitais que eu ande mais dias perdido. Começai já a converter este coração. Transformai-me em Vós, perfeição soberana. Dai-me perfeito amor para com todos os que me tratam mal, me julgam mal, e me fazem mal — porque aí está a sabedoria divina que me ensinais.

O vosso profeta Isaías admirou-se dos grandes frutos que alcançastes em tantas almas salvas, ao submeterdes-Vos com humildade a juízes injustos; e eu, Senhor, que muito farei se, por amor de Vós, meu Deus e meu amor, imitar aquilo que fizestes por mim, pecador, para recolher os frutos de amor, de luz, de sabedoria divina e de vida eterna, que merecestes.

Ó meu Senhor, eu sou o que sou, e Vós sois quem sois: isto há de ser obra vossa; porque, embora proponha e deseje imitar-vos, sois Vós quem o deveis concluir com a vossa graça. Fazei, Senhor, em mim o que desejais; colocai em mim o que de mim quereis, para que, quando me busqueis, me acheis todo feito segundo a vossa vontade.

Oh, quem se visse por Vós preso, bom Jesus, abatido pelo mundo, desonrado pelos homens, mal julgado por todos, e, por vosso exemplo, quieto, e com vossa graça, calado, paciente e contente, e com puro amor convosco abraçado! Oh, quão rico, quão sábio, quão satisfeito estaria, quando do íntimo do meu coração vos dissesse: meu Deus, meu bem todo perfeito, minha abundância completa, minha plenitude saciada!

Assim, meu Jesus, vinde a este coração, vinde a este pobre, mau e miserável, que vos deseja para convosco fazer morada perpétua; deixai já essas casas de maus juízes. Se vos contentais com os maus, eu sou pior do que eles; se vos detendes por sofrer, ou por converter alguma alma, aqui tendes muito que mudar em mim; se esperais por me fazer misericórdias, vinde, Senhor, a mim: com isso fico satisfeito.

Entrai nesta alma, luz clara do meu coração; aqui vos reconhecerei, aqui vos adorarei, aqui vos amarei, aqui me abraçarei convosco, aqui vos prenderei. E não direi, como Jacob, que não vos deixarei até que me abençoeis; mas direi, como a esposa sagrada, que vos prenderei e nunca vos deixarei.

Oh, quando chegareis, Senhor? Quando vos verei luz dos meus olhos, meu amor, minha doçura?

Se o fruto de serdes julgado injustamente, e de nenhum juiz vos fazer justiça por vosso grande abaixamento, silêncio e humildade, é achardes por esse caminho — como diz Isaías — muitas ovelhas perdidas que salvais,

muitas extraviadas que encaminhais, muitos filhos que vos amem, muitos cegos que vos conheçam, muitos errados que vos desejem e vos possuam; eu sou, Senhor, a ovelha mais perdida e errada de todas.

Achai-me, meu Salvador, guiai-me, meu Redentor, ganhai-me, meu Senhor, levai-me a Vós, bom Pastor. Eu vos adoro, vos reconheço e desejo amar-vos de todo o coração. Purificai-me, limpai-me, fazei-me tal como quereis que eu seja.

Oh, quanto melhor estou entregue nas vossas mãos do que Vós nas mãos desses juízes! Porque Vós, ao vos verdes diante deles, atado, calastes, e vos entregastes por completo, como se deles dependesse o vosso remédio, e todos vos perverteram a justiça.

E eu, se me deixar nas vossas mãos, meu verdadeiro juiz e amigo, posso falar, posso clamar e ser ouvido por Vós, e alcançar a misericórdia desejada. Nessas mãos cresce o meu juízo, nelas encontro a justiça que me falta; e não sei o que me cega, que fujo de Vós e prefiro o juízo do mundo a Vós. Todos me procuram para me condenar, e só Vós, meu Pai eterno e brando juiz, buscais o meu bem, e dais da vossa parte tudo o que me falta para que eu encontre justiça com proveito. E eu fujo-vos e abandono-vos.

Oh, quem nunca vos fugisse! Oh, quem nunca vos deixasse! Aqui me volto, Senhor, aqui me submeto a Vós, aqui me entrego às vossas mãos; recolhei-me nesse coração, fechai-me nesse peito, uni-me a esse vosso espírito, submetei-me por completo ao vosso espírito, submetei-me por inteiro à vossa vontade, para que eu viva, para que eu acerte, para que me aborreça (a mim mesmo), para que vos ame, para que vos possua.

Oh meu Deus, oh meu amor, oh meu juiz, oh meu pastor, oh meu Jesus para sempre, para sempre, e para sempre.

Oh Mãe de Deus, Santíssima e puríssima Virgem, em cujo coração este Senhor sempre reinou, e só nele, no mundo, teve perfeita morada de descanso: pois sois mãe dos pecadores, ajudai este miserável que aqui está diante de Vós. Mostrai essas piedosas entranhas de mãe para me alcançardes do Senhor as verdades que tão puramente me ensina, para que elas sejam sempre o governo da minha vida.

Oh corte celestial, que sempre vedes as grandezas deste Senhor, e sois o fruto seguro dos seus trabalhos: alcançai-me o espírito com que já viveis, para que, pela humildade deste Senhor, mereça a vossa companhia para sempre. Amém.

TRABALHO XXX

Falsos testemunhos.

Sofreu o divino Cordeiro, em casa de Caifás — que foi o segundo juiz a quem foi levado — gravíssimos tormentos e afrontas. O primeiro deles foi a quantidade de falsos testemunhos que contra ele levantaram, o que é um género de sofrimento que mais duramente a nossa natureza suporta.

Na casa deste Sumo Sacerdote estavam reunidos todos os inimigos de Cristo Nosso Senhor, inquietos até saberem com certeza o que se passava na sua prisão; temiam que fosse mais uma tentativa em vão, como já acontecera outras vezes. Quando souberam que vinha preso, isso lhes causou um contentamento estranho, e muito maior ainda quando o viram entrar atado, sentindo já em suas mãos a presa tão desejada. E mostravam o seu prazer com risos, ditos zombeteiros e escárnios ao Senhor.

O principal assunto daquele conselho de sacerdotes, doutores da lei e príncipes do povo era a vida e doutrina do Senhor, procurando encontrar alguma causa para o acusarem e assim o poderem matar.

Mas como a vida do Redentor do mundo era tão santíssima e irrepreensível, que nem mesmo a grandíssima malícia, ódio e inveja dos seus mortais inimigos podiam encontrar algo de que o acusar com verdade, perverteram, naquele conselho, toda a ordem de justiça. E esforçavam-se por levantar falsos testemunhos contra o Senhor e inventar alguma mentira que pudesse ao menos dar aparência de justiça ao que faziam e à morte que lhe pretendiam ordenar.

Vieram, pois, muitos com falsos testemunhos. Uns acusavam-no de blasfémia contra o templo santo, dizendo que ele afirmara que o destruiria e que em três dias o reedificaria; quando o Senhor dissera, referindo-se ao templo do seu corpo, que, quando o matassem, ao terceiro dia o ressuscitaria. Não podiam negar que tinham bem entendido que falava da ressurreição do corpo. Tanto assim que mais tarde o alegaram a Pilatos

como verdade, para que mandasse guardar o sepulcro, pois dissera que ressuscitaria ao terceiro dia.

Outros acusaram-no falsamente de proibir o pagamento de tributos a César, quando ele dissera publicamente que se desse a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César, e mandara São Pedro pescar, onde acharia uma moeda no ventre de um peixe para pagar por si e por ele.

Outros diziam que se fazia rei, quando ele fugira para além do mar de cinco mil homens que publicamente o queriam fazer rei. E assim lhe imputavam muitas coisas que sabiam claramente serem falsidades, e disso estavam já enfadadíssimos por não terem em que pegar. Porque era tão evidente para todos a inocência do Senhor, e a pureza e santidade da sua vida e obras, que, sem ele responder ou falar em sua defesa, os próprios inimigos eram as mais certas testemunhas da verdade.

Com isto se inflamava ainda mais a malícia e ódio desses malvados inimigos do Senhor contra ele; e refinava-se a inveja, para inventar novas mentiras e falsos testemunhos. E como era impossível achar, naquela clara e divina luz do Céu, nem mesmo a mais pequena sombra ou aparência de culpa, procuravam ver se podiam apanhá-lo em alguma palavra, e davam-lhe ocasião para falar.

Levantou-se então o sumo sacerdote Caifás, e disse ao Senhor, cheio de indignação e raiva: «Não respondes nada ao que aqui se alega contra ti?»

A isso o Senhor não respondeu palavra — tanto porque sabia que nada aproveitaria, como porque estava já determinado a sofrer e padecer; e não quis dizer coisa que confundisse os malvados e impedisse os tormentos que tanto desejava passar (o que lhe seria muito fácil), e, principalmente, para deixar exemplo aos seus de quanto pouco haviam de dar às malícias humanas e às armadilhas do mundo e dos seus seguidores, quando, com consciência limpa, tivessem Deus por si; pois Ele é seguro amparo dos seus e sempre os defende.

Vendo o Sumo Sacerdote que nada conseguia para fazer o Senhor quebrar o seu santíssimo silêncio, conjurou-o em nome do Deus vivo a que dissesse se era o Filho de Deus bendito.

Pergunta esta que seria de esperar que, com a resposta verdadeira, todos mudassem a sua malícia e ódio em adoração daquele Senhor, e em lágrimas e dor pelo mal que lhe tinham feito. Mas tal é o coração humano quando está determinado no mal, que tudo o que lhe poderia aproveitar converte em veneno, como fizeram estes.

Todavia, não sem divino e eterno conselho, quis o Pai Eterno servir-se de tão mau instrumento — como era aquele perverso sacerdote — para que o Senhor publicamente revelasse aos seus inimigos a suprema verdade de quem é (o que até então não lhes dissera com tanta clareza), e nos deixasse, antes da sua morte, a certeza de si mesmo, por palavras tão manifestas, que tanto nos convinha saber.

Assim, ouvindo o Senhor o nome do Deus vivo pelo qual era conjurado, tendo mais respeito à honra de tão divino e soberano nome e ao proveito da fé da sua Igreja, do que às injúrias, afrontas e tormentos que logo após a resposta havia de padecer, e à morte que por ela lhe seria dada, respondeu claramente:

«Eu o sou. E digo-vos, em verdade, que vereis o Filho do Homem sentado à direita do Pai e vindo nas nuvens do Céu para julgar o mundo.»

Assim há de ser: porque, embora os judeus perversos que se condenarem não hão de ver a divina essência, verão, no dia do juízo, Cristo Nosso Senhor — para sua confusão — na sua humanidade, sentado à direita do Pai, isto é, Senhor dos principais e mais excelentes bens da glória, e com majestade julgando aqueles que o julgaram. Nesse dia, a visão do Senhor, que será toda a consolação e alegria dos justos, será para os maus terribilíssima e espantosa.

Ouvindo esta resposta, o Sumo Sacerdote — como quem não a perguntara para a crer, mas para ouvir da sua boca aquilo que considerava blasfémia, e por isso o condenar — rasgou os seus vestidos, o que era sinal que os judeus costumavam dar em demonstração de grandíssimo desgosto, principalmente ao ouvirem blasfémias contra Deus. E disse em voz alta: «Blasfemou! Que mais testemunhas queremos? Vós mesmos o ouvistes da sua boca. Que vos parece?»

Todos, sem exceção, assentaram que merecia a morte, e decidiram procurar ocasião de lha aplicar. E, lançando-se contra o Senhor, trataram-no com grandíssimas injúrias, como se dirá adiante.

Ainda assim, não lhes pareceu causa suficiente para o condenar à morte de cruz, como desejavam; pois tal pena não podiam aplicar sem sentença do Presidente Romano — gentio e idólatra —, a quem pouco importariam as questões da lei judaica, nem o facto de alguém se fazer Filho de Deus.

Por isso, determinaram-se a transformar as verdades de Cristo Nosso Senhor em mentiras, e as falsidades em verdades; e, à força de gritos e insistência, tentar fazer valer a sua versão contra Cristo, o inocentíssimo Cordeiro.

Com essa determinação, juntaram à suprema verdade — que eles chamavam blasfémia, por ele se chamar Filho de Deus sendo homem — outros falsos testemunhos: que proibia pagar tributo a César, que se fazia rei; sendo estas duas acusações passíveis de morte e que muito pesariam perante Pilatos para que o mandasse crucificar.

Com este propósito levaram-no a Pilatos e a Herodes; e, perdida toda a vergonha e verdade, sabendo quão grande, manifesta e pública falsidade diziam em tudo, acusaram-no desses falsos crimes, e de ser agitador, perturbador do povo, pervertedor das leis e da paz. Fizeram-no com tanta fúria, gritos e clamor, que prevaleceram contra o divino Cordeiro, que não se defendia nem respondia, e assim o fizeram atormentar e condenar à morte de cruz.

A isso chegaram os falsos testemunhos contra Cristo Nosso Senhor, que, como cordeiro diante do que o mata, não abriu a boca, como diz Isaías, nem gemeu.

Cada um julgue por si quão grande foi este sofrimento do Senhor, e quão grande perfeição e santidade mostrou no modo como o suportou. Porque vemos que, mesmo passando os homens muitos e grandes sofrimentos, quando chegam a este — de falso testemunho — não digo apenas que a natureza não o suporta, mas que é muito rara a virtude que o sofre calando-se.

E mesmo quando um servo de Deus, por amor do Senhor, se determina a tal, encontra em si tantas verdadeiras imperfeições que o humilham, e tantas dívidas e obrigações para com Deus, que sofre um mal falso como satisfação de outros verdadeiros, e oferece ao Senhor a dor e o sofrimento do que não merece, por tanto que lhe deve, e pelas graças que d'Ele recebeu.

Mas tal era a puríssima vida do Senhor, que não havia nela mácula nem sombra de imperfeição que o humilhasse, nem devia aos homens o que por eles padecia. Só por amor sofria ver desfeitas as eternas verdades, e calava diante de todas as falsidades que tão publicamente o desonravam e lhe causavam a morte.

Mas é tal o sentimento deste género de sofrimento, que são muito poucos os que conseguem, interiormente, fazer estes pensamentos para o suportar. E se para todos os outros sofrimentos encontramos muitas vezes razões para suportá-los, na maior parte dos casos não achamos menos razões para não dissimular um falso testemunho infamatório.

Até em alguns santos vemos que, embora não se vingassem e perdoassem, ainda assim se magoavam e se queixavam. Pois é este mal tão danoso e terrível, que mesmo entre os que professam santidade — e não digo só o mundo — se encontra razão de virtude ou de honra de Deus para não dissimular: ora pelo exemplo, ora pelo crédito da virtude, ora pelo respeito ao estado, ora por outras causas, que fazem parecer que dissimular é culpa, e defender a honra é virtude e obrigação.

Mas, embora nosso Senhor não obrigue a uma perfeição tão alta quanto a que mostrou em si, saiba todo aquele que deseja segui-lo perfeitamente que nenhum exemplo deixou Ele de si — por mais heróico e perfeito que fosse — que não possa ser imitado. E não pode haver razões tão fortes contra isto que não haja outras ainda mais fortes, que o Espírito de Deus ministra ao coração iluminado, confirmadas por santos exemplos de apóstolos e homens de vida perfeitíssima.

Por isso, quem não chega ao perfeito, dê graças a Deus por usar com ele de tanta misericórdia, que não o obriga ao que espanta a sua fraqueza. Mas louve-O onde o ouvir; e, quando o vir longe de si, deseje vê-lo em si.

Aprendamos deste nosso divino Mestre o verdadeiro modo de conservar a honra: com vida tão boa que não se possa escandalizar o próximo. Porque, como disse Santo Agostinho, quem despreza a sua honra é cruel — não aprovando com isso procurá-la por negócios ou por desordenado desejo de a defender, mas obrigando a conservá-la com boa vida e santos exemplos.

A modéstia e o recato no exterior; a fervorosa ocupação com Deus no interior; a paciência, o silêncio e o sofrimento nas provações; o cumprimento das leis e obrigações do estado a que Deus manda; fazer o bem a todos; fugir do pecado — e outras muitas virtudes — é o que honra e dá crédito ao homem, sem ele tratar da sua honra, e o que mais confunde as línguas dos maldizentes.

Isto é o que confundia a malícia dos judeus entre os falsos testemunhos que levantavam contra o Senhor, que a tudo respondia com silêncio; e o seu verdadeiro imitador, se por aqui caminhar, vai seguro.

É verdade que o segredo de sofrer falsos testemunhos por amor de Deus, sem responder, e a vitória e o triunfo de calar e sofrer, é difícil de entender, e a muito poucos é revelado. Mas é certo que grande é a virtude que a isso chega, e singular a graça que levanta o fraco coração humano a este sagrado estado.

E não é menos certo que, se existe algum estado de vida abençoado, fértil em bens soberanos, assentado numa região ditosa de perfeita paz — este, sem dúvida, é um deles. E já que a língua não o sabe declarar, creia-se aos que o experimentaram.

Basta que este tenha sido o sofrimento do Senhor — porventura de todos o maior — e a virtude a mais admirável e menos entendida; foi nela, e por ela, que teve a sua consumada vitória. E basta que este Senhor prometeu aos que o seguissem o trono triunfal da vitória e o tribunal judicial sobre os seus inimigos.

Exercício dos falsos testemunhos.

Ó glória e honra dos justos, ó caminho da glória, verdade e vida! Nem este género de injúria e afrontas quiseste que te faltasse, por amor de mim, e suportaste, meu Senhor, que pusessem testemunhas falsas contra as tuas eternas verdades? Adoro-te, ó suprema verdade, adoro-te, soberana pureza. Adoro-te, Filho do Eterno Pai, Deus, Rei e verdadeiro Senhor meu.

Que pôde o mundo encontrar em ti que o escandalizasse, ou que pudesse, com verdade, condenar? Que coisa se pôde dizer contra ti que não fosse maldita blasfémia? E todavia, das tuas soberanas verdades fazem mentiras, das tuas puríssimas obras fazem culpas, da tua santíssima doutrina fazem falsidade, e por elas te condenam, como se fossem mentiras e blasfémias.

Ó amor da minha alma, que género é este de afronta e tormento contra quem tanto merece? E mesmo assim, ó meu Deus, tudo isto não basta para eu me alegrar em parecer-me contigo. Quão diferente e quão longe estou de ti em tudo! Quão sentido fico com as questões daquilo que penso ser a minha honra! Quão depressa te perco de vista, quando me tocam em algo que não fiz, ou naquilo em que penso perder o meu crédito, e estimo mais honrar-me diante do mundo do que parecer-me contigo.

A ti o mundo não pode atribuir culpa que seja verdadeira; e quando contra mim se diz algo falso e inventado, tu, meu verdadeiro Juiz, sabes quantas outras coisas existem neste coração — diante dos teus olhos — ainda piores, verdadeiramente más e perversas.

Ó meu Deus e conhecedor do meu íntimo, tu sabes que, se o mundo de fora visse a abominação dos meus pensamentos e desejos (que aos teus puríssimos olhos são claros e manifestos), quando eu tanto me quero justificar diante dele, todos fugiriam de mim. E é pouco o que me fazem, comparado com o que me fariam se vissem publicamente os males desta alma, que diante dos teus olhos confesso. E quão mal correspondo às obrigações que te devo, e quão diferente seria o juízo que teriam de mim!

E sendo eu isto diante de ti — e encobrindo-o tu, que bem o podes manifestar ao mundo — a minha soberba é tal que não me conheço, e quero justificar-me diante dos homens. Não suporto que ponham sequer uma pequena mancha na minha honra, e desprezo parecer-me contigo. Sinto-me

abatido quando passo por uma migalha do muito que tu sofreste. Tu ensinas-me a defender a honra com limpeza de consciência, boa vida, santidade, exemplos e sofrimento de injúrias. E eu, com a consciência que tu vês, sem virtude nem bondade, só com impaciência e com a língua quero fazer valer a honra, quando tu me ordenas desprezá-la.

Ó meu Senhor, tem misericórdia de mim. Não me afastes de ti, Senhor. Planta estas verdades no meu coração, e fá-las crescer e dar fruto. Tira de mim, Senhor, a estima de mim mesmo e do mundo.

Ó quão pequeno e inútil sou quando estimo qualquer coisa da vida, mesmo honra, por maior que seja, fora de ti! Quantas vezes, Senhor, penso que te ofendo ao sofrer desonras para me parecer contigo! Onde está essa minha verdadeira sabedoria, essa verdadeira luz?

Se é verdadeira, Senhor meu, e eu a adoro em ti, porque não a quero em mim para te imitar? Se é luz clara, porque anda tão escura? Como é que não vejo sempre que, calando e sofrendo por amor de ti, não respondendo, deixando-me à tua providência para te imitar, a minha honra se purifica mais, e a verdade e a virtude se justificam mais, do que se me inquieto, falo e me defendo?

Perdoa-me, Senhor, por te perguntar; mas digna-te responder-me, iluminar-me, inflamar-me no amor destas verdades. Onde está, meu Deus, Sol da verdadeira justiça, esta luz, esta verdade tão clara e tão escondida?

Ó meu Senhor e meu Mestre, ó meu Deus e meu Pastor, ó espelho das eternas verdades — ainda que a fé tudo creia — em ti deixaste escondido o seu resplendor e a luz, para que não fosse saboreada, mas conhecida apenas pelo amor e experiência de quem tem verdadeiro desejo de te agradar e imitar. Pois bem, Senhor, aqui estou, cego: ilumina-me. Dá-me, meu Deus, uma faísca do teu amor. Ensina-me cá dentro a entregar-me com alegria e fé pura nas tuas mãos, para que veja esta luz, para que a imite, para que dentro do meu coração ela viva sempre.

Como me poderia correr mal, parecendo-me contigo? O que é este mundo para que eu lhe deva algo? Que bem me pode ele fazer, para que me envergonhe, por causa dele, de me parecer contigo? O mundo julga como

cego; aprova e reprova as coisas como quem está errado; persegue os teus como inimigo; promete e não cumpre como mentiroso; engana como lisonjeiro; e honra com som de trombeta, que logo se apaga.

Mas tu, meu Deus, honras como eterno; prometes e cumpres como verdadeiro; guardas a justiça como justo; satisfazes o que por ti se passa como todo-poderoso; abraças e enches de suavidade e graças os que se alegram por se parecer contigo — e mesmo assim eu fujo de ti para o mundo. Custa-me desprezar a honra do mundo por tua causa. Quero antes contentar-me com a vaidade da opinião dos homens do que com a verdade que em ti adoro.

Ó misericórdia infinita! Quando verei isto já mudado em mim? Não tenho, Senhor, com que te obrigue a dar-me gosto em parecer-me contigo, senão isso mesmo que por mim padeceste.

Muda, Senhor, este coração terreno em ti. Envergonho-me, Senhor, de ver quão longe ele está da estima e imitação destas verdades. Mas nesta hora, meu Senhor, esta é a minha vontade: proponho, com a tua graça, sofrer por ti todo o falso testemunho, toda a injúria e afronta que me for feita.

Perdoo de coração tudo o que até agora me foi feito; e, por tudo o que ainda tiver de passar, livro de toda a obrigação qualquer pessoa que me tenha ofendido ou que esteja obrigada a restituir-me a honra. Renuncio a essa obrigação por vosso amor. Não quero, meu Deus, outra honra nem outro crédito, senão convosco, e apenas o que Vós quiserdes dar-me, para vossa glória.

Não permitas, Senhor, que alguém padeça mal por minha causa diante de ti. Dá a todos os que me fazem mal bens em troca dos seus males; une-os com muito amor teu a ti.

E se este coração terreno ainda não está neste desejo e propósito tão plenamente como tu queres, tu, Senhor, faz isso em mim. Ilumina-me, meu Deus, não escondas os raios da tua luz. Que penetrem no meu coração as chamas do teu amor, para que transformem a sua rudeza em verdadeira imitação e união contigo.

Dá-me tu, Senhor, e tira-me o crédito diante dos homens, como for para maior honra e glória tua. Mas tira-me o apreço por ele, quando mo deres. E que nunca saiam deste coração desejos de grandezas ou elevações, mas confirma-me num gosto firme de padecer contigo quando mo tirares.

Mas, meu Deus, que é isto que estes maus te imputam? Dá-me licença, bom Jesus, pois todos te julgam tão mal, que eu te possa julgar e adorar por aquilo que és. Acusam-te, meu soberano Senhor, de te fazeres Filho de Deus, e por falso Deus te condenam. Enganam-se, meu soberano Bem, porque tu não te fizeste falsamente Filho de Deus, mas verdadeiramente o és, gerado do Eterno Pai.

Eu, Senhor, com todo o amor e fé que posso, prostrado diante da tua divina majestade, nessa sagrada humanidade oculta, adoro-te como verdadeiro Filho de Deus, Deus eterno, todo-poderoso, infinitamente sábio, bom, grande e soberano, e igual ao teu divino e eterno Pai em tudo. Tu és toda a minha bem-aventurança, a riqueza perfeita de todos os meus bens, o tesouro de todas as grandezas da glória.

Digam esses maus o que quiserem: tu és o meu amor, a minha glória, a minha soberana formosura, a minha bem-aventurança. A ti adoram os Serafins e Querubins, e toda a corte celestial te reconhece. Eu, criatura terrena, com todos eles e com toda a criação, adoro-te como meu verdadeiro Deus e Filho do Eterno Pai. As tuas obras, Senhor, revelam-te; as tuas maravilhas dão-te a conhecer; só a malícia e a cegueira humanas te desconhecem.

Quando tu, minha eterna formosura, mostras algum raio da tua divina face a este coração cego, oh, como reconhece claramente que és o verdadeiro Filho de Deus e, pelas tuas soberanas obras, o experimenta de todos os modos, Senhor — e a minha fé acredita. Mas quando virá esse dia bem-aventurado, essa hora feliz em que, por experiência, te diga a minha alma, cativa de ti e da tua formosura: Tu és o meu Deus, tu és o meu Senhor, tu és o meu amor — e que não saiba amar nem estimar coisa alguma fora de ti, ó Deus, ó amor, ó todo o meu bem?

Julgam-te digno de morte por te fazeres Rei. Tu não estimaste, Senhor, ser Rei na terra, e escondeste e evitaste parecer sê-lo, embora o fosses. Mas

a quem obedeceu o mar, quando andaste sobre ele, e à tua ordem acalmou a sua fúria? A quem obedeceu a morte e os túmulos, quando, pela tua palavra, devolveram à vida os seus mortos? A quem obedeceram os demónios, quando, por teu mandado, saíam dos corpos e das almas que possuíam? A quem obedeceu a saúde, quando, por tua virtude, todos os doentes eram curados? Senão ao seu único Senhor e verdadeiro Rei?

Adoro-te, meu Rei e Senhor: governas-me com sabedoria, provas-me com generosidade, castigas-me com justiça, perdoas-me com misericórdia, guias-me com sapientíssimo governo, ensinas-me com justíssimas leis, enriqueces-me com imensas graças, recompensas os meus serviços com dons e defendes-me com soberano poder. Que viram esses em ti para te tomarem por falso Rei? Acaso as tuas obras não revelavam a tua majestade? E não confessavam os demónios que tu o eras?

Venha, Senhor, a mim o teu reino, e reina sem oposição em mim. Condenem-te como quiserem esses maus, que eu te reconheço, adoro, recebo, abraço e me submeto a esses pés como meu verdadeiro Rei. Toma, meu Rei, conta desta alma e concede-lhe que sempre te seja fiel e nunca traidora; que só se glorie do teu serviço e da tua bandeira.

Acusam-Vos, Deus da minha alma, de defenderdes o pagamento de tributos. Oh meu Deus, quem mais livre dessa obrigação do que Vós, Deus eterno e Rei soberano? E, no entanto, antes de nascerdes, já fostes reconhecer o senhorio em Belém; e, ao nascerdes, foi pago por Vós o tributo a César. Também São Pedro, por vosso mandado, pagou por si e por Vós; e mandastes que se desse a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

E tendo feito mais do que eras obrigado, com brados e gritos te condenam por falso testemunho, e tu calas e não respondes. Esse és tu, Senhor: que sempre recebes males em troca de bens, mentiras em troca de verdades. Adoro-te como juiz justo, não como ladrão, mas como doador de todos os bens. Que necessidade tinhas tu dos tributos dos reis da terra, se tudo dás, tudo é teu, e tudo desprezaste por amor de mim?

O tributo do coração, mandas que não se dê ao mundo; e o amor da alma, mandas que só a ti se entregue. Se é por isso que te acusam, é

verdade: e pois por isso morres, a ti amo, meu Deus, e a ti entrego esta alma, da qual não quero pagar tributo, mas toda te ofereço, com todo o meu amor. Não permitas que haja neste coração espaço para nada fora de ti.

Acusam-te de perturbar e subverter o povo, de agitar as multidões. Ó falsos e traidores! Tu, meu bom Jesus, és o verdadeiro pacificador: reconcilias-nos com o Pai eterno; ensinas-nos a verdadeira e perfeita doutrina; purificas a nossa fé; libertas os falsos entendimentos da lei do Senhor; semeias a lei do amor; unes os corações no teu puro amor e na verdadeira amizade entre os irmãos.

Quando as almas te ouvem e te seguem, tudo é paz; quando se afastam de ti, tudo é inquietação e desordem. Que perturbações e agitações causaste tu no povo, meu Deus? Suportaste as culpas de todos; prometeste os reinos do Céu; acolheste pecadores; curaste as suas doenças; iluminaste as suas cegueiras; mostraste o caminho do Céu — e a isto chamam perturbar e sublevar o povo?

Bendito sejas tu, meu Deus e meu Senhor, pois a tão claros falsos testemunhos, perante obras tão perfeitas e tão manifesta inocência, calas e deixas-te condenar por aquilo que não és. Adoro essa paciência, adoro esse amor, que te faz suportar tudo. Quando se acenderá esse fogo em mim, ó meu Deus?

Ó Santíssima Mãe de Deus, em quem o teu Filho unigénito, como perfeito cumpridor da Lei, não permitiu que se lançasse qualquer mancha ou falso testemunho — tu levas a maior parte deste sofrimento, porque o que te faltou em testemunhos falsos recai mais pesadamente em veres tudo isso no teu unigénito Filho, o que sentiste mais profundamente do que se tivesse sido contra ti.

Também te cabe aqui o título de Mãe do "perturbador", do "falsário", que nem ele nem tu fostes nem sois. Assim como todas essas falsidades não puderam desfazer nada daquilo que ambos sois, assim, Senhora, fiel companheira deste Senhor, sê minha intercessora. Alcança-me graça para não querer mais honra do que parecer-me com este Senhor. Alcança-me que esta seja a minha glória: sofrer com ele, viver abatido com ele, desonrado com ele.

Sejam todos ouvidos, e eu esquecido, para que por ele e por ti eu seja reconhecido como vosso. Ó Anjos, que adorais estas verdades; ó Santos, que as imitastes; ó corte celestial, que por elas vos povoades e enriquecestes — louvai por mim, amai por mim, engrandecei por mim este Senhor, por ter por bem ensinar-me por meio de tais lições. Alcançai-me virtude e força para as amar, para as estimar, e para não querer outra vida, nem outra honra, senão amar e parecer-me com Jesus. Amém.

TRABALHO XXXI

Das bofetadas.

Era tão grande e tão evidente a falsidade das acusações que os fariseus e os príncipes do povo tinham levantado contra Cristo nosso Senhor, com as quais pretendiam levá-lo a Pilatos para o condenarem à morte, que os próprios inimigos temiam — e com razão — que tais falsos testemunhos não fossem suficientes para desacreditar o Senhor diante do povo, nem para convencer o juiz a condená-lo à morte de cruz, que eles tanto desejavam. Tão grande era a reputação do Senhor, tão justa a fama que tinha entre os que o conheciam, e tão impressionante a estima que até os que não o conheciam tinham por ele, que os seus inimigos receavam — com razão — que as suas calúnias, em vez de mancharem a imagem de Cristo, apenas viessem a aumentar a sua honra, santidade e dignidade, revelando, por contraste, a malícia dos seus perseguidores, e desmascarando-os como falsários e perversos.

Com efeito, assim como a verdade e a virtude se defendem por si mesmas, da mesma forma a malícia nada mais teme do que a si própria — especialmente quando tenta disfarçar-se de santidade, para melhor enganar e justificar-se, de modo a não ser reconhecida. Mas a maldade e a virtude são extremos tão opostos, que, por mais que a malícia se oculte sob a capa da santidade, nunca confia em si mesma o suficiente para crer que conseguirá esconder-se bem. Por isso vive inquieta, e vai acumulando males e astúcias, como quem de tudo suspeita. E assim se cumpre a Sagrada Escritura, que diz: “A consciência perturbada sempre presume crueldades.” (Sabedoria 17,11). Pois, mesmo sem querer, percebe-se o quanto há de razão para tudo lhe ser contrário.

E assim como a malícia suspeita de tudo, crendo que tudo lhe pode ser prejudicial, nunca cessa de inventar armadilhas para se sustentar — o que só consegue ajuntando males sobre males. Foi assim com os perversos fariseus e os príncipes dos sacerdotes do povo judeu. Pois, como mais do que tudo desejavam manter-se com boa imagem diante do povo, que os tivesse por santos (embora o não fossem), a coisa que mais aborreciam era a

pessoa de Cristo, a sua vida, doutrina, obras admiráveis e milagrosas. Porque à vista de tais obras, as deles se revelavam claramente más.

Vendo-se, portanto, com Cristo entre as mãos, e desejando acabar com ele como sempre desejaram, tentaram por um lado preservar a reputação das suas pessoas, e por outro lado, percebendo que a falsidade das acusações que levantavam contra Jesus estava a descoberto e patente, decidiram recorrer a um ardil diabólico. Sabiam quão volúvel é o povo, quão inconsiderado nos seus juízos, e como se deixa facilmente levar por estrondo, multidão e aparência — sem fazer qualquer juízo ou distinção. Resolveram, então, fazer a Cristo nosso Senhor uma tal soma de afrontas e injúrias — tão feias, desumanas e inauditas, tão públicas e excessivas — que o povo, ignorante e precipitado, ficasse confuso. Que não pudesse imaginar que tais coisas seriam feitas por sacerdotes, letrados, príncipes e fariseus (que professavam santidade), sem alguma causa justa; antes pensaria que tinham descoberto coisas secretas (como governantes da república), ocultas ao povo, que justificariam tal tratamento.

E assim sucedeu: pois, no dia seguinte à prisão do Senhor, subitamente se voltou contra ele o povo de Jerusalém — aquele mesmo povo que até então o seguia pasmado, como quem via uma coisa vinda do céu. E este ardil serviu para que eles descarregassem em Cristo o ódio de tantos anos, guardado nas suas almas, e pudessem rebentar com mais raiva, furor e prazer, maltratando e afrontando o Senhor com as suas próprias mãos e com as dos guardas.

As afrontas deste infernal ardil começaram com muitas bofetadas dadas no Senhor, tão violentas que o seu santíssimo rosto ficou inchado, arroxeado, escurecido e desfigurado — além de já lhe terem arrancado partes da barba e dos cabelos. E ainda que isso se passasse de noite, numa casa fechada, o que se viu no dia seguinte em público mostrou bem o que teria padecido naquela noite.

Este ardil também serviu para sufocar a verdade da justiça e perturbar o juízo do governador. Pois com tanta afronta, tumulto e escândalo, Pilatos — que não conhecia Jesus — ainda que reconhecesse claramente a sua inocência, ficou sem juízo, e não resistindo à autoridade dos acusadores nem à agitação do povo, acabou por condená-lo injustamente à morte.

Já em casa de Anás, o Senhor sofrera uma cruel bofetada, tão notável que São João a registou, ainda que silenciasse muitas outras afrontas que ali também recebeu. E em casa de Caifás, depois que este o conjurou em nome de Deus vivo a declarar se era o Filho de Deus, e ele o confessou, foi julgado por todos como blasfemo e digno de morte — como vimos no capítulo anterior. E em vez de se comoverem e o consolarem para lhe suavizar a morte, como se faz aos condenados, aquele conselho de sacerdotes, príncipes e fariseus atirou-se contra ele como cães raivosos para o afrontar.

Os guardas o seguravam com as mãos atadas por trás, e com uma corda ao pescoço (ou talvez puxando-o pela longa cabeleira), para que não pudesse mover-se nem desviar o rosto das bofetadas. Mas isso não era necessário, pois ele ensinara na lei da paciência e humildade que os seus não deveriam apenas suportar com mansidão a bofetada recebida, mas também oferecer a outra face — para que ambas partilhassem da glória de sofrer por amor de Deus.

E assim, quando o divino Cordeiro se viu em ocasião de dar exemplo do que ensinara, esteve tão longe de resistir ou afastar o seu santíssimo rosto, que já estava profetizado muitos anos antes que não o desviaria das bofetadas, nem dos escarros e injúrias que lhe fariam.

E não se escandalize ninguém de vê-lo, em casa de Anás, protestar contra aquele que o injuriou com uma só bofetada, e depois vê-lo em casa de Caifás calado diante de tantas. Porque, como sapientíssimo mestre, quis adaptar-se ao nosso modo, para melhor nos ensinar. É costume da nossa fraca natureza sentir mais no começo das dores do que depois de acostumada a elas. E assim, a paciência que no início custa muito, depois se torna quase prazerosa. E ainda que nada disso houvesse em Cristo, que em tudo foi perfeitíssimo, quis ele, em casa de Anás, consolar os fracos e ensinar-lhes a sofrer com mansidão, mesmo quando ainda não conseguem suportar com alegria — pois esse esforço será aceite por Deus.

Mas para que não tenham dúvida de que, se perseverarem na virtude e na paciência, a dor se converterá em gozo e a pena em glória, quis o Senhor, quando em casa de Caifás descarregaram sobre seu santíssimo rosto tantos golpes e bofetadas, calar-se e não desviar o rosto.

Quando, pois, todo aquele conselho infernal se levantou contra o manso Cordeiro com bofetadas — com tanto ódio represado de muitos dias e agora sem obstáculo que os detivesse — não se pode imaginar com que fúria, com que palavras ofensivas e quanta desumanidade golpearam aquele santíssimo rosto, que a nada resistia nem se escondia. Tantos eram, e tantas bofetadas lhe deram, que o rosto sacratíssimo ficou coberto de vergões e inchaços sobre inchaços, e tão desfigurado da sua natural formosura, que só a alma pode imaginar — pois nem palavras nem pena bastam para descrever.

Tão desfigurado ficou, que, para enaltecer o amoroso fervor da fé neste Senhor — cuja beleza nenhuma afronta pode apagar no coração dos que verdadeiramente o amam — o profeta Isaías, prevendo esta afronta, disse: “Não tinha beleza nem formosura; olhamos para ele, e não tinha aparência alguma: por isso o desprezamos e o desejamos; desprezado e abandonado pelos homens, homem de dores e experimentado nos sofrimentos; tão apagado e desprezado era o seu rosto, que ninguém fazia caso dele. Subirá diante de Deus como raiz em terra seca.” (Is 53,2-3)

Com verdade, tudo isso foi ele tomar sobre si nossas dores e enfermidades, para nos curar com o seu sangue.

O mesmo profeta, antes de dizer tudo isso, declara que ninguém o acreditaria, e pergunta a Deus: “Senhor, quem acreditará no que direi? E quem reconhecerá que isto é obra vossa?” (Is 53,1). Por isso, já que assim ficou desfigurado o rosto do Senhor — e pode isso servir de prova da pureza da fé que nele crê mesmo sem ver a sua beleza — não resta dúvida de que pouco se pode compreender nem declarar o quanto os maus judeus o maltrataram e o deixaram dilacerado, depois de tantas bofetadas

A este tipo de afronta, acrescentaram ainda um novo modo de escárnio. Era o rosto do Senhor tão belo e majestoso, tão modesto e grave, que movia todos os que o viam a tanta veneração, que nem com o ódio mortal que lhe tinham aqueles malvados conseguiam libertar-se do todo de algum respeito por Ele, por mais que o desejassem. Além disso, tinham grande experiência de que o Senhor via e conhecia os pensamentos e os corações, e sabia muito bem das suas malícias, as quais Ele lhes tinha muitas vezes desmascarado — o que um tanto lhes quebrava a fúria.

Por isso, alguns dos principais inimigos de Cristo inventaram que lhe cobrissem o rosto (como de facto fizeram), para que ninguém se sentisse movido a respeito por Ele e assim pudessem atacá-lo mais desavergonhadamente, sem nenhum pejo. Tendo, pois, o seu sacratíssimo rosto coberto — sendo esta a primeira ocasião em que o ódio deles teve prazer em pôr as mãos no Senhor, sem que nada os refreasse em respeito ou vergonha — começaram aos saltos, com festas, a brincar com o Senhor como se fosse um louco. Um dava-lhe de um lado, outro de outro; e cada um, escarnecendo da sua sabedoria e da sua profecia, dizia: — Adivinha, profetiza: quem foi que te bateu?

Mais adiante, no capítulo XLV, trataremos do escárnio à sabedoria de Cristo como um género novo de sofrimento que o Senhor passou. Mas este modo de escárnio e zombaria do Senhor parece-me o maior que a malícia humana pôde inventar! Pois bem considerada a majestade daquela divina Pessoa humanada, confrontada com a perversidade daquela gente vil que o afrontava, com a baixeza, profanidade e atrevimento de tão abominável escárnio, só nos resta calar e pasmar. E não é menos espantoso ver desprezado o sofrimento, o silêncio e a mansidão do Senhor, entre tantos e tão grandes desprezos e humilhações da sua pessoa.

Muito mais do que tudo isto, espanta-me — a meu ver — a grande inversão que o mundo deu ao que neste espelho de luz eterna se vê. E não falo de gente que não crê nem adora essas afrontas como o verdadeiro remédio de seus males, mas — muito mais espantoso ainda — falo de cristãos, que somente na virtude e no merecimento dessas afrontas confiam para que lhes sejam abertas as fontes eternas de todos os bens do Céu. E, no entanto, são estes mesmos que hoje fazem das bofetadas uma questão de honra a ponto de perder a alma e tirar a vida a quem as dá — muito mais do que qualquer nação de infiéis que não conhecem este Senhor e que blasfemam de tais mistérios divinos.

E vivem com esse juízo tão pervertido como se fosse uma determinação do Céu da qual nem Deus poderia dispensar. Ó cristandade tão pervertida, tão desprovida de consideração pelas verdadeiras obrigações! O Céu ganha-se pelo exemplo deste Senhor — e não de outro modo. A alma perdida não pode ser recuperada com coisa alguma que supra tamanha perda. A

diferença entre a majestade de Cristo e a baixeza do pecador é bem conhecida e confessada. Que seja mau para o cristão o que não foi para Cristo — a fé o nega. Que tudo o que Cristo ensinou seja verdade e tudo o contrário erro e falsidade — a fé o confessa.

É destas mesmas afrontas que a alma tira a esperança firme de poder alcançar os bens do Céu. O amor se acende ao ver o Senhor padecer. Só a presunção da vaidade, a opinião da carne e o apego à terra cegam de tal forma os corações dos cristãos que tudo quanto se vê em Cristo, tudo quanto se pode escrever ou ensinar disso conforme a verdade evangélica, são como palavras lançadas ao vento — e tão lançadas atrás das costas e fora do coração como se fossem puras mentiras e erros.

É uma grande maravilha, e fora de toda a razão, ver tão grande desatino — e tão generalizado — na cristandade. Pois todo esse juízo perverso que os cristãos têm nesta matéria não o têm por amor da alma, mas por amor do corpo. E esse mesmo corpo, morrendo, essas próprias pessoas tão erradas o entregam a um homem qualquer que lhe deita terra sobre o rosto e o pisa aos pontapés, sem estima nem respeito, porque já nada lhes aproveita.

E no entanto, quando tinham a alma no corpo, e podiam — com o sofrimento de muito menos do que isso — conquistar o Céu e obter todos os bens de Deus para possuir com honra eterna, esses mesmos aconselham que é dever perder corpo, alma e tudo antes de sofrer uma pequena injúria do corpo!

Muitos males têm alguma desculpa na ignorância; outros, na fraqueza humana; outros ainda, em ocasiões repentinas. Mas este aqui é tão conhecido, que os próprios que o cometem, sob pena de serem tidos por hereges, confessam que é puro erro — contra o que creem, contra a lei de Deus que prometeram guardar, contra a doutrina e o exemplo de Cristo. E que o que Cristo ensinou é a pura verdade. Não se baseia em fraqueza humana, pois não é algo a que o apetite vença — antes, todos desejariam nunca ver-se nestes termos. Não é coisa que venha por ocasião repentina, pois se baseia na deliberação do juízo e da vontade. Por isso não tem outro fundamento senão pura malícia diabólica e juízo pervertido — pelo qual, sem dúvida, Cristo nosso Senhor se vê muito mais ofendido e afrontado do que com as bofetadas que sofreu.

Cristo nosso Senhor não poderia tornar-se mais claro connosco do que nestas palavras do Evangelho: «Aquele que se envergonhar de mim diante dos homens, eu me envergonharei dele diante de meu Pai Eterno.»

E é muito justo que o Senhor ponha como ponto de verdadeira honra o não querer em sua companhia no Céu quem se envergonhou de fazer o que Ele fez na Terra. Pois pecadores tão baixos e miseráveis fizeram disso, na Terra, ponto de falsa desonra — e como se fosse verdade, fecharam os ouvidos e o coração à verdade de sua doutrina.

Por isso devem dar muitas graças ao Senhor os que professam o estado religioso, pois no meio de um mundo tão errado, Deus lhes tirou essas falsas obrigações de pontos de honra. E até os próprios filhos do mundo, que por esses pontos se perdem, se escandalizam por eles não imitarem a Cristo nosso Senhor no sofrimento de toda a injúria. E devem sair pela honra de Deus — em público e em secreto — glorificando-se dessa sua ditosa sorte, e guardar-se de tamanha desgraça: que não venham a retroceder nem a introduzir nos mistérios de Cristo os pontos de honra mundanos de que Deus os tirou.

E os que vivem no mundo, lembrem-se: pois têm um Senhor e Juiz que nunca, eternamente, dispensará das verdades da sua lei, nem aceitará desculpa alguma por não ser imitado e obedecido. Ele declarou que o mundo é seu inimigo. Por isso, trabalhem por se decidir quanto antes com firmeza, antes que entrem com este Senhor em juízo. Porque tão brando como agora o vemos em sofrer bofetadas e injúrias por amor de nós, tão rigoroso o havemos de encontrar em condenar os que, segundo os juízos do mundo, não quiseram nisto imitá-lo.

Aconselho a todos os que acharem isto muito difícil que não desconfiem da misericórdia do Senhor. Mas que façam diante d’Ele uma firme e cristianíssima determinação de não se regerem pelos pareceres do mundo, ainda que isso lhes custe a honra e a vida. E feita essa determinação, que se vão com muita desconfiança de si mesmos aos pés deste Senhor e, perante estas mesmas bofetadas e afrontas, peçam misericórdia. Pois, se foram tão poderosas que abriram as portas do Céu e esvaziaram os infernos, que estavam tão fechados, queiram também abrir um coração humano, para que

nele entre a luz e a graça divina, que tire todos os medos terrenos e o torne forte contra todo erro mundano.

E Deus nosso Senhor — que para nenhuma outra coisa se deixou afrontar senão para plantar em nós o amor das verdades que, com as suas afrontas, nos ensinava — terá em conta esse desejo da alma e nela realizará as suas costumadas maravilhas.

Exercício das bofetadas.

Deixai-me, bom Jesus, contemplar a formosura desse vosso divino rosto, antes que esses malvados o desfigurem com vergões e inchaços.

Adoro-vos, ó beleza celestial, em quem os Anjos desejam sempre contemplar-se, em quem se alegram os bem-aventurados: alegria do Paraíso, glória dos que vos amam, doce e amorosa prisão dos que vos desejam e buscam. Quem se atreverá, Senhor, a tocar ou a levantar a mão contra a formosura desse santíssimo rosto? Já bastam, Senhor, todos os outros géneros de injúrias e afrontas que sofreis; não permitais que toquem nessa vossa divina formosura! Não permitais que vos deixem de conhecer as almas presas de amor por Vós, que apenas da vossa beleza vivem!

Ó desumanos, ó mais duros e obstinados que pedras! Se soubésseis quem aí tendes diante de Vós, se conhecêsseis a beleza que tocais, quão depressa vos converteríeis de lobos em cordeiros, de algozes em ovelhas!

Eu, Senhor… eu sou o duro! Eu vejo-vos levar bofetadas e continuo vivo… e ainda assim este meu coração não se quebra nem se derrete! Vejo-vos ser odiado com ódio mortal, e sofrer crudelíssimas bofetadas nesse rosto divino, e mesmo assim ainda me restam forças… e olhos… para continuar a ver.

Que é isto, bom Jesus? Não vos bastou ter os membros desconjuntados na cruz, nem ver abertas todas as vossas carnes com açoites, nem ter nada são nesse corpo, como hoje haveis de passar, senão que nem ao vosso rosto divino quisestes poupar? E por ele começaram os vossos tormentos?

Como pode haver coração e entranhas humanas diante da modéstia, da majestade e da beleza divina desse rosto? E ainda por cima vos cobrem o rosto, para que vos vejam com menos compaixão e piedade.

Na verdade, Senhor, Vós sois manso e humilde de vontade, de gosto e de coração: pois, se assim não fosse, não seria possível entregar esse rosto divino a tanta afronta.

Aqui, luz da minha alma, vejo quão longe estou de tal humildade! Digo em geral que estou disposto a sofrer tudo por amor a Vós… mas se olhar bem para mim, e confessar a pura verdade: sofreria eu bofetadas públicas, injustas, vindas de pessoas de menor condição? Embora agora diga que sim, porque vejo esse rosto divino tão maltratado por bofetadas, ainda assim confesso a minha miséria: conheço-me bem, e entendo que, na ocasião, ou me alteraria muito, e custar-me-ia bastante sofrer tal afronta, ou mesmo não a sofreria de modo nenhum.

Porquê, meu Deus? Porque tenho a humildade apenas na língua, e a soberba escondida nas entranhas desta má natureza!

Vós, divino Cordeiro, sendo humilde de vontade, coração e gosto, não estimais o vosso rosto divino, e entregais-vos calado, sofrido, cheio de amor — àqueles mesmos que vos afrontam… e a mim, que as mereço e nem as recebo.

E eu, sendo soberbo de coração e de vontade, nem com isso me dobro ao vosso mandamento de oferecer a outra face quando me batem numa.

Quando, Senhor, me humilhareis? Quando abatereis esta minha soberba? Quando me fareis manso e humilde de coração?

As leis do mundo acham justo tirar a vida por causa de uma bofetada, e estima-se mais o próprio rosto do que a vida do próximo. Só os escravos baixos e os sujeitos não se vingam das bofetadas que recebem dos seus superiores. E Vós, meu soberano bem, preferis a minha vida ao vosso rosto santíssimo?

Quem vos cativou assim por mim, meu Deus? Poderá alguém dizer de Vós que esse amor é cego ou louco?

Quem sois Vós? Quem sou eu? E Vós por mim?

Oh, mistério! Oh, fogo! Oh, altíssima grandeza do amor divino! Amor que tantas coisas faz num tão grande Senhor, e que assim o humilha por amor de mim… como não me consomes? Como não me mudas, este verme da terra? Como não me humilhas por amor de Vós?

Acaso achais em mim, miserável, mais resistência do que na vossa divina Majestade?

Oh, miserável! Oh, frio! Oh, pobre de mim! Quão longe estou deste fogo! Quem me dera já o sentir em mim!

Confundo-me, Senhor, ao ver que esses que vos esbofeteiam tão desrespeitosamente não são brutos ou irracionais, mas homens da minha mesma natureza. Vejo-me filho do mesmo Adão, feito da mesma má massa, de uma natureza pervertida e cega, que ousou odiar essa beleza divina, atreveu-se a ferir esse rosto sagrado, teve nojo de olhar para essa soberana formosura, e malícia para a cobrir — para mais à vontade e sem pudor vos atormentar.

Não só, Senhor, mereci eu, pelos meus pecados, esses tormentos que sofreis; não só lhes dei causa, mas é minha também essa natureza que assim vos trata. E, todavia, não me aborreço de mim mesmo de todo o coração… antes, muitas vezes, amo-me mais a mim do que a Vós e à vossa lei.

Oh miserável de mim, quão baixo e quão vil sou! E ainda assim não me conheço, mas estimo-me, amo-me e arranjo razões para não me entregar completamente a Vós, para que me ameis, me abraceis, me transformeis, me humilheis e me eleveis.

Quando, Senhor, fareis essa mudança em mim? Quando me dareis esse santo ódio de mim mesmo? Quando me aborrecerei de verdade, ao ver que de mim se lança tanta malícia — e estando eu sem a vossa graça?

Oh meu bom Jesus, oh humilde Jesus, fazei Vós esta obra, pela qual tanto sofreis, e que com tantas afrontas me ensinais. Ela tem de ser vossa, não minha — porque, se me deixardes da vossa mão, sou pior que esses: sou tão duro, que, ainda que não vos esbofeteie com eles, também não me mudo, nem me humilho de coração, nem me aborreço de verdade.

Oh meu bom Jesus, é tão grande o ódio que esses vos têm, que nem querem ver coisa que lhes abrande a fúria — e por isso cobrem a beleza e a modéstia do vosso santíssimo rosto.

Como ficastes, Senhor, depois de mãos tão cruéis, de um ódio tão antigo e reprimido, que rebentou agora contra o vosso santíssimo rosto, em tantas e tão cruéis bofetadas?

Oh amor da minha alma, não escondais de mim esse vosso rosto, ainda que desfigurado, ainda que magoado! Assim o quero, assim o adoro — mostrai-mo assim, Senhor, pois é só a vossa formosura que me prende, e o amor com que desfigurais o vosso rosto é o que me cativa e inflama!

Perdoai-me, Senhor, nesta hora, os males que a minha alma sente ter cometido contra Vós. Quantas vezes, Senhor, vos cobri o rosto para mais livremente seguir os meus gostos… e não entendi isso; agora, no que vos fazem, iluminai-me e fazeis-me entender a verdade sobre quem eu fui até agora.

Que fazeis, Senhor, quando leio a vossa doutrina, ou ouço a vossa palavra, ou medito no que fizestes por mim, ou me inspirais interiormente, quando me moveis, chamais, mostrais quem sois, o que vos devo, a grandeza das minhas culpas, os meus erros, o caminho da verdade — senão descobrir o vosso rosto para que eu vos ame, e lançar os raios da vossa divina face sobre mim, para que eu fuja de mim mesmo, vos siga, abandone a má vida, guarde a vossa lei, vos possua e me deixe prender pelo vosso amor?

E que faço eu, quando com a minha deslealdade não vos acudo, nem respondo aos vossos chamamentos, nem agarro estas verdades, quando vivo num esquecimento de Vós, preso e cativo de mim mesmo e do gosto dos

meus males — senão tapar a luz da vossa formosura, que me tira da fealdade dos vícios que amo?

Oh misericórdia infinita! Se não fôsseis infinita, não me poderíeis suportar!

Dai-me, Senhor, desde agora para sempre, que nunca mais vos perca de vista — mas que sempre vos tenha presente. Assim como vos fugi até agora, que vos busque daqui por diante. Que acabe já a minha dureza e cegueira — e, mesmo pelo que fiz até agora, não deixeis de me mostrar o vosso rosto e de mover a dureza desta alma, pois é maior a vossa misericórdia que a minha malícia desgraçada, e podeis mais perdoar do que eu pecar.

--- Duas páginas ilegíveis ---

Basta já, Senhor, o que tendes padecido; mandai cessar esses malvados, descobri esse divino rosto, para que eu o adore, e me deixe prender por ele, e me derreta todo no vosso amor.

A Moisés cobriram os judeus o rosto, por causa do grande resplendor que trazia do convívio que tivera convosco, para assim poderem conversar com ele; e a ele queriam ouvir, e não a Deus, para não morrerem.

Mas as almas que de todo o coração vos desejam, meu Senhor, que vos buscam com amor, e seguem a vossa formosura, presas do fogo da vossa caridade — essas não! Elas desejam ouvir a vossa voz, e querem conversar convosco face a face. Aborrecem tudo o que possa impedir isso. Não suportam entre Vós e elas nenhum obstáculo, nem sequer o mais pequeno, que possa encobrir a vossa soberana beleza.

Moisés, que vos conhecia e ardia no vosso amor, só por ver a vossa face suspirava, e vos dizia que, já que tanto prezáveis a vossa amizade com ele, lha mostrásseis.

Pois como, Senhor, podeis estar diante de mim com esses olhos tapados, e eu não hei de ver-vos?

Descobri já, vida da minha alma, esse rosto ao vosso indigno servo, pois só dele espero a luz e o fogo com que vos hei de conhecer e amar. Transformai-me todo em Vós. Prendei, Senhor, hoje mesmo este coração.

E se tem de ser em alguma hora, porque não há de ser agora?

É verdade que, se eu for vosso, nada me poderá encobrir os vossos raios, e de todo o modo vos reconhecerei onde quer que vos encontre, se vos amar fielmente e de coração puro. Mas, saúde da minha alma, quem há de fazer isto senão Vós?

Senhor meu Jesus Cristo, a Vós peço, nesta hora, misericórdia. Lembrai-vos, Senhor, que esses olhos que os judeus taparam não puderam, nessa mesma hora, deixar de voltar-se para o vosso apóstolo São Pedro, que vos estava a negar.

Mas, como está escrito, Vós o encontrastes com os olhos corporais tapados, e lançastes os vossos divinos raios ao seu coração, com os quais o iluminastes, e lhe fizestes ver o seu estado, e chorar o seu pecado, e emendar-se, e voltar a Vós de coração.

Pois Senhor, Vós sois ainda esse mesmo. Olhai-me, Senhor, com misericórdia; penetrai-me com a força dos vossos divinos raios; fazei-me entrar dentro de mim mesmo, conhecer quem sou, e chorar as minhas culpas.

Arrebatem-me todo para Vós, e nesta hora tomai-me por vosso. Pois aqui estou, como posso e quanto posso, e me ofereço e entrego a Vós.

Mudai-me daquilo que até agora fui; dai-me o vosso amor, que me una e traga sempre atrás de Vós, preso à vossa formosura, meu bom Jesus, meu verdadeiro Senhor, Mestre e Pastor da minha alma tresmalhada.

Ó Santíssima Mãe de Deus, que mais do que todos amastes e amais a beleza deste Senhor, e que mais do que todas fostes magoada e ferida quando com os vossos olhos o vistes tão desfigurado, inchado e cheio de marcas das duras bofetadas, e que mais do que todas as criaturas andastes sempre presa da claridade desse divino rosto: Lembrai-vos deste miserável

pecador, e alcançai-me desse Senhor aquilo que Ele me quis ensinar com estes sofrimentos. Tomai conta de mim, Senhora, para me trazerdes sempre preso atrás d’Ele.

Ó santos Anjos, que vos alimentais da beleza desse divino rosto; ó Corte celestial, que estais presos, absorvidos e glorificados com a formosura dessa claríssima face: amai, louvai, exaltai, adorai e glorificai este Senhor quanto puderdes. Ardei em fogo por Ele, por Vós e por mim. Supri as faltas das minhas tibiezas e friezas. E, já que vedes aí de perto o que perde quem anda longe dessa formosura, alcançai-me a misericórdia desse Senhor, a lembrança perpétua desse rosto, uma união inseparável de amor com Ele, e o ódio de tudo o que d’Ele me separa. Amém.

TRABALHO XXXII

Do Senhor ser cuspido.

Juntamente, e ao mesmo tempo que sofreu o tormento das bofetadas, passou o Senhor por outro suplício, não só gravíssimo de suportar, mas, pela sua natureza e pela intenção dos que lho infligiram, extremamente vil e afrontoso: cuspiram-lhe no santíssimo rosto.

Este tormento foi, para o mesmo Senhor, de tão grande importância e afronta, que não só quis que o profeta Isaías o anunciasse, ao dizer que não afastaria o rosto dos que nele cuspissem, mas também Ele próprio, ao falar aos seus santos Apóstolos dos sofrimentos que havia de padecer na sua Paixão, nomeando apenas quatro ou cinco dos principais, entre eles disse que seria cuspido.

Com muita razão o Senhor valorizou e teve em grande conta este género de afronta e sofrimento: porque todos os outros, por grandes que sejam, são comuns aos homens. Muitos recebem bofetadas, falsos testemunhos, açoites, mortes e outras coisas dolorosas; mas cuspir no rosto de um homem não é coisa que normalmente se faça a alguém.

Este sofrimento não causa grande dor física nem pena, porque a troça não fere nem mata; mas encerra em si uma enorme baixeza. Pois quem a pratica mostra-se, por um lado, extremamente vil, sem vergonha, sem cortesia, sem entendimento, pior que um bárbaro ou bruto; e, por outro lado, revela gravíssimo ódio e desprezo por aquele a quem afronta. E o injuriado fica a sentir que não há coisa tida em mais baixa conta do que o seu rosto e a sua pessoa.

Com efeito, por se considerar baixa e grosseira educação escarrar diante da pessoa com quem se fala, e por ser algo repugnante, as pessoas costumam virar-se para um canto para o fazer, ou apagar o escarro discretamente. Há até povos bárbaros que, apesar de tolerarem muitas coisas feias e repulsivas, consideram insulto imperdoável cuspir-lhes na cara.

Este respeito não o tiveram, nem de longe, os perversos fariseus, sacerdotes e príncipes do povo para com o rosto divino e sacratíssimo de Cristo nosso Senhor. Antes mostraram tê-lo em tão pouca estima, que consideravam justo e merecido lançar nele o seu escarro venenoso.

Assim, não contentes com as muitas bofetadas que lhe deram — como foi dito no capítulo anterior — acrescentaram ainda esta afronta vergonhosíssima. E sem pudor ou vergonha, antes com festa, prazer e desejo de saciar o ódio mortal que lhe tinham, aproximavam-se d'Ele, e, depois da bofetada, cuspiam no seu santíssimo e gravíssimo rosto, digno de toda a veneração, adoração e reverência.

E como se fossem membros de Satanás, depois do escarro lançavam das suas entranhas infernais e corações condenados palavras e injúrias tão feias e imundas, que pareciam querer justificar com elas a afronta horrível que lhe faziam.

Um, cuspindo-lhe, chamava-lhe maldito; outro, enganador; outro, peste do povo; outro, blasfemo; outro, bêbado; outro, inimigo da Lei de Deus; outro, hipócrita; outro, feiticeiro; outro, samaritano; outro, possesso do demónio; outro, companheiro de Belzebu, príncipe dos demónios — e muitos outros nomes ainda mais feios, com os quais mostravam que, segundo eles, pessoa tão pestilenta e abominável não devia ser tratada senão com tamanho insulto: cuspir-lhe como a uma criatura impura e infecciosa do mundo, indigna de viver e até de ser chamada homem.

Nisto gastaram uma boa parte da noite, até que se cansaram, e decidiram recolher-se para, no dia seguinte, voltarem com novas invenções de injúrias, para executarem o que haviam decidido contra o Senhor.

Mas o Inocente Cordeiro, a Formosura do Céu, a Glória do Paraíso, não se cansava de sofrer, nem resistia ao que lhe faziam. Assim como nunca afastou o seu rosto e os seus olhos das necessidades de todos os que o buscavam, e nunca se mostrou carregado ou aborrecido quando alguém dele necessitava, também agora, para sofrer tamanhas afrontas, não escondeu o seu sagrado rosto, nem recusou suportar tudo quanto os seus malvados inimigos quiseram fazer-lhe — com tanta mansidão, brandura, paz,

modéstia e paciência de cordeiro, como se naquela hora estivesse a acolher pecadores, que era o que com mais gosto e graça fazia.

E ainda que ali não tivesse todos os pecadores, com o que por eles sofria sentia-se plenamente satisfeito.

Admirável é que o Senhor quisesse que, entre tantos e imensos sofrimentos que quis padecer na vida e na sua santíssima Paixão, não faltasse também este género tão vil de afronta. Porque não padecia apenas o que os seus inimigos, por ódio e malícia, lhe faziam sofrer, mas tudo o que, no seu eterno conselho, tinha decidido padecer.

E ainda que esta decisão do seu soberano conselho não movesse os corações daqueles que o escarneciam (porque Deus não é autor dos pecados, nem os inspira), quis Ele, pela sua vontade divina, ordenar as coisas de modo que viessem às mãos de gente tão perversa, da qual bem sabia que havia malícia suficiente para lhe fazer tudo quanto Ele decidira sofrer pelos pecadores — sem que isso tornasse Deus causa dos seus males.

O Senhor teve muitas e gravíssimas razões para assim o querer.

Primeiramente, assim como na sua natureza divina é perfeitíssimo, assim quis sê-lo também nas obras e virtudes que na sua sagrada humanidade havia de exercer — de tal modo que ninguém lhe pudesse igualar, nem sequer imaginar algo que lhe faltasse. E isto tanto nas obras que mostravam o seu poder e grandeza, como nas que por nós quis humilhar e abater a sua pessoa.

Assim como foram admiráveis as obras miraculosas do seu poder, não o foram menos os excessos de humildade a que se quis submeter. Porque nas suas grandezas elevava a nossa fé, esperança e amor; nas suas humildades ensinava e iluminava a nossa cegueira e erro.

Por isso, quando chamou todos a Si, disse de Si que a todos daria descanso e seria como fonte de todos os bens; e ensinou que se agradaria de todos, mas apenas daqueles que o imitassem em mansidão e humildade de coração.

E assim, para atrair todos a Si, abriu os tesouros divinos de sua grandeza; e, para que ninguém tivesse desculpa para não o imitar, caminhou pelas mais baixas manifestações de humildade que se possam imaginar.

O profeta David dissera, na pessoa deste Senhor, até que extremo se humilharia: que não seria sequer reputado como homem, nem tratado como ser humano, mas como o mais baixo e desprezível verme da terra, que não merece consideração alguma. E ainda que andasse entre as pessoas, seria tido e desprezado como o opróbrio e a abjeção do povo.

Estas duas palavras — opróbrio e abjeção do povo — são de significado extremo e descrevem um estado de profundo abatimento. Opróbrio do povo é aquilo de que, com razão, todos se podem envergonhar e desprezar como a própria vergonha da humanidade. Abjeção do povo é aquilo que merece ser tão desprezado e esquecido, que é demais até para andar debaixo dos pés dos homens — coisas repugnantes e peçonhentas, que provocam asco e que os olhos não suportam ver, e pessoas tão más e prejudiciais à sociedade, tão escandalosas, que todo o povo se envergonha de saber que existem entre si.

A este grau de desestima e desprezo quis chegar a humildade de Cristo nosso Senhor. Por isso não se contentou com andar aos pés dos ministros do demónio, como o mais desprezível verme da terra, mas permitiu que nele e sobre ele se cuspisse — com os olhos tapados — como coisa imunda e indigna de ser vista.

Daqui podemos entender outra razão por que o Senhor quis passar por este género de afronta. Porque Ele não sofreu apenas para satisfazer por nós, mas muito principalmente para nos ensinar e instruir.

Quis, com isto, ensinar-nos como nos devemos humilhar diante de Deus para lhe sermos agradáveis. Vemos neste divino Mestre que, porque nada havia n’Ele que o pudesse humilhar, deu-nos exemplo de humildade ao submeter-se a baixezas que com razão seriam próprias, se n’Ele houvesse os males e culpas dos filhos de Adão.

E não há dúvida de que, se o nosso Senhor tivesse cometido os pecados de que o acusavam, e os que sobre Si tomou para pagar por eles, teria sido

pessoa tão má e nociva ao mundo, que justamente poderia ser desprezado como a própria peste e perdição da humanidade.

E como nele não cabia o pecado, satisfez as penas desses pecados — que assumiu como suas — sofrendo os próprios castigos que tais pecados justamente merecem. Por isso suportou prisões, correntes, juízes, açoites e morte.

Mas, para que todo o pecador saiba a justa medida em que os seus pecados são tidos diante de Deus — e em que ele próprio os deve ter —, quis o Senhor, entre os seus sofrimentos, ser cuspido. Assim, cada um pode reconhecer em si que, enquanto não sente nojo dos seus pecados e não os apresenta diante de Deus com verdadeira repulsa, de modo a entender que até as criaturas, entre si, se envergonham de coisas más, muito mais razão tem Deus para sentir nojo e aversão de tão grande mal, que são os pecados. E, sem este sentir profundo, o homem nem sabe humilhar-se verdadeiramente, nem sabe arrepender-se de modo perfeito dos pecados que cometeu contra Deus, nem aborrecê-los.

Com isto, poderão os homens compreender algo do espírito de muitos santos, que andaram pelo mundo a buscar modos de serem tidos por loucos e publicamente desprezados — e todo o seu prazer era serem humilhados e maltratados. Alguns nem sequer se defendiam quando, contra toda a justiça, se viam em perigo de morte.

Faziam tudo isto porque, iluminados por Deus no verdadeiro conhecimento de si mesmos e na justa estima do que merece uma natureza tão inclinada ao mal como a nossa, ofereciam-se a tudo quanto os pudesse abater — julgando que a coisa mais injusta da vida era serem tolerados no Céu e na Terra.

E quando viam que a verdade sobre o que eles mereciam era o que fazia o Senhor ser atormentado e afrontado — sendo eles perdoados — toda a humildade lhes parecia pouca e todo o abatimento, insuficiente. Isto faziam os Santos, cheios do espírito de Cristo nosso Senhor e das suas virtudes, com muito menos pecados do que os que a maioria das pessoas comete. Que pensarão então de si mesmos aqueles que se deleitam nesses mesmos pecados e vivem para satisfazer todos os seus apetites e desejos?

A esses lembro apenas uma coisa: que o Senhor, que tanto padeceu e tanto fez pelas suas almas, e que para lhes perdoar e as salvar passou por tão grandes extremos — que causam espanto a quem neles medita — esse mesmo Senhor virá a desprezar, lançar fora e condenar para sempre essas mesmas almas que tanto amou. Isto é uma demonstração evidente de quanto Ele aborrece os pecados que cometemos com gosto e dos quais não fazemos caso, a ponto de, por causa deles, esquecer a alma que tanto amou e por quem tanto padeceu, recusando fazer-lhe misericórdia, lembrando-se de tudo o que sofreu, para que — por ser ela ingrata e não odiar os seus próprios males — exerça sobre ela a sua rigorosa justiça.

Deixando de lado todas as outras razões pelas quais o Senhor quis passar por estas afrontas, não posso deixar de referir uma só, que é para consolação dos justos. Estes, como sempre procuram humilhar-se e abater-se, são também desprezados e humilhados pelo mundo, que os tem por seus inimigos. E porque são estimados e amados de Deus, quis o Senhor dar-lhes em si mesmo o melhor refúgio onde pudessem sustentar-se, quando se vissem como vermes debaixo dos pés de todos: o amparo do seu santíssimo rosto e da sua vida. Porque, assim como o lugar próprio dos vermes é o pó e o monturo, quis o Senhor que o mundo fizesse do seu puríssimo rosto um lugar de escarros nojentos e monturo do mundo, para que a Ele se recolhessem os bichinhos do mundo desprezados, mas muito estimados por Ele.

Assim disse David acerca destes desprezados: «Escondê-los-eis, Senhor, no vosso secreto, ocultos da perturbação dos homens e das contradições das línguas». E não havendo nada mais visível do que o rosto do Senhor, será justamente esse rosto o lugar escondido onde Ele guarda os seus. Assim é, porque nesse rosto do Senhor, tão desfigurado por bofetadas e escarros, está oculta e escondida a sua beleza substancial e divina, a qual Ele revela apenas aos seus, e que o mundo não valoriza. E estes ficam assim tão protegidos e guardados, que nenhum mal, nem perturbação dos homens ou das línguas, os pode atingir. Pois, embora o Senhor possa ser afrontado e desfigurado exteriormente, o que n’Ele era divino nunca pôde ser diminuído; antes ali estava reservado para os que se abraçam à humildade daquele rosto humilhado. Por Ele, como pequenos insetos humildes, se

recolhem, e no seu calor e suavidade se sustentam, ficando de fora os que, com soberba, se recusam a imitá-lo.

No meio de todos esses trabalhos e escárnios, que tanto desfiguravam o rosto do Senhor, Ele não quis estar tão oculto às almas que deixasse de, no meio deles, mostrar os grandes frutos espirituais que delas podemos colher, se os tratarmos com fé e amor. Isso mostrou-se em São Pedro, o qual, tendo prometido com grande confiança que morreria antes de negar o Senhor, ouviu deste que, naquela noite, o negaria três vezes antes de o galo cantar duas.

Assim aconteceu. Na casa de Anás, onde deram ao Senhor a primeira bofetada — era meia-noite —, perguntaram a São Pedro se era discípulo do Senhor, e ele disse que não o conhecia; então cantou o galo pela primeira vez. E na casa de Caifás, estando ao lume com os guardas e os criados, à mesma pergunta, negou duas vezes conhecer Cristo e ser seu discípulo, com juramentos e pragas que lançava sobre si se o fosse. Isto foi por volta das duas da madrugada, no momento em que os fariseus, sacerdotes e príncipes davam bofetadas e cuspiam no rosto do Senhor.

Mas o Senhor, que estava mais empenhado em remediar os pecados do que em sentir o que padecia, e que, como Deus que era, sabia do pecado que São Pedro cometia no pátio ao negá-lo — e que sem a sua luz e graça o negaria até à morte —, teve misericórdia dele e lançou interiormente os seus divinos olhos sobre a sua alma, para que não prosseguisse na negação e se perdesse.

Com esse olhar interior, com que Deus tocou São Pedro, cantou o galo pela segunda vez, o que o despertou, e ele olhou para o mal que fizera. Sentiu medo e repulsa de si mesmo e, deixando a má companhia na qual o negara, saiu com humildade, chorando tantas lágrimas que mereceu o perdão. E era justo que as lágrimas e penitência daquele que havia de ser cabeça da Igreja Católica fossem o primeiro fruto desses sofrimentos que o Redentor do mundo padecia pelos pecadores, para que todos estivessem certos de que, se não fecharem os olhos da alma à luz que sai daqueles divinos olhos tão afrontados por nós, experimentarão em si que aqueles abatimentos são sua honra, aqueles desprezos de Cristo, sua exaltação, e aqueles abandonos dos homens, o seu verdadeiro remédio.

E pois que tudo quanto os maus quiseram desfazer em Cristo se tornou em riquezas e bens para nós, ninguém queira ser pobre por dureza de coração, mo meio de tantas abundâncias de bens que se dão aos humildes.

Exercício do Senhor ser cuspido.

Sapientíssimo conhecedor dos meus males, bom Jesus, e verdadeiro remediador deles, dou-vos infinitas graças, porque assim aplicais a cura e o remédio como os conheceis e sofreis. Eu, por não os saber estimar, considero os meus pecados leves, e não os sinto como merecem. E, como não vejo o mal que me fazem, não procuro remediá-los. Vós, sabedoria eterna, que vedes quão apegados estão à minha natureza os meus males — assim como as sujidades antigas, endurecidas e muito pegadas a outras coisas baixas e ásperas, são esfregadas para poderem ser limpas — assim quisestes que a cura dos meus pecados fosse dor, abatimento e desprezo de mim mesmo, para arrancar o velho amor-próprio e o apreço por aquilo que sei que me afasta de Vós.

E já que tomastes sobre Vós as minhas culpas para as limpar, quisestes que se fizesse em Vós o que merecia que se fizesse em mim. Eu sujei, vida da minha alma, a vossa imagem em mim. Eu é que havia de ser purificado com coisas ainda mais baixas do que aquelas que amo contra a vossa lei. Mas Vós, meu Deus, pureza infinita — que tendes Vós a limpar, para que assim vos abatêsseis? Haveria coisa mais vil neste mundo a que vos pudésseis abaixar do que permitir que cuspissem nesse sacratíssimo rosto e pessoa? E com tantas palavras e injúrias, como se Vós fôsseis a peste do mundo, um blasfemo, um feiticeiro, um enganador, destruidor da República, indigno da convivência humana, cospem-vos e desonram-vos, meu verdadeiro bem e minha eterna bem-aventurança.

O que há em Vós para se rejeitar? O que pode incomodar na vossa convivência? O que nos pode enjoar nos vossos bens para que assim vos cuspam? Ó meu Deus, esse sou eu, e não Vós. Não se pode fazer nada que eu não mereça, eu que deixo os vossos prazeres pela torpeza que sigo; eu que abandono a vossa companhia pelas misérias que procuro; eu que troco a vossa amizade, os vossos suaves e divinos abraços, os vossos bens, os que

me dais e prometeis, por tantas e tão baixas coisas que amo e estimo em lugar deles.

Sou eu, Senhor, quem verdadeiramente merece que todas as criaturas me cuspam por ser um pecador miserável e nojento, indigno de ser visto ou ouvido. E Vós, infinita misericórdia, a mim honrais, a mim poupais, e por mim entregais o vosso divino rosto e a majestade da vossa pessoa, abatida e humilhada a tão baixas injúrias e desprezos. Ó Senhor, torne-se isso a mim, já que só Vós o tomais sobre Vós. Dai-me graça para que interiormente em mim se faça o que vejo fazer a esse divino rosto.

Ensinai esta alma cega a ter repulsa das imundícies corporais, a enjoar dos seus gostos, a cuspir e a ter asco do que tão injustamente dela vos afasta. Ensinai-me a aborrecer uma coisa tão baixa como eu sou, pois vos troco, a Vós que sois soberana bem-aventurança e infinita riqueza, por coisas tão baixas como as que amo. Não faço isso, Senhor meu, senão porque sou, por mim, vil e terreno, e pela culpa muito mais torpe, pois não sei amar senão aquilo que se parece comigo. Mas Vós, Deus da minha alma, pois me criastes para outros bens, fazei nascer em mim os frutos desses escarros e escárnios.

Para me levantardes, meu Deus, vos abatestes; e para me ensinardes quão pouco devo estimar-me e quanto devo desprezar tudo o que de Vós me afasta, quisestes que a vossa pessoa e o vosso sacratíssimo rosto fossem tidos por tão baixos, que se lançasse sobre eles a coisa mais nojenta do mundo. Ó duro coração, que vejo isto e acredito, e mo mostrais, e ainda assim não vou pelas praças para que todos conheçam quem sou, e me tratem como Vós fostes tratado por mim! Em vez disso, fico ainda a estimar-me — e não ardo por me ver como vos vejo? Ó baixeza minha, metida no íntimo desta alma! Quando, Senhor, me levantareis do lodo? Quando me desapegareis de mim mesmo, para que me veja e me aborreça?

Mandai, Senhor, a vossa luz e verdade, que me iluminem e me guiem, que me tirem de mim e me ponham em Vós. Porque só estando em Vós poderei começar a ter medo e nojo de mim. Vós, Senhor, que me vedes e conheceis, que mais podeis fazer por mim do que mostrar-me, no vosso divino rosto e pessoa, como eu estou dentro de mim, e como me devo

tratar? Ai de mim, miserável, que nem sei sentir-me, nem posso comigo! Misericórdia, Senhor, misericórdia, bom Jesus.

Com quanta verdade dissestes, Senhor, por David, que sois um verme da terra e não homem (Salmo 21), e que sois opróbrio e o mais desprezado do povo. Pois não só vos fizestes um verme desprezado, que todos pisam, com quem todos se atrevem, que ninguém estima, e que está sujeito a pequenos e grandes, maus e bons, brutos e humanos, andando debaixo dos pés de toda a criatura — como agora vos vejo ser tratado por esta gente, meu Rei e Senhor da glória — mas até do vosso sacratíssimo rosto e pessoa quisestes fazer lugar para coisa tão nojenta como escarros.

Ó tesouro do Céu! Ó Filho do eterno Pai! Encontrastes alguma coisa mais baixa com que vos comparar? Sei que, se houvesse, até aí vos abateríeis e a ela vos abraçaríeis. Todo sois esse, meu Senhor, desde que nascestes até à morte. Eu, quando muito, conheço-me como o monturo do mundo — e assim me tenho na estima, porque o sou por dentro e por fora, e nisso hei de acabar. E se estou firme nisso, e sem mudança, dizem que pareço humilde. E Vós, meu Deus, Vós, soberana e infinita Majestade, que na estima não vos podeis ter por menos do que sois, mudastes essa estima em obras, nas coisas abatidas às quais vos abaixastes humildemente.

Que vos darei, Senhor, por tudo quanto fizestes por mim? Bem sei, Senhor, que nada tenho para vos dar, mas sei o que quereis: a mim mesmo, meu Deus, quereis. Pois vida do meu coração, por que não me tomais? Não sou vosso? Deixais talvez de o fazer porque sou livre e não quereis forçar-me? Ó liberdade mal empregada em mim, que só dela me sirvo para vos fugir e me perder!

Pois, Senhor, já que esperais que eu me entregue, eis-me aqui, meu amor; eis-me aqui, vida da minha alma. Passai esses escárnios em mim, tratai-me à vossa vontade para vossa glória, pois até aqui me tratei a mim mesmo para vossa desonra. Eis que nesta hora me ofereço quanto de coração posso em vossas mãos e à vossa providência. Fazei de mim o que quiserdes: cortai, castigai, atribulai, abatei, levantai, como for de vosso maior agrado. A minha liberdade vos entrego. E só vos peço, Senhor, que nunca mais saia dessas mãos sacratíssimas.

Ó meu bom Jesus, tomai posse dela por vossa misericórdia, e confirmai-me nesta vontade. Perfeccionai-me nela de tal modo que, desta hora em diante, confie em Vós para sempre, certo de que tudo o que me acontece, Vós o ordenais como quereis, e que isso me basta; que eu não deseje outra coisa, e que, daí em diante, nunca mais fuja de Vós, nem me afaste de Vós.

Dignai-vos, Senhor, de me iluminar e ensinar uma coisa que a minha alma deseja saber de Vós. E já que vos dignastes ser meu mestre, e não quereis que de outro aprenda, ensinai-me, Senhor, a minha rudeza. Já que, Senhor meu, os vermes do monturo e esterco nascem e deles se mantêm, e Vós quisestes abater-vos tanto que vos tornásseis o monturo do mundo, será porventura, meu Deus, que quereis que, sendo eu um verme, criação das vossas mãos, me mantenha de Vós?

Porventura, Senhor, assim como nascestes numa manjedoura entre animais para que os homens, que se tornaram de celestiais em brutos pelos desejos terrenos e concupiscentes, se mantivessem de Vós pelas vossas manjedouras — assim esta alma, acostumada a monturos e baixezas, quisestes que se alimentasse de Vós, baixo e humilde? Entendo, bom Jesus, que não é outra a vossa intenção. Por isso, para que a vossa grandeza não espantasse a baixeza deste miserável verme, habituado aos monturos e às torpezas terrenas, quisestes que vos visse baixo, feito desprezo e repulsa dos homens, para que me afeiçoasse a Vós e, sendo baixo, gostasse de Vós. Já que perdi o gosto e o sabor da vossa grandeza por causa da minha miséria, baixeza e culpa.

Ó verdadeiro amigo e remediador da minha alma, que assim vos acomodais a tudo o que eu sou — quão grande é esta misericórdia!

Já viestes a mim, porque eu não podia ir a Vós. Já pagastes e satisfizestes por mim os meus males, porque eu não podia satisfazer por eles. Já fizestes de Vós mil manjares, para que de todas as maneiras eu gostasse de Vós. Agora, para que nada vos ficasse por fazer, vendo-me tão amigo das baixezas de um mundo tão terreno, vos fazeis lodo dele, para que aí me nutra, aí me prenda, aí me mantenha — e mesmo sendo figura de lodo, ainda assim coma a Vós, possua a Vós.

E sendo isto verdade — e eu não me derreto todo em vosso amor? E não me apego a Vós? E não me abraço convosco? E não ardo em desejo por Vós?

Cumpristes, Senhor, o que dissestes por Isaías: que nos daríeis um pãozinho muito apertado e uma água muito estreita, que parece pouca e quase um charco sem corrente (cf. Isaías 30, 20–21); e que com este alimento veriam os nossos olhos sempre o nosso verdadeiro Mestre, e os nossos ouvidos escutariam a doce voz daquele que anda sempre atrás de nós, ensinando-nos e chamando-nos.

Vós sois esse, meu Senhor. Quanto mais sustento recebo desta vossa extrema baixeza e desta vossa doce água — que neste abatimento parece lodo encharcado — mais vejo que tudo o que posso ter fora de Vós é nada.

O pão do borralho foi o que comeu Elias, mas com a sua fortaleza e virtude caminhou quarenta dias até ao monte onde viu o Senhor. Aqui, meu Deus, está a vossa formosura escondida nesta cinza feia; aqui a vossa grandeza nesta baixeza; aqui a vossa glória neste abatimento.

Os escarros, cuspidelas, injúrias e escárnios podem cobrir-vos, mas não vos diminuem nem desfazem. Aqui vos adoro, meu Deus, meu Rei, meu belo, meu suave, meu doce e delicioso alimento. Oh, quando vos provará esta alma? Quando só de Vós se alimentará e se satisfará? Vós sois a verdadeira árvore da Sabedoria, cujo fruto dá todo o conhecimento e luz.

Vós sois a verdadeira árvore da Vida, que restaura tudo o que estava perdido e gasto. Aquilo que em Vós parece pobre sustenta mais do que o que no mundo e na carne parece são e perfeito. A vossa casca rugosa, a vossa madeira tosca, as vossas folhas secas e murchas exalam suavíssimos perfumes e produzem frutos saborosíssimos que a flor e a falsa frescura do mundo não conhecem.

Quando, meu Senhor, me levareis todo após o vosso perfume e sabor?

O alimento da terra transforma-se na substância de quem o consome; mas, se a minha alma saborear-vos, eu transformar-me-ei todo em Vós. Oh, quando virá essa mudança? Fazei, Senhor, que abrace esses vossos

escárnios, esses abatimentos; que os imite; que me despreze a mim mesmo por Vós; que me aborreça; e que me estime apenas pela baixeza que sou — e que, por isso mesmo, queira ser conhecido e tratado como tal por toda a criatura.

E, se Vós assim o não ordenardes, dai-me, Senhor, que pelo menos, na estima do meu coração, me tenha verdadeiramente por tal — pois é aqui que estais escondido, e é aqui que vos encontrará quem vos buscar: verdadeira glória, honra e amor das almas.

Ó Rainha dos Anjos, humilíssima serva deste Senhor, que por experiência sabeis quanto se recebe dele quem por ele se humilha — a Vós escolheu para si quando quis fazer-se pequeno bichinho, porque vos achou verdadeiramente humilde e baixa na vossa própria estima. Vós, Senhora, a quem tantas, tão grandes e soberanas graças não puderam elevar da baixa conta em que vos tínheis, e que mais do que todos reconhecestes este Senhor oculto nas suas humildades — lembrai-vos deste pecador, pois por nós, e não só por Vós, recebestes tantos bens. Socorrei neste momento este pecador: levantai-me do lodo das minhas culpas; abatei-me da soberba e da minha vaidade; prendei-me aos pés deste Senhor; alcançai-me a sua luz, para que sempre o conheça; graça e força, para que sempre o imite; estima da sua humildade, para que com ele me assemelhe; e suprí tudo o que me falta.

Ó meu Anjo da Guarda, ó todos os Espíritos bem-aventurados, que vos alimentais da majestade e grandeza do rosto deste Senhor já revelado! Ó cidadãos da glória eterna, que fostes pecadores humildes e, por experiência, saboreais os frutos destas verdades, e que, por este caminho e imitação da humildade deste Senhor, estais agora tão ricos e tão cheios dos seus bens — compadecei-vos deste miserável, que não merece ser ouvido sem a vossa intercessão. Ajudai-me, e alcançai-me do Senhor perseverança até à morte nestes desejos que agora me dá de o imitar, e uma faísca deste fogo divino que vos abrasa, vos embebe, e vos transforma completamente nele — para que também eu seja todo mudado segundo a vontade deste Senhor. Amém.

TRABALHO XXXIII

Do Cárcere.

Cansados (embora não satisfeitos) de afrontarem o Senhor e de o atormentarem com muitos falsos testemunhos, bofetadas, escarros e outras invenções de injúrias, em que tinham gasto parte da noite, os príncipes do povo, sacerdotes, letrados e fariseus decidiram recolher-se às suas casas e deixar o Senhor bem guardado, para ao amanhecer se voltarem a reunir com novos ardis de afrontas e determinar como seria acusado diante de Pilatos e crucificado.

Bem se pode crer que, nessa parte da noite que ainda restava, a malícia não deixaria repousar os inimigos do Senhor, mas toda a gastariam em cuidar para que Ele não escapasse das mãos dos que o guardavam na casa de Caifás, e em inventar novas maneiras de satisfazer o ódio mortal que lhe tinham. Pois assim como a malícia nunca se dá por vencida, como diz São Crisóstomo, ainda que veja a razão e a verdade provadas contra si, também, por mais cansada que esteja, nunca se dá por satisfeita sem ver realizado todo o mal que deseja.

E o coração humano, quando determinado no mal e abandonado pela graça de Deus, assemelha-se ao inferno e ao fogo: por mais que atormente e consuma, nunca sabe dizer “basta”. Por isso, não só tinham perdido estes toda a compaixão (tão natural ao coração humano) ao deixarem o Senhor maltratado, como, vendo tão desejado começo à fúria do seu ódio e malícia — que tanto ansiavam por fazer deflagar —, estavam ainda mais ansiosos pelos males que lhe restava infligir do que satisfeitos com os que já lhe tinham feito, e a noite parecia-lhes muito comprida.

Eram cerca de duas horas depois da meia-noite quando se recolheram às suas casas, pois à meia-noite esteve o Senhor em casa de Anás, onde São Pedro o negou e o galo cantou pela primeira vez; e em casa de Caifás, para onde logo foi levado, gastaram-se duas horas em falsos testemunhos e afrontas feitas ao Senhor, até que o galo cantou pela segunda vez, depois da terceira negação de São Pedro. Pedro, iluminado pela graça do Senhor,

soube logo fazer penitência, enquanto aquela perversa companhia se recolhia para alimentar a sua malícia, deixando o Senhor posto em boa guarda até de manhã.

E porque os inimigos de Cristo, nosso Senhor, estavam muito seguros na falsa e blasfema opinião que dele tinham — de ser feiticeiro —, não confiaram em deixá-lo sem forte custódia. Por isso, encarceraram-no, ou na prisão que devia existir na casa (como em muitas outras casas dos principais oficiais de justiça da época), ou noutro lugar seguro. Não se fiaram em deixá-lo solto e só, mas com as mãos atadas atrás, uma corda ao pescoço e preso a algum lugar firme, entregaram-no aos algozes e guardas que o prenderam, para que o vigiassem até pela manhã. Nesses dias do equinócio da primavera, o dia começava ao nascer do sol, às seis horas, que chamavam “hora prima”.

E embora as horas fossem poucas, foram tão cheias de tormentos e afrontas que o Senhor padeceu nelas como se fossem longos trabalhos de outros encarcerados. Pois a casa devia ser das mais pequenas e sujas daquelas pousadas; o modo de estar atado e preso, sem qualquer alívio; o lugar tão miserável que o Senhor nem onde poderia encostar a cabeça. E como estava o inocente Cordeiro, sem dormir durante a noite, quebrantado da grandíssima tristeza e agonia do horto, e ainda mais das muitas pancadas, socos, bofetadas e afrontas que tinha sofrido na prisão, no caminho e nas casas dos maus juízes, aquelas poucas horas, tão necessárias para o descanso do seu sacratíssimo corpo, foram para Ele de imenso trabalho, quebranto, aflição e tormento.

Além disso, aquela perversa e desumana companhia de guardas, a quem fora muito recomendado que O vigiassem bem, para passarem o tempo da guarda gastaram todas aquelas horas em afrontá-lo e atormentá-lo. Por um lado, o demónio incitava-os, tentando ver se conseguia quebrar a paciência do Cordeiro, que ainda não reconhecia como Filho de Deus e se admirava de ver tão invencível; por outro lado, aquela gente era da espécie que nunca perdoava nenhum desaforo. Pelo que bem se pode imaginar que não deixariam de inventar qualquer género de zombaria contra o Senhor, para mais O atormentar, escarnecendo com danças, gritos, palavras despropositadas e injúrias gravíssimas. Não faltariam ali de novo bofetadas,

escarros, puxões, pontapés, socos, e a repetição de todas as afrontas já feitas, acrescentando novas injúrias.

Ainda os animava saber o gosto que assim davam aos inimigos do Senhor que os tinham deixado com Ele, e cada um se refinava em novos modos de escárnio, para no dia seguinte ter o que contar e vangloriar-se diante dos príncipes, sacerdotes e fariseus, cujo favor desejavam granjear. Também se pode supor que, como era costume em casas grandes como a do sumo-sacerdote Caifás, e em casos tão falados como o da prisão do Senhor, uma vez recolhidos os principais inimigos e mais livre a casa, as mulheres, os criados, as crianças, cozinheiros e toda a gente baixa fossem ver Cristo por curiosidade. E como já todos iam com a falsa ideia de que se descobririam as suas feitiçarias e enganos, e estava profetizado que na sua Paixão lhe faltariam consoladores e pessoas que se compadecessem dele, em lugar de palavras de consolo, cada um lhe cuspia, abanava a cabeça em desprezo, chamava-o de traidor, enganador, feiticeiro, e se admirava de como podia ter feito tantos milagres. E lançavam-lhe em rosto todas as suas obras divinas, como se fossem artes do demónio. Muitos outros escárnios ouviu o inocente Cordeiro, que magoavam o seu puríssimo coração e afrontavam aquela divina pessoa digna de toda a adoração.

Enfim, tudo quanto o Senhor padeceu foi de tal ordem que alguns santos o consideraram como um dos maiores trabalhos da sua Paixão. E dizem que os evangelistas passaram em silêncio sobre isto, como sobre muitas outras coisas, deixando-as à consideração da fé e do amor; mas que, no dia do Juízo, tudo será revelado, e não parecerá menor o que os evangelistas calaram do que aquilo que escreveram. E veremos que desse abismo sem fundo de amor não podia sair senão outro imenso abismo de trabalhos penosíssimos, que nem língua nem pena podem descrever, e que o Senhor padeceu. Basta que a Sagrada Escritura o compare a uma tempestade de mar sem fundo, em que Cristo, nosso Senhor, se afundou, embora não se tenha perdido nela.

No meio de todas essas afrontas, estava o Redentor do mundo calado, ouvindo, sofrendo e dispondo-se para muito mais padecer. Porque, por grandes que sejam as forças da malícia para fazer o mal, muito maiores são as do amor para padecer pelo amado. E como Ele amava com amor infinito

os homens, até mesmo os que o atormentavam, enquanto os inimigos, recolhidos às suas casas, se desvelavam em imaginar novas maneiras de satisfazer o seu ódio, e os que O guardavam inventavam formas de O afrontar, estava o coração de Jesus a alimentar-se no amor daquilo que padecia, inflamando-se no desejo de sofrer ainda mais. Nada havia que pudesse perturbar o ânimo do Senhor; mas Ele permitia aos sentidos e ao corpo que sentissem e sofressem tudo quanto podia atormentar, ficando o seu espírito quietíssimo, cumprindo a missão de Salvador do mundo diante do Pai Eterno, com ferventíssimas súplicas e liberalíssimas ofertas de tudo quanto padecia, pelo remédio dos pecadores.

E como estas três ou quatro horas antes da manhã são as mais próprias para a oração, e muito usadas pelos servos de Deus, depois de algum repouso, também o Senhor as viveu assim. Pois, enquanto sofria a vigília da noite e os incomparáveis tormentos que os seus inimigos lhe infligiam, regava-se ao mesmo tempo em lágrimas, mal compreendidas por quem o via, e arrebatava-se em ardentíssimos excessos de oração e amor, por todos os que o seu amor tomou a cargo de redimir. E como ninguém pode excluir-se deste número, cada um tem nele um companheiro de que se pode ajudar, graças imensas a agradecer, dores a partilhar, fogo de amor com que se inflamar e frutos do seu espírito divino a recolher. E além de tudo, um coração leal e amigo, que quis passar os seus trabalhos sem consolador algum, não está agora fechado a receber a compaixão dos devotos, o acolhimento e a consolação que o amor da alma lhe quiser dar, pois Ele não os agradecerá menos do que se naquela hora dos sofrimentos lho tivessem dado.

Nesta ocupação interior, que o Senhor teve com fervorosíssima oração em tudo o que padeceu no dia da santíssima Paixão, ensina aos atribulados filhos de Adão, que vivem nos contínuos trabalhos da vida, onde hão de encontrar — e qual há de ser — o verdadeiro alívio deles: que está em Deus e na oração. Porque duas coisas tornam os trabalhos da vida muito pesados, incuráveis e insuportáveis: não reconhecer a mão de onde procedem, com o peso e medida que nos convém, e recorrer tarde ao verdadeiro remediador deles, que é o mesmo Deus que os dá.

Toda, ou quase toda, a ocupação da vida é fugir dos trabalhos e procurar descanso; mas como a terra é degredo do Céu, são tantos os inimigos, tão grandes as fraquezas da natureza, tantos os males que a cercam, que é impossível fugir do que nos persegue — os trabalhos —, nem alcançar o que sempre nos foge — o descanso nesta vida. E a maior parte das pessoas, que vive descuidada da amizade de Deus, quando se vê cansada do que forçosamente tem de padecer, não sabe levantar os olhos para o autor de todas as coisas; antes lança os seus trabalhos à fortuna e má sorte, ou queixa-se dos homens e dos infortúnios, ou procura remédio em caminhos e meios ainda mais trabalhosos, ou então se consome de raiva, lançando a culpa a isto ou àquilo, sem nunca se poder livrar do peso. Assim, vai de queda em queda, caindo em trabalhos cada vez mais incuráveis e desgostos que tornam a vida ainda mais cansada.

E os meios que ordinariamente se tomam por alívio são passatempos ou perdas de tempo que, para viver, parecem sempre curtos, mas para alcançar o Céu são preciosíssimos. E, para nossa grande desventura, enredamos o tempo e os trabalhos dele em coisas que tornam a hora da morte perigosíssima, e que não têm melhor saldo do que dores mais profundas e pesares dos falsos gozos com que quisemos aliviar os trabalhos.

Os que conversam com Deus e vivem na vida do Redentor do mundo, aprendendo dela o que lhes convém, com a certeza da fé sabem que estão na mão de Deus, presos nesta terra de trabalhos para merecer o Céu. Ao sentirem a aflição e o sofrimento, seja qual for a sua origem, logo adoram a paternal mão do Senhor que assim o ordena, confiando na sua bondade e amor com que tudo dispõe. Mesmo com as impaciências e fraquezas da natureza, beijam a mão que os castiga, reconhecendo que tudo vem dela, ainda que sejam coisas claramente inventadas pela malícia humana. Pois bem sabem que o coração humano, inventor de malícias contra o próximo, não tem poder para os atingir senão quando Deus abre a porta ao sofrimento para proveito da sua criatura. E ainda assim, com tanta cautela, que não lhes pode tocar senão de fora, porque o interior livre é reservado só para Deus.

Com esta certeza da fé, o servo de Deus oferece-se no meio dos seus trabalhos ao Senhor, com Ele dialoga, a Ele eleva o coração com puro amor e leal submissão. E porque tudo recebe da mão de Deus, e a Ele se dirige

com fervente e pura oração, os trabalhos que para os descuidados levam à perdição, tornam-se para ele estrada segura para Deus, meio de mortificação dos excessos, gostos e vaidades do corpo, tesouro de merecimentos, companhia de Cristo atribulado e ocasião de andar sempre atrás desse Senhor, em quem está a verdadeira consolação. E assim, enfadados da vida, desejosos do Céu e solícitos em agradar a Deus, têm eles a única consolação que nesta vida se pode ter, como véspera e começo do que hão de possuir para sempre.

Este é um tema de que a Sagrada Escritura, a doutrina e as vidas dos santos falam largamente; mas contento-me com uma só prova clara, que a experiência já demonstrou: que se compare o homem esquecido de Deus, amigo de si mesmo, com o amigo de Deus, descuidado de si e entregue nas mãos divinas, tanto nos trabalhos como nas consolações, nos contentamentos como nos desgostos desta vida. E em quem se sentir a vantagem, esse se tenha por acertado. E quem encontrar em si, apesar dos trabalhos, por maiores que sejam, maiores contentamentos interiores da alma, esse cuide que encontrou a verdadeira estrada do descanso seguro que nesta vida se pode ter.

Exercício do Cárcere que o Senhor padeceu

Onde Vos colocam, meu Senhor, sem o vosso pecador? Onde Vos prendem, deixando-me a mim livre? Que é isto, Senhor? Estais em ferros, amarrado com cordas nos pés e no pescoço? Não sois Vós, meu bom Jesus, o forte e o invencível? Não sois Vós, de quem David se gabava, que louvava e servia a um Senhor que soltava os presos e os cativos?

Não sois Vós aquele que os judeus muitas vezes quiseram apedrejar e prender, e não puderam? Pois então, meu amor, fortaleza do meu coração, já enfraquecestes? Está, porventura, a Vossa força no cabelo, como a de Sansão? Ou como puderam estas mãos prender-Vos e manter-Vos encarcerado?

Oh verdadeiro amante das almas, a quem só o amor pode prender, deter e encarcerar! Que assim Vos entregais a tudo por meu amor e salvação, adoro e louvo esse amor eterno que tendes por mim. Adoro-Vos por quão

incansável estais para sofrer tudo por mim, e por não descansardes enquanto não concluís as obras pelas quais determinastes salvar-me.

Nem sequer tomais estas poucas horas antes do amanhecer para repousardes dos trabalhos que tendes passado nesta noite, e para suportar os que tereis ainda neste dia? Os trabalhadores, os animais, as aves, os viajantes — todos têm a noite para descansar; e em Vós, ela é gasta em tantas bofetadas, pancadas e afrontas, como aqui estais a sofrer?

Trocai, Senhor, mandai prender-me a mim, e descansai Vós. Mas já que não quereis, e aqui Vos tenho preso, antes que Vos levem daqui, lançai os Vossos piedosos olhos sobre mim, vede o meu coração, que por Vós suspira, que por Vós clama. Olhai, Senhor, para as minhas necessidades e socorrei-me nelas. Dai-me espírito para Vos acompanhar, sentir as Vossas dores, e imitar os Vossos exemplos e virtudes.

Os que roubam e furtam não sabem descansar de noite para alcançarem o que desejam. Mas Vós, meu bom Jesus, que necessidade tendes da noite para as Vossas obras, para nelas não descansardes enquanto não as vedes concluídas?

Se quereis, vida da minha alma, espiar de dia e de noite o meu coração, para ver se achais uma hora para o roubar, não Vos desveleis, Senhor: eis-me aqui! Tirai-me das mãos de todos os pecados que me prendem, prendei-me aí Convosco e descansai. Reclinai essa cabeça neste coração e repousai.

Ouvi as vozes que Vos dirigem as minhas necessidades e o desejo do meu coração, para que não sintais tanto as injúrias que da boca desses malvados ouvis. Não ligueis, Senhor, a essas blasfémias que Vos dizem, mas sim à fé que plantastes neste coração, com a qual — e com todo o amor que posso — Vos adoro como meu verdadeiro Deus, meu pacificador, meu único Mestre e meu poderoso Salvador.

Esquecei-Vos, Senhor, do sofrimento que essas cordas Vos causam, pois com elas podeis soltar-me dos meus vícios, como tanto desejais. Não Vos lembreis, Senhor, da desumanidade e crueldade desses corações, onde não encontrais sequer um traço de compaixão pelos sofrimentos que passais. Voltai os olhos para este vosso pecador, ainda que mau, a quem iluminastes

com a Vossa fé, que nesta hora deseja consolar-Vos, tomar sobre si os Vossos sofrimentos e dar-Vos abrigo dentro de si.

Descansai, Senhor, nesta alma que Vós acendeis em Vosso amor, e ainda que a casa Vos pareça tão miserável como vedes, deseja-Vos somente a Vós como Senhor e morador perpétuo. Entrai, Senhor, e descansai neste coração estas horas que aqui tendes de prisão. E ainda que não mereça, conheço-Vos melhor do que estes perversos — por meu verdadeiro, único e soberano Bem.

Nestes poucos momentos podeis cativar-me com o Vosso amor, e levar-me preso Convosco, para Vos ajudar a passar os trabalhos deste dia. Oh meu bom Jesus, o que nesta hora desejo não o sei dizer — mas Vós o sabeis — e pois que plantais em mim estes desejos, saciai-os como podeis. Que se manifeste em mim a virtude deste cárcere, destas prisões, destas injúrias que sofreis, e desse amor com que por mim ardeis e com que tudo padeceis. E, ainda que eu tenha sido causa de tudo, mostrai em mim que a Vossa misericórdia é muito mais poderosa que a minha culpa.

Não duvido da força do amor que me tendes, nem da grandeza da vossa misericórdia, com que desejais perdoar-me e receber-me no vosso amor. Mas desconfio de mim mesmo, e do hábito que tenho de pecar, que me afasta de Vós e me faz perder o merecimento das vossas graças.

Mas já que, Senhor, nos deixastes a dor e o arrependimento como remédio para os nossos males, por estas vossas prisões, meu bom Jesus, vos peço que vos esqueçais do sofrimento que esta gente má vos causa, e antes que saiais daqui, escutai a minha confissão, que, como pecador, vos ofereço.

Perdoai-me, Senhor da minha alma, por ter sido eu a causa de estardes aqui encarcerado e preso; porque sei que foram os meus pecados que vos trouxeram a tanto maltrato e dor. Tende piedade, Senhor, da vaidade dos meus pensamentos, mais soltos que um vagabundo perdido. Prendei-os, meu Deus, a Vós, e amarrai-os para que não andem perdidos atrás de coisas vãs, como sempre andam.

Acuso diante de Vós, meu Redentor, a libertinagem desta minha língua, tão leve para tudo o que faz mal a esta alma. Acuso, diante de Vós, meu único remédio, a liberdade dos meus sentidos, que tanto afastam esta alma de Vós. Acuso, meu verdadeiro Salvador, o frio amor que vos devo, a grande incredulidade deste coração que escolhestes para Vós, e a liberdade desta vontade tão desregrada por afetos contrários à vossa lei e ao vosso serviço.

Condeno-me, Senhor, por inteiro, por dentro e por fora, diante de Vós. Porque de tudo o que me destes, com a liberdade do livre-arbítrio em que me pusestes, usei mal — oh, quão mal, e quão contra Vós!

Tende, Senhor, piedade de mim; mandai, meu Deus, que me prendam, pois vedes que, estando livre, me perco. Oh, quem nunca tivesse sido livre para o mal! Oh, quem antes tivesse sido preso por Vós do que livre, separado de Vós! Já que, Senhor, a soltura da minha liberdade e vícios vos trouxeram a tantos trabalhos, dai-me a vossa companhia neles. Nesta hora, minha esperança, entrego-vos a minha liberdade: é vossa, pois Vós ma destes; e mereço perdê-la, pois dela usei mal; e, já que Vós não ma tirais, razão é que vo-la torne, pois é dom vosso. Aqui vo-la entrego, meu Deus e meu Senhor: recebei-a com misericórdia. Tomai-a, bom Jesus, não me deixeis mais usá-la mal. Não ma solteis, ainda que vo-la peça, nem confieis em mim, tão traidor como sou com ela.

Vós, bom Jesus, que sois o caminho, a verdade e a vida, falai pela minha boca, vede pelos meus olhos, ouvi pelos meus ouvidos, movei todos os meus sentidos à vossa vontade, levai a Vós os meus pensamentos, assentai-vos no meu coração, cativai-me à vossa vontade, e fazei em mim tudo o que de mim quereis. Aqui me lanço, Senhor, a vossos pés, como Madalena; beijo com todo o meu coração estas cadeias e prisões, adoro estas injúrias que vos fazem, pois para meu remédio as sofreis.

Oh, se me prendêsseis com as cordas do vosso amor, e com elas vos tivesse comigo preso! Oh, se ouvissem os ouvidos da minha alma a voz desta suavíssima boca, que vejo tão sofrida e calada, e me disséssseis que me são perdoados os pecados, porque muito amei! Oh, quando chegará essa hora! Oh, quão fácil vos será, bom Jesus, mostrar-ma! Não caleis, Senhor, a minha alma nesta hora, ainda que calais a tudo quanto vos fazem: não caleis

este coração que vos deseja. Dizei, Senhor, uma palavra com que me prenda a Vós: dizei a este coração: “Eu sou a tua salvação.” Bem creio que o sois, minha esperança, mas desejo que o meu interior sinta que o dizeis, porque a vossa secreta voz é suave, penetrará o íntimo deste coração e levará as forças desta alma cativa a Vós. É verdade que o vosso calar e padecer falam, condenam os meus males e levantam o meu desejo para Vós. Mas Vós, divina Palavra, falai de dentro, para que esta alma vos sinta, vos entenda e fique presa da suavidade, da luz e da verdade da vossa voz.

Lembrai-vos, Senhor, que dissestes pelo profeta Oseias que nos havíeis de atrair a Vós com as cordas de Adão, e que os laços e nós seriam de amor e de caridade. Eis-me aqui, Senhor, com as cordas de Adão: esta humanidade santíssima, estas bofetadas, injúrias, ferros e prisões; estes pecados de Adão, dos seus filhos e os meus, que tomastes sobre Vós e estais pagando, e nestas prisões satisfazendo — cordas de Adão são. Pois, amor da minha alma, que são estes nós de caridade? Como ando eu fora dessas cordas? Como ando livre para quantos males quero? Quem desatou estas cordas, que não me chegam, nem me prendem? Estirai já, Senhor, essas cordas de amor, fazei que me alcancem e me prendam a Vós; atai-me com seus laços e nós, e levai-me com elas após Vós, e nunca de Vós me aparte. Fazei-me, Senhor, sentir e estimar as vossas dores, e andar após os vossos passos. Não permitais que tantos trabalhos passem por mim em vão. E, para o que não mereço, ponho diante de Vós essas cordas e prisões, e o amor com que as sofreis, desejando a minha salvação.

Oh, se me fizésseis digno de compreender, Deus da minha alma, a ocupação desse vosso coração nestas horas em que vos vedes preso e tão maltratado pelos que vos guardam! Esses perversos ocupam todos os sentidos e desejos em vos atormentar e afrontar; e Vós, esperança da minha alma, entregais o corpo e seus sentidos a padecer, e ocupais a alma e o seu interior em coisas divinas e soberanas, para remédio desses mesmos que vos atormentam, e de todos os homens, por quem padeceis, e para fortalecer a vossa humanidade sagrada a fim de suportar os tormentos que ainda tinha de passar. Oh, meu Deus e meu Senhor, quanta verdade dissestes, que em Vós acharão refrigerio os que a Vós se acolherem! Nunca me vai mal quando me chego a Vós; nunca me vai bem sem Vós. Se o meu interior se esquece de Vós, qualquer pequeno trabalho me afoga; e, se com esta alma

fujo para Vós, por grandíssimos que sejam os trabalhos, não me espantam. Como poderá a minha fraqueza ser forte sem Vós, minha divina fortaleza?

Por isso me canso, meu Deus, por isso me aflijo, por isso me desconsolo nos trabalhos: porque quero remediá-los sem Vós, e só recorro a Vós depois de me afogarem. Convosco, toda a aspereza é suave, todo o trabalho é leve, toda a aflição é alegre, porque com a vossa presença iluminais as nossas trevas e enriqueceis as nossas pobrezas. Ensinai-me, Senhor, a ir a Vós com todas as minhas coisas, a confiar em Vós, a passar todos os meus trabalhos convosco, a não me espantar de nada nem ter medo de nada estando em vossa companhia. E, pois Vós, no cuidado que tendes de mim, nunca dormis, ensinai-me a trazer sempre, no meio de todas as perturbações da vida, o meu coração posto em Vós, e a não desejar outra consolação senão a vossa, pois Vós sois o meu verdadeiro consolador, e só Vós conheceis as minhas necessidades e as podeis remediar.

Oh Virgem Santíssima, Mãe de Deus, amparo dos que a Vós recorrem, apresentai as minhas necessidades aos olhos deste Senhor. E, pois a soltura deste coração é a raiz de todos os meus males, alcançai-me as prisões do seu amor e os nós da caridade, que me levem sempre a Ele e após Ele.

Oh corte celestial, tão segura e livre dos trabalhos desta vida, tão presa e abrasada no amor deste Senhor, lembrai-vos dos desterrados filhos de Adão; levai este coração para junto de Vós, para que dessa companhia traga algo do fogo em que ardeis. Amém.

TRABALHO XXXIV

Ser levado pelas ruas de Jerusalém, humilhado.

Ao romper da manhã da sexta-feira (dia que havia de ser para Cristo nosso Senhor de grandes sofrimentos, para os seus inimigos de muito gosto, e para todo o género humano de total remédio), cada um recebeu essa primeira luz com pensamentos muito diferentes. Porque Cristo nosso Senhor, que tanto havia de padecer, considerou aquela alvorada como a mais graciosa de quantas o Sol iluminou: pois amanhecia o dia em que o seu amor, que nele sempre ardia, haveria de manifestar-se com perfeitíssimas demonstrações, nas divinas obras com que o género humano havia de ser remediado. E como esperava por este dia para libertar a força do seu amor, que durante trinta e três anos mantivera contido (ainda que isso custasse à sua sagrada humanidade), não teve, em todos esses anos, dia mais alegre para o seu espírito: pois nele haveria de alcançar vitórias, unir o Céu à Terra, conquistar todos os corações dos escolhidos, redimir todos os pecadores e dar a todo o género humano acesso livre aos seus eternos e infinitos tesouros.

O mundo viu este seu bem-aventurado dia tão cego e ignorante de quantos bens nele havia de receber, que nem soube reconhecê-lo, nem esperá-los com desejo: assim estava, e tão perdido. E os inimigos do Senhor, que toda a noite arderam em malícia, e foram deixados à mercê de Deus para serem ministros do demónio nos males que haviam de fazer a Cristo — e executores, sem o perceberem, de tudo o que o Senhor desejava padecer — não perderam hora, nem momento daquele tão desejado dia, no qual julgavam satisfazer o ódio que tinham contra o Senhor, e levar adiante a vitória da malícia que tinham começado a alcançar, ainda que isso fosse para sua total destruição, e maior glória de Cristo.

Assim, logo que viram a luz da manhã (entre as cinco e as seis), sem que fossem chamados, pois o ódio em que ardiam os incitava, reuniram-se em casa de Caifás, como tinham combinado, onde haviam deixado o Senhor preso. Juntaram-se logo em conselho para pôr em ordem a morte que desejavam dar a Cristo nosso Senhor naquele dia, e decidiram quais seriam

as acusações, resolvendo que não dariam espaço a qualquer razão ou justiça em contrário. E ainda que o Senhor se quisesse defender, que tudo acabasse com alvoroço, tumulto e gritos, se por outro meio não pudessem. E para isso encarregaram-se eles próprios do negócio: porque, sendo Príncipes da terra, Sacerdotes letrados, Fariseus considerados santos, e muitos outros, abafariam a justiça e acabariam com tudo o que quisessem. E resolveram que tudo fosse feito com toda a pressa, antes que o juiz Pilatos se envolvesse noutras causas, e antes que o povo se agitasse — para que não houvesse tempo para surgirem diferentes opiniões, nem para que outros, que quisessem defender o Senhor (o que muito temiam), se intrometessem.

Recordaram, naquele conselho diabólico, que havia seis dias que Cristo nosso Senhor entrara em Jerusalém, recebido por todo o povo com louvores celestiais, cânticos, ramos e festa: e por todos venerado como enviado de Deus para a salvação do povo. E que tudo isso se fizera publicamente contra a sua proibição, pois haviam decretado que ninguém o honrasse como Cristo, nem o seguisse, sob pena de ser tido por excomungado e lançado fora da Sinagoga. E que esse decreto tão pouco aproveitara, que nunca o Senhor recebera do povo honra tão grande e tão pública como depois de ele ser publicado. Por isso decidiram que fosse levado pelas ruas por onde haveria de passar, com tão grande tumulto e tropel de afrontas desavergonhadas, que o afeto que o povo mostrara ao Senhor — que ainda estava vivo — se transformasse em ódio, e a recente honra que lhe haviam feito se tornasse em ainda maior opróbrio.

Dada ordem a tudo, mandaram trazer o Senhor à sua presença; e como já na sua boca não cabia o sacratíssimo e severíssimo nome de Jesus, não se ouviram ali outros nomes senão: “que venha esse maldito, esse enganador, esse feiticeiro”. E, ao chegar diante deles, de modo que bem se via o sofrimento que passara durante a noite, em vez de compaixão, perguntaram-lhe, por escárnio, se queria fazer algum milagre, pois agora veriam a verdade de quem Ele era, e quão enganado estava o povo. E sobretudo, pensavam que, para santificar tudo o que faziam, se alegravam com a bondade de Deus, que tudo vê nos homens; e que cedo ou tarde castiga, conforme o merecimento de cada um: esta era a linguagem que mais magoava a Cristo nosso Senhor. Com estas e muitas outras palavras o injuriavam e afrontavam, e o entregaram aos soldados e gente armada que

haviam reunido para isso, com as mãos atadas atrás das costas, uma corda ao pescoço, e severas ordens para que ninguém se aproximasse, nem lhe falasse, ainda que para isso perdessem a vida — e o cobrissem com todas as afrontas possíveis.

Com esta determinação, arrancaram-no da casa de Caifás com grandíssimo alvoroço e barulho, levando-o no meio deles; e todos os Príncipes, Sacerdotes, Letrados e Fariseus daquele conselho iam com eles, para darem autoridade ao ato, e para mais afrontarem o Senhor. E como pretendiam quebrar o coração a todos os seus amigos — dos quais a cidade estava cheia — não pouparam empurrões, murros, bofetadas, encontrões e toda a pressa e ações que pudessem desautorizar e desacreditar aquela divina Pessoa. E o demónio, que reinava em todos aqueles corações tão desejosos de se soltarem em toda a espécie de injúria, fazia-os, por aquelas bocas envenenadas, lançar tantas blasfémias, palavras tão condenadas e enormes, e inventar injúrias tão diabólicas contra o Senhor, que nenhum coração piedoso as poderia imaginar em particular. E, com tanta pressa e revolta, o Senhor tropeçava ou caía, e a pontapés e encontrões o obrigavam a levantar-se, com maldições e nomes injuriosos, tratando-o como a mais profana, vil e malvada pessoa que pudesse haver no mundo. E quando a modéstia da sua sacratíssima pessoa e o crédito de virtude que possuía o mostravam mais digno de toda a honra e respeito, tanto mais profano, desumano, descortês e vil era o tratamento que lhe davam.

Ao barulho e confusão desta gente acorreu a notícia, e todo o povo da cidade — que era muito — veio ver aquele caso tão novo, inesperado e feio. Quanto mais o povo se ajuntava, mais cresciam as afrontas que se faziam a Cristo: porque, como acontece nas grandes multidões, a gritaria dos rapazes, que sempre costumam festejar tumultos assim, parecia abalar os céus; o alvoroço do povo miúdo era extraordinário; portas e janelas estavam todas cheias; os espantos e admirações, os juízos e discussões da gente; e tudo era de tal ordem, que no fim tudo se voltou contra o Senhor, e quem mais podia mais o afrontava, injuriava com blasfémias e palavras cheias de escárnio. Ia o Senhor com o rosto inchado das bofetadas, sujo dos escarros, com os olhos cansados e sem brilho, e tão desfigurado e diferente da sua formosura, que bem se percebia n’Ele o grandíssimo tormento e pena que sofria com tão imenso trabalho. E todavia tão calado, sofredor,

submisso e entregue a tudo o que lhe faziam, que todo o povo passou a imaginar que não podia deixar de ser culpado, e merecedor de tudo o que lhe faziam.

Esta mudança tão súbita e espantosa era de maior confusão e vergonha para o Senhor, por ser levado pelas próprias ruas por onde, nos três anos anteriores, andara sempre seguido por multidões; onde fizera muitos milagres, e porventura não haveria nelas casa onde não houvesse alguém curado por Ele. As lembranças desses milagres, das doutrinas que ensinava a todos, e do seu santíssimo exemplo de vida, serviam então não para que se considerasse injusto o que lhe faziam, mas como razões para o julgarem enganador, hipócrita e feiticeiro, e lhe lançarem tudo em rosto, e mais ainda o infamarem, desacreditarem e escarnecerem. A maioria dos amigos transformou-se em inimigos. O povo, carregado de benefícios, tornou-se perseguidor; e as suas virtudes e maravilhas, na opinião pública, foram tidas por causa de maior desonra.

O sofrimento que tudo isto deu ao Senhor é tão impossível de compreender ou alcançar, como é impossível a alguém sofrê-lo: pois a todos falta o infinito amor, que lhe dava forças para tudo, e pela medida do qual carregou sobre si tanto peso de trabalhosas coisas. Quatro caminhos percorreu o Senhor naquela manhã de sexta-feira, cercado de todas estas afrontas e sofrimentos: da casa de Caifás até à casa de Pilatos; desta até à de Herodes; do palácio de Herodes novamente a Pilatos; e da casa de Pilatos, com a cruz às costas, até ao monte Calvário. Além desses, andara de noite outros dois caminhos: do Horto até à casa de Anás, e desta até à de Caifás. São seis devotíssimas e santíssimas romarias que os amantes de Jesus podem acompanhar com este Senhor, ajudando-o a sentir os seus sofrimentos, observando os seus santíssimos exemplos, imitando os seus puríssimos passos e recebendo os incompreensíveis benefícios que em todos eles nos foi merecendo. E quem não tiver espírito para tanto, compare ao menos os seus maus caminhos, por onde se perde, com estes do Senhor, por onde foi redimido: e peça com humildade e misericórdia que, pela virtude destes, mude a sua vida em serviço d’Ele.

Deu o Senhor, em todos estes caminhos, admiráveis exemplos de virtudes — principalmente de humildade e paciência. Porque no primeiro

entregou-se voluntariamente, por obediência ao seu Eterno Pai, a tudo o que Ele queria que padecesse: e deixou-se prender e levar como ladrão e malfeitor. No segundo deixou-se entregar às mãos de juízes e inimigos, deixando-se condenar à vontade da sua malícia. No terceiro perdeu todo o crédito que, com muitos milagres, virtudes e exemplos, justamente ganhara. No quarto, sendo o Senhor soberano e isento de qualquer jurisdição alheia, foi entregue a Herodes como se fosse seu sujeito e vassalo.

No quinto caminho, a sua sabedoria e virtude foram desprezadas, e Ele foi tratado como louco. No sexto, foi-lhe dado na terra o lugar mais contrário ao que merecia, entre ladrões e malfeitores, sendo tido como tal e condenado. Quem diria que estas podiam ser as estradas direitas, seguras e certas do Céu, por onde este Senhor subiu ao triunfo da sua glória, e por onde nos veio todo o bem que temos e esperamos? Parece-me que algo disto já sentia David em espírito, quando dizia ao Senhor estas palavras: «Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos, e ensinai-me as vossas veredas. Guiai-me pela vossa verdade, e ensinai-me, porque Vós sois Deus, meu Salvador, e em Vós espero todo o dia. Lembrai-vos das vossas misericórdias e piedades, que são eternas» (Salmo 24 [25]).

Porque, ainda que David se visse encaminhado por Deus — de pastor de ovelhas ao trono real, de perseguido por Saul a senhor de todos os seus inimigos, de jovem pobre a capitão valente e esforçado, de desconhecido ao mais afamado senhor do seu tempo, do menor da pobre casa de seu pai ao maior do povo e da casa de Deus, e escolhido para tronco principal do qual o Filho de Deus desceria feito homem na terra; escolhido por Deus para seu profeta e exemplo de todos os justos do mundo — todavia, nele sempre viveu (entre as obrigações de tão grandes coisas a que Deus o elevou) uma lembrança e gosto pela humildade do seu primeiro estado, de onde Deus o tirou; uma estima humilde de si, uma verdadeira humilhação interior abaixo de toda a criatura. Por isso, quando profetizava os abatimentos da Paixão de Cristo nosso Senhor, relatava-os sempre como se falasse de si próprio, como quem não tinha inveja de mais nada, senão da gente que teria diante dos olhos a Deus humilhado, e que haveria de imitar publicamente essa divina majestade abatida e crucificada na terra. E já que não o podia ver, desprendia o coração das grandezas a que Deus o tinha elevado neste mundo, e pedia alguma parte da luz e conhecimento daqueles caminhos

secretos do Céu, cheios das ricas misericórdias de Deus, que então estavam ainda encobertos, mas que haviam de ser abertos pelo Senhor e tornar-se caminhos seguidos por todos os justos. De longe os saudava, de longe os desejava, e esforçava-se por encaminhar o seu espírito por eles quanto podia.

E assim vemos neste santo rei, que, sendo no seu tempo um dos maiores e mais valentes príncipes da terra, todas as vezes que se lhe ofereceu ocasião de ser castigado por Deus e perseguido, injuriado, desprezado e atribulado pelos homens, se mostrou sempre humilde e submisso a tudo o que o abatia, como quem tinha diante dos olhos o exemplo daquela divina majestade humilhada, que via em espírito e desejava imitar.

Por aqui veremos quanta obrigação têm aqueles que, pela bondade de Deus, já têm diante dos olhos os caminhos do Senhor, por Ele tão abertos e manifestados, e em si mesmo consagrados: e por mestre e guia o próprio Filho de Deus humilhado; para pedirem ao Senhor, com corações inflamados, que os leve por seus caminhos e lhos faça entender — e para se envergonharem da grande cegueira que há no mundo em relação a verdades tão claras e tão reveladas.

Bem penso que David, se tivesse diante de si este retrato divino já tão claramente mostrado, teria tido muito a fazer para se conter, sem procurar ocasiões de se ver, por este Senhor, preso, esbofeteado, tratado nas praças como louco, injuriado e desprezado, como Ele foi. E houve muitos santos que, guiados pelo espírito divino, o fizeram. Ora, nós, que a isso não chegamos, e vemos com que grande doçura Deus nos trata — não nos obrigando a imitá-lo pelos mesmos extremos públicos com que nos conquistou o amor — que desculpa teremos para não ter uma viva preocupação na alma de o agradar em tudo, e fugir dos caminhos do pecado, que dele nos afastam?

Que desculpa justa poderemos apresentar diante dele para não nos honrarmos de ser seus discípulos e filhos, todas as vezes que se nos oferece ocasião de paciência e sofrimento de afrontas, ou daquelas coisas que a natureza rejeita? Ou, ao menos, de termos no interior da alma uma viva consciência de quanto justamente merecemos, pelos nossos pecados e

misérias da nossa natureza, ser desprezados por toda a criatura, e que o nosso verdadeiro lugar é o puro abatimento nesta terra?

Muitos terão estado que represente honra e grandeza, e não terão espírito para o deixar por Deus e humilhar-se no mundo para se parecer em tudo com este Senhor. Mas, se o nosso Senhor permite isso, todos continuam a ter grande obrigação de se humilhar com cuidado diante de Deus, esmagar a sua soberba e fazer caminhar interiormente a sua alma pelos caminhos que Cristo nos ensina: caminhos de paciência, sofrimento, desprezo de si mesmo, de se ter em baixa conta, de aceitar da mão do Senhor todo o sofrimento da vida, de suspirar sempre pelo mestre e Senhor destes santos caminhos, pedindo-lhe que lhes dê a mão, que não se afaste, e de se comparar sempre com Ele, confundindo-se com a má forma como o seguem. E, sobretudo, andar muito atentos e cuidadosos com os caminhos enganadores que Deus não aprovou na sua vida, para que a alma, que Ele criou para Si, não se perca.

E, se esta alma anda ainda viva, embora encoberta por diferentes demonstrações exteriores de estados que a lei de Deus não reprova — sem dúvida é uma das grandes belezas da Igreja de Deus, e muito mais o será do Céu. E isso se verá quando Deus, no dia do juízo, glorificar estes seus verdadeiros imitadores, não pelo que exteriormente pareciam, mas pelo que no íntimo da alma amavam e seguiam.

E servirão então de censura contra todos os que se perderam pela vaidade da vida, e que, por amor de si e da carne, perderam os verdadeiros bens do espírito. E se esses são tão agradáveis a Deus, quanto mais o serão os que, diante dos olhos do mundo, se prezam publicamente de imitar a humildade de Cristo exterior e interiormente? E quanto serão aborrecidos de Cristo aqueles que professam esta vida pura, evangélica e apostólica, mas, esquecidos da imitação deste Senhor, levam aos mosteiros preocupações com honra e vaidade, abandonando a pura humildade e o desprezo de si mesmos?

Deixando tudo o que mais se poderia dizer, e os enganos que a malícia humana inventou para misturar vaidade com cristandade, resumo-me numa só coisa: que no dia da prestação de contas (como disse Cristo) o que Ele nos ensinou, isso mesmo nos há de julgar. E para que não houvesse dúvidas

ou entendimentos falsos sobre a sua doutrina, Ele a pôs em prática, para desenganar a todos: porque, se o discípulo não pode saber mais que o mestre, nem o servo ser maior que o seu senhor, Ele não favorecerá os homens nas coisas que tanto à sua custa nos mostrou que aborrecia, e nas quais tão claramente manifestou que queria ser imitado por todos — no exercício interior da alma, e, por aqueles que professam vida evangélica mais estreita, também no exterior.

Exercício dos caminhos afrontosos que o Senhor percorreu por Jerusalém

Desperta, minha alma, do sono da tua tibieza e descuido. Espera o Senhor, que os judeus já têm entre si condenado à morte, e o querem tirar para fora. Olha quão trabalhosos e afrontosos caminhos hoje Ele percorre por ti. Olha as olheiras de uma noite sem dormir, os inchaços e marcas das muitas bofetadas, os cabelos da barba e da cabeça arrancados. Olha como segue com uma corda ao pescoço e as mãos atadas atrás. Acompanha-O e vê quanto te custou. Vê como é levado da casa de Caifás à casa de Pilatos como falso Deus e falso profeta, traidor e pervertedor do povo; de casa de Pilatos a Herodes como falso rei e vassalo, para ser julgado por tão perversa criatura; de Herodes a Pilatos como louco; de Pilatos à cruz como ladrão. Olha, alma dura, triste e pecadora, o Cordeiro levado por ti entre lobos: os murros que lhe dão, o tumulto dos algozes e soldados, os gritos do povo, os escárnios e risos dos fariseus, a gritaria dos rapazes, os empurrões e maldições de todos por entre os quais passa. Olha aquelas praças e ruas consagradas pelos seus milagres e ainda aquecidas pelas obras do seu amor e maravilhas, por onde há seis dias foi levado com honras divinas — como tudo está repentinamente mudado em desonra e sofrimento para Ele. Olha este divino e manso Cordeiro calado, sofredor, entregue a tudo, deixando-se tratar por cada um como a malícia e o ódio que lhe têm desejam — não como Ele merece. Que dizes tu a isto que vês, alma miserável? Que dizes tu a isto, homem terreno, cinza, pó — e tão soberbo? Que é isto que vês fazer ao Filho de Deus, pecador desgraçado? Que caminhos são estes que Ele leva? E quem o trouxe a eles?

Oh Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo! Oh meu Juiz, meu Deus, minha bem-aventurança! Abri, Senhor, os meus olhos e o meu

entendimento para que compreenda os vossos caminhos, para que neles conheça e veja a perdição dos meus.

Vós, Sabedoria Eterna, que não vos enganais: julgais e pesais todas as coisas com justiça. Por isso, tomando sobre Vós as minhas culpas e os meus passos desgraçados, para pagardes o mal que neles cometi, não quisestes dispensar-vos, nem aliviar nada do que eu merecia; mas o que era justiça reta que eu padecesse, isso mesmo padecestes Vós por mim. E não só pagastes pelos meus males, mas também endireitastes os meus caminhos errados, e ensinastes-me a verdadeira estrada da salvação, com os caminhos que Vós mesmo percorrestes.

Oh minha luz divina, oh clara e eterna verdade, tende piedade desta minha cegueira. Iluminai-me, porque ainda não vos compreendo, nem me entendo a mim mesmo, nem me conheço. Mostrai-me, Senhor, claramente os vossos caminhos, ensinai-me as vossas veredas, guiai-me pela vossa verdade, pois pus os meus olhos em Vós, que sois meu Deus, meu Salvador, meu Caminho, Verdade e Guia da minha vida. Lembrai-vos, Senhor, das vossas infinitas misericórdias, e esquecei-vos dos meus males e ignorâncias.

Lembrai-vos, Senhor, desta criatura, com quem tantas misericórdias tivestes, do amor com que me sustentastes, da bondade com que me esperastes e suportastes até agora, para me encaminhardes, e me fazerdes conhecer os meus males e os meus desventurados passos, para que os chore diante de Vós, e assim me livreis deles e me leveis para onde hoje me ensinais.

Aqui quero, Senhor, confessar-vos os meus pecados com dor e amargura da minha alma, e chorar diante de Vós os caminhos da minha perdição, que tão assiduamente segui, para que me castigueis e, com a vossa misericórdia, me leveis pelos caminhos do Céu, para onde me criastes.

Abri, Senhor, essas entranhas paternais, lançai sobre mim esses olhos cheios de piedade, recebei este filho pródigo perdido, por quem tanto sofreis. Vós, meu bom Jesus, me criastes à vossa imagem e semelhança. Depois de criado, me consagrastes, e me purificastes no santo batismo com o vosso precioso sangue, cuja virtude e graça nele permanece, para purificar as almas. Vós imprimistes no meu coração os caminhos divinos da vida, da

fé, da esperança e da caridade. Escreveste na minha alma a vossa lei, para que por ela eu caminhasse até Vós. Muito antes de eu nascer, vos fizestes meu Redentor e Mestre, destinastes-me à Igreja Católica, ensinastes nela para mim a vossa doutrina, abristes-me as portas do Céu, prometestes-me as vossas riquezas.

Quando cresci e compreendi tudo isso, vi diante dos meus olhos, claramente e sem engano, esses caminhos como os verdadeiros caminhos da vida eterna. E se eu por eles tivesse caminhado até agora, como filho e servo vosso, como prometi no batismo, ó, quão unido estaria agora a Vós, amor infinito! Quão cheia estaria a minha alma da vossa luz, quão rica das vossas graças, quão elevada e transformada em Vós, quão abrasada do vosso amor, quão pura e limpa dos pecados que cometi!

Ó misericórdia infinita, não me confundais. Ó bondade eterna, não me afasteis totalmente da vossa presença, como mereço. Tudo isto, meu Deus, desprezei. Desviei os olhos de Vós e pus em mim e no mundo. Segui a minha vontade condenada, e não a vossa. Criava uma coisa e fazia outra. As esperanças que deveria ter posto em Vós, pus nas mentiras e falsidades da vida. E o amor que só a Vós devia, tirei-vo-lo e entreguei-o a tudo quanto Vós aborreceis.

Oh, meu Deus, onde pus este amor? Em quem, ó minha misericórdia? Em quem, Senhor meu? Quem pudesse sentir isto e não o proclamar em lágrimas! Alargai, Senhor, as riquezas da vossa misericórdia para me suportardes nesta hora.

(*Aqui, quem faz este exercício, detenha-se demoradamente e, com mais sentimento do que palavras, recorde especialmente os pecados mais graves que cometeu na vida, os que mais o afastaram de Deus, e também aquelas inclinações que sente ainda em si, e que mais o impedem de alcançar bens espirituais e agradar a Deus. Com dor profunda por tudo, humilhe-se e confunda-se diante do Senhor, que tanto sofre para o remediar. Depois diga*:)

Eis-me aqui, meu Deus: eis o miserável por quem tanto sofreis; eis os caminhos errados por onde andei até agora, que hoje vos trazem humilhado, por outros caminhos ainda mais afrontosos. Eis a vaidade dos meus

pensamentos, a baixeza das coisas que amei, a torpeza da minha miserável vida. Foi nisto que gastei as forças que me destes, nisto empreguei as faculdades da alma que só a Vós devia. Foram estes os meus gostos e os meus cuidados. E Vós, vida da minha alma e meu Deus, quão longe estivestes deste triste coração! Quão atrás das costas vos lancei, quanto vos desprezei, quanto desvalorizei o que me destes e prometestes.

E sendo eu assim, vejo-me poupado, e a Vós desonrado, afrontado e atribulado. Eu me levantei contra Vós, meu Deus, e Vós, verdadeiro Filho de Deus, sois maltratado por minha traição. Eu me perdi nas minhas vaidades, e Vós, divina sabedoria, sois tratado como louco. Eu fui o ladrão que roubou a vossa glória, dando às coisas que aborreceis o amor que vos devia. E Vós, meu Deus, sois tratado como ladrão.

Eu é que deveria ser tratado assim, contra mim é que todas as criaturas se deviam levantar, a mim é que deviam conduzir desonrado pelas praças, como traidor e ingrato a Vós, e errado nos meus caminhos. E Vós, meu Deus, vida da minha alma, perdoais-me, e vos ofereceis a passar tudo o que eu mereço?

Adoro, meu Deus, essa infinita bondade. Adoro esse amor que tendes por mim. Por esse amor, Senhor, vos peço que me perdoeis, que me transformeis, que me encaminheis. Ponde, Senhor, uma lei nos meus caminhos, e por ela guiai-me e levai-me. Tomai-me pela mão, Senhor, e levai-me após Vós, e eu correrei ao perfume dos vossos santos unguentos (cf. Cânt. 1,3).

Se me deixais, enfraqueço como criança, perco-me como novilho nestas verdades, caio como doente, consumido pelas minhas maldades. Mas se Vós me tomais e levais, tudo poderei: caminharei, correrei. Esquecei-vos, Senhor, dos meus pecados passados, e desta hora em diante tomai-me a vosso cuidado, para me levardes pelos vossos caminhos e me retirardes dos meus.

Ó meu bom Jesus, iluminai os meus olhos, luz das minhas ignorâncias, resplendor que iluminais as minhas cegueiras, ensinai-me, por dentro, o segredo dos vossos caminhos. Não viestes Vós, Senhor, ao mundo para abrir o caminho do Céu, vencer o demónio e o Mundo, e os nossos

inimigos, perdoar os nossos pecados, reinar nas almas, dar-vos a conhecer e ao vosso Eterno Pai, plantar nas almas o vosso amor e o das coisas celestiais, elevar os nossos corações da terra e prendê-los à vossa divina formosura, satisfazer os nossos desejos e remediar todas as nossas necessidades, enriquecer-nos com todos os bens e glórias?

Pois, Senhor, é este o caminho que seguis para tantas e tão grandes coisas que haveis de fazer? Oh, segredo da divina sabedoria! Quem me dera seguir-vos sempre, meu Deus, louvando e contemplando as vossas maravilhosas obras e desígnios!

Por estes caminhos confundis o orgulho, e exaltais os humildes. Por eles derreteis os corações frios, abrasais os corações. Por eles confundis a vaidade do mundo. Por eles ergueis as almas e as tirais do lodo dos seus pecados. Por eles triunfais dos vossos inimigos e agradareis ao Pai Eterno. E por eles nos ensinareis, iluminareis, abrasareis e enriquecereis.

Oh, quão belos são os vossos passos, Filho de Deus vivo! Quão sábios são os vossos conselhos, sabedoria eterna! Quão certeiros os vossos caminhos, verdadeira vida da minha alma!

Então, meu Deus, onde fico eu, se não vos sigo? E onde irei parar, se não me levais por esses caminhos? Quando me verei, meu Deus, todo vosso, como Vós vos vedes todo por mim? Quando amarei tanto o desprezo de mim mesmo como amei a vaidade da vida? Quando, sendo vosso, atribulado, iluminado por Vós, odiar mais esta vida, aborrecer mais o mundo, ver melhor quanto preciso de Vós, suspirar mais por Vós e desejar estar sempre convosco, sem afastamento?

Quando a carne está satisfeita, tudo isto está cego e esquecido. Pois, Senhor meu, os vossos caminhos são os que me convêm, e é por eles que quero e desejo caminhar.

Acabai, Senhor, a má vida que tive; acabai a cegueira desta pobre alma; acendei este coração gelado no amor pelos vossos caminhos, e levai-me com misericórdia por eles.

Ó meu amor, ó vida da minha alma, ó luz dos meus olhos, ó verdadeiro remédio para os meus males.

Ó santíssima Mãe de Deus, ovelha sem mancha, que, mesmo sem ter passado por estas desonras, imitastes perfeitamente os caminhos do Senhor.

Nestas mesmas horas em que Ele caminhava por esses passos de sofrimento, Vós saíeis da vossa casa à sua procura, cheia de lágrimas e dores, cheia de fé e de amor, e cheia de conformidade com a divina vontade. Ele sofrendo, e Vós sentindo, amando e chorando: foram os vossos sagrados corações os dois únicos companheiros que mais agradaram ao Eterno Pai.

Pois, minha Senhora, Mãe de misericórdia, como poderei eu seguir outro caminho verdadeiro? Minha Senhora, Rainha dos Anjos, ajudai-me, desde agora, a aborrecer a minha má vida e a seguir o caminho do desprezo e da humildade. Sede Vós a minha advogada e alcançai-me para isso a luz e a força que eu não mereço.

Ó Espíritos Angélicos, que vedes e louvais estes admiráveis desígnios de Deus; ó cidadãos da corte celestial, que também trilhastes caminhos errados e os mudastes por imitação deste Senhor, que experimentais agora os frutos destes sofrimentos e estais gloriosos por esta sua humildade, e contemplais claramente estas soberanas verdades: tende compaixão deste miserável peregrino, cego e ignorante, e alcançai-me uma centelha da luz que tendes e do amor em que ardeis, para que me transforme e me encaminhe para a vossa companhia. Amém.

TRABALHO XXXV

Tratado como doido.

Chegaram à casa de Pilatos os sacerdotes, os príncipes dos judeus, os letrados e os fariseus, levando o Senhor atado e em tal estado que Pilatos pudesse pensar que algum grande e novo caso lhe tinha sucedido. E, para darem mais crédito ao assunto — tanto pela autoridade das suas pessoas como pela reputação de religião e santidade — quiseram eles mesmos ser os acusadores. Mas não quiseram entrar no pretório (que era a casa onde Pilatos ouvia os casos e fazia as suas audiências), por ser casa de gentio, o que eles consideravam impuro num dia tão sagrado como o da Páscoa (que então era), em que comiam o pão ázimo, que consideravam santo. Achavam que ficariam impuros e profanados para comer esse pão, se entrassem numa casa de um gentio que não guardava a sua lei.

Tal é, e tão cego está o coração humano entregue aos seus vícios e aos gostos da sua vontade perversa, que muitas vezes, em coisas de muito pouca importância, se mostra muito escrupuloso — ou por respeito humano e pela reputação que quer manter, ou por querer parecer virtuoso —, quando, na verdade, a alma está cheia das suas cegueiras, perdida e endurecida nos seus vícios, dos quais faz vida e prazer, e por causa deles, sem se dar conta, perde os bens do Céu.

Estes tinham ódio mortal ao Filho do Deus vivo, prometido e dado a eles: levantavam contra Ele muitos falsos testemunhos, pervertiam toda a verdade e justiça, e faziam todos os esforços para tirar a vida ao inocente Cordeiro, com muitas blasfémias que diziam contra Ele, e ingratidões às suas soberanas misericórdias — pecados esses que deveriam causar muito temor e arrependimento. E, no entanto, não faziam caso deles, antes se regalavam nas suas vontades perversas, com muito gosto de as levar por diante. Por outro lado, mostravam-se muito escrupulosos em entrar na casa de um gentio, por entenderem que assim profanavam a fingida santidade das suas pessoas e se tornavam indignos de comer o pão ázimo pascal.

Pilatos, respeitando a autoridade das principais pessoas dos judeus que ali vinham, saiu cá fora ter com eles, já que diziam que não podiam entrar em casa, e ouviu as suas acusações. Entre elas, acusaram o Senhor de ensinar doutrinas falsas, com as quais perturbava o povo, desde a Galileia até Jerusalém.

Ao ouvir Pilatos mencionar a Galileia, não quis deixar o caso seguir adiante sem saber de onde era o Senhor. E, sabendo que era de Nazaré da Galileia, que era da jurisdição de Herodes, rei que então estava em Jerusalém, quis mostrar-lhe consideração e mandou que lhe levassem o Senhor, para que o ouvisse e julgasse. Cristo, nosso Senhor, quis que Pilatos e Herodes tivessem entre si este gesto de cortesia por causa d'Ele, ao remeter Pilatos a Herodes o seu caso, e ao tornar depois Herodes a devolvê-lo, para que em todas as partes por onde passasse se manifestassem as suas obras. Porque, sendo até ali inimigos, tornaram-se amigos com estes gestos de honra e deferência que trocaram. E já que neles, por então, não podia haver outra coisa boa, ao menos receberam do Senhor — sem o entenderem — a graça da paz e da amizade, tão importante entre os príncipes que governam a república. E ainda que foi à custa de muita desonra sua, não deixou Ele de lhes fazer esta tão importante mercê de abrandar e reconciliar os ânimos até então contrários: para que todos vejamos o que fará — ou deixará de fazer — nos corações que encontrar cheios do seu amor, desejosos d'Ele e dispostos a tudo o que Ele deseja fazer nas almas.

O amor de Jesus não sabe estar ocioso, senão onde encontra dureza de coração e impedimentos voluntários; e, mesmo então, alimenta-se de sofrer e esperar.

Depois que Pilatos se retirou, os judeus levaram o Senhor à casa de Herodes, o rei, e apresentaram-no diante dele, acusando-o com insistência de muitos falsos testemunhos. Herodes deu muito pouco crédito a todas as culpas que imputavam ao Senhor, porque eram ditas com tal desordem, que claramente se via nascerem tudo da inveja e ódio puro que lhe tinham. Mas alegrou-se muito de ver o Senhor, porque ouvira muitas coisas acerca dos seus milagres, doutrina e santidade, e desejava muito vê-lo, esperando que fizesse diante dele alguma maravilha.

Mas o Senhor, que durante toda a sua vida dera perfeitíssimos exemplos em tudo o que nos convinha, quis, no fim dela, fazer também esta entrada numa casa real, para deixar a seus servos (que por vezes são forçados a tratar com os príncipes e reis da terra) um exemplo de como devem tratar com eles, e com que esperanças devem conviver nas suas casas e cortes. Era este um exemplo muito necessário, porque, na maior parte das vezes, os olhos e a majestade real sobre a terra são poderosíssimos para mudar a pureza e inteireza dos ânimos que, fora dessas conversações, pareciam invencíveis. É muito rara a virtude que, convivendo com príncipes, se mantém desapegada deles, e que não troca a pureza da verdade e da razão por agradar; e que, entre eles, prefere mais a glória de Deus do que a própria, e antes agradar ao Senhor do Céu do que aos príncipes da terra.

E porque a convivência com os reis da terra é a maior prova da inteireza da virtude que nela pode haver, o Senhor ensina nesta sua entrada a casa de Herodes muitas e importantes coisas. Primeiramente, não se ofereceu Ele por vontade própria a essa presença, mas foi levado: para que os seus servos entendam que só a verdadeira necessidade — e não o gosto ou a vontade — os deve levar ao trato com os príncipes.

O Senhor não se esforçou por agradar àquele rei, que tanto desejava ver os seus milagres, porque, não esperando tirar disso glória de Deus, mas apenas a satisfação de uma curiosidade e gosto real, deu-se pouco por o satisfazer: porque quem não levar às cortes dos príncipes grande cuidado em só agradar a Deus, em geral enganar-se-á, fazendo virtude dos gostos dos príncipes, e perderá a pureza e paz das virtudes do seu estado.

O Senhor não quis valer-se de Herodes para se livrar dos seus inimigos, nem para defender a reputação da sua pessoa — podendo-o fazer facilmente, pois mais valeria um só milagre seu, que desse gosto ao rei, do que todas as acusações dos judeus. Mas quis o Senhor que todos aprendessem d’Ele a manter boa reputação com pureza de virtudes, e a valer-se da segurança da boa consciência e da vida interior com Deus como armas poderosíssimas para suportar todo o sofrimento e alcançar todos os bens do Céu — e não confiar nos favores dos reis humanos, que pouco valem para socorrer as necessidades humanas e muito para encher os corações de vaidade.

Enfim, o Senhor ensinou a não esperar dos reis mais do que aquilo que Ele recebeu dessa casa: que foi muita desonra e afronta, por não fazer a vontade do rei. Porque tão sagrada coisa como as esperanças do coração humano, com que se pode conquistar o Céu e alcançar toda a riqueza divina, justamente se perde em vão, se for tirada dos verdadeiros bens e posta num homem que é rei apenas para enredar os pensamentos humanos, e que é terreno e mortal para falhar no que é melhor, fazendo cair por terra, em vão, todo o alicerce que se põe nele.

Herodes, agitado por querer ouvir Cristo nosso Senhor e ver alguns dos seus milagres, fez-lhe muitas perguntas e procurou saber dele muitas coisas. Devia perguntar-lhe acerca da sua doutrina, e de coisas futuras, pois diziam que era um profeta tão grande que conhecia os pensamentos dos homens; pedia-lhe que fizesse diante dele alguns milagres. Mas o nosso Redentor, que não pretendia então mostrar-se, nem fazer coisa alguma que impedisse a sua Paixão (o que lhe seria muito fácil), e via que tudo o que ali dissesse ou fizesse serviria apenas para satisfazer a curiosidade daquele rei — em quem não havia desejo de conhecer a verdade para a seguir — e que de tudo o que dissesse não se tiraria glória e honra para o seu eterno Pai, nem salvação para aquelas almas: a tudo se calou. Não respondeu a Herodes, nem deu razão de si, nem satisfação a quantas culpas lhe punham.

Aproveitavam-se os judeus deste silêncio do Senhor para o acusarem com mais insistência e tomarem o seu silêncio como prova do que diziam: faziam crer que, como se via num julgamento, onde as verdades deviam ser apuradas, estava encurralado e vencido, e não tinha o que dizer. Havia ali, entre o rei, os da sua corte e os judeus, grande admiração pelos milagres que fazia — aos quais chamavam feitiçarias — e ficavam pasmados como alguém, por feitiçaria, podia ressuscitar mortos e fazer ver um cego. E julgavam todos que ele devia ser o mais habilidoso feiticeiro do mundo. Cada um dizia o seu dito, e lançava o seu juízo, conforme a sua malícia e cegueira lhe ditavam.

E a tudo calava a divina Sabedoria, com tanta paciência e sofrimento, sendo tão mal compreendido por aqueles malvados, que, podendo a modéstia do seu sofrimento ser razão suficiente para reconhecer a sua inocência, foi por todos eles julgado como louco, insensato, e homem de

quem não se devia fazer caso algum. E como ninguém no mundo se engana tanto consigo mesmo como os príncipes da terra (porque, sendo lisonjeados por todos, têm-se geralmente por tão divinos e soberanos que julgam que todo o homem deve desejar a sua estima e favor, e fazer-lhes todas as vontades), não podiam admitir que o silêncio do Senhor fosse senão sinal de pouca inteligência — de homem ignorante e incapaz, que não sabia aproveitar tamanha ocasião para escapar dos seus inimigos.

E assim julgou Herodes que tudo o que ouvira acerca d'Ele eram ignorâncias do povo, que com qualquer coisa se engana e se espanta; e teve tudo por tolices e coisas sem importância. E pareceu-lhe que bastava, como castigo, tratá-lo publicamente como louco e insensato, para que o povo se desenganasse e deixasse de lhe dar crédito. Para isso mandou que lhe vestissem, por cima das suas roupas, uma túnica branca, cuja cor e aparência deviam ser tão profanas que representassem bem um louco ou um palhaço.

E assim o mandou de volta a Pilatos, para que, pelo traje e modo como lho devolvia, este visse que conta devia fazer dele, e quão pouco valor havia nas suas coisas: bastava torná-lo público como vagabundo e insensato. Assim tratou Herodes — e toda a sua corte — a Cristo nosso Senhor, uma só vez que entrou no palácio: assim saiu dele, desprezado e humilhado por todos os cortesãos. Foi esta a conta em que foi tida a divina Sabedoria na casa dos entendidos e discretos do mundo. Prouvera a Deus que ainda hoje não fosse a doutrina da humildade, mansidão e paciência de Cristo — que já é adorado como Deus nas cortes dos príncipes — tida como tamanha loucura, como Ele o foi pessoalmente no palácio de Herodes.

Com esta nova afronta não se pode imaginar os novos gritos, insultos e escárnios com que os soldados trataram Cristo nosso Senhor, desde a casa de Herodes até à de Pilatos, pelas ruas por onde passavam. E como o povo ia crescendo, e os que o levavam se iam inflamando no gosto de o humilhar, o Senhor ia sofrendo cada vez mais, calado e mais entregue a tudo. E todos perdiam cada vez mais o respeito e o recato, julgando todas as suas coisas como pura loucura e engano. Todos já o tratavam como público traidor, enganador e louco.

Esmeravam-se, para se adaptar ao traje de louco que Ele trazia, em inventar mímicas e gestos para representar loucos, dizendo mil disparates e parvoíces. E como em grandes cidades há de tudo, haveria em Jerusalém muitos loucos conhecidos, cujas tolices iam imitando diante do Senhor com muitos disparates, empurrando-o com murros, encontrões, puxando-o de um lado e de outro a cada gesto que faziam — como se faria ao mais baixo e desvairado louco que anda pelas ruas atirando pedras.

Neste trabalho imenso e tão afrontoso viu-se por nós a divina e eterna Sabedoria do Pai, o Filho unigénito do Deus vivo: suma e eterna Verdade, resplendor perfeitíssimo da divina Majestade. Ó segredos da divina sabedoria! Ó verdades mal compreendidas do eterno conselho! Pois, sendo divina e soberana, quis na terra parecer louco, e por tal ser publicamente tratado, para se mostrar nesses desprezos ainda mais sábio.

Bem temia o mundo a doutrina deste Senhor, tão contrária aos seus intentos: pois, quando o teve um dia em suas mãos, tanto se esforçou por abater a sua pessoa, que nela ficasse desacreditada a sua doutrina. Assim se armou contra o Senhor toda a fúria do mundo: os seus reis e príncipes, os seus cortesãos e letrados, o seu povo ignorante — tudo para o lançar por terra. Mas vive a eterna e poderosa Verdade, que pelo mesmo caminho ficou mais exaltada, por onde o mundo pensava poder mais confundi-la. O Senhor, com o seu espírito, já tinha declarado pela boca do seu santo Apóstolo Paulo aquela divina sentença: «Quem em Cristo Jesus quiser ser sábio, faça-se tolo para ser sábio.» Por isso quis Ele mesmo, primeiro, consagrar esta verdade, e cumprir os conselhos da sua eterna sabedoria: vencer o mundo, fundar a sua Igreja, povoar o Reino do Céu — deixando-se, neste mundo, tratar por louco. E fez tão pouco caso da estima que poderia ter na terra, que claramente nos mostrou que não é a grandeza terrena o sinal de um coração digno das honras do Céu, nem é digno do Céu quem não se tiver por desprezado nas suas humilhações, nem se tiver por grande nas suas honras. Isto quis dizer São Paulo com estas palavras: «A sabedoria e prudência do mundo é loucura diante de Deus. E a sabedoria da carne é morte.» Porque toda a prudência do mundo e todos os seus pontos de honra não são capazes de levar um coração ao Céu — para onde foi criado — e são pura loucura. Porque todo o juízo do mundo está em valer muito na opinião dos homens, em ter riqueza, honra e prestígio; perpetuar

fama e nome na terra, e nela empregar os cuidados, ocupações e prazeres da vida. Mas tendo aplicado a isto toda a sua energia e esforço, tudo se desfaz na morte, na terra, e a alma perde-se, por ter andado num caminho de loucura e esquecimento do Céu. Esta sabedoria terrena foi causa da morte da alma, perda do Céu, e falta de tudo aquilo por que se trabalhou — pois não pode haver maior loucura.

A sabedoria de Cristo, pelo contrário, despreza o mundo, teme as suas vaidades, abraça as suas humilhações, foge das suas honras e prestígios, transforma todos os cuidados do mundo em cuidados de Deus e do Céu: tem tudo o que é grande no mundo em tão baixa consideração, que até se envergonha de o olhar. E quanto menos o mundo entende isto, mais contente vive quem segue Cristo, pela experiência dos bens interiores, ocultos ao mundo: quando, aos olhos do mundo, parece a maior loucura perder os prazeres que todos buscam, reconhece nesses prazeres tanta falsidade, e nas experiências espirituais tanta verdade e substância, que vê claramente que a maior loucura para o mundo é a maior sabedoria verdadeira de Cristo.

O mundo não conhece estes segredos, e por isso se tem por sábio, sendo louco — e por loucos tem os sensatos de Cristo. Mas São Paulo disse que o mundo não é digno da convivência destes desprezados, que ele julga indignos da vida e dos seus falsos prazeres. É isso o que São Paulo quer dizer ao afirmar: «O mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.»

A maior de todas as afrontas humanas era morrer crucificado — tanto que se dizia que era um maldito. Pois, diz São Paulo, o mundo e eu estamos bem pagos: se ele me considera um maldito e despreza a mim e à doutrina de Cristo crucificado, que eu prego, eu pago-lhe da mesma forma, pois considero-o ainda mais desprezível e tenho-o por um maldito crucificado. E por mais que o mundo presuma de si, não me engana: pois tenho-o por puro lixo, para ganhar a divina sabedoria de Cristo, que o mundo não conhece. Valha o mundo quanto quiser, e que os seus sábios e entendidos se prezem dele quanto quiserem: no fim, só nos desprezos e «loucura» de Cristo está o remédio para os mundanos que se hão de salvar — pois nos seus juízos há engano certo, e perdição certa

Exercício de ser o Senhor tratado como doido.

Oh Sabedoria Eterna! Oh meu bom Jesus, luz e amor da minha alma! Meu único bem, meu verdadeiro Mestre e Amigo, quem poderá agora dizer que não sofreis livremente, por vontade própria? Quem não verá que é o vosso amor, e não a malícia dos inimigos nem os seus grilhões, que vos prende?

Ali estais diante de um rei que há muito desejava ver-vos e ouvir a vossa doutrina, que esperava ver algum milagre vosso, e se alegrou e animou quando entrastes. Por acaso, naquele momento perdestes o vosso saber, o vosso poder, a vossa divindade? Não podíeis, Senhor meu e minha glória, confundir ali os judeus, espantar o rei com milagres, revelar os pensamentos de todos, comover os corações daquela corte com a vossa doutrina divina, e mostrar claramente a vossa sabedoria e majestade?

E, no entanto, eles vos acusam furiosamente, e Vós permaneceis calado. Enchem tudo de gritos, mentiras e falsos testemunhos, e mesmo quando vos perguntam, não respondeis por Vós. O rei vos interroga sobre a vossa doutrina e não lhe respondeis. Pede-vos milagres e não quereis fazê-los. Ele pensa que, por estar diante de uma autoridade real, Vós quereis beneficiar-vos disso – e Vós não aproveitais essa ocasião para vos libertardes dos inimigos. Deixais-vos ficar preso, injuriado, como um homem derrotado, confuso e fraco. Com isso, os vossos adversários se tornam ainda mais furiosos, justificam mais a sua malícia, e Vós sois ainda mais desprezado – e, mesmo assim, calais, e escondeis a vossa sabedoria divina, a vossa majestade, o vosso poder e quem sois!

E sofreis que o rei vos tenha em tão baixa conta, que vos despreze com toda a sua corte, ao ponto de vos tomarem por louco, vos vestirem e escarnecerem como insensato, e vos levarem pelas ruas como um doido, um tolo, um enganador do povo!

Oh meu amor, oh minha luz, oh minha eterna verdade, quão longe está o mundo de vos compreender! Quão escondidas estão estas verdades aos olhos dos que amam a vaidade e a soberba!

Humilhai-me, Senhor. Fazei-me compreender-vos, e que eu não fique de fora desta sabedoria celeste. Dou-vos graças infinitas, Senhor. Adoro-vos, Verdade soberana. Adoro-vos, eterna Sabedoria do Pai. Adoro-vos, Jesus, luz das almas, por terdes querido mostrar na vossa pessoa divina e humanada a verdade da vossa doutrina: que é necessário fazermo-nos ignorantes e tolos para sermos verdadeiramente sábios.

Pois o que jamais se poderia pensar de Vós – que sois a Sabedoria infinita – Vós o quisestes viver: quisestes sofrer publicamente afrontas, desonras e ignomínias tão grandes. Dou-vos graças infinitas, porque escondestes estas verdades aos soberbos e as revelastes aos humildes.

Oh, quem vos imitasse sempre nisto! Quem tivesse o vosso Espírito para se alegrar por ser tratado como parvo e insensato, para assim se parecer convosco! Oh, quem jamais cuidasse de si como alguém importante, nem desejasse ser estimado pelos homens!

Quando, Senhor, imprimireis estas verdades eternas na minha alma? Agora eu as vejo, agora as adoro, mas vejo-me tão distante delas! Eu ainda estimo ser servido, ser ouvido, ser elogiado; e aborreço ser desprezado. A minha malícia encontra muitas razões para justificar isso em mim – mesmo vendo o contrário em Vós. E fico envergonhado de me ver afrontado convosco.

Se vejo outro ser ouvido e eu não, inquieto-me; se vejo outro ser estimado e eu desprezado, perturbo-me; se o vejo ser conhecido e eu esquecido, desanimo.

Que é isto, meu Deus? Onde está escondida esta soberba, com este espelho de verdade diante dos meus olhos? Oh, meu amor, minha glória, Vós sabeis que, se não me purificais a vista interior, se não me dais íntimo e constante recolhimento, se não fazeis com que a minha alma nunca vos perca de vista, não é possível amar estas verdades, desejá-las, e imitá-las com gosto e afeição como Vós as vivestes por mim.

Perdoai-me, Senhor, as minhas vaidades! Trazei-me sempre na vossa luz! Não me deixeis saber, nem ouvir, nem querer, nem amar outro caminho, nem outra doutrina.

Oh meu Rei desprezado, assim venceis o mundo, assim abraçais e iluminai os vossos. Quando, meu Deus, os vossos verdadeiros imitadores se esquecem de si, por pensarem sempre em Vós; quando se alegram de ser desprezados; quando, pela interior ocupação convosco, perdem o interesse pelos negócios humanos, e por isso são tidos como inúteis, insignificantes, e parvos ignorantes – não perderam por isso a natureza humana. Quem os enlouquece? Quem os torna parvos? Quem os torna incapazes para o mundo? Quem lhes tira a curiosidade da vida? Quem os transporta e embriaga interiormente?

Oh meu amor abrasado, divino, penetrante, ardente, operante e transformador das almas! Vós, Senhor, operais essas mudanças; prendeis interiormente; ensinai por dentro uma sabedoria que o mundo não vê; cativais com uma beleza que os olhos não alcançam; iluminai com uma luz que a carne não entende; mostrais por dentro uma discrição que torna tudo de fora tão baixo, tão parvo, tão insensato, que aqueles que experimentam o que vem de Vós desprezam o mundo e correm para se parecerem com os homens que só tratam das coisas exteriores.

Oh Jesus, meu doce companheiro, quando me transformareis todo em Vós? E se isto vejo em Vós, e se isto experimentam os vossos, onde fico eu quando me estimo, quando busco favores humanos, quando me entristeço com o desprezo dos companheiros e com a desconsideração dos que não vos conhecem?

Tarde vos conheci, Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos conheci e amei! Oh, se vos aprouvesse, ainda que tarde, que eu vos amasse de verdade e de coração puro!

Vós estais dentro, e eu ando fora. Vós vos mostrais e ensinais aos que se convertem a Vós de coração, e eu ando distraído e espalhado pelos olhos dos homens – e por isso vos perco de vista.

Convertei-me, Senhor, e serei convertido; mudai-me, e serei mudado; ensinai-me, e serei ensinado; apegai-me interiormente a estas verdades – e mesmo que pareça louco ao mundo, andarei no caminho certo.

Oh, quem enlouquecesse por Vós! Oh, quem se tornasse parvo por Vós! Oh, quem desejasse ser visto e estimado só por Vós, minha riquíssima bem-aventurança!

Ensinai-me, divina Sabedoria, luz que iluminais os que estão nas trevas interiores da ignorância mortal. Ensinai-me, meu divino Mestre, o que quereis dizer com aquelas palavras: que melhor é um bom nome do que muitas riquezas. Porventura, Senhor, é bom nome ser tido como louco, como ignorante, como feiticeiro, como falso, como traidor – como vos chamaram a Vós?

Mau nome é o da soberba, da avareza, da devassidão, da vingança, da inveja, e dos demais vícios. Mas o nome de santo, de justo, de espiritual, de contemplativo, de prudente, de sábio nas coisas do mundo – será esse um mau nome, se por ele vos deixaram ser tido por louco e por mau?

Oh Senhor, iluminai os meus erros! Eu, pecador, considero bom nome o ser louvado pelos homens, que digam bem de mim, que aprovem as minhas obras, os meus conselhos e palavras. Por isso me esforço – e, se assim não for, inquieto-me. Por isso me esqueço de Vós, e o meu coração se dispersa. Com isso gasto muitas palavras e pensamentos.

Não falo sequer das horas infelizes da minha vida em que me alegrei com o que vos ofendia, em que me honrei com o que aborreceis, em que tomei por virtudes os meus vícios. Mas até mesmo com os nomes santos me perdi e enlouqueci, pensando que era obrigação e lei vossa manter o crédito de bom, mesmo com inquietação interior e com palavras vãs.

Oh loucura, oh insensatez, oh cegueira minha! Oh glória e honra dos justos, ensinai-me quão bom nome é ser tido por parvo e ignorante; quão bom é ser desprezado e abatido, calar por amor de Vós, perder tudo por Vós, esquecer tudo por Vós, e não dar importância ao juízo dos homens – pois vos tenho a Vós por juiz, por sabedoria, por riqueza, por beleza e por amigo desta alma.

Oh meu humilde Jesus, quão sábio sou quando vos amo! Quão louco quando vos perco! Quão sábio quando pareço perder-me por Vós! Quão insensato quando tenho tudo – menos a Vós!

Quão acertado estou, quando me esqueço de tudo por causa da suavidade da vossa vida e da vossa formosura! Quão errado sou, quando qualquer outra coisa ocupa os meus cuidados, em vez de serdes Vós! Oh, se algum dia me visse assim, preso, unido e maravilhado aos olhos do mundo por vosso amor — totalmente entregue e totalmente possuído por Vós!

Para que quero, meu bom Jesus, viver? Para que quero sair daqui, de junto dos vossos pés? Ó beleza da glória, prendei-me a Vós! Ó soberano humilde, ó verdadeira glória humilhada, para que quero eu mais saber ou compreender? Acabai comigo aqui, Senhor, se sabeis que algum dia hei de amar ou estimar outra coisa que não sejam estas verdades. Para que serve viver sem Vós, minha verdadeira vida? Para que serve caminhar, se não for por Vós, meu caminho certo e seguríssimo? Para que serve o saber ou o entender sem Vós, minha luz e verdade eterna?

Dissipai as minhas trevas, bom Jesus. Abraçai-me, Jesus desprezado; uni-me à vossa companhia. A partir deste momento e para sempre, meu Senhor, renuncio a toda a fama, a toda a honra e a toda a estima. Sejam os outros ouvidos e estimados — e eu, rejeitado e esquecido. Seja eu o desprezado de todos, e eles os preferidos. Que nenhuma criatura se ocupe comigo. Só Vós, bom Jesus, minha fartura perfeita, tende cuidado de mim. Só Vós me escutais, só Vós me olhais, só Vós me amai,,s só Vós vos ocupais comigo.

Aqui tem o vosso amor onde transformar; aqui tem o vosso fogo onde se acender; aqui tendes a vossa luz divina, trevas para iluminar; aqui, sabedoria eterna, ignorância para ensinar. Abrazai-me, Senhor; derretei-me, Senhor; ensinai-me, Senhor; abatei-me diante do mundo e levantai-me aos vossos olhos.

Oh, se essa hora chegasse! Oh, quando verei esta mudança? Oh, se nunca saísse da vossa presença e companhia! Oh, se tudo fora de Vós me causasse enfado, cansaço e repulsa! Oh, se toda a criatura me desprezasse, esquecesse e rejeitasse, e só Vós me possuísseis e abraçásseis!

Oh vida triste e cansada, como és longa e perigosa! Senhor meu, ou acabe a vida, se algum dia eu esquecer isto, ou acabai em mim o amor por

ela e a sua vaidade — para que só Vós permaneçais na minha memória, sempre e para sempre, em toda a hora, momento, lugar e ocupação.

Oh, meu único bem, Vós bem sabeis que nem sequer posso compreender a importância de tudo isto sem a vossa luz, nem pô-lo em prática sem o vosso amor. Dai-me o que me mandais, e mandai o que quiserdes. Fazei em mim o que quereis que eu faça, e querei o que quiserdes — pois, sem Vós, nada sei senão perder-me; e, convosco, tudo sei e tudo posso, meu Deus, minha formosura, minha glória e todo o meu bem.

Ó Mãe de Deus, minha Senhora, verdadeira imitadora destas verdades, que com humildade cativastes os olhos do Filho do Eterno Pai e o trouxestes às vossas entranhas! Ele vos estimou muito — mas Vós nunca vos estimastes. O anjo chamava-vos “cheia de Deus” e “Mãe”, e Vós chamáveis-vos “serva” — e nem sabíeis ver em Vós as grandezas que ele via. Tínheis a Deus no ventre e escondíeis-vos; estáveis riquíssima d’Ele e caláveis-vos. O mundo não vos estimava — e Vós andáveis cheia de Deus.

Vós vedes, minha Senhora, quão errado ando, longe deste caminho. Desprezado como louco, o Filho de Deus e vosso; desestimada no mundo, e desconhecida, Vós — que sois a Mãe e Rainha da Glória; e eu, servo perverso, mau e pecador — para onde hei de ir? Por onde tenho andado até agora?

Ajudai-me, minha humilde e soberana Senhora. Ensinai-me a amar estas verdades. Atai-me a elas. Plantai neste coração frio o amor por elas. Alcançai-me do Senhor que eu nunca mais saiba nem deseje outra coisa. E tudo aquilo que não for isto, tirai-o do meu coração — que nunca mais nele entre, pois Vós sabeis, por experiência, a verdade desta sabedoria escondida.

Oh santos anjos, cheios de Deus e ricos de glória, que perfeitamente vos humilhais diante do Senhor, e em quem não reina outra coisa senão Ele, sua luz e seu amor!

Ó cidadãos do Céu, que gozais dos frutos dos desprezos e abatimentos deste Senhor, e estais ricos dos tesouros que alcançastes por seguirdes esta sabedoria que d’Ele aprendestes, compadecei-vos deste cego, que anda tão

fora deste caminho. Oferecei-me com todos os vossos merecimentos e louvores, e alcançai-me d’Ele que me ilumine, e inflame em seu amor e imitação — para que eu mereça essa companhia tão rica de todos os bens soberanos. Amém.

TRABALHO XXXVI

Descrédito com os seus amigos, e triunfo dos seus inimigos.

Os grandes trabalhos, na sua maioria, nunca vêm tão sós que não sejam acompanhados de outros. E, por vezes, são tão grandes e de tal ordem que se sentem mais do que os principais. Vemos isto claramente nos de Cristo nosso Senhor: cada um que passou na sua vida, e muito mais no dia da sua sacratíssima Paixão, foi acompanhado de tantas e tão difíceis circunstâncias que cada uma delas pode ser justamente considerada como um gravíssimo trabalho; pois cada uma, por si só, bastaria para lhe causar grande sofrimento. Na sua prisão, juntamente, teve de andar debaixo dos pés dos soldados, sofrer a traição do seu Apóstolo Judas, suportar muitas formas de injúrias e inúmeros empurrões. Ser crucificado implica o desconjuntamento dos membros e outras circunstâncias semelhantes, em cada uma das quais havia tanto para padecer e sofrer como no tormento principal.

O mesmo se vê em todos os que sofrem. Quem deseja acompanhar o Senhor na compaixão e no sentimento dos seus trabalhos não deve deixar passar nenhuma dessas circunstâncias sem particular consideração, ponderação e estima, para lhe agradecer tudo minuciosamente e, por cada coisa, amá-lo e abraçá-lo no seu coração. Pois a fé ensina-nos que, em cada uma delas — até nas que parecem mais pequenas — Ele colocou tanta vontade e amor em padecer, que justamente por cada uma nos mereceu infinitos e divinos tesouros.

Assim, destas tão públicas afrontas que os Judeus fizeram a Cristo nosso Senhor (como já vimos), ao levá-lo pelas ruas de Jerusalém atado, desprezado, injuriado e tratado como louco, lhe aumentou um trabalho tão grande que talvez poucos o entenderão bem; mas é de tal natureza, tão penoso e gravíssimo, que o Senhor não podia deixar de o sentir muito, pois vemos que não poupou nenhuma pena ou dor que pudesse tornar a sua Paixão mais pesada. Assim pôde ser, para todos os atribulados, verdadeiro companheiro e consolador, e mostrar a fineza do seu amor em todo o género de trabalhos e sofrimentos.

Este trabalho foi o descrédito da pessoa sacratíssima de nosso Senhor, as suas divinas obras e a sua sacratíssima doutrina ficaram nos corações dos seus amigos e daqueles que gostavam de o ouvir, e que andavam sempre atrás dele maravilhados com a santidade das coisas que nele viam. Por outra parte, o triunfo que os seus inimigos faziam, que, no fim, conseguiram o que queriam contra o Senhor e levaram tudo a cabo. E ainda que Ele assim o ordenou, não lhe custou menos sofrimento e dor do que se tivesse acontecido por força. Porque quis que, na vontade e amor com que padecia, ninguém o igualasse; e que, no muito que tudo lhe custava, ninguém o superasse. Nem a fraqueza e imperfeição da carne podem tornar o trabalho forçado tão pesado quanto o faz o amor divino, que, por vontade, carrega sobre si a pena segundo a sua medida; a qual, em muitas partes, é maior para poder padecer muito voluntariamente, do que a fraqueza da carne para poder sentir muito o que forçosamente se padece.

Quanto ao primeiro, não há dúvida de que a maior parte das pessoas afeiçoadas a Cristo nosso Senhor havia de ficar suspensa e confusa; e os que mais tratavam com Ele, mais envergonhados; os que mais o seguiam, mais temerosos; e, em geral, todos duvidosos da verdade da doutrina e dos milagres do Senhor. Pois, como a maior parte das pessoas penetra pouco na pureza das virtudes, e não alcança muito do segredo dos divinos conselhos, e se governa mais pelo que os olhos vêem do que pelo que o espírito ensina, fazem juízos muito fracos sobre as coisas e não acertam bem com as verdades ocultas. Tinham o Senhor em muita conta enquanto o viam fazer milagres, penetrar os pensamentos dos seus inimigos e dizer-lhos; o mar, a terra, a morte e os demónios obedecerem-lhe; os seus contrários não conseguirem contradizer-lo em nada, ficando sempre confundidos; e o povo e a multidão seguirem-no admirados. E agora ver tudo isto mudar subitamente, e vê-lo tão desprezado, com as mãos atadas atrás e uma corda ao pescoço, tão entregue a tudo, que até os rapazes, algozes, soldados e inimigos faziam dele o que queriam, pôs nos corações de todos tamanha dúvida acerca de tudo o que admiravam no Senhor, que creio que até os doentes que Ele curou duvidariam da sua saúde, mesmo vendo-se curados.

Ora, como pelas praças e tendas de comerciantes da Judeia havia sempre discussão sobre a pessoa e obras de Cristo nosso Senhor, uns defendiam-no e tomavam o seu partido, dizendo que ninguém poderia fazer

o que Ele fazia se não fosse homem enviado por Deus; outros desfaziam nas suas obras; uns, a cada milagre que viam, proclamavam que tudo fazia bem, e que Deus, por Ele, visitara o seu povo; outros, por inveja, atribuíam tudo à feitiçaria. Vendo-o agora ser levado diante de todos tão abatido, que espanto causaria e em que vergonha e confusão ficariam os que eram por Ele e o adoravam?

Por um lado, as afrontas e insultos que os contrários do Senhor lançariam à face dos seus amigos; por outro, a ignorância da nossa humanidade, que é sempre pronta a enfraquecer na fé, se não houver palavras suficientes para encarecer quanto desacreditado ficou o Senhor na opinião dos seus amigos e quão duvidosos todos ficaram acerca do que d'Ele tinham aprendido. E como tudo isto, muito em particular, estava presente a Cristo nosso Senhor, Sabedoria eterna, a quem nada pode ser encoberto, não se pode imaginar a vergonha e afronta em que se viu a sua sacratíssima humanidade diante dos olhos de todo aquele povo. Conhecendo Ele o risco em que o seu crédito e honra estavam nos corações de todos, ouso dizer que nenhum mártir passou por este género de tormento, nem pessoa no mundo passou por tamanha vergonha.

O Senhor tinha outros amigos mais próximos, cuja lembrança lhe causava grande dor: como os Santos Apóstolos, Santa Maria Madalena, Marta e Lázaro, e outros em cujas casas muitas vezes se hospedara, e que tinham recebido d'Ele doutrinas mais particulares. Estes, embora não deixassem de o considerar como Senhor, mesmo vendo-o padecer o que padecia — pois, pela experiência mais direta que tinham da sua santidade, entendiam que tudo sofria injustamente por inveja dos Judeus —, enfraqueceram na fé da sua pessoa e passaram por grande vergonha diante de todos os que os conheciam como discípulos e familiares próximos de Cristo. Não entendiam ainda os segredos ocultos naqueles abatimentos do Senhor, e estavam magoados, confusos e perturbados por verem que Ele nem se defendia nem se libertava das mãos dos seus inimigos. Comparando estas demonstrações de aparente fraqueza com a virtude e o poder que tinham visto n'Ele para tudo, ficavam suspensos e indecisos. Por um lado, o amor que tinham ao Senhor magoava-os; por outro, a pouca fé deixava-os confusos. Assim, neles tudo era fraqueza, e no coração do Senhor — que

via e conhecia claramente tudo isto — cada sofrimento de um dos seus amigos acrescentava muito ao seu próprio.

Junte-se ao descrédito que o Senhor ia sofrendo nos corações dos seus amigos o triunfo e vitória dos seus inimigos: como andavam publicamente à vontade e contentes por terem conseguido o que queriam, por terem o Cordeiro nas suas mãos, tanto ao seu dispor; como justificavam todas as suas maldades e artimanhas contra Cristo nosso Senhor; como davam crédito às blasfémias que tinham dito contra Ele e confirmavam tudo o que contra Ele tinham feito; como lhe faziam guerra com as suas próprias virtudes e milagres; como toda a honra e glória que Ele tinha alcançado com os seus milagres, excelência da sua doutrina e majestade do seu poder, transformavam agora em afronta ainda maior para o Senhor e maior triunfo para si mesmos; como, de boca cheia, o confirmariam como enganador e feiticeiro; como escarneceriam dos seus discípulos e amigos onde os encontrassem. E tudo isto na praça, às claras, tão publicamente, que, com a mansidão e o silêncio do Senhor, ficavam a vangloriar-se e a gabar-se da sua vitória. Não há dúvida de que este género de afronta e sofrimento é de uma qualidade tal que parece não ter igual na vida.

Ver Cristo nosso Senhor tornar-se, para os olhos do mundo, de portador das verdades eternas em mentiroso; de autor de milagres em feiticeiro; de santo em louco; e, sem nenhuma outra culpa, apenas pelo que n'Ele era divino, ser tratado como se fosse uma praga para a sociedade; e ver a maldade, a inveja, o ódio, as blasfémias e as artimanhas diabólicas dos seus inimigos ficarem, aos olhos de todos, consagradas e justificadas como zelo da virtude, integridade de governo e amor à pátria e à comunidade; e ver triunfarem os males contra as suas soberanas virtudes — este é um género de sofrimento que só aqueles que passaram por algo semelhante podem, de algum modo, compreender quanto magoa, dói, aflige e cansa. Quanto maior for a grandeza e perfeição da virtude, tanto mais difícil é suportar este sofrimento do que qualquer outro na vida.

Por isso, já que nosso Senhor, na sua humanidade, não podia padecer todas as penas dos mártires e trabalhos dos justos, juntou aos seus tormentos as situações mais penosas da vida, tornando tudo o que padecia tão pesado e difícil de suportar que não só serviu para mostrar a perfeição e

santidade das suas virtudes, mas também para que todos os atribulados do mundo pudessem ver que os seus sofrimentos ficam muito abaixo das grandíssimas ondas de aflição e tormento que Ele suportou.

Quando o santo profeta David quis mostrar quão puro estava o seu coração do ódio aos inimigos, pediu a pior e mais penosa praga da vida: que, se alguma vez tivesse retribuído o mal com o mal, não só ficasse sem qualquer proveito interior, mas que, além disso, os inimigos o apanhassem, perseguissem, pisassem e matassem, e transformassem toda a sua honra em nada. Para o Profeta, o maior mal da vida era ver com os próprios olhos o inimigo, que não tinha mais razão contra si do que a sua maldade, prevalecer e levar por diante o seu ódio e mentira; fazer-lhe guerra com as próprias virtudes e, com as próprias verdades, abatê-lo, triunfando nas suas mentiras — especialmente quando os inimigos, na pessoa, eram muito mais baixos e perversos na malícia; e, quanto maiores fossem as virtudes, crédito e autoridade do perseguido, mais pesado era o sofrimento. Comparando o Senhor com os seus perseguidores em tudo isto, o coração devoto pode, de algum modo, compreender quanto sofreria ao ver tais inimigos triunfarem sobre si.

São tão admiráveis e perfeitas as doutrinas que o Senhor ensina às almas neste género de sofrimentos, que com razão lhe podemos pedir, com humildade, o que o santo David pedia: que use connosco desta misericórdia e no-la conceda como bênção de todos os bens nesta vida, comunicando-nos a luz da sua sacratíssima face, para que, na terra, o conheçamos e compreendamos os seus caminhos e exemplos. São tão elevados e divinos e contêm tantos segredos soberanos, que a natureza humana fica pasmada e enfraquecida, e sem a sua luz e graça particular não lhes pode chegar.

Vê-se aqui claramente que o caminho mais seguro para o Céu é o descrédito da pessoa com boa consciência, mais do que a opinião e honras do mundo, ainda que pareçam santas. Cristo nosso Senhor, que sabia quanto importava para a salvação do mundo ser conhecido e adorado por quem era, entendeu que era mais próprio caminho passar por tantas afrontas do que viver em louvores humanos — louvores que, mesmo que fossem verdadeiros, nunca seriam suficientes para o que Ele merecia. Quanto mais seguro será este caminho para os que o quiserem seguir, que devem pensar

de si que, diante dos olhos de Deus, não merecem louvor nem honra na terra.

O crédito e a opinião dos homens, os seus louvores e elogios, as honras que dão à pessoa e às virtudes, na maioria das vezes enganam: cegam o coração, que assim não vê as suas próprias imperfeições; levam-no a pensar de si mais do que é; abrem a porta à soberba, que destrói todas as virtudes, e geram o descuido de contentar apenas aquele Senhor que sabe e pesa na justa balança o que somos e o que verdadeiramente merecemos. Mas quem despreza ser tido em conta aos olhos dos homens, vigia-se contra os seus juízos e louvores, e procura apenas agradar a Deus, experimenta uma paz e consolação que o mundo não compreende: mesmo no meio dos abatimentos humanos, apresenta-se com tranquilidade diante do seu verdadeiro Juiz e Deus, e vive mais seguro dos perigos para a alma, amando voluntariamente, por Cristo, o abatimento que todos os exaltados e honrados aos olhos do mundo evitam.

Oh, se entendessem isto os que professam a perfeição evangélica e apostólica deste Senhor! Oh, se quisessem ter sempre diante dos olhos este divino retrato do Senhor abatido! Quão ricos, tranquilos, consolados e iluminados viveriam! É algo louvado por muitos, mas imitado por poucos; no entanto, a experiência mostra que os santos mais perfeitos e iluminados são levados pelo Senhor por este caminho, procurando tantas formas de se humilhar quantas os vãos procuram para se exaltar.

O Senhor também ensina quão pura e desinteressada quer que seja a fé e o amor com que deseja ser conhecido e amado pelos seus. Bem via Ele que, nestes abatimentos, punha em risco a fé e o amor dos que o seguiam então; mas, como eram uma fé fraca, que dependia apenas das maravilhas que viam n’Ele, e um amor frio, que apenas seguia as graças que recebia, preferiu, por então, dar esta prova à fé e ao amor dos seus — mesmo com o risco de o perderem —, a ser por eles tão pouco conhecido e friamente amado. Assim, pela fraqueza, humilhar-se-iam depois, quando, com a vinda do Espírito Santo, a fé e o amor se purificariam e se tornariam tão desinteressados, que os que se espantavam de Cristo afrontado se gloriariam de se parecer com Ele abatidos no mundo.

Muitos amam Cristo nosso Senhor enquanto não são postos à prova com coisas contrárias ao gosto da natureza ou do espírito; mas, chegada a hora do abandono de Deus e dos homens, poucos perseveram na pureza do amor. Ainda que Deus dê muito e encha as almas de toda a suavidade interior com que as prende a si, não quer ser amado por causa disso, mas apenas por si mesmo. Por isso, muitas vezes esconde tudo isto, para ver se o amor é desinteressado ou interessado. Porque, se a alma só segue Cristo quando sente o perfume dos seus suaves unguentos, e, quando Ele os oculta, duvida do seu amparo, julgando-se abandonada e procurando fora d'Ele, nas criaturas, alívio e consolação, é sinal claro de que ama mais o dom do que o doador.

E tal amor interesseiro precisa ser muitas vezes provado, para que se conheça bem o seu valor e não se perca. Amar Jesus na cruz, na afronta, no abandono, e não achá-lo menos belo nisso do que na doçura de sua companhia — quando Ele a concede — é sinal de amor puro.

Quem pouco trata da vida interior com o Senhor, e pouco se ocupa com o fim para o qual foi criado — que é conhecê-lo e amá-lo — não entende bem esta linguagem. Deus até o tolera, e não o abandona com a sua bondade, e pode até salvar-se, mas vive na pobreza dos bens interiores e sabe mal o quanto perde.

Mas aqueles que consagram todo o seu cuidado e esforço ao amor atual e à imitação viva do Senhor, descobrem quanto Ele é ciumento do amor da alma. Não aceita mistura alguma, por mais santa que pareça. Nem mesmo aceita o que é para Ele, se for mais em vista do que pode dar do que por Ele mesmo. As graças do Senhor são certíssimas; e o que Ele dá às almas que o amam puramente, não pode língua alguma dizer. Mas a fé assegura à alma a certeza de sua generosidade e largueza. Contudo, o amor Ele quer tão desapegado, que só Ele, e não o que pode dar, o acenda e alimente.

E quando o amor é dessa qualidade, permanece firme em toda a adversidade interior e exterior. Porque ama a Deus tanto quando Ele se mostra severo como quando se mostra suavíssimo.

Cristo também consola os justos, nesses abatimentos que quis sofrer, num tipo de sofrimento que Ele muitas vezes permite: o de verem os maus

prevalecerem sobre eles — o que é uma grandíssima prova de virtude. Os que amam puramente a Deus são, por regra, muito zelosos da sua honra e da salvação dos próximos. Procuram isso por todos os meios possíveis. Mas como não há como consegui-lo sem enfrentar os costumes dos negligentes, que vivem segundo os apetites da natureza, permite o Senhor que estes se levantem contra os bons e verdadeiros servos, e prevaleçam sobre eles por defenderem a sua liberdade carnal. Permite que isso aconteça mesmo à custa de grande desonra e abatimento dos seus servos. E com falso zelo lhes fazem guerra, os oprimem, e transformam as suas virtudes em crimes e onde cuidaram zelar a honra de Deus, tudo se volta contra eles, para maior abatimento seu. O que isto custa aos servos de Deus, só o Senhor, que os conhece, o sabe; mas eles, quando vêem os mares revoltos contra si, devem compreender a vontade de Deus, que nestes casos não quer deles, por então, o serviço que desejavam prestar-lhe, mas outro muito diferente, e do qual Ele mais se glorifica, que é o silêncio, o sofrimento e a humildade — ainda que vejam que são perseguidos como maus, sendo bons, e que as suas boas intenções e virtudes são tomadas por desonra, culpa e motivo de maior confusão para eles.

Porque padecer como santo, e por ser santo, ainda traz algum alívio e consolação; mas padecer como mau, e ver a própria virtude tornar-se açoite e tormento, por onde o servo de Deus julga agradar ao seu Senhor — isso é uma coisa pesadíssima de suportar.

Mas, neste ponto, é necessário ser tão fiel a Deus, que, calando e recolhendo-se, transforme em si os santos desejos e se deixe perseguir e tratar à vontade de cada um, e vigie sobre si mesmo para não julgar ninguém como mau por o perseguir, nem pensar de si que sofre como bom. Deve apenas pôr os olhos no Senhor e confiar-lhe, com amor puro, a salvação dos seus perseguidores; cuidar de si mesmo, considerando que não merecia tamanha honra como a de ser zelador da honra de Deus e da salvação do próximo; e reconhecer que Deus tomou os seus próximos por ministros seus, para o corrigir por meio deles e purificar os males que nele lhe desagradavam.

Nesses tempos, deixe nas mãos de Deus a sua própria honra e não se preocupe com ela; e, compreendendo que Deus quer que a perca, entregue

também a honra divina nas mãos de Deus, pois Ele a justificará. E trate apenas de o imitar em toda a humilhação: porque, se o Senhor quiser servir-se dele noutra coisa, abrirá para isso caminho e dar-lhe-á espírito para tal.

E porque estes tempos são muito difíceis de compreender, e este tipo de perseguições muito duras de sofrer, quis o Senhor permitir que os seus inimigos triunfassem sobre Ele, que muitos dos seus amigos se voltassem contra Ele, e que a maioria o tivesse em pouca conta — e a tudo Ele calou e sofreu, podendo livrar-se de tudo. E desta maneira, pelo silêncio e pelo sofrimento, venceu — para que os seus servos, em casos semelhantes, deixem a sua causa somente a Deus, a quem pertence, e tratem apenas de o imitar e de se parecer com Ele, começando por si mesmos a vitória sobre o mundo.

E para que sejam perfeitos neste género de humildade, lembrem-se daquela regra divina que São Bernardo deu para conhecer: que o perfeito desprezo de tudo consiste em desprezar o mundo, mas não desprezar ninguém, e desprezar ser desprezado.

Esta terceira adição é a principal, porque às vezes acontece que quem despreza tudo, acaba por estimar ser desprezado, e com isso passa a estimar-se em segredo, e perde tudo.

Exercício do descrédito que o Senhor teve com os seus amigos, e do triunfo que dele tiveram os seus inimigos.

Que é isto, bom Jesus, verdadeiro amigo da minha alma? Que extremo de abatimento é este a que chegais, que até com os vossos amigos quereis perder o crédito? E quereis que as vossas maravilhas e virtudes se tornem motivo de afronta e tormento para Vós, e triunfo e vitória para os vossos inimigos?

Vós, verdadeira glória dos justos, não sofreis senão pelas almas, e para adquirir muitos amigos; tudo quanto fizestes e ensinastes em vida são obras abrasadas no fogo do divino amor, para converter as almas, transformá-las em Vós, e prendê-las com cordas de puro amor.

Então, Senhor, como podeis pôr em risco a fé desses vossos mesmos amigos? Como podeis consentir que se envergonhem de vos terem ouvido, crido, seguido e acompanhado?

Aqueles que vos defendiam envergonham-se, ao verem os vossos inimigos vencerem, e ao verem os vossos Apóstolos fugirem; e os que vos seguiam, ao vos verem assim tão publicamente afrontado, e tão fraco aos olhos dos homens, e tanto à mercê dos vossos inimigos, ficam duvidosos das verdades que lhes ensinastes, e mais fracos na fé que tinham em Vós.

E, no entanto, passais por tudo isso, e suportais ser desacreditado diante deles, e colocais em risco essa santa amizade e a fé que em Vós tinham — por amor de mim.

Ó meu Deus e meu Senhor, quão puras e desinteressadas quereis que sejam as almas que vos amam! Não vos agrada uma fé que dependa apenas do que vê, nem vos satisfaz um amor que vos ama mais pelo que dais do que por aquilo que sois.

E porque esses vossos amigos ainda não sabiam amar-vos desprezado e com aparência de fraco, como vos amavam quando o mundo vos louvava e recebiam de Vós soberanas graças, preferis pôr em risco sua amizade e fé, para que com isso depois se humilhassem e se purificassem — pois vos amavam com um amor tão baixo, que não vos sabiam amar apenas por aquilo que sois, nem sabiam conservar inteira a fé, acontecesse o que acontecesse convosco.

A eles decidistes restituir o amor puro e a fé perfeita com a vinda do vosso Divino Espírito; e a nós quisestes ensinar — através do risco em que pusestes a sua fraca fé e o amor imperfeito — esta altíssima doutrina do amor puro e desinteressado com que quereis ser amado, e que mais do que tudo vos satisfaz.

Assim como sois simplicíssimo, puríssimo e perfeitíssimo, não vos contentais com qualquer pureza de alma, senão com o total desapego de tudo.

Só Deus deve ser amado: quereis ser amado unicamente, possuído unicamente, abraçado e unido às almas sem mistura de outro amor, não pelo que de Vós esperam — que é imenso e certíssimo — mas puramente por aquilo que sois: soberano bem, fonte e doador de todos os bens.

Tudo o mais que Vós não sois — por mais santo, grande ou excelente que seja — quereis que fique de fora, e que só Vós ocupeis o trono e o lugar dessa alma que tanto amais.

Oh, quão rica será a alma que assim vos amar! Quando, meu Deus, vos amarei eu desta maneira?

Oh, quão longe estou disso, quão cheio estou de interesses próprios e de amor-próprio! Porque não só não vos amo com esse amor tão puro e desinteressado, como, tirando-o de Vós, espalho-o pelas criaturas, alegrando-me de ser por elas amado e conhecido.

Não vivo, se os meus amigos tiverem de mim qualquer desgosto ou opinião diferente daquela que deles espero; inquieto-me se não me respondem como acho que mereço; quero que louvem as minhas obras, que adivinhem e justifiquem as minhas intenções.

Não digo ainda, meu Deus, nem as migalhas da verdade desta alma cativa do meu crédito e honra, e da amizade humana. E oxalá que não fosse além o viver dos meus maus desejos e apetites condenáveis, que a vossa infinita misericórdia me tolera, e só a vossa bondade pode arrancar desta alma.

Se alguma vez busco as vossas coisas, faço-o mais levado por mim e pelo meu interesse do que pelo vosso puro amor; e se tenho um amigo santo e virtuoso, apego-me mais a ele com uma afeição humana do que com um amor espiritual, puro e desinteressado.

Oh, quando curareis isto, meu Deus, nesta pobre alma? Oh, quão raro é esse puro e desinteressado amor, que esteja preso apenas a Vós, meu Deus — acima de toda a obra santa, acima de todo o amigo santo, acima de tudo o que é terreno ou celestial — e que se desapegue de tudo tão

generosamente por Vós, como Vós deixais tudo por mim. Oh Senhor, quão difícil é encontrar um espírito tão puro, limpo e desapegado!

Que é muito isto que eu faça por Vós, quando Vós o fizestes por mim? Se Vós, bom Jesus, fostes o meu Deus, que mais poderíeis fazer para me amar, do que antepor o meu amor a toda honra, a todos os amigos, ao crédito santo e à boa reputação, e perder tudo por esse amor, como fizestes? E tudo isto o fazeis por mim, pecador, para me mostrar o puro amor que me tendes e quão puramente quereis ser amado por mim. E eu, criatura terrena, acho muito desapegar-me de coisas tão baixas como tudo o que me afasta de Vós, para elevar este coração tão baixo à pureza do vosso amor.

Oh, quem nunca ocupasse o lugar do vosso amor nesta alma! Que tendes em mim, que me quereis tão só e desapegado? Só me quereis, amor divino; só e desinteressadamente quereis o amor deste coração. E se assim vos amar, meu Deus, que encontrarei em Vós? Oh amor, oh amor, oh amor! Quem se visse só convosco e não passasse mais além, nem tivesse mais nada seu — quão rico, quão satisfeito, quão transformado em Vós estaria!

Quando acabará, meu Deus, o peso desta carne terrena, que sempre puxa por mim e me afasta de Vós? Vós elevais-me, e ela abate-me; Vós abrasais-me, e ela esfria-me; Vós purificais-me, e ela mancha-me; Vós encheis-me de Vós — riquíssimo, belíssimo, puríssimo, amor eterno e divino transformador das almas — e ela leva-me às misturas de coisas baixíssimas que me afastam de Vós.

Oh, se já se gastassem estas impurezas deste velho e terreno homem, para que eu tivesse só a Vós como meu único e verdadeiro bem! Meu Jesus, amor da minha alma, desde agora renuncio, por amor de Vós, a toda a criatura: renuncio a parentes, amigos, prazeres, liberdade, crédito, reputação e tudo o que pode pesar neste coração, e o que me falta para a perfeição desta vontade, Vós, misericordioso Senhor, completai-o.

Purificai, divina pureza, esta alma que fizestes para ser o vosso trono e morada; apurai o seu amor, e tornai-o desinteressado, para que só a Vós vos ame puramente, e só a Vós deseje. Se quereis, meu Deus, que por serdes o único e puro amor da minha alma, eu seja na vida desprezado, abandonado, esquecido e desacreditado pelos amigos — por bons e santos que sejam —

e por toda a criatura, eu, meu único e verdadeiro bem, esposo da minha alma, assim o quero.

Que me falte tudo, mas não me falteis Vós; que todos me deixem, mas Vós não me deixeis; que goste de mim quem quiser — eu, por minha parte, só quero viver e morrer apegado a Vós. Oh, se chegasse essa hora! Oh, se visse em mim essa pureza!

Vinde, bom Jesus, vinde a esta alma, e fazei nela o que com tanto esforço me ensinastes, pois sabeis que não vivo senão quando vivo em Vós; e que tudo me deixe, pois só convosco me contentarei. Oh, se essa hora não demorasse!

Confessarei contra mim, meu Deus, a minha grande miséria à vossa divina misericórdia, para que me cureis e me deis o que quereis de mim. Vós, Senhor, ordenastes-me que, mesmo depois de fazer perfeitamente tudo o que me é mandado, diga que sou servo inútil, porque tudo o que faço de bem é vosso, e não meu.

E agora, espelho das eternas verdades, mostrais-me em Vós que quereis que isso seja sentido com todo o coração, e que esteja tão desapegado das minhas boas obras, e me considere tão pobre nelas, que se os outros, por causa do bem que faço, me fizerem mal, e se a minha própria verdade e virtude forem ocasião de guerra e perseguição contra mim — não como a um santo (o que ainda consola), mas como a um mau, hipócrita, fingido e enganador — que eu me cale e sofra, e me deixe tratar por todas as criaturas como cada uma quiser, para assim imitar, amar e possuir só a Vós.

Quando vejo isto, desejo-o; quando mo inspirais, decido-me; quando mo ensinais, quero parecer-me em tudo convosco. Mas quando chega a hora, oh, como me encontro diferente! Confesso a minha miséria, porque esta carne não aguenta tal cruz. Aqui caio, aqui me atolho, aqui perecem a fé e a paciência — e é aqui que mais preciso da vossa assistência e favor do que para qualquer outra coisa da vida.

Vós, meu bom Jesus, não podeis dizer verdadeiramente que sois servo inútil, porque só Vós destes a todos o benefício da vida eterna. A vossa doutrina é abrasadora, penetra as almas e cativa os corações; as vossas

obras são divinas, a vossa vida sem mancha; em tudo sois cheio de riqueza para as almas. E tudo isso é vosso, porque o fazeis com a vossa virtude, e não com outra.

E, ainda assim, quisestes que com as vossas maravilhas e palavras — como se fossem más, enganadoras e traidoras — os vossos inimigos vos afrontassem e triunfassem de Vós, eles ficassem justificados e Vós condenado; eles louvados e Vós desonrado; eles tidos por sábios e Vós por traidor e malicioso.

Oh, minha soberana verdade, oh, minha verdadeira vida, quão difícil isto é para a minha carne! E, ainda assim, quereis que os vossos assim vos amem, assim vos conheçam, assim vos desejem e sigam; e quereis que vos achem tão formoso nesse abatimento, como vos verão glorioso na ressurreição.

Não quereis ser amado senão como quer que apareçais à alma, e que de toda a maneira vos ame, vos deseje, e a Vós só se submeta — quer glorioso, quer desonrado, com cruzes ou com graças e favores.

Confesso, meu Senhor, que isto é o que me cabe; mas também confesso que a minha miséria não chega a tanto, e se espanta quando se vê diante de tal ocasião. Confortai-me, Senhor, e elevai este coração terreno da terra, para que sem impedimentos possais nele realizar o que quereis.

Lembrai-vos, Senhor, de que a recordação destas coisas no Horto vos fez suar sangue, quando deixastes a vossa sacratíssima humanidade sentir como humana o que havia de padecer. E eu, que sou menos do que humano, pecador e terreno nos desejos e nas misérias, que farei? A Vós clamo, e clamarei; a Vós reconhecerei como meu Deus, e só Vós podeis fazer em mim o que eu não posso.

Já que, Senhor, me mandais que diga (depois de tudo feito) que sou servo inútil, porque sois Vós que fazeis todo o bem em nós, para que assim o conservemos, eu desde já confesso que sou muito inútil, miserável e mais fraco do que toda a criatura.

Mas lanço-me nesses vossos braços divinos, arremesso-me a esses vossos santos pés, e peço-vos, pela vossa bondade, que em mim façais as vossas maravilhas.

Não vos peço que estas aflições não venham sobre mim, mas peço-vos que me deis um amor tão grande para as padecer por Vós, que nenhuma outra consolação maior tenha nesta vida, senão ser afligido sempre com dores, da forma que quiserdes, sem que retireis a vossa mão — e que assim eu viva e morra contente, por vosso amor e para me parecer convosco.

Abatido e desonrado como mau, vos quero; e da vossa mão quero ser tratado na vida da mesma maneira. Que triunfem de mim os meus inimigos, fazendo eu tudo o que devo, e que o meu coração nunca pense que sou melhor do que eles, ou que faço mais do que eles.

Meu Deus, que eu nunca pense que sou perseguido como justo; mas sim que padeço muito menos do que mereço. E concedei-me a graça de amar os meus inimigos como verdadeiros amigos, e como instrumentos da vossa providência e vontade.

Aqui, Senhor, me mostrais as vossas maravilhas, fazendo deste vosso mau e indigno servo alguém tão humilde e submisso por vosso amor como Vós quereis. Fazei, Senhor, que no meu coração não haja diferença entre ser perseguido por bons ou maus, nem entre ter razão ou não. Mas que a minha única razão seja que Vós o quereis assim, e a minha justificação seja apenas imitar-vos e parecer-me convosco.

Abri, Senhor meu, os vossos tesouros, e fazei nesta miserável massa as vossas obras divinas. Desapegai de mim tudo o que este coração pode sentir, e apegai-me só a Vós. Oh, só Vós, meu Deus, meu Jesus, meu amor — e mais ninguém!

Santíssima Mãe de Deus, defensora dos fracos, auxílio dos errantes, valei-me, e alcançai-me este tesouro do vosso Senhor. Vós sabeis, Rainha dos Anjos, que a minha alma não foi criada para outra coisa senão para estar perfeitamente unida, por amor puro, a este Senhor — e sabeis quão mal empregada ela está fora d’Ele.

Alcançai-me a sua graça e luz, para que só a Ele busque, só a Ele deseje e possua, só a Ele ame de todo o coração, e não valorize nada que não seja isso ou que não leve a isso; e que não tema senão aquilo que me possa afastar d’Ele.

Oh santos da glória e espíritos bem-aventurados, ajudai este pobre desterrado, mais fraco e miserável por culpa minha do que por fraqueza da natureza. Elevai o meu coração até aquele que vos tem tão cheios e ricos de si, para que, com Ele satisfeito, nada mais cative ou perturbe esta alma, nem a afaste d’Ele para sempre. Amém.

TRABALHO XXXVII

Trocado por Barrabás, e contado entre maus, e ladrões.

O descrédito e o abatimento do Senhor, a que foi submetido na Sua Paixão, não podiam chegar a maior extremo — e isso não em muitos dias, mas num só; nem em muitas horas, mas em menos de seis — do que ver-se dar mais valor a um ladrão, agitador do povo, revoltoso e homicida do que a Ele. E ter como castigo próprio e como companhia mais adequada a dos ladrões, sendo contado entre a gente perversa que mais dano causa à república, e com eles e entre eles ser condenado à morte. Assim foi, e assim o procurou a malícia dos inimigos do Senhor por todos os meios que pôde; e quando não o conseguiu por justiça, conseguiu-o por insistência, gritos e motins do povo.

Na sexta-feira da Paixão, logo de manhã cedo, levaram o Senhor a Pilatos. Eles não quiseram entrar na casa dele, por ser dia santo da Páscoa (como já dissemos). Pilatos saiu ao encontro deles e perguntou pelas culpas que traziam contra o Senhor, pois assim Lhe traziam atado e humilhado. Os Príncipes, Sacerdotes, Doutores da Lei e Fariseus, inimigos do Senhor, querendo dar crédito às suas pessoas e ver se, só pela autoridade dos principais entre os judeus, podiam concluir o que pretendiam, sem mais forma de juízo, responderam a Pilatos: «Se este não fosse malfeitor digno de morte, não To entregaríamos assim.»

Pilatos, incomodado com tal resposta, tão contrária à justiça, disse-lhes que tratassem eles do assunto com o Senhor e O condenassem segundo a sua lei. Mas como eles pretendiam dar-Lhe morte de cruz — para o que não tinham jurisdição, pois os Romanos lha tinham retirado, embora por outros crimes contra a sua lei pudessem aplicar outro tipo de pena — e porque também queriam matar o Senhor não só por delitos contra a lei, mas por outros crimes mais afrontosos que Lhe imputavam, com os quais procuravam desacreditá-Lo ainda mais, disseram a Pilatos que não podiam aplicar a ninguém o género de morte que o Senhor merecia.

Então começaram a acusá-Lo de revoltoso e perturbador do povo, dizendo que começara na Galileia e continuava até à Judeia. Desde o início evitavam acusá-Lo de culpas concretas, pois eram tão evidentemente falsas que temiam que, sendo descoberta a sua malícia, não conseguissem convencer Pilatos a fazer o que desejavam. Por isso, limitavam-se a acusações gerais — que Ele era revoltoso, perturbador, e outras do mesmo género. No fim, acusaram-No de Se fazer Rei e de proibir o pagamento do tributo ao imperador César.

Pilatos afastou-se deles e remeteu-O a Herodes, pois era da sua jurisdição (como já dissemos). Tendo voltado novamente a Pilatos, trataram de acusar o Senhor de crimes concretos, cada um deles digno de morte segundo as leis romanas; voltaram à acusação anterior de que O tinham apanhado a proibir e persuadir o povo a não pagar tributos ao imperador, com o pretexto de liberdade da pátria, e que Se fazia Rei, contra a lei imperial dos Romanos.

Pilatos, não podendo já dissimular perante a gravidade destas acusações — embora visse bem que o Senhor não tinha qualquer poder terreno que fizesse crer que Se queria fazer Rei — começou a interrogá-Lo ali mesmo, diante dos judeus. E, não encontrando nada provado contra Jesus Cristo, vendo que Ele a tudo se calava, retirou-se para dentro e chamou Cristo à parte, para saber de onde era e como Se considerava, e ver se podia descobrir algum indício do que os judeus diziam contra Ele. Perguntou-Lhe se Se considerava Rei, ou se vinha da linhagem dos Reis da Judeia.

O Senhor respondeu: «O meu Reino não é deste mundo. Se o fosse, os meus servos teriam combatido por Mim, para que Eu não caísse nas mãos dos judeus. Mas o meu Reino não é daqui de baixo.» Resposta digna de profunda reflexão. Se o Senhor fosse Rei da terra, os servos teriam combatido por Ele contra os judeus. Mas sendo Ele Rei do Céu, os Seus servos celestiais não O defendem na terra, como se houvesse menos lealdade entre os do Céu do que entre os da terra. Mas é o contrário, pois os vassalos da terra defendem — com ou sem justiça — aquilo que julgam ser grande, mesmo que se enganem. Já os do Céu, ensinados pelo seu Rei soberano, sabem o quão pouca ou nenhuma importância têm as coisas da terra, comparadas com as do Céu, e quanto mais se ganha em perdê-las do

que em conservá-las. Por isso, não defendem o seu Rei, injuriado na terra, pois é com o merecimento do seu sofrimento que Ele há de povoar o Céu. Nem livram os outros amigos e vassalos que vivem na terra dos seus trabalhos e inimigos, porque com isso garantem as riquezas do Céu. E como a sabedoria e o entendimento das coisas no Céu é diferente do da terra, lá as coisas são regidas por leis mais certas e seguras do que no mundo.

Disse Pilatos ao Senhor: «Então, és Rei?» Respondeu o Senhor: «Assim é como dizes. Eu não nasci para outra coisa, nem vim ao mundo senão para ensinar e confirmar a verdade. E quem é da verdade ouve e segue as minhas palavras.»

Esta palavra de Cristo deve fazer todo o cristão refletir, aquele que professa querer salvar-se pela Sua doutrina. Porque, vistas bem as verdades que o Senhor ensinou na Sua doutrina, e a prova delas que deu com a Sua santíssima vida e com os perfeitíssimos exemplos da Sua sacratíssima Paixão, e comparando tudo com a vida e intenções de cada um, pode-se ver claramente se é dos que verdadeiramente seguem a verdade ou se se deixam enganar por coisas que o Senhor desaprova. E como disso depende nada menos do que salvar ou perder a alma, todo o cristão tem grande obrigação de não viver de forma superficial, mas com muita atenção, para não ser contado entre os reprovados deste Senhor.

Mas parece-me que, por causa dos nossos pecados, Pilatos tem hoje muitos companheiros nos seus descuidos, que ouvem muitas verdades do Senhor, mas pouco se empenham em entendê-las e amá-las com o coração. Como fez Pilatos, que, ouvindo o Senhor, Lhe perguntou o que era a verdade. Pergunta acertada, que se fosse feita com mais atenção e desejo de ser iluminado pela luz divina que ali tinha diante de si, daria ao mesmo Senhor ocasião para lhe conceder grandes e assinaladas graças. Mas ele, logo após fazer a pergunta, vendo que o Senhor falava de um Reino do Céu — que ele não entendia, nem dava valor, e que não dizia respeito ao império de César — julgou que tudo aquilo seria um tipo de santidade judaica, e que os judeus, por inveja, não queriam que o Senhor ganhasse mais crédito de santidade entre o povo do que eles próprios. E, considerando tudo como pura vaidade, decidiu libertar o Senhor; e sem

esperar resposta a tão singular pergunta, como a que tinha feito, saiu de novo com Cristo ao encontro dos judeus e disse-lhes:

«Fiz-Lhe as perguntas que viram aqui publicamente diante de Vós, e cá dentro investiguei mais detalhadamente estas questões sobre este homem; e não achei culpa alguma n'Ele. Nem Herodes, a quem vo-Lo enviei, Lhe achou culpa; bem vistes que mo tornou a mandar sem dar sentença. Eu Lhe darei algum castigo, para emenda, se fez algum alvoroço, para que cesse, e soltá-Lo-ei.»

Os príncipes dos judeus ficaram desconcertados com esta decisão de Pilatos, pois temeram que Cristo, ainda que se calasse em público, desse a Pilatos, em segredo, tantas razões que o convencesse e lhe fizesse ver a verdade de tudo, e a falsidade dos acusadores. E, vendo que até ali não tinham conseguido nada e estavam em risco de perder o fruto de todas as suas intrigas, recorreram de novo à insistência, aos gritos, à agitação e ao motim do povo, que muitas vezes, ou na maior parte das vezes, consegue tudo o que quer, mesmo contra a justiça.

Desejando Pilatos libertar o Senhor, que tinha por inocente, e não conseguindo resistir ao motim que os príncipes dos judeus incitavam no povo, quis usar de astúcia com eles. Os governadores romanos tinham por costume, no dia da Páscoa, libertar aos judeus um preso, à escolha do povo, em memória e significado de que nesse dia Deus libertara o seu povo do cativeiro do Egito.

Naquela altura havia em Jerusalém um preso notório, culpado de grandes crimes, chamado Barrabás, conhecido por ladrão, e que recentemente causara uma grande revolta no povo, durante a qual matara um homem. O escândalo e o ódio contra ele estavam ainda tão frescos no povo que Pilatos não acreditava que alguém quisesse dar a vida a um homem tão mau e tão nocivo para a república. Por ser este o mais notório e escandaloso preso que havia, comparou-o com Cristo nosso Senhor, cuja doutrina e milagres ainda estavam muito presentes por toda a parte, de forma tão viva que parecia que só a diferença entre tamanhas maldades e escândalos, e tão grandes e claras virtudes, bastaria para que todos pedissem a vida do Senhor.

E ainda que Pilatos não conhecesse plenamente o Senhor, via n'Ele tamanha paciência, uma mansidão tão suave, uma modéstia tão imperturbável, uma serenidade e gravidade no rosto e nos olhos, uma maturidade de gestos tão admiráveis, mesmo em meio a tantas afrontas e sofrimentos — mais do que suficientes para abater e derrubar qualquer ânimo forte e prudente — que não podia crer que houvesse coração tão desumano que preferisse dar a vida de tão mansa criatura pela de um homicida e ladrão escandaloso. E assim disse ao povo: «Tendes por costume escolher um preso para ser libertado neste dia; escolhei entre estes dois — Barrabás ou Jesus, a quem chamais Cristo: qual deles quereis que hoje vos solte?»

Mas o ardil de Pilatos não resultou como ele imaginara, porque os príncipes e sacerdotes dos judeus, que não tratavam do bem da terra, mas apenas de satisfazer o seu ódio, viram nesta escolha o seu intento quase alcançado. Pois Pilatos, ao dar essa escolha, parecia comprometer-se a condenar um dos dois, libertando o outro. Por isso, os sacerdotes foram ter com o povo e persuadiram-no a pedir a vida de Barrabás e a morte de Cristo nosso Senhor.

E como o povo amotinado costuma não pensar nem pesar as razões das coisas, mas, como um animal desenfreado, se lança ao que primeiro se lhe apresenta, vendo ali os seus príncipes e sacerdotes, seguiram-nos sem mais consideração, e começaram os príncipes e sacerdotes, e depois deles todo o povo, a gritar que lhes soltassem Barrabás, o ladrão e revoltoso.

Pilatos, espantado com tal desatino, disse-lhes: «Pois se eu soltar esse homem mau, que farei de Cristo?» E todos gritaram: «Seja crucificado!»

Não satisfeitos com tal troca, os judeus quiseram que o Senhor fosse crucificado entre dois ladrões, e com eles fosse levado à cruz, para maior desonra Sua, e para se cumprir o que estava profetizado: que seria contado entre os malfeitores.

Eis aqui quem é o povo a quem a maior parte dos grandes do mundo deseja agradar! Eis aqui de quem muitos se vangloriam quando são louvados! Eis aqui a paga que Cristo, nosso Senhor, recebeu por tantos benefícios que lhes tinha feito! De facto, a novidade e o extremo dos

sofrimentos a que o Senhor foi submetido são de espantar e emudecer o coração humano; não deixam palavras para os exprimir; só deixam aberta a porta ao coração devoto para sentir, pasmar e derreter-se quanto puder.

Cristo, nosso Senhor, mostrou bem em Si a verdade daquilo que dissera aos Seus Apóstolos, quando os animava a suportar os sofrimentos que o mundo lhes preparava, aconselhando-os a não se afligirem por se parecerem com Ele, dizendo: «Se o mundo vos odeia, sabei que antes Me odiou a Mim.» Se fossem do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, porque não são do mundo, por isso o mundo os odeia. Porque o mundo ama o que é seu: defende os ladrões, dá vida ao homicida, solta o revoltoso, favorece os maus; e ao autor da vida mata, ao pacificador de todas as perturbações condena, e troca o inocente pelo culpado.

Este é o mundo: servido, buscado, venerado, e por quem ordinariamente os homens se perdem — o qual, quanto mais velho se torna, mais endurece nesta sua má condição de perseguir e odiar os bons e as virtudes, justificar as vaidades e consagrar os vícios como se fossem verdadeiros prazeres. E tem tal poder sobre as pessoas, que, mesmo dando mais tarde ou mais cedo desventuradas recompensas, continua a ser acreditado. E com tão grande engano enfeitiça, que, mesmo tendo os seus males diante dos olhos — que não se podem esconder — arrasta a maior parte das pessoas atrás de si, como se andassem em busca dos verdadeiros bens. Mas quem o segue, não se esqueça desta palavra do Senhor: que o mundo ama e favorece o que é seu; e que, porque os de Cristo não são do mundo, o mundo os odeia. Assim, vai em risco a alma de cada um, conforme o bando a que se juntar: ou ao do mundo, para se perder, ou ao de Cristo, para se salvar — ainda que por isso seja odiado pelo mundo.

Poderosíssima consideração é esta, para os que de coração sincero imitam e amam o Senhor: odiar o mundo de boa vontade, vendo como tratou Cristo, nosso Senhor, e que má troca fez por Ele; e perceber que, se o mundo ama os maus, é para os acabar de enganar e destruir. Já o Senhor ama os bons para os coroar, e ama os maus para os justificar e salvar.

Por outro lado, quem compreende bem a natureza deste Senhor, e tem experimentado o amor que sempre ardeu no Seu coração, e que mostrou aos pecadores — e quanto trabalhou por os buscar e por Se parecer com eles —

parece que Lhe faz injúria considerar como sofrimento o ter sido trocado por homicidas e contado entre malfeitores. Antes, parece que, para a fineza e grandeza do Seu amor, essa foi a melhor e mais desejada hora de toda a Sua vida: ver dar-se vida a maus porque Ele morria, e ser acompanhado por pecadores que Ele veio buscar à Sua custa.

E assim, ainda que seja gravíssimo sofrimento passar por tamanho desprezo de um povo tão cheio dos benefícios do Senhor — povo que O considerou mais indigno de viver do que um homicida e perturbador da república — todavia, no coração deste Senhor, com razão se pode pensar que muito maior sofrimento seria, no dia em que estava oferecido a morrer por todos, ver tirar-se a vida a outro, por pior que fosse, para Lha dar a Ele. E ainda que, da parte dos que fizeram tão má troca, tudo foi cegueira, pecado e erro, da parte da providência do Senhor foi desígnio do eterno conselho, para que todo o pecador tivesse penhor certo nesta troca — que, sempre que quiser, poderá oferecer por si a vida e o sangue deste Senhor.

E assim deve todo o coração cristão acreditar que, quando o Senhor ouviu pedirem a vida de Barrabás e a morte d'Ele, consentiu em Sua alma com amor ardente nessa troca, e com eficacíssima oração interior Se ofereceu a Si mesmo e Se trocou diante do Pai Eterno, por Barrabás e por todos os pecadores. E alcançou de Deus que essa troca e contrato ficassem firmes e confirmados para todos os pecadores que se quiserem salvar.

Por isso, já que o Senhor aceitou de tão boa vontade a companhia dos maus, para ser por eles trocado e acabar entre eles a vida, nenhum — por muito mau que seja — pode desesperar de encontrar lugar na companhia deste tão verdadeiro amigo dos pecadores. Porque Aquele que, durante a vida, foi sempre tão acolhedor para com eles, que nunca lhes fechou a porta, que com eles se acompanhava, e que na morte quis acabar entre eles, levando logo com Ele para o Céu, como primeiro resgatado, um ladrão da cruz — como poderá, já tão comprometido, recusar no Céu um lugar junto de Si ao pecador que O procura?

Da parte de Deus, não há dúvida; da nossa, há muito a temer. Porque Ele Se deu por nós, e com isso ficámos resgatados; mas nós voltamos a trocá-Lo, e a dar-Lhe em troca coisas que nos condenam. E bem consideradas as coisas com juízo limpo dos enganos do amor-próprio, neste

perverso pecado dos judeus temos caído todas as vezes que, com pecado mortal, lançamos Deus fora da alma.

E não sei se a nossa troca não é ainda pior: porque Barrabás era criatura deste Senhor, por quem Ele morria, e foi trocado por Aquele que Se dava para o salvar. Mas trocar o Senhor por coisas tão baixas e pecados tão feios — que Ele tanto abomina, e pelos quais morreu para os remediar — e pelas vaidades do mundo, que Ele condena à Sua custa, é mais do que uma alma deveria ousar fazer, e não se atreveria sequer a levantar os olhos a este Senhor.

Porque pecar mortalmente não é outra coisa senão expulsar Deus da Sua casa — casa que Ele fez, e que comprou com o Seu sangue — e pôr no Seu lugar o pecado, que é o que torna o inferno horrível, medonho e insuportável. E o homem cristão não só sofre este mal na alma, mas come, dorme e se alegra com a vida e com os próprios pecados, mesmo depois de ter feito tão infeliz troca.

Nem serve de desculpa, nem torna o nosso pecado mais leve, o facto de os judeus terem trocado Cristo por Barrabás por paixão, inveja e ódio. Antes, a meu ver, isso ainda mais nos condena: porque nós, mesmo adorando este Senhor como Ele é, e esperando d'Ele a salvação e todos os bens, sem Lhe termos ódio algum, gostamos tanto de pecar, e temos tanto amor às ofensas que Lhe fazemos, que O trocamos sem estima, e sem receio de O perder, pelos gostos desta vida.

Enfim, tais somos nós, e nada nos salva senão o facto de este Senhor não ser hoje menos amigo nem menos paciente do que era no dia em que morreu por nós.

Exercício da troca do Senhor por Barrabás e de ser contado entre os maus.

Adoro-Vos, meu bom Jesus, Filho do Deus vivo, e dou-Vos infinitas graças por este excesso de amor que agora me mostrais: pois não Vos contentastes em tomar carne de pecadores, e com eles viver, recebê-los com misericórdia, e satisfazer pelas nossas culpas; mas, para nos mostrares o

grande, infinito e ardente amor que nos tendes — já que não podeis pecar para ser verdadeiramente contado entre os pecadores — quisestes ser tido por pior que os perversos deste mundo, e como daqueles que são a perdição da república: ladrões, homicidas, e como pior que eles, considerado mais indigno da vida do que eles, e, como seu capitão, condenado com eles.

Que Vos darei, amor infinito, por tão grande excesso de amor? Como, meu Salvador, poderei retribuir esta amizade tão ardente que me tendes, este fogo de divina caridade com que me amais?

Dou-Vos, meu Deus e Senhor, este coração pecador. Já que tanto desejastes parecer-Vos comigo e ser tido pelo que eu sou, não desconhecereis a miséria e malícia desta alma tão triste. Tomai-a, meu Senhor, para Vossa companhia; tratai de mim como for da Vossa vontade, pois tudo o que ordenardes que eu sofra ou passe por Vós, nunca poderá chegar sequer à mais pequena migalha destes extremos de desonras que por mim passastes.

Perdoai-me, bom Jesus, quanto tempo da minha vida gastei a servir e agradar a um mundo tão mau, que tão mal vos conhece e tão pouco vos agradece os benefícios que lhe fizestes!

Barrabás, meu Deus e vida da minha alma – um ladrão revoltoso e homicida – mereceu mais viver do que Vós, saúde das almas, descanso dos perseguidos e tesouro de todos os bens para os que vos amam? O mundo prefere que viva Barrabás, meu dulcíssimo Jesus, do que Vós?

Oh, quem nunca tivesse visto o mundo! Oh, quem sempre o tivesse odiado! Oh, quem nunca vos tivesse perdido por amor dele! Que mais pode fazer um tal mundo senão proteger os seus e matar-vos a Vós?

Não encontrou o mundo, meu Deus, outra companhia mais digna para vos crucificar senão entre ladrões? Esqueceram tão depressa os vossos milagres, os vossos divinos exemplos, as santíssimas obras e heroicas virtudes? Esqueceram tão depressa a doçura com que a todos acolhíeis, a sabedoria com que ensináveis, o poder divino com que curáveis, a paciência com que suportáveis e o amor com que tratáveis a todos?

Ninguém vos procurou sem que o ajudásseis; a ninguém escandalizastes. Nada quisestes do mundo, sendo pobre; não buscáveis as suas honras, sendo humilde; a ninguém incomodáveis; a todos fazíeis bem, ajudáveis, defendíeis, amparáveis. E quando vos põem à escolha, diante desses mesmos, para tentar escapar à morte que os vossos inimigos vos procuravam dar, libertam o ladrão e crucificam-vos. Pedem vida para o homicida e, a Vós – verdadeira vida das almas – pedem a morte. Têm-vos como pior que ladrões, como tão prejudicial ao povo, que pensam salvar as suas almas e garantir a sua segurança derramando o vosso sangue sobre si e sobre os seus filhos, para vos tirar a vida, expulsar-vos do mundo e afastar-vos da convivência humana.

Oh bendito, oh louvado, oh glorificado sejais, meu bom Jesus!

Oh miserável de mim, meu Deus e minha misericórdia! Com este mundo, que assim vos trata, fiz eu paz, a este sirvo, nele pus o meu coração, a ele desejo agradar. Sinto perdê-lo, amo possuí-lo, e por ele, e com ele, me perco. Dai-me, Senhor meu, um perfeito desprezo por ele, desde hoje e para sempre. Que só a Vós ame, só a Vós busque, só a Vós deseje, só a Vós estime.

Quando, meu Deus, me verei convosco – perseguido, humilhado e desprezado por este mundo tão mau – e nisso contente, como vos vejo a Vós, dulcíssimo amor da minha alma?

Que bem me pode dar o mundo, ou o que posso eu esperar dele, se a Vós, bem supremo, assim desconhece e trata? Oh vida perdida a que gastei nele! Que pensamentos perdidos, desejos e cuidados desperdiçados neste mundo! Curai, Senhor, por vossa bondade, esta minha miséria. Dai-me perfeito desprezo de tudo quanto há no mundo, para que perfeitamente vos ame só a Vós.

Que me tenha o mundo, daqui por diante, em má conta, para me assemelhar a Vós, meu Deus e Senhor. Que me aborreça, para que Vós me ameis. Que me lance fora de si, para que Vós me recebais. Que me trate de tal maneira, que já que o vosso amor não me leve até Vós, ao menos a perseguição do mundo me obrigue a buscar-vos.

Bom Jesus, vida e esperança da minha alma: já que o mundo vos lança fora de si, vinde a mim! Eu vos abraçarei, morrerei por Vós, e vos reconhecerei por meu Deus e Senhor.

Diga o mundo, meu Deus, o que quiser; trate-vos como não mereceis. Eu vos adoro, verdadeira vida, vos adoro, tesouro dos bens eternos. Adoro-vos, verdadeiro companheiro e amante das almas. Entre ladrões, vos reconheço por meu Deus; sendo trocado por um homicida, vos confesso por aquele que dá a vida eterna.

Adoro esse amor que a tais extremos vos levou: nele quero abrasar-me, nele consumir-me, nele transformar-me e nele acabar.

Oh meu Deus, oh infinita misericórdia! Quanto tendes que curar das minhas maldades e desventuras! Quando, meu Deus, ponho os olhos em Vós e em mim – no que por mim sofrestes e no que eu contra Vós cometi – desejo confundir-me e sumir-me nos abismos, se pudesse, porque tudo e muito mais mereço.

Eu sou, meu Senhor, mais culpado no pecado deste povo que todos eles. Eles trocaram-vos por Barrabás, criatura vossa que queríeis salvar e por quem padecíeis; fizeram-no por ódio e inveja que vos tinham. Mas eu, meu Deus, troquei-vos muitas vezes, não por paixão, mas por gosto; não por ódio, mas por afeição má deste meu coração, por meus desgraçados apetites e pecados. Deixei-vos pelas vaidades do meu coração, por amor aos males que me defendíeis e por pecados abomináveis e vergonhosíssimos.

Vós, riqueza da minha alma, oferecíeis a este pobre coração, por inspirações interiores, a vossa divina formosura e bondade, e eu preferi os prazeres das criaturas a Vós.

Oh meu Deus, por que coisas tão baixas e feias vos desprezei! Quantas vezes matei em mim o vosso Espírito, por vontade do demónio! E querendo Vós viver e reinar no meu coração, preferi antes que vivessem nele os pecados que contra Vós cometi, em vez de Vós, meu bem supremo e verdadeiro.

Como é que os meus olhos não se derretem em lágrimas, meu Deus? Como ouso estar diante de Vós, meu bom Jesus? Como posso levantar os olhos para Vós, sendo tão mau e tendo feito troca tão perversa e desgraçada de Vós?

Perdoai-me, Senhor de toda a misericórdia, perdoai as minhas grandes misérias. Oh, quem nunca vos tivesse perdido, nem vos tivesse lançado fora da alma! Vós sois a minha vida, e eu vos rejeitei por verdadeiras mortes. Vós sois a minha sabedoria, e eu vos desprezei por cegueiras. Vós sois a minha clara luz, e eu vos troquei por densas trevas.

A Vós resisti em mim e favoreci a minha carne. A Vós desprezei, e no vosso lugar aceitei males e pecados. A Vós, meu Deus, lancei de mim, e pus em vosso lugar o demónio e as suas obras.

Oh Senhor de toda a piedade! Que a misericórdia que vos fez padecer tanto por mim, tenha também piedade da minha miséria.

Aqui, Senhor, me lanço a vossos pés; aqui me despeço de tudo quanto amei contra Vós; aqui renuncio a tudo o que até agora estimei contra a vossa lei. Fazei Vós, meu Deus, que isso seja perfeito: entrai, bom Jesus, nesta alma que é vossa; tomai, minha glória, o vosso lugar; vivei nela, reinai nela, meu soberano Rei.

Que me repugne, meu Deus, tudo o que até agora amei; e que só Vós sejais por mim amado. Que acabem agora, Senhor, os meus pecados, por vossa infinita misericórdia. Criastes-me para Vós, Senhor meu, e perdido ando sem Vós. Não sei para que serve viver, se é para de novo vos lançar fora de mim e vos ofender.

Resgatai-me, Senhor, curai-me, lançai fora desta vossa alma os vossos inimigos, pois para vossa morada a criastes. Possuí-a totalmente; fazei nela e dela tudo o que quiserdes, agora e sempre.

Satisfazei-vos de mim à vossa vontade: castigai-me, atribulai-me, açoitai-me – contanto que também me possuais e sejais o único a habitar neste coração, pois não só o criastes, mas o redimistes e comprastes com vosso preciosíssimo sangue.

Este sou eu, meu Deus. Mas quando olho para Vós, para o grande amor que me tendes e me mostrais, desejo abrasar-me, derreter-me todo no fogo do vosso amor puro.

O que sentiu, meu Deus, o vosso inflamado coração quando vistes que davam vida ao homicida e a Vós a morte? Que sentiu o vosso divino amor ao ver-se contado entre ladrões?

Agora deveis estar contente de Vós mesmo – esta deve ser a hora dos vossos gostos. Enquanto pregáveis aos judeus, comíeis e conviveis com pecadores, e os maus fariseus vos chamavam, com verdade, amigo de publicanos e pecadores. E porque sempre os defendíeis, dizendo que a eles viestes buscar, agora vos condenam à morte entre eles, como se fôsseis um deles, e como alguém do meio deles.

Agora, verdadeiro salvador dos pecadores, que estais entre eles, e por quem dais a vida, e que tendo-os ao vosso lado na cruz, lhes podeis dar o Paraíso – quão contente estareis de Vós, quão satisfeito, de ser trocado por aqueles que viestes buscar, e acompanhado deles!

Este sois Vós, meu Deus. Este é o vosso amor. Este é o vosso gosto: que todos vivam, e Vós morrais; que a Vós condenem, para que todos sejam livres. Que pode esse amor negar a quem tanto ama?

Pois bem, amor da minha alma, se esta é a vossa hora, também é a minha. Por esse amor vos peço vida para esta alma, vosso amor, vossa companhia, vossa conversação interior. Todo me dou a Vós todo, e só a Vós, e convosco me contento. Dai-me, Senhor, aquilo que o vosso amor por mim vos pede.

Antes que eu nascesse, antes que vos conhecesse e antes que vos soubesse pedir ou rogar, o vosso amor já vos moveu a dar-me a vossa vida, o vosso sangue, a vossa honra, a vossa divindade – e oferecestes tudo quanto tendes por mim, e para mim.

Agora, Senhor, que por vossa misericórdia vos conheço como meu bem supremo e verdadeiro Deus, agora que, por vossa bondade, vos desejo e clamo por Vós, como me negareis aquilo que vos peço?

Não vos peço, meu Deus, nada para o corpo, nem para a vida humana, mas peço-Vos, bom Jesus, a Vós mesmo — que Vos deis todo a esta alma, porque é isso o que mais desejais.

Já estais dado em resgate pelos pecadores, já sois da minha companhia, já morreis com os da minha quadrilha, e sei que estais muito contente com essa companhia.

Vinde, Senhor, amigo dos pecadores, também a esta casa pecadora, pois, por ser pecadora, é vossa, e Vós, por serdes o remédio deles, sois meu.

Ó minha formosura! Ó minha verdadeira riqueza! Lembrai-Vos de que, quando entrastes na casa do pecador Zaqueu, dissestes: «Hoje entrou a salvação de Deus nesta casa.»

Pois entrai, salvação das minhas chagas, nesta alma; entrai, vida das minhas mortes, neste coração pecador. E não tardeis — pois com a vossa entrada tudo ficará limpo e são.

Ó minha verdadeira alegria, entrai de tal maneira que nunca mais vos afasteis desta alma; e não tenhais nojo, mas antes compaixão dela.

Vede, meu Senhor, quão perdida e arruinada ela está; vede a destruição que nela vai, dos tantos bens que me destes, e vede quão longe ela está dos frutos daquilo que nela plantastes.

Fazei, meu remediador e minha salvação, o vosso ofício: limpai, iluminai, curai, abrasai, derretei, cativai — e renovai tudo em mim convosco.

Dai-me, Senhor, que daqui em diante eu não queira outro senhor para esta alma senão Vós, nem permitais que nela entre coisa que Vos desagrade aos olhos.

Tratai-me como quiserdes, e fazei com que eu não queira outra coisa.

Ó doce, ó piedoso, ó suave, ó meu Jesus!

Madre de Deus, minha Senhora e glória do género humano, que mais tendes deste Senhor do que qualquer criatura, e que só Vós, mais do que todos, sabeis quão grandes e quantas são as perdas de quem O tem fora de si e O perde: pois sois a intercessora dos pecadores e, do vosso benditíssimo Filho, aprendestes a ter misericórdia deles; ajudai-me a ser da companhia deste Senhor, entregai-me Vós, oferecei-me a Ele e alcançai-me o seu amor, que sempre me mantenha preso a Ele, com perfeita imitação e sujeição de todo o coração à sua vontade, e que nunca d'Ele me aparte.

Ó Anjos bem-aventurados, ó cidadãos gloriosos do Céu, que vedes por experiência as mudanças que o amor deste Senhor pode realizar nos pecadores, e quanto os purifica e glorifica, tende piedade deste, o maior de todos; alcançai-me d'Ele que comecem desde esta hora em mim essas mudanças, e que todo eu me transforme n'Ele, todo me abrase, todo me mude, todo, sem resistência minha, me possua. Amém.

TRABALHO XXXVIII

Dos açoites.

Desejando Pilatos livrar Cristo, nosso Senhor, da morte, por ter entendido que os judeus o acusavam apenas por inveja, e que Ele não tinha nenhuma das culpas que Lhe imputavam, insistia muito com o Senhor para que respondesse por Si; e espantava-se com o Seu silêncio e paciência, pois nunca se vira tal coisa em nenhum réu. Mas, já que o Senhor não respondia por Si, nem dizia coisa alguma que pudesse ajudar Pilatos, ainda assim o juiz não deixava de insistir em declarar a Sua inocência, que era tão evidente que por si mesma falava.

Os judeus, vendo essa intenção, recorreram a gritos e clamores que enchiam o ar, dizendo que fosse crucificado. E quando Pilatos replicava, não se ouvia outra resposta dos príncipes e do povo senão: «Crucifica-o!».

Não pode o homem chegar a estado mais perigoso para a salvação do que estar firmemente decidido a praticar o mal — seja por paixão, ódio ou gosto pelo pecado —, resistindo assim à verdade, à razão e à justiça, como se tivesse de temer a própria culpa. Porque esse homem faz da sua vontade a sua lei e razão; o que é o maior mal da vida, e uma semelhança do estado infernal. Isto é um grande sinal de perdição e de que Deus abandonou a alma à sua própria sorte. Tão desamparados estavam da graça divina os inimigos do Senhor, que, tendo o demónio posto nos seus corações a vontade de matar o Senhor, essa má vontade pegou-se-lhes de tal maneira que, mesmo quando o demónio quis depois impedi-los, já não pôde fazê-lo. Porque, ao ver a inocência do Senhor e a Sua grande — e mais que humana — paciência em sofrer, o demónio começou a temer que, para seu prejuízo, estivesse a matar Aquele Homem, e temia muito que Ele fosse o Filho de Deus prometido, de quem tudo o que padecia estava escrito, e de quem sabia bem que lhe tiraria o poder que tinha no mundo e o expulsaria das almas.

Com esse receio, assustou a mulher de Pilatos durante a noite, numa visão, para que ela impedisse a morte do Senhor — tal foi o medo com que

ficou. Enquanto Pilatos tratava das culpas que Lhe imputavam, sua mulher mandou dizer-lhe que não tivesse nada que ver com aquele justo, pois se vira muito atormentada de noite em visão por causa d'Ele. Em parte, isso também motivou Pilatos a esforçar-se tanto por O libertar. Mas, querendo o demónio voltar atrás no mal que tinha começado, e persuadir Pilatos a impedi-lo, só com a maldita vontade dos inimigos do Senhor, determinada neste mal, já não foi possível retroceder — nem com a justiça e razão, nem com a clara inocência do Senhor, nem com os insistentes esforços de Pilatos, que acabou por desistir do que pretendia.

Sempre foi e será verdade que a vontade própria é o maior inimigo que o homem tem.

Vendo, pois, Pilatos que nada conseguia com aquela gente, e que cada vez mais crescia a sua fúria contra o Senhor, decidiu quebrar-lhes a raiva (ainda que contra a justiça), castigando o Senhor pelas culpas que falsamente Lhe imputavam, e que Ele não cometera, mandando-O açoitar, para que com esse mal menor satisfizesse o ódio dos judeus e livrasse o Senhor da morte. Tal foi a justiça que tiveram para com Cristo, nosso Senhor, que, para não O matarem, tomaram por meio — contra toda a justiça — o açoitá-l'O. E não houve outras leis contra Ele senão a ira e o ódio dos seus inimigos, aos quais se quis agradar mais, com os injustíssimos açoites que Lhe deram, do que se teve em conta a clara e manifesta inocência d'Ele para O livrar.

Assim, Pilatos mandou que metessem o Senhor para dentro e O açoitassem. Os inimigos do Senhor aceitaram esta demora, pois era para Lhe fazer mais mal. Mas, enquanto O açoitavam, eles ficavam de fora, aconselhando-se a não terminar por ali, mas, vendo-O açoitado, voltar à sua insistência, até que, pela força dos gritos e tumultos, O fizessem crucificar.

Tendo o Senhor sido levado para dentro, desataram-Lhe as mãos, que deviam estar azuis e negras das cordas com que estivera atado desde que fora preso até aquela hora (que era entre as oito e nove da manhã, mais ou menos), e despiram-n'O, atirando as Suas vestes para debaixo dos pés de todos, ou para algum canto da casa. Ficou o Inocente Cordeiro nu, como Sua Santíssima Mãe o dera à luz — envergonhado, sem resistir, nem proferir uma só palavra. Só o Seu Santíssimo Coração Se oferecia ao Seu

Pai Eterno, por cuja obediência padecia, e ordenava às Suas santíssimas carnes que se deixassem abrir, e que por todas elas saísse sangue, pois chegara a hora de, por Ele, começar a contar-se e pagar-se o preço da redenção do mundo.

Assim, nu, ataram-n'O a uma coluna da casa de Pilatos, renovando com toda a crueza as dores e vergões das cordas com que estivera até ali atado. E, como estes açoites não eram dados ao Senhor por justiça, mas para quebrar a fúria e saciar o ódio dos Seus inimigos, Pilatos não pôs aos açoites qualquer limite, nem houve neles forma nem figura de julgamento. Porque, pela lei dos judeus, não deviam passar de quarenta; e, pela lei da justiça comum, não é costume açoitar até esfolar e quase matar. Tudo tem peso e medida; só não o teve no Senhor, senão a vontade e crueldade dos algozes, já subornados e instigados pelos príncipes dos judeus, para fazerem a Cristo, nosso Senhor, todo o mal que pudessem.

E para mais se contentarem, revezavam-se muitos algozes sobre o Senhor, entrando uns de novo para açoitar, quando outros se cansavam. Da cabeça aos pés, abriam-n'O todo em chagas, batendo-Lhe não só nas costas, mas por todas as partes do corpo. E, não havendo já nessas partes nada que não estivesse aberto por açoites, usaram de uma nova e nunca vista crueldade: desataram o Senhor e ataram-n'O com as costas contra a coluna, com as mãos atadas por detrás, e com a mesma crueldade açoitaram-n'O no peito, no estômago e nas demais partes do corpo e cabeça, de modo que o Seu Santíssimo Corpo mais parecia esfolado que apenas açoitado.

O número certo dos açoites que Lhe deram não se sabe, mas dizem que foram tantos que passaram de cinco mil. A crueldade e grandeza deste sofrimento do Senhor não se pode imaginar. Houve já almas santas a quem Deus fez a mercê de lhes mostrar o Seu Santíssimo Corpo tão aberto e chagado como ficou por esses açoites. E essas almas ficaram tão trespassadas de dor, por tão lastimosa visão, que bastou aquela vista para viverem o resto da vida em contínua dor e mágoa pelas dores do Senhor, ardendo sempre num fogo perpétuo de tanto amor como o Senhor neste tormento mostrou aos homens.

Parece-me que, assim como a abelha faz um favo cheio de buracos, onde não só deposita o mel, mas também nele gera os seus filhos com o

mesmo mel, assim quis Cristo, nosso Senhor, com tantos açoites abrir o Seu Corpo e veias, como um suavíssimo favo, em que os Seus filhos com o Seu precioso sangue se criem e dele se mantenham.

Assim, os que bem sentem este tormento do Senhor não se contentam com o ver no conjunto, mas correm a cada chaga, em cada uma se detêm, cada uma choram e adoram, e de cada uma tiram espiritual doçura e amor de que se alimentam. A tudo isto o Senhor calava, nem mudava o Seu belíssimo rosto, nem mostrava tristeza ou desgosto pelo que Lhe faziam; nem torcia o Seu delicadíssimo corpo, nem abria a Sua santíssima boca. Mas estava tão entregue a tudo, como se fosse insensível; tão calado como cordeiro diante de quem o tosquia; e tão submetido ao que d'Ele queriam fazer como se fosse escravo; tão sem queixa, como se fosse Ele o convencido.

Cada açoite esperava com toda a paciência, e cada um oferecia ao Pai Eterno pelo género humano. E assim fazia Ele todos os ofícios perfeitíssimos: no corpo padecia; com a alma oferecia as Suas chagas e sangue em sacrifício pelos pecadores; e a Sua santíssima divindade aceitava tudo isso como satisfação e preço da nossa redenção.

E como este foi o primeiro tormento em que Cristo, nosso Senhor, Se viu banhado no Seu precioso sangue, não se pode imaginar o abrasado amor em que o Seu Coração ardia enquanto o passava. Por isso dizia este Senhor aos Seus Apóstolos que Se havia de banhar num batismo, que tanto desejava, e cuja demora Lhe trazia contínuo tormento e pena. Pode cada um julgar que não era menor o gosto de Se ver já metido neste tão desejado banho, do que o tormento gravíssimo e cruelíssimo dos açoites, que abriram chagas por onde o Seu sangue saltasse para fora e todo O banhasse. Tudo isto são extremos de dor e de amor: de dor, como clara prova de amor excessivo; e de amor, que assim triunfou neste Senhor, que levou até ao fim tudo o que, pelos pecadores, quis passar.

Este é o espelho em que todos os Santos aprenderam como haviam de tratar os seus corpos e obrigá-los a servir o espírito; porque, enquanto nesta vida vivemos, o maior inimigo que a alma tem é o corpo. Pois o corpo sofre mal a penitência e sujeição, e como segue apenas as suas inclinações terrenas e apetites dos sentidos, corre com tal fúria ao que lhe agrada, que

muitas vezes engana e derruba o espírito, e dá mais trabalho à alma do que todos os seus inimigos.

São Paulo chorava por, mesmo estando interiormente iluminado nas verdades da lei do Senhor, e a elas apegado com gosto do homem interior, sentir nos seus membros outra lei tão contrária, e inclinação que pretendia submetê-lo à lei do pecado, cujas raízes estão lançadas no corpo. E considerava-se desventurado por sentir em si tamanha contradição à puríssima lei do Senhor, mesmo depois de ter recebido tantas e tão grandes graças. Pois todas essas graças não bastavam para apagar o sentimento destas tão más inclinações do corpo contra Deus.

Apagar o sentimento destas tão más inclinações do corpo contra Deus. E como os Santos em nada mais se esforçam do que em total sujeição à lei do Senhor e à sua vontade, parece que de tudo fazem pouca conta, enquanto se sentem tais, que encontram em si algo a fazer para se submeterem a ela sem contradição da carne. Por isso, vivem sempre descontentes com a vida, com ódio às suas inclinações corporais e em guerra com o seu corpo. Pois São Paulo, confirmado na graça, como todos os outros Apóstolos, e seguro pela graça de Deus da glória do Céu, chamava-se a si mesmo desventurado, apesar de tantas graças do Senhor que havia recebido, e vivia tão receoso de si, que dizia que castigava o seu corpo e o fazia servir, para que não fosse ele reprovado por Deus, pregando aos outros.

E se os Santos mantinham constante guerra com o seu corpo, e o castigavam com espantosas penitências como a um inimigo, em que confiam para se livrar dele os que em mais nada se aplicam, senão em lhe fazer, em tudo, a vontade? O santo David, por um descuido muito pequeno, ao soltar os olhos para ver uma mulher alheia, sem então se acautelar contra a malícia do seu corpo, caiu em adultério e homicídio. Salomão, seu filho, apesar de ter recebido de Deus uma sabedoria maior que a de todos os seus antepassados, porque não negava aos seus sentidos o que lhe pediam, tornou-se tão cativo do seu corpo que chegou a negar a Deus, oferecendo sacrifícios aos ídolos adorados pelas suas mulheres gentias. E se não bastou a David a sua santidade, nem a Salomão a sua sabedoria, para deixarem de cair quando se descuidaram de si, como poderá alguém manter-se sem se perder, se põe todo o cuidado apenas nos prazeres do corpo?

Por isso, nosso Senhor, tomando sobre si as penas que o nosso corpo merece, quis ser açoitado da cabeça aos pés, e ser ferido em todos os membros do seu santíssimo corpo, porque, já que vivemos num tal descuido, em que todos pecamos, e todos tratamos como amigos aqueles que são os verdadeiros inimigos da alma, não ficou nele membro algum que, com muitas chagas e muito sangue, não pagasse pelos nossos erros. E, não contente com isso, deu ainda outras dores aos membros que não podiam ser atingidos por açoites (como diremos adiante), para que todos ajudassem, com dor, a pagar pelos nossos infelizes prazeres.

Desta planta divina brotaram as grandes penitências dos Santos: os açoites dados para a mortificação do corpo, que é um género de penitência católica, que não se lê ter sido usado senão pelos cristãos depois da vinda do Filho de Deus à terra; os cilícios, as cadeias de ferro que muitos usaram, e sobretudo o refrear dos sentidos do corpo, para que não vejam, nem ouçam, nem falem, nem desfrutem, mesmo de coisas lícitas; para que, cativo e refreado o corpo, sirva ao espírito e não lhe impeça os verdadeiros bens. E ainda que disto haja gravíssimos exemplos, lembrarei apenas um que Palladio conta:

Estando dois Santos a falar de Deus, a propósito da lição da Sagrada Escritura, um deles distraiu-se com os olhos e os sentidos, atento ao modo como um arado ia abrindo a terra num campo em frente a eles, onde trabalhava um lavrador. Perguntado pelo outro sobre o que lhe parecia do que estavam a tratar, teve de lhe pedir que repetisse; e, olhando para si, ao perceber que pela vista dos olhos perdera o sentido das coisas divinas de que tratavam, impôs a si mesmo um espantoso castigo. Mandou fazer um cinto e uma coleira de ferro, e outro ferro curto que unia a coleira ao cinto, obrigando-o a andar sempre com o corpo curvado e a cabeça baixa, sem poder ver o céu; e condenou-se a não sair da cela senão até à igreja, por um corredor muito estreito, por onde andava sempre a olhar para os pés, sem desviar o olhar para parte alguma. E neste castigo que impôs ao seu corpo, perseverou quarenta anos.

Perguntado pelos seus discípulos porque não endireitava o corpo para ver o céu e as criaturas que provocam louvor e amor de Deus, deu a esta pergunta uma resposta digna de tal santidade e pureza: "Meus filhos, bem

sei quão bom é ver o céu, e louvar a Deus e as suas criaturas; mas como este corpo é perverso e traidor, meu inimigo, e o demónio sempre o atiça ao mal, tenho com estes inimigos este tipo de batalha: que se ocupem em lutar comigo apenas tentando que deixe esta penitência, e não me tentem com outros vícios maiores. Porque, se me vencerem nisto, é em coisas em que fico sem culpa, e eles sem vitória; e se me não puderem vencer, ficam mais envergonhados, e eu mais seguro de mim."

Este é o espírito do Senhor e verdadeira imitação de Cristo: não esperam cair em tentações, pecados e perigos para depois fazerem penitência; mas previnem, com a mortificação dos seus corpos, a malícia que neles reina pelo pecado de Adão, em que nascemos, para que ela não se levante contra a lei de Deus e contra a alma; e, quando quiser levantar-se, encontre as portas tomadas. Privam-se de coisas lícitas, para que o corpo sofra pelo que lhe é devido, e se contente quando disso lhe for dado apenas o necessário, para assim deixar de desejar outras coisas ilícitas e más.

Ora vejam onde ficam os que servem aos seus corpos como a senhores, que, quando se trata da alma, lhe dão tão pouco, tão tarde, tão friamente e de modo tão imperfeito, que ela fica sempre necessitada e faminta, e na casa onde por natureza é senhora, cativa, presa e esquecida; e o corpo, que nasceu para servo, farto, cheio, senhor e malicioso.

Quem não se atreve com as penitências dos Santos, tem um conselhíssimo singular para castigo e freio do seu corpo: ocupá-lo em coisas que purificam a alma e a aproximam de Deus — como são o uso dos Sacramentos e a oração interior. Porque, com isso, não vive tanto sem freio e sem conta; e na oração ele é forçado a estar preso e cativo, e a sua malícia é conhecida, para que não engane tanto a alma.

A oração é coisa que o corpo pior suporta, e em troca dela antes escolheria os açoites. Porque na oração mental, os sentidos, a vaidade dos pensamentos (que é aquilo em que mais se desinquieta) e as suas inclinações estão encerradas; e da oração sai a alma com mais vigilância sobre ele, e vigia-se mais o corpo.

Por conclusão desta matéria, de que muito está escrito, recordo uma coisa divina que diz São Cipriano no livro *De Virginitate*: assim como o

escravo não é estimado nem tido em grande conta por ser asseado, mole, ocioso e mimado, mas sim quando pode trabalhar muito e é incansável no serviço, assim também o nosso corpo vale mais e é mais estimado e mais digno da companhia do Céu, quando, deixando a ociosidade, os mimos e os prazeres, é submetido ao trabalho; e quanto mais pode com esforço, melhor cumpre o seu ofício na casa desta humanidade.

Exercício dos açoites do Senhor.

Chegou, meu bom Jesus, a hora em que hão de rasgar as vossas puríssimas e inocentes carnes; abrir as vossas veias, e derramar o vosso precioso sangue para nosso remédio. Que coração poderá ver tão cruel justiça feita em Vós, meu único e verdadeiro bem? Que se mude isto para mim, se for possível, pois fui eu quem pecou. Não se deve exercer, Senhor meu, convosco justiça alguma. Pilatos reconhece-vos como inocente e sem culpa, e diz aos perversos judeus que vos há de corrigir e castigar, e depois soltar. Que há, em Vós, para corrigir, pureza infinita? De que vos pode castigar, santíssimo Cordeiro?

Sem falardes, nem responderdes por Vós, vê Pilatos claramente a vossa inocência, e para satisfazer o ódio dos vossos inimigos, diz que vos quer castigar. Todas as leis se quebram e acabam por Vós, que a todos guardais a lei e a justiça. Castigam-se os culpados para que os outros se guardem e não seja necessário castigar muitos; e Vós, minha bem-aventurança, castigam-vos apenas para satisfazer a ira dos vossos inimigos.

A lei que convosco se usa é apenas a má vontade dos fariseus, e sua inveja e ódio; e toma-se por meio, para vos livrar da morte, abrir-vos com açoites, para satisfazer a má vontade dos que vos acusam, sendo tudo quanto contra Vós dizem falso.

Bendito e louvado sejais, meu Deus; louvem-vos o Céu, a terra e todas as vossas criaturas. Não acontece, meu Deus, isto por acaso — Vós o ordenastes assim; Vós o quisestes assim: por esta hora suspirastes toda a vida, na qual vos havíeis de abrir todo, e fartar-vos do vosso precioso sangue, e banhar-vos nele.

Pilatos erra em tudo o que faz, mas isto que vejo nasce da lei do vosso amor. Está sempre esse amor a arder, e deseja lenha onde mais se acenda; como deu nessa santíssima humanidade, faz todos esses extremos. A lei desse amor é não ter regra certa, nem medida, nem figura, nem ordem de justiça humana — mas consumir-se todo em puro fogo, e tudo gastar por mim.

Que importa guardar leis, e fazer-se justiça? Quer-se arder muito, sem lei, nem limite, nem a ordem que se vos deve — e por isso mesmo faz com que vos entregueis todo. Ó amor, se tanto podes fazer num soberano Senhor, porque não me consomes a mim? Só para mim acabou a tua força? Amo-vos, meu bom Jesus, e desejo consumir-me todo no vosso amor. Não queirais arder só nesse fogo, meu Deus — abrasai-me também a mim, pois isso é o que pretendeis; e bem podeis gastar a ferrugem desta alma e mudá-la toda em fogo.

O vosso amor não quis que tivessem convosco cortesia; sem nenhum respeito vos despem, e atam àquela coluna, e revezam-se os algozes, cansados de vos açoitar; e, ainda que em tudo o mais me favorecestes com piedosas leis, chegado o padecimento, quisestes que convosco se quebrassem todas. E por quarenta açoites que a lei manda dar, quisestes que fossem tantos, que passassem de cinco mil; e não bastando para eles só as costas, vos viraram de frente, e nelas, e no estômago (coisa nunca vista), que são as partes mais sensíveis, braços, pernas — enfim, em todo o vosso santíssimo corpo, desde os pés até à cabeça, vos enchem de cruelíssimos açoites, uns sobre os outros.

Todo vos abrem; por todas as partes corre esse preciosíssimo sangue, como se tivésseis por mal empregada a parte do vosso santíssimo corpo que por mim não vertesse nem derramasse o precioso sangue que em si tivesse. E assim todo me servis, e todo por mim pareceis um leproso, ferido desde os pés até à cabeça.

Ó vida da minha alma, ó riqueza do meu pobre coração, aqui pasmo, aqui emudeço e fico atónito, sem saber o que dizer. Lanço-me a estes vossos santíssimos pés: beijarei este chão regado com este precioso sangue! Aqui chorarei os meus pecados, que assim vos trataram; aqui os confessarei, aqui esperarei a vossa misericórdia e nunca dela me afastarei.

De chaga em chaga andarei, como abelha no favo de mel, saboreando a suavidade da vossa doçura. E já que, meu Criador, quisestes fazer-vos um favo tão aberto desta vossa criatura, e assim como a abelha no favo e mel se forma com inclinação para ele, também Vós, doçura da minha alma, quisestes recolher-nos nessas preciosas chagas, das quais nos alimentais, e nelas, com a suavidade do vosso precioso sangue, formar os nossos corações. Ali nos abraçais convosco com amor de mãe; ali nos encheis de bens, como verdadeiro Pai; ali nos elevais e aumentais como Senhor poderoso, para que de Vós e em Vós sempre vivamos, para Vós sempre corramos, e convosco sempre nos assemelhemos.

Já não posso dizer, Senhor meu, como David, que os pássaros nos beirais e nos buracos da vossa casa têm ninhos onde se recolhem, e eu não; nem posso dizer convosco que as raposas têm tocas onde se escondem, e eu vivo sem abrigo, pois Vós, pedra firmíssima, amparo amicíssimo de todos os atribulados, refúgio suavíssimo de todos os que vos buscam, vos abristes todo para me acolher em Vós. Oh, se nunca daqui me afastasse! Oh, se nunca reconhecesse outro lugar de descanso! Oh, quem sempre a essas chagas e açoites suspirasse, e a elas se apegasse com todo o coração!

Vida da minha alma, esperança do meu coração, saúde das minhas infelizes feridas: porque sois para Vós tão severo, e para mim tão benigno? Não seria mais justo eu ser aberto a açoites, pois pequei, do que Vós, inocentíssimo Cordeiro? Eu, com todos os meus membros, vos ofendi, e com eles, e com os próprios sentidos que me destes, servi à malícia da minha vontade, ao mundo e ao demónio. Como me descuidei em vos dizer quão mal usei de tudo? Mas Vós, luz verdadeira e sabedoria infinita, vedes e sabeis que seria pouco ser eu todo aberto em chagas para satisfação e cura das que fiz nesta triste alma. E, todavia, sabendo Vós quão feias e abomináveis são, perdoais-me, dais-me vida, sustentais-me com os vossos bens, e Vós mesmo vos ofereceis todo aos açoites.

Oh amor que sempre ardes e nunca te consomes, transforma toda a minha vida e substância, corpo e alma, nesse fogo e no teu serviço. Vós bem sabeis, Deus da minha alma, que a melhor parte que tem um escravo é poder, com muito trabalho, servir muito; por isso, é justo que este meu

corpo padeça muito e sirva muito, para que aproveite à alma, de quem é escravo, até que mereça ser seu fiel companheiro na glória.

Mas eu sempre amei o meu corpo e sempre o servi; sempre lhe sujeitei a alma, e por causa dele vos perdi a Vós, meu único bem, muitas vezes; e quantos bens me destes, pelo seu gosto os destruí: tudo gastei mal e desordenadamente, como servo mau, traidor e rebelde.

E Vós, inocentíssimo Cordeiro, que não tendes corpo rebelde, nem escravo, mas fielíssimo e obedientíssimo companheiro da alma, tratam-no como a contrário e inimigo; e o que eu havia de padecer, Vós o quisestes sofrer para me perdoar.

Oh largueza infinita, aqui, a estes vossos pés, me ofereço todo: parti, Cordeiro Jesus, comigo destes açoites. Vós sois o meu Senhor, meu amigo, meu verdadeiro Pai, para mim suave, e só para Vós rigoroso. Entregais o vosso corpo às mãos cruéis e à malícia desenfreada, que, sem piedade e sem medida, vos enchem de açoites e chagas; e para me castigar a mim, Vós mesmo, meu piedosíssimo Pai, estais com a vossa mão a pesar os trabalhos que me dais, segundo a medida do que posso, ajudando-me a poder com eles: compadeceis-Vos do que me dói e atribula, e regulais, pelo vosso suavíssimo coração e amorosíssima vontade que me tendes, os açoites com que me castigais.

Pois meu Deus, de que me posso queixar? Verdadeiramente, sou mau quando me queixo, e perverso quando não recebo da vossa mão os trabalhos que me dais; muito mais perverso ainda, porque, para fazer os meus gostos e servir à minha vontade e vaidade, todo o trabalho me parece pouco; mas para padecer por Vós, qualquer coisa me parece muito e insuportável.

Mudai isto, Senhor meu, desde esta hora para sempre, porque para isso me entrego todo a Vós. Açoitai, castigai e atribulai este perverso pecador; fazei de mim tudo o que for a vossa vontade; trazei-me sempre da vossa mão sujeito e preso à vossa providência, e não me deixeis querer outra coisa senão padecer convosco. E até que isto me seja doce e suave, não retireis, Senhor meu, a vossa mão, ainda que a minha carne dê coices e resista, pois sois poderoso para a mudar e submeter toda a Vós.

Oh sangue puríssimo e preciosíssimo, eu te adoro: não me levantarei, Senhor, destes vossos pés até que me limpes todo com este sacratíssimo licor. Corra, doce Jesus, sobre mim, lava-me e purifica-me totalmente, pois só nele está o meu remédio. Dizem que o sangue quente dos meninos serve para curar a lepra, e deste sacratíssimo sangue diz o vosso Apóstolo São Paulo que é poderoso para purificar as consciências das obras mortas, para servirem ao Deus vivo.

Oh Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, inocentíssimo e puríssimo, eis aqui este leproso, ferido da cabeça aos pés, coberto de culpas e pecados: banhai-me com este sangue, que tão inflamado e ardente sai destas vossas suaves chagas. Dissestes a São Pedro que ele não teria parte em Vós, se Vós não o lavásseis; pois Senhor, eis aqui a cabeça, as mãos, a alma, os desejos, a vontade, o entendimento, as obras, as afeições e os sentidos interiores e exteriores; tudo está em mim perdido e sujo: lavai-me, meu Deus, com a virtude deste sacratíssimo sangue; com ele purificai-me e limpai-me, para que esteja sempre unido a Vós, puríssimo Deus. Imprimí em mim, ó inocentíssimo Cordeiro, que sempre ande após Vós, meu verdadeiro Pastor, guia e alimento.

Oh Mãe de Deus puríssima e santíssima, que concebeste este sacratíssimo corpo para ser por mim despedaçado, e que criaste este puríssimo sangue nos teus seios para ser por mim derramado: Vós que da sua virtude recebestes mais que todos, tende piedade deste pecador ferido; alcançai-me, Senhora, um sentimento profundo destas dores do vosso único Filho, a imitação destes seus exemplos, o aborrecimento dos meus pecados, que tanto trabalho lhe deram, e perfeita entrega a este Senhor, para que não seja em mim em vão o que Ele por mim padeceu.

Ó corte celestial, que destas fontes sois regada; que destas chagas tirastes a formosura que tendes; e que destas águas vivas estais todos alagados em perpétuos bens — socorrei este miserável. Amai, louvai, engrandecei por mim este Senhor: o que eu não sei fazer pela minha rudeza e baixeza, Vós o suprí com a luz e amor que tendes, e em que ardeis, e alcançai-me deste Senhor uma faísca dele, que pegue neste coração, e se acenda, e arda, até me consumir e me transformar todo nele. Amém.

TRABALHO XXXIX

Ser coroado de espinhos.

Solto e desatado o Senhor da coluna, depois de os algozes estarem cansados e verem que não havia n'Ele parte sã onde pudessem fazer mais chagas, ficou tal e tão aberto por elas, que de todas as partes Lhe corria sangue, que regava o chão. E o ar, ao arrefecer e coalhar o sangue, atravessava-Lhe com frio as feridas abertas, renovando-Lhe as dores e causando-Lhe um novo e grande tormento. Assim chagado, aberto e a correr sangue, e completamente nu, começou o Cordeiro Jesus a procurar as Suas vestes para se cobrir.

Como estas estavam espalhadas por baixo dos pés da multidão — que andava tão furiosa e acesa em fazer mal a Cristo, nosso Senhor — pode imaginar-se que nada deixariam por fazer que Lhe causasse mais sofrimento. Um lançava-Lhe a veste para um lado, outro para outro, escarnecendo d'Ele, e todos se afastavam, para não se sujarem com o sangue, dizendo palavras enormíssimas e ofensivas. E o Cordeiro andava com toda a mansidão de um lado para o outro, sofrendo estas afrontas sem se queixar, nem perder nada da Sua modéstia e paciência, até que finalmente teve as vestes nas mãos.

Ao começar a vestir-se, ainda que o Seu corpo estivesse em tal estado que qualquer coração humano — que por natureza é compassivo e brando — teria grande pena d'Ele, os algozes não sentiram nada disso. Antes, como ursos ou lobos excitados pelo sangue, tornaram-se ainda mais cruéis e, não satisfeitos com o cansaço de tanto O terem flagelado, inventaram um novo e dos mais cruéis tormentos que até então se conheciam.

Nisso se vê bem a condição geral que experimentamos nos pecados, que a natureza costuma cometer com desatino e prazer: os pecados cometidos deixam sempre fome e desejo de outros. E mesmo que a natureza se canse, nunca se farta, e o desejo de pecar é sempre maior do que a capacidade do corpo para executar o que deseja. Um dos maiores enganos em que os pecadores caem é imaginar que, ao cederem a uma tentação, ficarão livres

dela. Porque, como diz São Gregório, um pecado leva a outro com o seu peso: a alma que se privou da graça de Deus pelo pecado perde as forças para resistir, e o corpo, muito mais fraco, está mais inclinado a render-se aos seus apetites depois de experimentar os efeitos do pecado.

Estes malvados algozes, entregues sem pudor a afrontar e maltratar Cristo, nosso Senhor, perderam totalmente a compaixão e a brandura humana, próprias do coração humano. Cansavam-se, mas não se saciavam, e chegaram a parecer-se na malícia com os espíritos infernais, e na crueldade com feras e animais brutos.

Os judeus tinham acusado o Senhor de se fazer Rei contra a ordem dos imperadores romanos. Pilatos tentou desfazer esta acusação mandando açoitar o Senhor — um castigo tão baixo que só se dava às pessoas mais desprezadas, ficando infames e impedidas até de servir em cargos públicos muito baixos. Era, naquele tempo, considerado tamanho opróbrio, que todos os cidadãos de Roma tinham o privilégio de não poder ser açoitados. Até os que apenas eram vassalos dos romanos procuravam essa honra, e, mostrando o privilégio, livravam-se deste castigo.

E ainda que com esse castigo ficasse provado que ao Senhor cabia uma condição tão baixa, que ninguém poderia recear que Ele pretendesse ser Rei, os algozes e soldados, aproveitando-se da acusação que contra Ele faziam, quiseram divertir-se com escárnios, imitando uma figura real, para que o povo zombasse ainda mais do Seu reinado.

Por isso, ao começar a vestir-Se, voltaram a despi-Lo completamente, como antes, e vestiram-Lhe uma capa de púrpura — tecido de cor e finura que os príncipes costumavam usar —, como traje real. Mas, como não queriam manchar de sangue coisa de valor sobre um corpo tão chagado, é certo que seria uma capa muito vil, já gasta e rota, esquecida entre os trapos, talvez usada pelos criados de Pilatos para limpar a lama dos sapatos. Mas ainda deixava ver, na cor e nos fios, que fora tecido de púrpura.

Assentado o Senhor com este traje injurioso, os algozes fizeram uma coroa de espinhos, torcida com os ramos mais grossos, para que ficassem à roda da cabeça, e entrelaçaram galhos por cima, de forma que parecia um barrete de espinhos, capaz de atormentar toda a cabeça por todos os lados.

Eram espinhos (como se vê nos que hoje ainda existem e a Igreja venera como sacratíssima relíquia) do tamanho de grandes espinhos de cidreira, duríssimos. Como a coroa de espinhos não foi feita à medida, nem por mãos amigas, é de crer que era tão apertada que, com violência e dor, foi cravada na cabeça do Senhor, trespassando-a por todos os lados. Cada espinho causava uma chaga, abrindo fontes de sangue que corriam pelo sacratíssimo rosto, olhos, ouvidos e pescoço do Senhor, banhando-O e lavando-O completamente.

Como os algozes receavam espinhar-se e não conseguiam ajustar bem a coroa na cabeça do Senhor com as mãos, usaram paus ou canas para a fazer assentar à força, dando-Lhe muitas pancadas por cima, para que os espinhos penetrassem bem. Só descansaram quando viram que tinham entrado profundamente na carne. Muitos desses espinhos, sobre o couro cabeludo, romperiam por um lado e sairiam por outro, ferindo a testa, as fontes, e penetrando até aos nervos, com dores tão imensas e cruéis que ninguém poderá imaginar.

Mas bem podemos crer que, se o Senhor tivesse passado só por este tormento, já seria suficiente para Lhe tirar a vida. E que este foi um dos tormentos mortais que, com a Sua virtude divina, Ele suportou sem deixar que a Sua humanidade morresse ou desfalecesse antes de chegar à cruz. Mas nas dores de cabeça, Ele não se poupou, porque essas quis padecê-las por amor de nós.

As dores duraram-Lhe sem alívio até expirar na cruz, porque a cabeça é membro tão delicado no corpo humano, que, se não se tira a causa da dor, não se alivia. Por isso, os espinhos cumpriram sempre o seu cruel ofício. Quem já sofreu com doenças na cabeça sabe quão desconsoladora é essa dor. Imagine-se como estaria o Senhor, entre tantos outros tormentos que O afligiam e Lhe tiravam a vida, até que na cruz entregou a alma, sem um momento de descanso na Sua sacratíssima cabeça.

Sem dúvida, só de pensar nisto a natureza se aperta e cansa. E se a imaginação já custa, o que seria passá-lo na realidade? No meio de tudo isto, o Senhor chorava muitas lágrimas (como fez em toda a Sua Paixão), pelos nossos pecados, sentindo os males que nos fazem as coisas da vida com que nos coroamos, enquanto Ele ali penava com tão desumanas dores.

As lágrimas corriam e misturavam-se com o sangue, formando um suavíssimo unguento para as nossas chagas interiores.

Parece quase encantador ver como a infinita bondade do Pai Eterno permitiu que as dores e tormentos de Seu Filho Unigénito fossem tão extremas, Ele que O ama infinitamente. Mas, como o mesmo fogo de amor ardia no Senhor que padecia e no Pai que O enviava, quis ter mais consideração pelos pecadores — que tanto precisávamos do sangue e dores daquele divino Cordeiro — do que por Ele mesmo naquele momento. E, ainda que muito menos bastasse para a nossa salvação, tudo foi necessário para nos mostrar o quanto nos ama.

Ó desventurada dureza nossa, que nem tudo isto basta para O amarmos e deixarmos os pecados, pelos quais o divino Cordeiro tanto sofre e com tantas lágrimas e sangue deseja purificar!

Não contentes com tudo isto, os malvados algozes, porque os reis daquele tempo usavam cetros ou varas de ouro nas mãos, colocaram ao Senhor, por escárnio, uma cana como cetro, para mostrar quão vã e sem fundamento era a Sua realeza.

Assim, nesta figura esteve o Senhor entre aquela gente perversa, que Lhe fez muitos e gravíssimos escárnios para zombar do Seu reinado — como se dirá no capítulo seguinte.

Muitos e graves motivos apontam os santos pelos quais o Senhor quis passar por este novo e cruel género de tormento. Em primeiro lugar, porque tinha oferecido toda a Sua humildade corporal para padecer por nós, e queria satisfazer com cada parte do Seu corpo os pecados cometidos com cada um dos nossos membros. Todo o Seu corpo estava aberto em chagas pelos açoites; as articulações e nervos sofreriam na cruz; e a cabeça, onde não cabiam os açoites nem os tormentos da cruz, quis que fosse atormentada por este novo e cruel tormento. Assim como a cabeça é o principal membro, onde estão todos os sentidos e que serve ao homem como instrumento do entendimento, razão, conselho, juízo e discernimento das coisas, também quis o Senhor que nela passasse um dos Seus principais e maiores tormentos.

Neste tormento, todos os sentidos do Senhor ficaram a sofrer e a pagar por tudo o que pecámos com cada um deles. Não sei se o nosso Senhor quis, com isto, abrir-nos os olhos para vermos quão verdadeiros espinhos da alma são os conselhos, juízos e decisões humanas que vão contra a Sua lei e doutrina.

A cabeça é o governo de todo o homem. E este afasta-se de Deus precisamente quando pensa que está mais certo; e quando se julga mais satisfeito, é quando mais destruída tem a alma e mais fechados estão os caminhos do Céu. Disse Deus pelo profeta Oseias que atravessaria os nossos maus caminhos com espinhos, para que nos cansassem e nos abrissem os olhos. Estes espinhos não são outra coisa senão as dificuldades em que os nossos caminhos e decisões humanas nos metem: tornam a vida tão penosa, cansativa e perigosa para a salvação, que dificilmente se consegue passar por ela.

Porque, ao sairmos do governo suave da lei e doutrina do Senhor — onde tudo dá descanso à alma, paz ao espírito, e amor e dever ao próximo —, somos inevitavelmente levados à inquietação e perturbação interior, a desgraças exteriores, perigos para a consciência e situações tão penosas que, se não forem reformadas segundo a lei do Senhor, elas mesmas nos levam de uns trabalhos e pecados a outros, afogando a alma — que, no meio de tudo isto, é quem mais sofre.

Estes espinhos que nascem da nossa cabeça e engenho humano, afastados de Deus, são os que mais espinham e atormentam o Senhor. E pois que Lhe deram tanto e tão cruel sofrimento, que cada um olhe para si e entenda quanto mal faz à própria alma o seu pecado.

São Cipriano, na explicação do Credo, aponta ainda outra causa para este tormento: que, pelo grande amor que o Senhor nos tem, quis coroar-Se com a pena que foi dada a Adão pelo seu pecado. Este pecado, cometido no paraíso terrestre, foi de desobediência. E, não se tendo Adão logo arrependido nem pedido misericórdia a Deus, que tinha ofendido, Deus deu-lhe por castigo que, já que não soubera aproveitar os prazeres do paraíso para mais O servir e obedecer, não só seria lançado fora dele e os perderia, como, na terra, durante toda a vida, ele e todos os seus

descendentes teriam de sustentar-se com o suor do rosto, e que das suas sementes e lavouras nasceriam espinhos em vez de pão e fruto.

E, como experimentamos nos nossos miseráveis corpos e espíritos cativos, não só passamos por estes trabalhos e castigos nos bens temporais, mas muito mais — e com maior perigo — nas desordens e rebeliões dos nossos corpos contra o espírito, e nas tentações com que os inimigos da alma não a deixam gozar os frutos do Espírito Santo com gosto perfeito.

Querendo o nosso Senhor transformar esse castigo e pena do pecado de Adão — e dos seus descendentes — num maior proveito para nós, quis ser coroado com os próprios espinhos que nos foram dados como castigo, para que, colocados na Sua cabeça, mudassem de valor; e, a partir daí, deixassem de ser apenas castigo pelos pecados, passando a ser matéria e ocasião de méritos para a glória.

Assim é que, depois de nosso Senhor, com os Seus sofrimentos, ter santificado os nossos, aquilo que antes era afronta e pena da culpa passou a ser caminho mais certo e seguro para o Céu e motivo de maior honra. As desordens e rebeliões da carne contra o espírito, que tanto cansam os servos de Deus, tornam-se, pela virtude dos tormentos da Paixão do Senhor, ocasiões de luta, vitória, mérito, coroa e glória. E, se também são ocasiões de quedas e culpas, por isso mesmo a luta é mais justa e a vitória mais honrada: pois, podendo a alma consentir no pecado sem resistência, priva-se voluntariamente desse gosto e faz guerra contra si mesma, para manter o amor que deve a Deus e a observância da Sua lei — que Deus tanto estima, que dá por ela glória soberana.

Se os sofrimentos e tentações fossem apenas castigo, o pecador, ao pagar, não mereceria nada por justiça, pois estaria apenas a cumprir um castigo merecido pela culpa. Mas porque o nosso Senhor quis transformar o degredo da terra — para onde fomos condenados em Adão — num campo de conquista do Céu, e transformar os trabalhos da vida e as tentações em batalhas honradas para neles ganharmos muitos méritos, tirou-lhes a afronta do castigo coroando-Se com eles. Deu-lhes o valor da Sua pessoa e a honra do Seu sangue, de modo que, quanto mais atribulado e constante for o servo de Deus, mais honrado será e, no Seu juízo, melhor será recompensado.

Se assim não fosse, Deus, nosso Senhor, que é justíssimo em tudo o que faz, ao tirar-nos no baptismo o pecado original e purificar-nos dele, também, sem dúvida, nos teria tirado as penas a que por ele estamos sujeitos. Porque é injusto haver pena onde a culpa foi perfeitamente perdoada. E o próprio Senhor, que nasceu sem o pecado original, teria vivido neste mundo sem as misérias e trabalhos em que por esse pecado incorremos.

Mas por isso Ele passou por muitos trabalhos, e nós ficámos com eles sobre nós, mesmo tendo o pecado sido perdoado — porque a Sua divina misericórdia e virtude passaram a servir de moeda e preço da glória, o que antes era apenas castigo e satisfação da culpa. Que grande graça foi esta: termos ficado com um meio de merecer o Céu para sempre, através daquilo que é das coisas mais certas e comuns que temos na vida. E, se tomarmos esses sofrimentos com fidelidade à lei de Deus, está assegurada a vida eterna. Isto não se pode expressar com palavras suficientes.

Porque, para gente que tão poucos recursos tem até para saber pedir, poder alcançar bens eternos, e tê-los todos contidos nas coisas mais caseiras, mais ordinárias e quotidianas da vida, a ponto de, por meio delas, se realizarem verdadeiras trocas — trabalhos temporais por bens eternos —, é a maior graça que o Senhor nos podia fazer, e a maior sorte que podia vir a um povo tão necessitado como nós. Isto devemos à coroa de espinhos e à Paixão do Senhor.

Sendo assim, que todo o cristão (como diz São Bernardo) fuja de ser um membro delicado de uma cabeça coroada de espinhos. Antes de o nosso Senhor ser coroado de espinhos, já estava coberto de chagas — pois a tal tratamento na cabeça convinha que os membros também passassem por algo semelhante. E sendo Ele a cabeça da Igreja, da qual todos os cristãos somos membros, que coisa mais imprópria pode haver do que um membro mimado, entregue a desordens e excessos, quando a cabeça está tão atormentada?

E quem foge da cabeça para não a imitar, deve esperar que ela fuja muito mais dele, para não o reconhecer por membro seu. Há animais que, para protegerem a cabeça, oferecem todo o corpo ao perigo. Entre Deus e nós, isso seria ainda mais apropriado: que fôssemos nós os atingidos, os

espinhados, e que aquela sacratíssima cabeça fosse poupada. E já que Ele Se dignou fazer-nos tamanha mercê — de não Se poupar a Si mesmo —, que desatino é o dos cristãos pensarem que Ele, cabeça nossa, havia de ser coroado de espinhos para nos dar, a nós, seus membros, liberdade para toda a soltura do corpo?

Será possível que caiba no entendimento de um cristão pensar que o Senhor quis ser conhecido como Pai amorosíssimo, como amigo verdadeiríssimo, como Redentor generosíssimo e piedosíssimo — por um rosto cheio de olhos inchados de tantas lágrimas pelos pecados do mundo, com faces negras de bofetadas e cabeça coroada de espinhos — e que, por tão sagrado rosto como esse, devíamos nós cair no verdadeiro, puro e infinito amor que o Seu coração nos tem… e depois ainda pensar que Ele há de reconhecer como Seu aquele que vive toda a vida apenas para as delícias do mundo, vaidades, passatempos, e libertinagem dos sentidos, com perpétuo descuido da alma e esquecimento de tamanhas graças?

Se tal loucura coubesse num tão soberano Pastor das nossas almas, então as Suas ovelhas teriam realmente larga liberdade para os prazeres da vida. Mas a sabedoria de Cristo nosso Senhor ensina-nos que o servo não é maior do que o seu Senhor; e por isso, quem não quiser errar, deve ajustar e ordenar a sua vida à vista deste espelho: o da cabeça coroada de espinhos

Exercício da coroa de espinhos, que puseram ao Senhor.

Adoro-Vos, meu verdadeiro Rei. Adoro-Vos, meu soberano Senhor. Adoro-Vos todo coberto de chagas, para curar as minhas. Adoro-Vos lavado em sangue, para lavar os meus pecados. Adoro-Vos despido e afrontado, para me revestirdes e honrares.

Bastava, Senhor, o sangue que escorre de todo o Vosso corpo, ainda que a Vossa santíssima cabeça não derramasse o que nela tem. Mas tão sem utilidade ficaria essa divina cabeça, meu Senhor, se não padecesse algum sofrimento por mim, que para ela — como para membro principal — foi escolhido um tormento também principal, novo e cruel?

Quereis que ela seja toda trespassada por espinhos duros e agudos, atormentada com dores inumanas e terríveis, e que dela corram tantas correntes de sangue quantas chagas os espinhos nela abrem. Quereis, divino Cordeiro, que esse rosto belíssimo — que não há de ser jamais esquecido — seja, por mim, coberto com esse santíssimo sangue; e que todo Vós, da cabeça aos pés, pareçais uma ferida aberta e viva, para a minha alma e para o remédio das minhas misérias.

Adoro-Vos, meu Deus. Adoro esse divino amor que me tendes. Dou-Vos infinitas graças por tantas e tão grandes misericórdias que me fizestes, e por tantas provas dessa fidelíssima amizade que sempre me tivestes.

Penetrai, meu bom Jesus, este meu coração com esses espinhos: que venham dessa santíssima cabeça, a ferver em sangue e inflamado amor, para que me derreta, me abrase e me transforme todo em Vós.

Oh, se eu ao menos acabasse por reconhecer, divino amor da minha alma, quão mal é empregado em mim tudo o que não se emprega em Vós! Quando chegará, enfim, a hora em que, de todo o coração e das profundezas desta alma, Vos ame — minha bem-aventurança perfeita — e responda fielmente a esse amor, entregando-me todo e consumindo-me por Vós?

Para que quero a vida, para que quero corpo e alma, para que quero qualquer coisa, se tudo não há de arder no Vosso amor e serviço — Vós, que sois o único digno deste coração?

Esse sois Vós, meu Senhor; em tudo sois semelhante a Vós mesmo: todo amável, todo liberal, todo cheio de misericórdia, todo empenhado no meu remédio. E eu sou este, que em tudo me pareço comigo mesmo: miserável, pobre, duro, tíbio, frio no Vosso amor, amigo de mim, esquecido de Vós.

Oh bondade! Oh misericórdia! Oh liberalidade! Oh rio cheio de todos os bens e graças — lembrai-Vos de mim, e não me abandoneis!

A principal parte do corpo, Senhor meu — por onde nos damos a conhecer — é a cabeça: onde está o rosto, todos os sentidos, os instrumentos da vida e da convivência, a beleza ou a fealdade, e onde

primeiro se manifestam os sinais da alegria ou da tristeza, da afeição ou do medo, da saúde ou da doença, e de todos os afetos da alma.

Essa quisestes Vós, meu Deus, que em Vós estivesse atravessada de espinhos e que o Vosso rosto fosse lavado em sangue.

Por isso, meu belíssimo Jesus e suavíssimo Esposo da minha alma, quisestes ser reconhecido — e por estes sinais ser diferenciado de todos. Quisestes que por aqui víssemos o que se passa nesse coração: o amor em que arde, o quanto está enfermo do desejo do meu bem, da minha salvação, e de me prender a Si.

Aí quisestes que víssemos o prazer dessa alma que não é senão dar-se toda e, com obras de amor, arrebatar-nos todos para Vós.

Oh, como prende mais os corações tocados pelo Vosso amor esse sangue que corre pelas Vossas barbas e rosto, esses espinhos e dores que essa divina cabeça sofre, do que se estivesse ornada com coroas ricas da terra!

As riquezas da terra só dão graça e prestígio a quem as possui. Mas essas Vossas dores e espinhos enchem as almas de suavidade e riqueza, e prendem-nas com cordas de infinito amor.

Oh espelho da glória, quem nunca Vos perdesse de vista! Quem sempre, com os olhos e os desejos da alma, andasse atrás de Vós!

Dessa cabeça coroada de espinhos é que eu vivo, dela respiro, dela me sustento — só nela me vejo. E perco-me quando dela me esqueço.

Adoro nela a minha verdadeira vida, a minha suprema glória, a fartura e satisfação desta alma.

Na terra procuram-se os metais mais ricos e as pedras mais preciosas para as coroas dos reis. E Vós, meu bom Jesus, não encontrastes outro metal mais precioso, nem outra pedra de mais valor com que Vos coroar do que espinhos.

Oh meu Rei, Rei da glória, Rei das almas que resgatas com o Vosso sangue: adoro-Vos, porque até nisso quisestes tornar-me rico — ao coroar-Vos com a coisa mais vulgar que há na terra, e dar honra e valor, na Vossa santíssima cabeça, às espinhas que destes como castigo a Adão e aos seus filhos.

Pelo primeiro pecado, meu Deus, decretastes como sentença justa que o fruto do suor dos homens fosse pão misturado com espinhos, prazeres com trabalhos, e alegrias com dores.

Agora, colocais esses espinhos na Vossa cabeça, e transformais tudo em meu bem e proveito; e fazeis mais ricos e gloriosos os frutos dos espinhos, trabalhos e suores do que todas as grandes coisas que se possam desejar nesta vida.

Aproveitais-Vos, Senhor meu, das minhas misérias, e coroais-Vos com elas, para que em Vós tenham valor.

De que me posso eu queixar, meu Deus, quando me vejo atribulado, se Vos vejo coroado com os meus próprios sofrimentos?

Oh amor divino, oh caridade eterna, que assim o ordenastes em meu favor — que não possa ser pobre aquele que, por Vós, for rico de trabalhos! E já no Céu se estima o que na terra mais se aborrecia.

Bendito sejais, meu Deus!

Oh miserável de mim, que nem tudo isso basta para me fazer aceitar de boa vontade o padecer, ser atribulado nesta vida, e sofrer para me tornar semelhante a Vós!

Entristeço-me quando o sofrimento chega, aborreço-o quando dura, alegro-me quando passa, e imagino que estou melhor quando me deixa.

Quando, meu Deus, haveis de mudar esta miséria da terra corrompida com o fogo do Vosso amor?

Porque as vaidades de que me orgulho, as baixezas de que me glorio, e aquilo de que me envergonho — oh, quão longe estão daquilo que vejo em Vós, meu Deus!

O orgulho na opinião que tenho de mim mesmo, o gosto por louvores humanos, e quanto me envaideço com os fumos do mundo — oh, quão diferente me fazem de Vós, meu bom Jesus!

Todo o meu cuidado está no mimo do meu corpo, em sustentar as minhas vaidades, e, com os prazeres da vida, perder os frutos dos Vossos espinhos.

Oh meu Deus, e infinita misericórdia, perdoai a minha miserável soberba: envergonho-me de que Vós Vos coroais, e eu coroo-me de fazer a minha vontade, e seguir os gostos deste corpo.

Quando posso fazer isso sem contradição de ninguém, quando os meus apetites andam mais largos e desenfreados, quando sou favorecido e honrado por muitos, e tudo me acontece como quero — então estou à larga, cuido muito de mim, e penso que sou alguém.

Mas, na verdade, é então que estou mais cego — e não vejo quão feio e miserável sou aos Vossos olhos.

Oh, quando, meu Senhor, me aborrecerei de todo? Quando me terei finalmente nojo de mim mesmo, diante de Vós? Pois Vós estais coroado de espinhos, e eu ando apegado aos prazeres e vaidades do mundo, da carne e da terra.

Como posso eu, meu Deus, ser membro dessa cabeça coroada de espinhos, sendo tão amigo dos confortos, dos mimos do corpo e das minhas vaidades? Afastai, Senhor, os meus olhos da vaidade desta vida, e fixai-os em Vós; ensinai-me a comparar-me Convosco e a envergonhar-me de mim.

Vós, Senhor, que sois perfeito e sapientíssimo conhecedor do interior de cada um, lançai sobre mim os vossos olhos cheios de piedade, arrancai deste miserável coração o amor e afeto por tudo aquilo que Vos desagrada, pela vossa imensa bondade e misericórdia. Não permitais que eu me

justifique nos meus desejos e apetites, mas iluminai-me e ensinai-me a conhecer-me, a julgar-me convosco, a condenar-me e a aborrecer-me como mereço.

Coroai-me, bom Jesus, com os vossos espinhos. Fazei que seja, com toda a verdade, a minha glória ser espinhado e atribulado em vossa companhia; pois não posso estar unido a Vós, se não me assemelhar a Vós. Confesso a minha miséria, meu Deus: que, embora me decida cada dia a imitar-Vos, desejando ver em mim aquilo que adoro em Vós, e me ofereça cada dia nas vossas mãos, quando chega o momento de Vos mostrar que sou fiel e verdadeiro imitador, minto-Vos, volto atrás, vejo-me preso a mim mesmo e fujo das vossas mãos para seguir o que a minha carne deseja.

Oh minha esperança e meu dulcíssimo bem, Vós que só vedes a verdade que está dentro desta alma: tomai o desejo que agora sinto, e fazei-me semelhante a Vós, perfeito imitador vosso e aborrecedor de mim mesmo; e aquilo que vedes nesta alma que é contrário a isso, mudai-o, meu Deus, segundo a vossa vontade.

E ainda que a minha carne sinta e resista, usai, Senhor, para comigo dessa grande misericórdia, e não deixeis que ela prevaleça; mas, mesmo que seja à força, arrastado e a gemer, levai-me atrás de Vós. Que nunca saiam desta alma os frutos desses vossos espinhos, até que eu aprenda a gloriar-me e a coroar-me com eles. Fazei, meu Deus, a vossa obra em mim, mesmo que a minha fraqueza a sinta, mesmo que dê coices contra o aguilhão; pois Vós sois a força divina que pode e sabe fortalecer as nossas fraquezas.

Oh Mãe de Deus, perfeita imitadora deste Senhor, que será de mim, Rainha de misericórdia, vendo-Vos a Vós cheia de sofrimentos e ao vosso único Filho coroado de espinhos, e a mim cheio de vaidades, de soberba e de mimos? Socorrei-me, Senhora, minha esperança, alcançai-me luz para O imitar, e ódio de mim mesmo e de tudo o que me afasta d’Ele, para O agradar, e vontade de sofrer os trabalhos que Ele me quiser dar. Já que não posso ser d’Ele senão espinhado e crucificado, e Vós também não reconheceis por vosso aquele que leva outro sinal e outro caminho, ajudai este pobre que está aqui a vossos pés, pedindo misericórdia pelos seus males, graça e luz para sair deles, e amor que o transforme e o faça verdadeiro imitador do vosso único Filho e vosso servo.

Oh moradores dessa santa Cidade celestial, que vedes claramente o valor dos espinhos deste Senhor e a pobreza dos que não vivem nem se gloriam neles, tende compaixão deste pobre peregrino, miserável, desterrado dessa glória, e que tão longe anda de se parecer com o Senhor dela: alcançai-me um raio dessa luz que aí brilha, para que sempre veja estas verdades e as adore, e uma faísca desse amor que aí arde, para que sempre as ame e as siga. Amém.

TRABALHO XL

Escárnio do reinado de Cristo e da palavra «Ecce Homo»

Zombaram e escarneceram os malvados algozes do Senhor por todas as formas que puderam imaginar, enquanto o tinham em seu poder. Por isso, depois de o açoitarem, vestiram-no de púrpura, coroaram-no de espinhos e colocaram-lhe uma cana na mão como cetro (como já foi dito), para o rebaixarem como falso Rei e escarnecerem do seu reinado. Fizeram-no com circunstâncias tão afrontosas, que cada uma delas era um grandíssimo sofrimento e tormento para o divino Cordeiro Jesus, que sentia tudo intensamente, mas a tudo calava e a nada resistia.

A coroa era um tormento vivo e cruelíssimo. A veste, embora fosse de cor púrpura, era de tal modo velha e suja que, sendo desprezível, tornava-se escárnio puro. As mãos estavam atadas, como quem não tem poder algum para conceder favores reais; ao pescoço tinha uma corda, como Rei de traidores e malfeitores. E, como cume de todo o escárnio, puseram-lhe uma cana na mão como cetro: coisa que, por natureza, é oca, sem força nem substância.

Lemos que, em algumas terras, os reis costumavam ter uma vara de ouro na mão, e a quem se apresentava diante deles, se eram aceites, baixavam-na em sinal de clemência; e se a não baixavam, mostravam desagrado ou irritação, e até era sinal de castigo. Estes perversos algozes, para mostrar o quão pouco havia a esperar ou a temer do reinado de Cristo, puseram-lhe na mão uma cana como cetro, como se tudo nele fosse tão frágil quanto o cetro que lhe deram.

Mas, embora da parte dos algozes tudo isto fosse escárnio contra o Senhor, da parte do Espírito Santo — cuja providência tudo governa — não houve aqui nada feito sem conselho eterno e mistério divino. Por mais baixo e desprezível que fosse o vestido, era todavia de forma real, e tinha feição de capa; porque nada pode haver neste Senhor que, sendo aparentemente baixo, não sirva mais para cobrir e amparar os necessitados do que tudo o que há de alto e rico no mundo.

A mulher, que durante doze anos tinha sofrido de uma doença incurável, contentou-se apenas em tocar a franja ou um fio da borda do manto do Senhor para ficar curada, e não se enganou, porque, ao tocar, sarou. Quanto mais não sararão todas as nossas misérias aqueles que, com amor, buscam o abrigo que o Senhor concede à sua sombra? A coroa, ainda que de cruel e de dolorosos espinhos, foi poderosa para atrair a si muitos e grandes vassalos, que em trabalhos e espinhos se mostraram fiéis e leais ao seu Rei. Com a força das suas mãos atadas, Ele nos liberta. E ser contado como Rei de traidores e malvados é o que nos convinha: porque, se assim não fosse, onde ficariam aqueles que nunca podem pensar que são santos? E, tendo este Senhor como Rei dos pecadores, temos a firme confiança de que Ele fará deles cidadãos celestiais.

O cetro não podia ser mais próprio para o Senhor do que o de cana, d'Ele que está escrito: "Não quebrará a cana rachada, mas antes a soldará e fortalecerá." E como tem na sua mão o governo de gente tão frágil e quebradiça como nós — simbolizada naquele cetro de cana — temos garantida a sua clemência, e que, da sua parte, suprirá o que nos falta para Lhe sermos aceites, desde que não Lho desmereçamos com a fuga à sua vassalagem e obediência.

Devemos o conhecimento destas verdades à fé que o Senhor plantou na sua santa Igreja, confirmada pelos escárnios que Ele sofreu no seu santíssimo reinado, com tanta perda da sua honra e com tanto tormento e sofrimento da sua pessoa.

Posto o Senhor nesta figura desprezível e afrontosa de falso Rei, julgaram os algozes ter achado uma divertida invenção para passar o tempo, e chamaram toda a companhia dos soldados que os judeus levavam para guarda, para que ninguém ousasse defendê-lo. E meteram todos dentro (como diz São Marcos), que eram cem, e dispostos em círculo, puseram o Senhor no meio para fazerem dele o seu divertimento.

Aproximava-se cada um do Senhor, e com os olhos no chão, por escárnio, diziam: "Salve, Rei dos Judeus", tomavam a cana que Ele tinha na mão e batiam com ela na sua cabeça, cuspiam-lhe no rosto santíssimo e davam-lhe bofetadas.

Ninguém pode imaginar as palavras injuriosas, os saltos, os risos estrondosos, as caretas que ali se faziam naquele horrendo e afrontoso género de escárnio, em que andavam a brincar com o Senhor como com um louco. E como eram muitos, e cada um se esforçava por mostrar mais zombaria e mais graça que o outro, foram tantas e tão cruéis as pancadas que Lhe deram na santíssima cabeça, que Lhe renovavam as dores dos espinhos. E tão grande foi a soma de bofetadas, escarros e afrontas que ali padeceu, que ninguém saberá dizer se se deve julgar este como o maior sofrimento e abatimento que o Senhor passou na sua Paixão.

Porque todos os tormentos foram tão grandes, e em cada um dos que chegavam se renovavam de tal forma os anteriores, que parece que cada um deles merecia o nome de maior e principal. E o que mais espanta é ver como se secou, para com o Senhor, toda a natural compaixão, e como a sua lastimosa figura não moveu aquela gente à piedade, mas sim a mais crueldade. Mas assim o quis o nosso Senhor, para que, por meio daqueles ministros do demónio, se esgotasse n'Ele toda a ira e furor que nós, pelos nossos pecados, merecíamos, e ficasse reservada para nós toda a brandura e misericórdia, que Ele não nos negará, mesmo quando em mais parte nenhuma a encontrarmos.

Assim foi desprezado o reinado de Cristo nosso Senhor; assim foi abatida a sua real e divina pessoa como se fosse um falso Rei; assim foi desconhecido e rebaixado Aquele que com o seu governo sustenta o Céu e a terra, e que em tudo escondia a majestade da sua pessoa, para mais poder padecer por nós, e para que os seus inimigos tivessem mais liberdade para o afrontarem.

Porque, no Senhor e nos seus inimigos, corriam a par o amor e o ódio: o ódio que os levava a apurarem-se em invenções de sofrimentos e afrontas; e o amor que, no Senhor, ardia no desejo de muito padecer, para nos alcançar com seus sofrimentos muitos bens.

Mas, no fim, a malícia esgotou-se, e o seu furor quebrou-se; e o amor prevaleceu e venceu, remediando-nos com os próprios meios que se tinham tomado para o destruir. E com a vitória, vive para sempre; e o reino que aqui a malícia escarneceu como falso, o amor o sustenta eternamente como verdadeiro.

Digam esses maus o que quiserem, que, mesmo por escárnio, dizem verdade ao chamá-lo Rei dos Judeus. E assim como a fé tomou como profecia as palavras do mau Caifás — que disse ser necessário que Cristo morresse para que não morressem todos, sendo isso inspiração do Espírito Santo —, da mesma forma toma a fé católica como verdade esta adoração vinda da boca dos escarnecedores, reconhecendo o seu divino Rei e saudando-o com todo o espírito: "Salve, Rei dos Judeus", e dizendo com David: "Tu és o meu Rei e meu Deus, que salvas Jacob."

Oh, a soberana Verdade não pode perder nada por ser dita por boca de maus! Grande coisa é ter Deus por juiz e justificador da consciência, pois o que Ele aprova, é impossível que possa ser reprovado: e, ao contrário, pouco valem as justificações humanas, se o juízo secreto de Deus for contrário.

E se os servos de Deus, que no mundo e pelo mundo são afrontados e cansados, se esforçarem com silêncio e paciência por se parecer com este divino Rei abatido, e deixarem a sua causa nas mãos de Deus, ocupando-se apenas em agradar-Lhe, Ele é tão fiel e tão justo, que os principais meios que usará para honrar e elevar os seus serão justamente os mesmos que o mundo encontrou para os desprezar e atribular.

Saibam lançar-se nos braços do seu Rei, e não imponham a Deus tempo nem lugar para os socorrer; nem queiram que seja nesta vida ou na outra: mas entreguem-se inteiramente a Deus, seguros da sua bondade e amor. Ele fará as coisas segundo a sua vontade, e agirá por eles quando e como for para maior glória sua e proveito das suas almas. E nunca lhes faltará com os bens espirituais para os fortalecer e ajudar a suportar todo o sofrimento por seu amor; pois os servos de Deus não devem confiar em si próprios quanto ao que lhes é exigido, nem desconfiar de que Deus os acudirá quando mais precisarem.

Da palavra Ecce Homo

Não terminou aqui a afronta feita ao Senhor. Depois de ordenar que cessassem os escárnios que Lhe faziam, Pilatos mandou trazê-Lo à sua presença. Quando O viu naquele estado, ficou pasmado e compadecido.

Pareceu-lhe que a simples visão daquela figura tão dolorosa seria suficiente para abrandar o coração de todos, e perceberem que Ele não podia ter culpa alguma que justificasse castigo tão grande. Julgou que, se todo o povo O visse, já não pediriam a Sua morte. Assim, mandou que saísse com Ele à presença do povo, e disse:

«Eis que vo-Lo trago fora, para que vejais que não acho n'Ele causa de morte.»

Saiu então o Senhor, com a capa de púrpura velha, as mãos atadas, uma corda ao pescoço, a cana na mão, coroado de espinhos, todo aberto em feridas, lavado em sangue da cabeça aos pés, que ainda escorria e deixava marcas por onde passava. E, quando apareceu assim, disse Pilatos:

«*Ecce Homo*» — Eis o homem que acusais de se ter feito Rei! Vede que pessoa, que figura, que poder, que majestade de rei Ele tem! Eis o homem que acusais de enganador e perturbador do povo, agora tratado de modo tal que já não pode enganar ninguém. Neste homem não há nada a temer nem a esperar. Pela aparência que vedes, bem se mostra que não é este o homem culpado das acusações que lhe lançais.

Ainda que a intenção de Pilatos — como as suas palavras revelam — fosse fazer saber que castigara o Senhor mais do que merecia, e que não se podia falar seriamente de tal realeza humilhada, nem havia n'Ele causa de morte, para o Senhor foi, no entanto, ocasião de grande afronta e vergonha: sair assim, daquela maneira, publicamente, diante dos Seus inimigos e de alguns amigos que ali estariam — e talvez até diante de Sua Santíssima Mãe, que se pode supor ter chegado já naquele momento. E essa terá sido a primeira vez que Ela O viu assim.

E como nada Lhe era oculto, o sofrimento da dor de Sua sacratíssima Mãe, o pesar dos Seus amigos, e a vergonha de aparecer naquela figura diante de todo o povo Lhe causavam tanto tormento, que dificilmente se poderia julgar qual dessas dores Lhe era maior. Todavia, disfarçava o Seu sofrimento e seguia para onde O levavam, com os olhos baixos, suprema modéstia, imperturbável serenidade no rosto, e uma mansidão e paciência incomparáveis e espantosas.

Tudo isso, para Pilatos, era argumento tão grande da Sua inocência que lhe pareceu suficiente para convencer e mudar o ânimo dos Seus inimigos — ainda que (como veremos adiante) não lhe saísse como esperava.

Neste momento, as almas têm muito em que se deter e ocupar, e de onde tirar bens divinos. Muitos aplicam aqui aquela palavra do Cântico dos Cânticos:

«Saí, filhas de Sião, para ver o Rei Salomão (que é Rei pacífico, e figura de Cristo), com a coroa com que o coroou sua mãe no dia dos seus desposórios, e no dia da alegria do seu coração.»

Pois a sinagoga dos judeus, aqui chamada "mãe" do Senhor porque d'Ela — da sua estirpe e geração — Ele nasceu, coroou-O com espinhos. Mas o Senhor, esquecido da crueldade deles, só deu valor àquela coroa, com a qual celebrava o dia da alegria do Seu amor: dia em que, padecendo e morrendo, comprava com o Seu Sangue as almas que seriam Suas esposas, e Se unia com elas por perpétua caridade e eterno reinado.

A essas almas abria os tesouros das Suas riquezas e, para estas bodas espirituais e divinas, preparava praça e mostra de todos os Seus bens, oferecidos sem medida nem distinção a quantos os quisessem. E pondo os olhos neste Rei coroado e afrontado, as almas presas do Seu amor acham n'Ele tudo o que podem desejar — o que a língua não pode dizer, nem os olhos ver, nem o pensamento imaginar: só o amor o pode, em parte, experimentar.

Alguns dão à palavra *Ecce Homo* muitos e excelentes sentidos. Porque, embora Pilatos a dissesse com a intenção de mostrar a inocência do Senhor e livrá-Lo da morte, a consideração dos justos vai mais além. Pondo os olhos no Autor de tudo isto, e vendo a novidade dessa exposição pública do Senhor, entendem que é o Pai Eterno quem nos apresenta o Seu Filho Unigénito tratado assim por nós — e Ele mesmo nos diz:

«*Ecce Homo*» — Eis o homem! Este é o homem de quem já publicamente disse que é o meu Filho muito amado, e quero que O escuteis e imiteis. N'Ele te dou Pai, Irmão, Amigo, Companheiro, Pastor e Pão, Guia, Verdade e Vida. Tudo o que tenho, e tudo o que podes esperar, te dou

n’Ele. Por Ele te perdoarei, te acolherei, te encherei de todos os bens e te darei a minha glória. Alarga, ó homem, o teu coração, e não sejas mesquinho: Aquele que te dá o meu próprio Filho, o que te poderá negar? Este é o prometido, o desejado, o remediador de todos os teus males. Põe, pecador, os olhos neste homem, e dá-me razão de porque não Me amas, porque não Me serves, e que desculpa tens para te perderes?

Seria justo que, sendo tu obra minha, começasses por Me amar, e conquistasses o meu amor. Mas vendo o teu descuido, olha para este Homem — e reconhece quanto fiz para ganhar o teu amor. Não te percas, pecador, tendo tal Redentor como te dou. Abraça-te a Ele, guia-te por Ele, oferece-mo por ti, com fé e amor, sempre que quiseres — que, com Ele e por Ele, nada do que te for necessário te negarei.

Também entendem os Santos que o próprio Cristo nosso Senhor é quem nos diz:

«*Ecce Homo*» — Eis-Me aqui! Põe os olhos em Mim: vê o que queres, alarga os teus desejos, pois para ti estou aberto em chagas. Teus são estes Meus tormentos, teu é este Sangue, tua é esta Pessoa e esta Vida. Vem a Mim, e Eu te aliviarei e recrearei. Entra por estas chagas, e recolhe para ti todos os bens que achares neste Coração. Olha-te em Mim como num espelho, reconhece as tuas maldades — e verás, pelos sofrimentos que Me causaram, quanto mal farão a ti.

Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração. Não podes dizer que te falta homem para tudo o que precisas, pois Me tens a Mim. Não fujas de Mim. Que mais poderia fazer por ti que não fiz? E se ainda queres que faça mais, pede — pois, mesmo que Me peças a morte de Cruz outra vez, aceito com alegria. Olha-Me dos pés à cabeça, e verás que todo sou teu e todo empregado em teu serviço. Que coisa pode haver mais tua do que Eu? Quem te fala com mais verdade? Quem te ama mais? Quem mais te serviu? Em quem tens amizade mais fiel?

Pois por que Me desprezas, e deixas a minha doce companhia pelos teus gostos e pecados? Ó homem, já que Me tens por teu, não te percas — nem Me percas — porque em nenhuma outra parte acharás tudo o que precisas e desejas como em Mim.

Tomando esta palavra da boca de Pilatos, também o pecador pode apresentar-se diante de Cristo, nosso Senhor, e dizer: «*Ecce Homo*» — Eis aqui, Senhor, o homem pecador por quem tudo isso padeceis.

Tudo quanto prometestes, cumpris a este homem que em tudo Vos mente. Eu sou o homem de quem David disse que não pôs a sua confiança no auxílio do Senhor, mas se apoiou na sua vaidade — e por isso estou diante de Vós tão miserável como vedes.

E assim, esta palavra pode e deve ser aproveitada para nos apresentarmos diante de Cristo, acusando-nos a nós mesmos, e entregando-nos totalmente ao Seu serviço e amor. Porque, ainda que a obra admirável se realize no bom propósito, muito mais vale diante de Deus o desejo contínuo e muitas vezes renovado.

E, sobretudo, se deve ter o costume, ao apresentar-se diante de Deus, de se humilhar profundamente e confundir-se diante d'Ele, e tudo quanto se considerar voltar sempre contra si mesmo em verdadeira humildade — que é o caminho mais seguro para dispor-se a conhecer mais a Deus, e receber d'Ele a Sua divina graça para tudo quanto se necessita.

Exercício do Reinado de Cristo Nosso Senhor.

Toda a compaixão humana se secou para convosco, meu bom Jesus. Qual seria a criatura — ainda que fosse um bruto animal — que não se moveria à compaixão se visse alguém tão chagado e ferido como Vós estais, amor da minha alma?

Só para Vós se endureceram os corações humanos. Não hesitam em Vos cuspir nesse sacratíssimo rosto, enchê-lo de bofetadas, zombar de Vós com festa e divertimento, como se fôsseis um louco; afrontam-Vos como a um falso rei, com um cetro de cana vazia, um manto de púrpura, adoração de escárnio, gritos, saltos e deboches; ferem a Vossa santíssima cabeça com pancadas da cana que Vos deram por cetro.

Todos, meu Deus, se convidam a Vos escarnecer, e Vós estais entre eles calado, como se fôsseis um bicho da terra. Sem resistir nem responder,

ardeis em amor e desejo de padecer por mim. E não há um sequer que se compadeça do Vosso sofrimento e tormento.

Oh amor da minha alma, oh vida da minha vida, quando acabarão já essas afrontas? Quando se fartarão eles de Vos escarnecer, e Vós de sofrer?

Eu, meu bom Jesus, Vos adoro, Vos louvo, Vos glorifico, e Vos dou infinitas graças por todas essas misericórdias, por todo esse amor que me mostrais, e por todos esses sofrimentos que padeceis. Digam eles o que quiserem, façam o que fizerem: nunca Vos poderão tirar o título de verdadeiro Rei e Senhor do Céu e da Terra.

Com as próprias palavras que eles dizem para Vos escarnecer, quero eu, meu soberano Senhor, adorar-Vos, pois creio firmemente que sois verdadeiramente o que eles desprezam e escarnecem:

Ave, Rei dos Judeus! Ave, Rei dos Céus! Ave, Rei da Terra! Ave, verdadeiro Rei das almas!

Vós sois meu Deus, meu Senhor e meu Rei, que dais a verdadeira salvação. Só a Vós, meu Senhor, pertence com verdade este nome de Rei, que quer dizer Governador — porque só Vós governais com perfeita justiça, com leis que convertem as almas, com paz, com amor e com divina sabedoria.

Oh, se viesse a mim o Vosso Reino! Se reinásseis Vós, meu Deus, em minha alma, eu diria com o Vosso santo profeta David:

“Vós, meu Rei, me governais, e com o Vosso governo nada me poderá faltar. Se me deixo guiar por Vós, alimentais-me com pasto divino e celestial.

Dais-me águas vivas e saborosíssimas, que me refrescam, e converteis a minha alma; levais-me por caminhos de verdadeira justiça e bondade, por amor do Vosso nome.

Estando Vós, meu Deus, comigo, não posso temer nenhum mal, ainda que ande pelas trevas e sombras da morte.

O cetro do Vosso governo é para mim firme báculo e bordão, com que me sustento nas minhas fraquezas; e a vara da Vossa justiça, com amor me castiga — e uma e outra sempre me consolam.

Não me falta mesa em Vossa casa, onde vivo saciado e fortalecido, e de onde tomo forças contra os que me atribulam.

As Vossas reais e divinas misericórdias me enriquecem; a Vossa doçura e o vinho da Vossa caridade, que embriaga e arrebata as almas — oh, quão divino e excelente é!

Sempre, na Vossa companhia, me segue a Vossa divina misericórdia, todos os dias da minha vida.

Quero habitar em Vossa casa; só em Vosso serviço me quero ocupar.

Convosco, meu Deus e meu Rei, deseja a minha alma habitar por longos dias, e em Vós quero acabar, e viver para sempre.

Não quero, meu Deus, outro Rei, não quero outro Senhor. Assim desprezado e abatido Vos quero antes como meu Rei do que todos os da terra em sua glória.

Mas, Senhor meu e verdadeiro Rei, não é menor a Vossa glória em perdoar com misericórdia àquele que se volta para Vós arrependido, do que em fazer justiça e castigar o que não se reconhece.

Eu, meu Deus, me conheço e me prostro a Vossos pés como o mais mau servo, o mais indigno de Vossas misericórdias, e o mais merecedor dos Vossos castigos que quantos filhos de Adão já nasceram — porque infinitas vezes Vos deixei, fugi de Vosso serviço, e como traidor reconheci outros reis dentro da minha alma, os mesmos que a Vossa Lei me proibira.

Deixei reinar em mim a soberba, a vaidade, o amor-próprio, o gosto pelas coisas do mundo… e por cada pecado que cometi contra Vós, reconheci um rei inimigo. Sustentei as suas leis, por elas me governei, desprezando as Vossas. Perdi-Vos, deixei-Vos, virei-Vos as costas, para seguir atrás deles.

Eles possuíram o meu coração até agora, e, como acostumados, continuam querendo reinar nele. Eles me afastaram de Vós, vida da minha alma, e fizeram-me ver a Vossa suavíssima Lei como pesada. Com desejo, vontade, cuidado e força toda os servi e segui. Com eles gastei o tempo e a vida, e todas as mercês que me fizestes.

Eles me fizeram tão pobre, como Vedes, Senhor meu: arruinaram-me, destruíram-me, roubaram-me, cegaram-me e me apartaram de todos os bens. E o pior é que, mesmo vendo isso, mesmo conhecendo agora a minha perdição, estou tão habituado a lhes fazer a vontade, que, se me chamam, ou me acenam, ou insistem comigo… ainda minha carne deseja segui-los. Ainda me inclino a eles e não os aborreço de todo.

Muitas vezes levam os meus sentidos, ocupam a minha memória, e não consigo vencê-los completamente — e muitas vezes me deixo vencer por eles. Com o costume do seu serviço, encheram-me de trevas e névoas, e muitas vezes não vejo claramente a pureza da Vossa Lei.

Eles me esfriam, de modo que não sinto fervor pelos Vossos mandamentos. Tornam-me pesado o Vosso suave caminho, fazem-me perder os gostos e a doçura da Vossa interior conversação.

Oh Rei poderoso e misericordiosíssimo das almas, tende piedade das minhas misérias! Destruí esses maus reis. Vinde com a Vossa virtude retomar o senhorio desta alma que é Vossa. Eu a destruí — Vós, meu Deus, reconquistai-a!

Vós sois Rei justo e bondoso, e por isso dais leis aos que pecam e desejam voltar aos Vossos caminhos. Dai-me, meu Deus, uma lei, e ajudai-me a cumpri-la.

Oh, quando me verei possuído só por Vós, governado só por Vós, meu Deus e meu Rei? Quando vireis já a reinar nesta alma, e eu Vos obedecerei sem resistência? Quando aborrecer todos os que até agora nela reinaram?

Por essas afrontas, por essas bofetadas, por esses desprezos, meu verdadeiro Rei, Vos peço misericórdia: que só Vós reineis em mim, só Vós

me possuais, só a Vós eu obedeça e Vos reconheça por Senhor e Rei da minha alma — pois de fato o sois!

Quem, meu Rei, é como Vós?

Rei sois, mas a Vossa majestade não espanta: antes, atrai as almas. Vosso cetro não mete medo, mas convida todos a Vos buscarem e amarem. Com razão, meu bom Jesus, Vos puseram esse cetro de cana — que eles não entendem — porque de Vós está escrito que não acabareis de quebrar a cana rachada, mas a curareis e fortalecereis.

Em Vossa mão, meu Deus, saram os que fora de Vós se perdem, e sustentam-se os que fora de Vós se destroem — porque sois Rei que tudo pode, Pai amorosíssimo, e em tudo Vos alegrais de fazer o bem aos que se entregam a Vós.

Não sois, meu Deus, como os reis da terra: se um se aproxima deles, outro tem inveja, pois o rei terreno não pode repartir-se em tantas partes; e se se dá a uns, é preciso tirar de outros.

Oh meu Rei, amor da minha alma! Vós não sois assim: todo Vos dais a todos, e todo a cada um. Não Vos dividis, nem Vos repartis: todos podem ter íntima amizade Convosco. A todos, e a cada um, amais com infinito amor.

Convosco, meu soberano Senhor, convive o humilde, o pobre de espírito, o que chora, o esmoler, o que Vos deseja, o que arde em Vosso amor e o que se arrepende das suas culpas. E cada um poderá ter tanta intimidade Convosco quanto puder amar-Vos.

Na Vossa casa não há distinção entre nobres e plebeus, nem desigualdades, nem acepção de pessoas: tão nobre, tão grande, tão amado e honrado será o que mais Vos amar.

Quem vai a Vós com fogo de amor logo é aceite, logo é grande, logo tem quanto deseja — porque os Vossos bens, por se darem, não diminuem.

Oh, se eu Vos amasse, meu Deus, de todo o coração! Se Vos buscasse! Se de todo me entregasse a Vós!

Vós, amor divino, abraçai-me! Transformai-me em Vós! Levai-me atrás de Vós!

Já que mais não posso nem sei, cantarei Convosco com o profeta David...

Louva, minha alma, o Senhor; louvá-lo-ei toda a minha vida. Ao meu Deus cantarei enquanto viver.

Que ninguém confie em príncipes, nem em filhos dos homens, pois neles não há salvação. Eles morrem, tornam-se pó da terra e, no mesmo dia, acabam os seus projetos e com eles as esperanças de quem neles confiava.

Feliz quem tem a Deus como seu ajudador, quem põe toda a sua esperança neste meu Deus, Rei e Senhor, que fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles há. Este é fiel em cumprir a verdade, faz justiça aos oprimidos, dá alimento aos famintos, liberta os prisioneiros, levanta os abatidos e ama os justos. Este Senhor guarda os peregrinos que se acolhem à sua casa, acolhe a viúva e o órfão, e destrói os caminhos dos maus. Este Senhor, este meu Rei, reinará de geração em geração e para sempre.

Seguramente pode ser servido; com segurança se pode pôr nele toda a esperança e cuidado, pois o seu reinado jamais terá fim.

Louvo-Te, adoro-Te, meu Deus. Ao Teu reinado me submeto. A Ti me entrego e ofereço por inteiro. Faz de mim tudo quanto quiseres. Prefiro ser castigado e atribulado pela Tua mão do que ser favorecido e acarinhado pelo mundo.

Recebe-me, ó meu Deus, como Teu. Rege-me, ampara-me, defende-me, corrige-me, consola-me, enriquece-me de Ti, e abrasa-me sempre com o Teu amor.

Ó Rainha dos Anjos, cheia das graças deste Senhor, tomo-Te por minha intercessora, para que me prendas para sempre ao serviço d’Ele, e que Ele me tome, desde esta hora, como propriedade Sua, sem jamais me soltar da Sua mão.

Ó cidadãos do Reino deste verdadeiro Rei, prisioneiros do Seu amor, prendei-me convosco! Que será de mim fora da vossa companhia? Ajudai-me a ser um dos fiéis servos, e perpétuo, deste Senhor que vedes, amais e adorais eternamente. Amém.

Exercício espiritual sobre a palavra "Ecce Homo" (Eis o Homem)

Espera, minha alma, o teu Senhor, pois eis que Ele é trazido para que O vejas e adores. Ó meu Deus, meu Rei, meu Senhor, quem Te tratou assim?

Ó beleza do Céu, com as mãos atadas, vestido de púrpura, com a cabeça coroada de espinhos, sangrando da cabeça e de todo o corpo, feito uma chaga viva... Com os cabelos arrancados, o rosto inchado e lavado em sangue, e com uma cana na mão, por zombaria, és exposto à vergonha diante de inimigos e amigos.

Até Pilatos zomba de Te chamarem Rei ou de Te acusarem como tal, e diz: "*Ecce Homo*" — "Eis o Homem." Mas onde está a força, o exército, a majestade deste a quem chamam Rei? Este é homem para ser rei?

Ó meu Salvador, que vergonha padeces agora, Tu que há poucos dias eras admirado pelas Tuas obras e palavras! E agora, ao verem-Te assim, que sentirás, meu Deus?

Ó minha glória, minha bem-aventurança, eu Te adoro, louvo e glorifico com tudo o que posso. Grava no meu coração duro esta imagem dolorosa e humilhante; enternece-o com esta visão, e faz-me sentir o que em Ti contemplo. Arrebata-me todo para o Teu amor, pois todo Te vejo assim por amor de mim.

Cativa, Senhor meu e meu verdadeiro bem, toda esta minha alma com a beleza deste fogo de amor que em Ti arde. Tão aberto, tão humilhado, tão silencioso, tão manso e modesto, que de Ti saem chamas de amor vivo — que cheguem até mim, Senhor, e me abracem, e me consumam todo em Ti e por Ti.

Ó belíssimo, dulcíssimo, riquíssimo, amabilíssimo e suavíssimo Cordeiro! Para que Te apresentas assim, tratado com tanta crueldade, senão

para arrebatar as almas e uni-las a Ti?

Pois bem, minha esperança e vida da minha alma, estende a mão sobre este miserável, pois em mim o Teu amor tem espaço para se manifestar. Aqui estou, chagado Jesus, lançando-me a Teus pés; aqui me ofereço por inteiro, tal como estou — e embora não mereça — confio que serei acolhido.

Assim estás por mim; por mim é este sangue e tudo quanto em Ti contemplo. Olha para Ti mesmo, ó bom Jesus, e faz-me segundo o que Te pede esse precioso sangue, esses sofrimentos e tormentos.

Atenta, minha alma: Pilatos não sabe o que diz. Aquela palavra vem do Pai Eterno, que fala contigo por sua boca e te diz: "*Ecce Homo*" — "Eis o Homem." Eis aqui o Homem, alma miserável, que não é menos Teu amigo do que meu Filho. Pois, se é igual a Mim, e meu Filho, por receber de Mim substância divina e infinita, também Te ama com amor infinito e divino.

Este é o meu Filho muito amado. Dou-O a ti, e por ti, da maneira como O vês. Que mais queres de Mim? Que mais posso fazer por ti? Recebe-O, ouve-O, ama-O, imita-O.

N'Ele te dou todos os meus bens, remédio para todas as tuas necessidades, alívio para todos os teus sofrimentos, consolo para todas as tuas tristezas, satisfação pelas tuas dívidas, resposta para todas as tuas orações, tesouro para todos os bens que possas desejar.

Pois, se n'Ele encontrarás tudo o que necessitas, Eu te dou todo Ele, e quero que seja inteiramente Teu. Olha, homem miserável, quanto te amo: nem ao meu Filho perdoei por tua causa! Olha o quanto Me deves, e que não quero outro pagamento senão que te aproveites d'Ele em tudo, que O ames e O imites.

Dou-Vos, Pai eterno, infinitas graças por esta infinita caridade que me mostrais. Bem sei, meu Senhor, que todas essas graças me bastariam só a mim. Mas quem sou eu, para que me queirais ver, olhar, e encher de tantos bens, eu que sempre fui tão mau, traidor e pecador?

Mas pois o Vosso amor infinito me oferece este tesouro, eu o aceito das Vossas mãos paternais, contento-me com ele, e ofereço-O a Vós por todos os males que há em mim.

Lembrai-Vos, Pai eterno, que Vos queixáveis por Ezequiel, dizendo que não encontráveis um só homem que se interpusesse entre Vós e nós, que levantasse um muro de intercessão para nos salvar.

"*Ecce Homo*" — eis aqui o Homem, ó meu Senhor, Deus e Pai celestial, que em tudo Vos fez a Vontade, e que por nós está assim chagado. Pois, se por Ele estais satisfeito, olhai para Ele, e por Ele, e com Ele, acolhei-me a mim.

Eu Vo-l'O ofereço, com todo o Seu sangue, sofrimentos e merecimentos; com Ele, e n'Ele, entrego-me a Vós desde agora para sempre. Perdoai-me por Ele os meus pecados, fortalecei por Ele a minha fraqueza, iluminai por Ele a minha cegueira, curai as minhas feridas, acendei o meu coração frio, e tomai-me para sempre como Vosso.

Que este preciosíssimo sangue não se perca em mim, ó meu Deus. Pois, fora da graça deste soberano Senhor, estou perdido; fora d'Ele estou morto — só n'Ele vivo e tenho tudo.

Também o Filho de Deus, mesmo em silêncio, fala-te com o Seu sangue e tudo quanto Nele vês, alma — se souberes ouvir — e diz-te: "*Ecce Homo*."

Já não podes mais, como o paralítico, dizer que não tens quem te leve à piscina para te curar. Eis-me aqui por ti — um homem todo feito em piscinas de sangue — para teu remédio.

Sem que o merecesses ou pedisses, fiz tanto por ti; e ainda hei de morrer numa cruz por ti.

Onde andas tu, quando não andas atrás de Mim? Que procuras, quando não Me procuras a Mim? A quem amas, quando não Me amas a Mim?

Que amigos encontrarás como Eu? Que pai ou irmão fará por ti o que Eu faço?

Vê que estimei mais o teu bem, a tua vida, a tua salvação, do que a minha honra e a minha vida.

Vem a Mim — Eu te favorecerei, aliviar-te-ei, encher-te-ei de bens, de amor, de bem-aventurança.

Ó meu bom Jesus, verdadeiro amigo da minha alma, quem Te amasse sempre! Quem nunca Te ofendesse nem se apartasse de Ti!

Esse és Tu, e eu sou o homem que, tendo-Te por meu, Te rejeitei. Não pus em Ti o meu amor nem a minha esperança, fundei-me na vaidade e amei o que Tu aborreces.

Mas, meu suavíssimo Jesus, como desconfiar das entranhas de Teu amor e misericórdia?

Ó todo meu bem, eis aqui o homem por quem Te fizeste homem; eis aqui o miserável por quem tanto padeceste.

O amor, Senhor, que Te fez chegar tão longe por mim, ainda não se extinguiu: continua ardente em Ti como sempre.

Pois, meu Deus, por esse amor Te peço que me perdoes os pecados passados e que, a partir de hoje, me transformes em outro — feito à Tua imagem.

Alma, corpo, forças, honra, vida — tudo quanto de Tua mão recebi — Te ofereço. Também em Tuas mãos entrego meus pecados, misérias e necessidades: faze em tudo o que esse amor e essas chagas Te pedem.

Sou tão miserável e cego, que nem sei entender o que preciso, nem pedir-To corretamente. Fala por mim o muito que me amas e o muito que fizeste por mim. Porque eu só sei oferecer-me e entregar-me a Ti, meu verdadeiro Deus, meu Jesus, meu amor e meu verdadeiro amigo.

Ó santíssima Mãe de Deus, que nesta hora vistes o vosso único Filho — Cordeiro entre lobos — ser tratado de modo tão desumano e cruel, e cujas entranhas foram traspassadas por dores imensas: por essas dores vos peço que elas, e as do vosso unigénito Filho, nunca saiam do meu coração. Que me transforme todo num novo homem, dedicado ao seu serviço e amor, e ao vosso.

Ó Anjos do Céu, cidadãos dessa soberana Corte, que o amor, o sangue e os merecimentos deste Senhor tornaram tão ricos e gloriosos, e tão isentos das nossas misérias — como lá viveis! Compadecei-vos deste miserável exilado, carente de todos os bens, e alcançai-me pela vossa intercessão que, a partir deste momento e para sempre, eu responda com serviço e amor a tudo o que este Senhor agora me mostra. Amém.

TRABALHO XLI

Sentença de morte.

Vendo Pilatos a lastimosa figura em que o Senhor ficou depois dos açoites que lhe haviam dado, com a coroa de espinhos na cabeça e os escárnios que lhe haviam feito, pensou (como já dissemos) que, ao mostrá-lo assim ao povo, bastaria para verem a sua inocência e para os comover à compaixão, desistindo da intenção de o matar. Mas não aconteceu como ele esperava. Porque é próprio daqueles que, por malícia, inveja e ódio, fazem o mal, que, ao verem que seus planos começam a dar certo, nem mesmo o sofrimento das vítimas os satisfaz — antes, o que já conseguiram dá-lhes mais ânimo para irem até ao fim com todo o mal que desejam.

Assim, essa vista que Pilatos ordenou, com o intuito de mostrar a inocência do Senhor e quebrar o furor dos seus inimigos, foi precisamente o que mais os incentivou a insistirem na sua morte. Pois, como viram que já tinham provocado tumultos e comovido o povo ao ponto de levar Pilatos a mandar açoitar o Senhor e permitir que o injuriassem e tratassem com tamanha crueldade, julgaram que já tinham avançado bastante e que seria fácil alcançar o que ainda faltava: que lhes fosse entregue para o crucificarem.

Por isso, a resposta que deram a Pilatos, quando lhes disse que o mostrava assim para que reconhecessem sua inocência, foi: — Tira-o! Tira-o! Crucifica-o! Crucifica-o! Pilatos disse: — Que mal ele fez para que o crucifiqueis? Mas todos, sem querer mais debates ou razões, gritavam cada vez mais: — Crucifica-o! E ainda que Pilatos, por três vezes, procurasse livrar o Senhor, nenhuma outra resposta lhe davam senão esta: — Crucifica-o!

Isto espanta muito, e com razão. Mas está aqui bem retratada a condição da natureza humana corrompida — tanto nos judeus como em nós. Vê-se como, mesmo quando a alma procura ajuda nas suas tentações, chora os seus pecados, castiga o corpo por causa deles e pensa que está mudada, logo se vê de novo inclinada ao mal. O corpo volta a exigir os mesmos prazeres,

como se não houvesse culpa nem penitência. É o que acontece com os muito habituados aos vícios: mesmo tocados por inspirações divinas, ou persuadidos por palavras de Deus, ou convencidos pela razão, honra ou amigos, o gosto pelo pecado e o costume dos maus hábitos têm tanto poder sobre eles, que permanecem como antes — como se tivessem toda a razão e estivessem em paz com a consciência e com a lei de Deus e dos homens.

Assim, se abrirmos os olhos da alma, os males que vemos nestes perversos ensinam-nos tanto a conhecer a podridão da nossa própria natureza e a temermos a nós mesmos, quanto os exemplos e virtudes do Senhor nos ensinam os remédios para os nossos males.

Pilatos, cansado de tanta injustiça e tamanha obstinação contra o que era justo, disse: — Levai-o Vós e crucificai-o, pois eu não acho nele culpa para esse castigo. Então os judeus, para o assustarem, invocaram uma nova acusação que até ali não haviam apresentado, dizendo: — Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus.

Pilatos, que sabia que o haviam entregue por pura inveja, e desejava muito libertá-lo, ficou ainda mais impressionado ao ouvir isto. Estava maravilhado com o silêncio, a modéstia e o sofrimento sobre-humano de Jesus, em meio a tantos inimigos e tão cruéis tormentos. Tinha-o como inocente, mas agora, ao ouvir que ele se fizera Filho de Deus, e ao observar a sua mansidão e fortaleza de espírito, começou a temer que talvez aquela pessoa fosse mais do que humana, que fosse divina e andasse oculta entre os homens.

Certamente lhe vieram à memória os muitos milagres e virtudes que ouvira dizer sobre Ele, e começou a temer que os castigos que lhe havia dado fossem pecado contra o próprio Deus. Por isso, entrou novamente no palácio e, a sós com Cristo, procurou saber quem Ele era.

Oh, como é importante que a alma saiba purificar bem as suas afeições, esperanças e intenções! Porque nunca as coisas nos parecem como realmente são, mas sim conforme o amor ou a afeição que reina dentro de nós. A mesma causa, conforme a intenção, pode ser virtude ou pecado. A mesma obra, feita com má intenção, é motivo para julgar mal um justo;

feita com boa intenção, edifica e inspira. A mesma honra que dá alegria ao amigo, causa inveja e dor ao inimigo.

Quantas provas o Senhor deu de quem era, com milagres e virtudes, e tudo isso foi ocasião para que os corações duros dos seus inimigos o tivessem por feiticeiro ou falso Messias. Tão mal inclinados estavam, que até os seus sofrimentos e a sua paciência metiam medo a Pilatos, enquanto este estava inclinado a libertá-lo.

Assim, estando a sós com o Senhor, perguntou-lhe: — De onde és tu? Queria saber se Ele viera do Céu, se tinha virtude divina ou era apenas homem da terra. A isso, o Senhor nada respondeu. Pilatos, tratando-o favoravelmente e querendo libertá-lo, queixou-se: — Não me falas? Não sabes que tenho poder para te soltar ou para te crucificar?

Aqui Pilatos se condenou a si mesmo, pois se gaba de poder fazer justiça… e não a faz. E no fim, contra a justiça, o condenou.

O Senhor respondeu: — Nenhum poder terias sobre mim, se de cima, do Céu, te não fosse dado. Por isso, quem me entregou a ti tem maior culpa.

Se Pilatos tivesse mais luz, podia ter compreendido que esse Senhor era mais que homem — pois afirmava que os seus assuntos dependiam de conselhos eternos e da divina providência. E como juiz justo, conhecia a malícia de cada um e pesava a gravidade de cada culpa.

O Senhor não disse com isto que, por ser Pilatos o juiz designado por permissão divina, o seu pecado fosse menor. Também os judeus estavam destinados a serem os ministros da sua morte. Mas Deus, embora saiba os males que hão de vir e os permita para deles tirar bens, não lhes dá causa. E permitir o mal não o torna menos grave: o peso da culpa depende da malícia da vontade.

E como os judeus, com muito mais malícia e má vontade, procuraram a morte do Senhor — ao contrário de Pilatos, que foi apenas pressionado —, o pecado deles foi muito maior. E mais ainda, porque tinham recebido tantas graças do Senhor: seus ensinamentos, milagres, e o fato de ser Ele o Messias prometido que eles não quiseram aceitar.

Nesta resposta do Senhor está também o fundamento da paz interior dos justos nas suas tentações e sofrimentos: ao crerem firmemente que tudo quanto lhes sucede está determinado no Céu por conselho eterno, sábio e amoroso, não atentam para a malícia humana ou diabólica que os persegue, mas para o amor divino que os governa e de tudo tira bens. E por isso se submetem com amor, sujeição e obediência à mão divina, vivendo assim tranquilos e consolados.

Pilatos não se escandalizou com a resposta do Senhor, ainda que não compreendesse que Ele fosse verdadeiro Filho de Deus. Mas entendeu que, por sofrer tanto com os olhos postos no governo do Céu, era certamente alguém inocente, a quem se acusava injustamente. Por isso decidiu-se ainda mais a libertá-lo.

Percebendo os judeus esta determinação, e vendo que Pilatos não se deixava abalar pela acusação de que se fizera Filho de Deus, voltaram à primeira acusação: que ele se fizera Rei. E passaram a ameaçá-lo com o desagrado do imperador romano, dizendo: — Se soltas este homem, estás contra César. Todo aquele que se faz rei é inimigo do imperador.

Aqui Pilatos cedeu de vez à pressão dos judeus, mesmo sem crer que a acusação fosse verdadeira. Mas aqueles que vivem da corte e dependem do favor dos príncipes não têm outro maior motivo do que manter a amizade e o prestígio com os poderosos. E isso, diante deles, vale mais do que toda a justiça e razão. É assunto que não aceita zombarias, nem verdade, nem juízo, nem consciência.

E permite nosso Senhor que, por meio dos mesmos príncipes pelos quais os homens mais se perdem, se percam por completo. Assim o fez Pilatos, que, quando lhe tocaram nesse ponto sensível — que nas gentes do seu tipo nunca é negociável — por não causar no povo ignorante o rumor de que tinha pouco zelo pela lealdade devida a César, se deixou vencer pela inveja e malícia dos judeus, e condenou à morte Aquele que, sem dúvida, sabia ser inocente (cf. Jo 19).

Então Pilatos saiu e sentou-se no tribunal — o lugar onde costumava pronunciar as sentenças — e trouxe novamente Cristo Nosso Senhor diante dos judeus, na mesma figura e trajo com que antes o havia apresentado.

Disse-lhes: «Eis aqui o vosso Rei.» Dizia-o ainda em tom de zombaria, escarnecendo deles e do pretexto que usavam para pedir sua morte. Mas todos gritaram: «Tira! Tira! Crucifica-o, crucifica-o!» E Pilatos, zombando ainda mais, replicou: «Hei de crucificar o vosso Rei?» E responderam: «Não temos outro rei senão César.»

E Deus, nosso Senhor, que em tudo guarda justiça, cumpriu até hoje esta escolha e troca que fizeram: já que rejeitaram Aquele que era seu verdadeiro Rei — prometido a eles e vindo do Céu — em troca do rei terreno, vivem até hoje sem pátria e sem rei, cativos, dispersos, perseguidos por todas as nações, e cegos, sem o conhecimento de Deus, como agora vemos e veremos até ao fim do mundo.

Pilatos mandou então trazer água e lavou as mãos diante de todos, dizendo: «Eu protesto que estou limpo do sangue deste justo, e que não sou culpado de sua morte: Vós é que o vedes, lá vos entendereis; tudo fique sobre Vós.» E todo o povo, tão ignorante e cego, respondeu: «O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos.»

Quantas coisas aqui vemos que, embora antigas, se repetem a cada instante! Uma delas é a miséria e a fraqueza das justificações com que nos contentamos para nos julgarmos isentos de grandes culpas, quando somos justamente os seus autores e réus. Quantas vezes, tendo nós cometido o pecado, lançamos a culpa ao demónio, ou à fraqueza da carne, ou à ocasião urgente, ou a qualquer outra coisa que favoreça ou contribua para o pecado — e pensamos assim ficar descarregados. Mas muito diferente será o juízo divino, no qual a vontade livre — que podia resistir ao mal e não o quis — terá mais peso para condenar do que todos esses pretextos para absolver.

Nem Pilatos escapou à perdição, com todo o lavar de mãos de que se satisfez, lançando a culpa aos judeus, pois já ele tinha dito que podia fazer justiça e a quebrou. Outra coisa que aqui vemos: como parece leve, no momento em que se aceita a culpa, o mal que se comete para satisfazer a própria vontade — e como depois, ao pagá-lo, pesa tanto que leva à perdição. Assim se prova que não temos inimigos maiores, nem juízes mais injustos dos nossos sofrimentos do que nós mesmos: sem medida nos metemos em trabalhos de que não há forças humanas que nos tirem.

Pareceu coisa leve àquele povo tomar sobre si e sobre seus filhos o sangue do Filho de Deus. Mas sua cegueira imensa o está pagando, e sua condenação eterna o sentirá.

Então Pilatos mandou soltar Barrabás, como o povo havia pedido, e condenou Cristo Nosso Senhor à morte, entregando-o à vontade dos seus inimigos (cf. Lc 23). Havia dois ladrões também condenados à morte para esse mesmo dia, em que seriam executados com o Senhor. E segundo algumas histórias dos mártires, os romanos costumavam proclamar as sentenças de morte em voz alta, por meio de um pregoeiro, no tribunal. Assim deve ter sido aqui: o pregoeiro, levantando a voz, proclamou a todo o povo que se faria justiça, e que Jesus de Nazaré devia morrer por querer fazer-se rei dos judeus, contra os decretos dos imperadores romanos, e que devia padecer crucificado, juntamente com os dois ladrões. Com essa sentença, Ele ficou como o rei dos ladrões, pois, como se dizia, queria roubar e usurpar o reino.

Com sentimentos muito diferentes foi ouvida esta cruel e mortal sentença: os inimigos do Senhor gritaram de alegria e agradeceram a Pilatos; os amigos do Senhor, e a sua Santíssima Mãe, ficaram trespassados de dor. E o inocentíssimo Cordeiro levantou os olhos e o coração ao Céu, penetrado de um profundo sentimento, e ofereceu ao Pai Eterno aquela hora e aquele imenso sofrimento com muitas lágrimas, pela salvação do género humano. E de novo, com amor infinito, aceitou a morte, sem falar nem resistir, pela obediência ao Pai Eterno.

Cada uma das circunstâncias que houve neste caso, até à sentença, foi para Cristo Nosso Senhor um novo tormento — porque tudo sentia com o peso que cada coisa merecia: sentia a ingratidão daquele povo que O rejeitava; sentia ver que O negavam como Rei e se submetiam ao jugo perpétuo dos reis da terra, estando Ele ali para libertá-los de tudo; sentia que tomassem sobre si o Seu sangue, que haveria de ser a causa de sua perdição; sentia a dor dos seus amigos e a festa dos seus inimigos; e sentia ser condenado à morte com tão grande injustiça. Mas por todos esses mares de sofrimentos passou para nos mostrar o quanto nos ama, dando por nós a vida, que é a coisa mais amada de todo ser humano.

Não deve passar sem consideração e gratidão o fato de o Senhor ter querido que o modo de Sua morte não fosse determinado por Pilatos, mas pedido pelo povo — por aqueles mesmos por quem morria. Ainda que nós, pecadores, não estivéssemos lá presentes, bastava que a morte que não procurámos diante de Pilatos a tivéssemos merecido e causado com as nossas más obras e muitos pecados. E todos esses pecados estavam diante do Pai Eterno, clamando por justiça. E assim como clamavam por nós, clamavam também por Cristo Nosso Senhor, que Se tinha obrigado a pagar por eles.

Por isso diz São Paulo que aqueles que pecam tornam a crucificar o Senhor e a desonrá-Lo, pois renovam a causa da Sua morte (cf. Hb 6,6). O Senhor quis, pois, que, sendo a morte por nós, fosse pedida pelo povo, em nome de todos os pecadores, para que cada um de nós se envergonhe do modo como tratou o Senhor, e O pague com amor, com as suas forças, com a alma, com obras, com a vida — tudo gastando e empregando em Seu serviço.

E pois que a Sua morte havia de ser o remédio da nossa vida, e o perdão da causa que Lhe demos com os nossos pecados, aceitou que o modo de morrer fosse escolhido por nós, para nos dar a certeza de que, se por nós escolheu essa morte, também será como queremos para viver connosco.

Tudo isso são obras do infinito amor com que nos ama, e garantias que nos dá de Si mesmo, sempre que O quisermos. Pois um Senhor que quis remediar-nos com uma morte escolhida por nós, sem dúvida, não nos dará sofrimentos nem morte senão como início da vida eterna.

Exercício sobre a sentença de morte de cruz dada contra o Senhor.

Quem terá coração para ouvir a cruel sentença de morte proferida contra Vós, ó vida verdadeira das almas e rica esperança de todos os bens dos pecadores? Como é possível que corações humanos, vendo-vos tão ferido e atormentado, em vez de compaixão, vos peçam a morte, e todos gritem contra Vós: “Tira-o da nossa presença! Fora com Ele! Crucifica-o”?

Ó Pilatos, tira-o sim — mas tira-o desses olhos que não o suportam ver, e entrega-o a mim. Eu o recolherei, eu o curarei, eu o servirei e adorarei. Vinde a mim, ó meu Deus, pois vos desejo e vos procuro; e assim como estais chagado, me contento convosco. Entrai nesta alma e vivei nela, e eu morrerei por Vós.

Mas, meu Redentor, perdoai-me, pois sou pior que esse povo que não vos conhece nem crê em Vós, e por isso não vos pode ver. E eu, que creio em Vós, e vos adoro por quem sois, tantas vezes não quis olhar para Vós, mesmo quando vos oferecíeis ao meu coração, por causa das minhas desventuras — das quais eu gostava, e que me afastavam de Vós.

Ó quão miserável fui, todas as vezes e por todo o tempo em que não vos tive diante dos meus olhos, por fazer coisas que foram causa desta morte que ides sofrer! Mudai isto, Senhor, agora e para sempre: que nunca mais vos deixe o meu coração, que os meus olhos, os meus desejos e o meu amor vos sigam sempre. Ter-vos continuamente diante de mim, com os olhos interiores fixos em Vós — isso é o meu remédio, e toda a cura para os meus males.

Porque em Vós, ó Vida verdadeira, ressuscitam as minhas mortes; em Vós, ó Misericórdia eterna, curam-se as minhas misérias; e em Vós, ó Bem-aventurança soberana, esperam os sofrimentos do meu exílio.

Ó fogo da eterna caridade, que sempre ardes e nunca te consomes! Que nova invenção de amor é esta, ó infinito Amor, que desejais que os próprios por quem morreis escolham a morte que vos hão de dar? Já os meus pecados estavam presentes ao vosso Eterno Pai e, juntamente com aqueles maus homens, clamavam pedindo justiça contra Vós, pois Vós quisestes ser meu fiador e principal pagador por eles, já que eu não podia satisfazer por mim mesmo.

Ó ardentíssimo fogo do eterno amor, tão entregue estais a tudo o que me é necessário, que quereis que eu julgue e peça o meu remédio segundo a minha vontade — e estais preparado para remediar-me com a cruz, como com qualquer outra maneira cruel de morte que vos quisessem dar.

E quem assim se oferece e se entrega à minha vontade para morrer — como fugirá de mim quando eu o quiser amar e servir?

Ó riqueza infinita do Céu, descanso e alívio verdadeiro das minhas dores, que tão generosamente vos dais a mim — pois não quereis outra coisa senão que vos tenha por meu, que estenda a mão para Vós, que vos abrace e vos possua — vinde, Senhor, a mim! Entrai nesta pobre alma: desde esta hora para sempre vos aceito e tomo por meu único, soberano e riquíssimo bem.

Por Vós renuncio a tudo e coloco nas vossas mãos todas as minhas coisas. Que eu vos tenha a Vós, porque só Vós me bastais e me podeis satisfazer, remediar e consolar.

Ó meu fiador e pagador fidelíssimo, já que quisestes sê-lo e pagar com a vossa morte ao vosso Eterno Pai por mim, fico eu, por justiça, vosso devedor. Lançai mão de mim, Senhor, não me solteis, nem me tireis esta obrigação de vos pertencer. Trancai-me, prendei-me ao vosso serviço, cativai-me a Vós: pois a justiça me faz vosso, e por amor e vontade também vos quero ser.

Mais vale para mim um canto da vossa casa do que toda a abundância da vida. Que digo abundância? Tudo fora de Vós é fome, pobreza, miséria e desventura, senão pertencer-vos.

Oh, se já viesse essa prisão! Oh, se nunca mais me visse separado de Vós! Triste de mim — quem me tira, por um só momento, da vossa presença e obediência? Não me fora melhor estar morto?

Vós sois o meu Criador, e eu vossa criatura; Vós, meu Redentor, e eu vosso cativo redimido; Vós, meu fiador e pagador principal, e eu vosso devedor e obrigado para sempre.

Ouve, alma pecadora, esta cruel voz do arauto que ressoa em gritos: que Pilatos ordena que Jesus morra crucificado como traidor e falso rei, e junto a Ele dois ladrões. Vê o Cordeiro Jesus, que permanece calado no meio de tudo isso, e que, sofrendo tormentos em todos os seus sentidos corporais,

também quis que os seus ouvidos ouvissem o pregão da sentença mortal e cruel.

Como posso eu viver, Senhor meu, vendo o que vejo e ouvindo o que ouço? Como é que não me derreto em lágrimas, dor e amor por Vós? Vós, Rei do Céu, sois chamado falso rei? Vós, fidelíssimo Redentor das almas, sois tido por traidor? Vós, generosíssimo doador de todos os bens, sois comparado a ladrões? Vós, que dais a vida eterna, recebeis sentença de morte?

Sou eu esse traidor, ó Deus meu, e vivo — e Vós morreis. E ainda tenho ânimo para continuar a viver e a falar? Ó minha dureza, onde ficas diante dessa brandura? Ó miséria minha, onde ficas perante essa misericórdia? Onde está o frio do meu coração comparado com esse amor fiel e sem medida?

Vive o culpado e morre o inocente; poupa-se o servo e morre o Senhor.

Ó bom Jesus, mostrai-me esse vosso coração; deixai-me ver o que sentistes nele quando ouvistes essa sentença: com que amor decidistes morrer, com que obediência vos submetestes ao Pai Eterno, com que paciência aceitastes ser posto entre ladrões, com que mansidão não falastes, não resististes, nem vos queixastes, e com que caridade vos entregastes totalmente àqueles que haviam de precisar de Vós?

Ó amor divino, ó amor puro! Por que não me consomes totalmente nesta hora? Por que não me cativas para sempre a este Senhor?

Adoro-te, ó Amor infinito. Adoro-te, ó liberalidade infinita. Adoro-te, ó Coração verdadeiramente de Jesus, de perfeito Salvador, de suficiente Redentor, de bastantíssimo remediador, e de fidelíssimo amigo da minha alma.

A esse mesmo Coração peço luz para vos conhecer, amor para vos amar, submissão para vos obedecer, ódio aos meus grandes pecados, que tantos sofrimentos vos causaram, aborrecimento de mim mesmo, e o único desejo de vos agradar — meu único bem e minha glória.

Mas, Senhor, que palavras são estas que diz o vosso evangelista São Lucas? Que Pilatos julgou que se cumprisse o pedido deles, e soltou Barrabás, que eles pediam — o qual estava preso por homicídio e sedição — e a Jesus entregou à vontade deles?

Para Vós, Senhor meu, ficou esta desordem: que prevaleça contra Vós a vontade irracional, e o ódio seja tido como justiça. E que, sem culpa nem causa, vos entreguem à vontade — e tão perversa vontade — dos vossos inimigos?

Não há maior desordem no mundo do que um governo fundado apenas na vontade, e essa ser a única razão do que se faz. Só Vós, Senhor, podeis ter uma vontade assim — boa, sapientíssima e cheia de justiça. O que no mundo é tido por máxima desordem, e causa de todos os males, isso foi usado contra Vós, para vos tirar a vida — e para nós, é mais motivo de estima do que todos os bens do céu e da terra.

Ó vergonha e confusão minha! Que direi, Senhor, quando vejo que vos entregam à vontade perversa dos vossos inimigos por minha causa, e eu não sou capaz de me entregar de todo à vossa santíssima vontade?

Basta, para justificar a vossa morte, que assim o queiram os que vos odeiam — e não me basta, para me consolar, saber que Vós o quereis, e o ordenais? Eles, em tudo, erram — e Vós vos entregais à vontade deles. E eu, que sei que em tudo acertais e só quereis o meu bem — não me sujeito a Vós?

Ó desordem minha! Ó dureza de coração triste e terreno! Que podeis Vós, meu Deus, querer de mim, que não seja para vossa glória e meu proveito?

As cruzes me transformais em glória, os trabalhos em descanso, as injustiças em atos de justiça, as dores em prazeres celestiais, as tentações e desolações em vossa doce companhia e abraço, e a morte em passagem para a vida eterna — e ainda assim me queixo, e fujo de Vós! E não me basta saber que é vontade vossa, para me submeter a ela?

Ó coração terreno! Ó baixeza de espírito! Ó grande frieza!

Mude-se isto, Senhor, desde agora e para sempre. Entrego tudo à vossa vontade, e já não quero para mim outra razão, senão que Vós assim o ordenais. Aqui me crucifico, aqui me ofereço, para que em nada se faça a minha vontade, senão a vossa, em tudo e por tudo, agora e para sempre, em vida e em morte.

Ó Mãe de Deus santíssima, ovelha sem mágoa, amorosíssima e obedientíssima, que ouvistes esta cruel sentença contra o vosso Cordeiro Jesus, e com Ele, cheia de imensas dores, sentistes o seu sofrimento, e sem resistência obedecestes: Tomai, Senhora, cuidado de mim e alcançai-me essa obediência humilde, essa mansidão obediente, e que eu seja, em tudo, um vivo instrumento da vontade de Deus a cumprir-se em mim, sem consideração alguma própria.

Ó Anjos e Santos presos e cativos da vontade e obediência deste Senhor, ajudai este pecador, para que, por vossa intercessão, alcance a graça de viver na mesma obediência, e que a vontade de Deus se faça nesta miserável alma e terra, como Vós a fazeis no Céu. Amém.

TRABALHO XLII

Cruz às costas.

Dada a sentença de morte contra Cristo Nosso Senhor, trataram logo os sacerdotes e príncipes dos judeus de que a execução se fizesse com toda a pressa, para que Pilatos não tivesse tempo de pensar no que havia feito, nem se arrependesse e revogasse a sentença. Mostraram bem, em tudo, a natureza de seu pai, o demónio, cujas obras imitavam. Este, sabendo quão feios e prejudiciais são os pecados para a alma e quão temidos e evitados seriam se fossem conhecidos, trabalha mais para cegar o juízo humano com algum pequeno e falso prazer do pecado — de modo que não se perceba o mal que causam — do que propriamente para os fazer cometer.

Assim também estes: enquanto o povo inconsciente estava revoltado contra o Senhor e clamava pela Sua morte, e Pilatos, cansado e aborrecido dos gritos e tumultos, cedia, os inimigos quiseram aproveitar-se da ocasião sem dar tempo nem ao povo nem a Pilatos para mudarem de ideia. Como toda aquela manhã tinham pedido a morte do Senhor com firme intenção de a levar até ao fim, logo ao amanhecer mandaram preparar a cruz, enquanto tratavam da sentença, para que, uma vez dada, tudo estivesse pronto.

Assim aconteceu: publicada a sentença, tudo já estava preparado. Trouxeram a cruz à porta da casa de Pilatos e ali a levantaram, para que o povo a visse e se excitasse ainda mais contra o Senhor, e para que Ele a levasse às costas até ao Monte Calvário, onde seria nela pregado. Também devia ali comparecer o carpinteiro com os pregos, feitos nessa mesma manhã segundo o que fosse necessário, e as ferramentas prontas, para que nada retardasse a execução. O cuidado com tudo isso, a diligência dos que comandavam, a atenção aos mínimos detalhes para que nada faltasse, o distribuir as tarefas entre os mais cruéis, a organização dos soldados para que a multidão já reunida não impedisse o caminho ou tentasse evitar a morte do Senhor, e os conselhos que se davam sobre o inocente Cordeiro... tudo foi feito com grande crueldade e desumanidade.

Só o inocente Cordeiro tratava de cumprir a profecia: que como ovelha muda diante do tosquiador, se deixaria levar à morte. Foram também trazidos ali os dois ladrões que haviam de ser crucificados com Ele, para o acompanharem nesse caminho — para maior afronta sua. Mas não trouxeram as cruzes dos ladrões, porque essa humilhação de levar a própria cruz às costas, em que se seria executado, foi inventada só para o Senhor.

Enquanto isso se organizava, retiraram Cristo Nosso Senhor do lugar onde ouvira a sentença de morte e levaram-no para dentro da casa onde fora açoitado. Tiraram-lhe o manto de púrpura, desataram-lhe as cordas das mãos e do pescoço, e vestiram-lhe as suas próprias roupas: a túnica branca sem costura e uma veste comprida roxa, tudo de lã (segundo o que ainda hoje se vê). E como essas roupas se vestiam pela cabeça, causaram-lhe grandes dores ao passá-las, pois a coroa de espinhos foi sacudida e as feridas reabriram-se, fazendo correr de novo o sangue. Ainda que o manto de púrpura fosse mais humilhante, os judeus quiseram que o Senhor fosse no seu traje habitual, para ser mais facilmente reconhecido por todos.

Cristo, porém, teve nisso outro desígnio. Os judeus pensavam que, sendo reconhecido por todos, maior seria a sua vergonha. Mas Cristo Nosso Senhor, tendo ordenado que todo o que quisesse ser seu discípulo tomasse a sua cruz e o seguisse, não quis, como capitão, deixar o seu traje habitual, para que ninguém alegasse ignorância. Antes, numa das horas mais claras do dia, pelas ruas mais públicas, acompanhado por toda a multidão, com as suas vestes costumeiras, tomou a dianteira com a sua cruz.

Ninguém se queixa de que sejam públicas e conhecidas as coisas de que muito se orgulha. Vemos contarem-se muitas vezes longas histórias sobre linhagens nobres, cargos públicos, feitos honrosos e até cicatrizes de feridas que deformam o rosto, tudo por serem sinais de coragem — e por isso mais valorizados do que as belezas naturais, poupadas e ociosas. Cristo Nosso Senhor, tendo proclamado que desprezaria quem se envergonhasse d’Ele crucificado, mostra quanto se honra e estima com a sua cruz, vestindo-se do traje habitual para ser mais conhecido e, assim, deixar bem claro a todo cristão o caminho a seguir — para que cada um entenda qual o valor que tem aos olhos do Senhor.

Preparado tudo para que o Senhor fizesse a derradeira e mais penosa jornada da sua vida até ao lugar onde havia de morrer, saiu o Cordeiro inocentíssimo, com seu traje habitual, com uma corda ao pescoço e outra à cintura, seguradas por alguns algozes, e com as mãos soltas para poder pegar na cruz que havia de levar.

Abriram a porta e entrou numa praça que os soldados haviam preparado, dispostos em alas de ambos os lados para o cercarem no meio. Diante d'Ele estava já erguida a cruz em que havia de ser pregado. Até então, a cruz era a coisa mais vergonhosa do mundo. Tinha-se por maldito todo aquele que nela morresse; a sua casa e filhos ficavam infames; por isso, essa pena só era dada aos mais baixos e criminosos da sociedade. Mas nesta hora, em que Cristo, Filho do Deus vivo, Senhor e Redentor do mundo, a santificaria com os seus braços, ombros e sangue, começou a ter honra e valor, e assim permanece — e permanecerá — na terra até ao fim do mundo, e no Céu em perpétua e gloriosa memória.

E como o Senhor desejava içar a sua bandeira e reunir para o Céu homens de valor, que fossem só os crucificados, logo ao ver a cruz, para a qual apenas lhe haviam deixado os braços soltos (que até então estiveram presos), saudou-a no coração com grande alegria, olhou-a com graça, e, aproximando-se, abraçou-a com tanta afeição, carinho e doçura do seu amoroso e divino peito, como nunca ninguém abraçou algo muito desejado e querido.

Não o assustou o peso, o tamanho, nem a espessura da cruz — que tinha vinte palmos de altura e dez de largura, suficiente para sustentar um corpo sem cair. Não temeu, apesar da fraqueza em que se encontrava, com o muito sangue que já perdera e o cansaço dos trabalhos sofridos durante aquela noite e manhã. Lançou-lhe os braços, não como a um instrumento de tormento, mas como a uma companheira que desejara durante tantos anos; como a uma esposa muito amada; como o único amparo dos seus; como a bandeira do seu triunfo e o título da sua glória; como o norte e guia dos seus eleitos, e como pregadora do seu amor. Ali se uniu a ela e se fez com ela uma só coisa — não como os pecadores Adão e Eva, que se tornaram uma só carne de onde nascemos filhos da ira, mas em um só espírito, pelo qual somos renovados na graça.

Ali a santificou, honrou e se glorificou nela de tal forma, que embora só a morte os separasse, ela ficou como tutora e amparo dos seus, devendo-se-lhe a mesma honra e adoração que ao próprio Filho de Deus.

Com esse amor e estima, pô-la sobre os seus santíssimos ombros e se fez com ela capitão e estandarte dos crucificados. E porque não tinha no Céu nem na terra ninguém de maior valor, mais merecimento, nem a quem mais amasse e estivesse mais obrigado enquanto homem do que a sua santíssima Mãe, deu-lhe o primeiro lugar debaixo dessa bandeira. Ela o seguiu com a cruz mais pesada de dores interiores que jamais algum justo levou, desde Adão até ao fim do mundo. E assim fica claro para todos quão grande é a graça que o Senhor faz àquele a quem dá um lugar após si. E quem não a merece, veja em que lugar fica, afastado destes dois astros do Céu e modelos de toda a santidade — e quão cego está quem não compreende nem deseja esta graça.

Cada um destes pontos mereceria amplas reflexões, porque há tanto que considerar e valorizar em cada um deles, que em todos há que aprender e com que edificar a alma. A primeira honra dada à santíssima Cruz; o esforço e amor deste nosso Capitão crucificado; a companhia desses dois puríssimos espíritos, que foram os primeiros a abrir e caminhar pela estrada real da santa Cruz; e a companhia que toda a alma cristã lhes deve fazer — tudo isso dá muito em que meditar, matéria ampla de amor e vida para quem quiser aproveitar. A história não pode conter tudo, mas são minas profundas, onde se cava e se encontra tesouro riquíssimo. E não foram abertas em praça pública para não serem vistas — e assim haver pobres dos bens do Céu — mas para que todo o pecador necessitado cave aqui, aqui encontre, e daqui leve quanto necessitar. Porque seus são todos estes bens, e para eles este Senhor veio, a eles busca, e a eles deseja.

Seria contra toda a razão que, tendo custado ao Senhor tanto trabalho o nosso remédio, fiquemos sem ele por culpa nossa.

Nenhuma dessas grandezas do coração e do amor deste Senhor desfazia, por mais enorme afronta, dor ou sofrimento que lhe causassem. Porque o seu amor não se gastava menos por se mostrar em tantos tipos de sofrimento do que nos grandes excessos interiores da vontade e do desejo de nos salvar. Assim, tomou a Cruz às costas, na qual, para além do seu

peso natural, levava o peso muito pesado dos pecados da humanidade: todas as necessidades das suas criaturas; e o dever de dar valor a todos os bens do Céu e dos justos da terra, que esperavam pelo seu sangue; porque por ele foram aceites por Deus no Céu e na terra os passados, os presentes e seriam todos os que ainda viriam. Assim carregado, o Senhor começou o seu caminho, levando à frente o carrasco com grande número de soldados, que enchiam tudo com gritos. Os dois ladrões iam atrás dele, para serem crucificados com ele; e ele logo estava entre os carrascos, cercado de todas as partes por soldados. Estes, embora o Senhor estivesse muito cansado com o peso da Cruz, cumpriam o ofício de açoitar com as pontas das cordas e chibatadas, com toda a crueldade que podiam.

E atrás, os sacerdotes, os doutores, fariseus e príncipes dos judeus enchiam tudo de risadas e blasfémias ao verem o fim daquele que tanto desejavam. Eles nunca deixaram de estar presentes neste evento, porque já não confiavam em ninguém senão em si mesmos, até o deixar morto na Cruz. Entre esta gente ia Cristo nosso Senhor, abrindo o peito com o peso da Cruz, esforçando-se mais do que o seu corpo cansado e debilitado podia; mas por não largar nem desapegar de si, enquanto as forças fracas lhe permitiam, a sua amada Cruz, com a qual com muito amor e obediência se tinha abraçado, caminhava afrontada, suando, abrindo as chagas e pingando sangue de todas as partes do corpo, até que (segundo alguns dizem) fora da cidade lhe gastaram as forças corporais e caiu, o que não seria sem alguma razão por desmaio do estômago debilitado, por estar ainda em jejum, e pelo muito sangue que já tinha perdido, e pelo pouco alimento e sensação da cabeça, que levava cheia de dores imensas, que nenhum alívio lhe davam para poder suportar tão grande peso de trabalho. Aquela companhia maldita e cruel, em vez de o ajudar, encheu-se de raiva, fingindo não ver a fraqueza dele, deram-lhe muitas bofetadas e chibatadas, com palavras enormes e injuriosas, fazendo-o levantar e voltar a tomar a Cruz.

E o inocente cordeiro tirava forças da fraqueza; pegava nela e não podia; parecia que a queria largar, mas faltavam-lhe as forças; porque tal estava que precisava poupar a vida fraca e cansada para acabar pregado nela. Entre os lobos, ouvia, calava, sofria e padecia; até que os malvados perceberam que ele já não podia mais. Os sacerdotes e príncipes dos judeus, a quem tudo o que atrasava o Senhor na Cruz causava grande enfado, vendo

que se demorava naquela caminhada, corriam o risco de que ele não conseguisse chegasse ao lugar onde o iam crucificar; em vez de lhe darem um pouco para o fortalecer, lançaram mão de um trabalhador que vinha de uma quinta para a cidade, chamado Simão Cireneu, que era pai de dois discípulos de São Pedro, Alexandre e Rufo, e prometeram-lhe, ou lhe deram pagamento, para que levasse a Cruz a Cristo até o monte Calvário. Tomando Simão a Cruz às costas, fizeram o Senhor andar muito mais depressa (levando atrás de si Simão com a Cruz) e o empurravam e batiam, não lhe dando menos trabalho do que a Cruz que ele próprio carregava. Este encontro de Simão causa muita inveja, e com muita razão, a muitos devotos: porque chegando a este ponto, ninguém há que não deseje aliviar o sofrimento deste Senhor e tomar-lhe a carga, não para chegar mais depressa ao Calvário, mas para aliviar o seu imenso trabalho; mas o melhor é satisfazer esses desejos levando atrás deste Senhor as cruzes que ele nos dá, com os olhos nele, com amor e desejo de o imitar.

Porque, se o Senhor sofreu para que alguém levasse a Cruz por ele, mesmo que alugado, não foi senão pelo significado e bom presságio que isso tinha, dos muitos que na sua Igreja haveriam de segui-lo crucificados, cuja companhia ele já se estava contentando. Mas consentiu que outro levasse o aluguer da sua cruz, apenas para si guardando ser nela crucificado; porque o fruto deste seu tormento é tirar proveito para todos. Mandou Simão levar a Cruz atrás do Senhor, além do aluguer, tomar-lhe dois filhos que tinha, por servos e imitadores seus. Pois, que fará quem, por vontade e sofrimento, o seguir, sujeitando-se às cruzes que ele quiser pôr? Com esta ajuda de Simão, o Senhor chegou mais depressa ao lugar do Calvário, muito cansado, onde por descanso havia de ser crucificado.

Entre tão desumana companhia de soldados e povo agitado contra o Senhor, não faltaram muitas mulheres devotas que o seguiam, lamentando-o, chorando-o e sentindo os seus sofrimentos e o abandono em que ficavam sem a sua doutrina e milagres. Chegando à parte onde puderam aproximar-se de Cristo nosso Senhor, ele se voltou para elas e as consolou, dizendo: «Não choreis por mim, mas chorai por Vós e pelos vossos filhos, porque virão dias em que dirão: felizes as mulheres que nunca deram à luz, e os seios que nunca amamentaram filhos. E dirão aos montes: caí sobre nós, e

aos vales: cobri-nos. Porque se em um lenho verde isto acontece, no seco que será?»

Isto diz Cristo nosso Senhor pelos grandes sofrimentos que sobre aquela cidade e seu povo haveriam de vir pela injusta morte que lhe davam; e pelos graves castigos que hão de ter aqueles que da sua morte não aproveitarem. E se os pecados a Cristo nosso Senhor (que se obrigou a satisfazê-los) deram tão grande trabalho, sendo ele sem culpa, e florescendo nele toda a beleza e frescura da inocência, graças, amor, sabedoria, com merecimentos infinitos e todos os bens espirituais e divinos: que farão os castigos dos pecados àqueles que estiverem tão secos de graça, de merecimentos, e tão afastados de Deus nosso Senhor, que não lhes valha o sangue do divino cordeiro, que por eles se derrama, para deixarem de ser castigados?

Isto sentiu Cristo nosso Senhor entre todos os seus trabalhos mais do que a eles mesmos, essa lembrança o afligia e magoava mais que as suas próprias dores!

E por isso aconselhou aquelas mulheres que derramassem diante de Deus as suas lágrimas mais por si do que por ele, para merecerem os frutos daquele sangue que por elas se derramava, e escaparem dos castigos que estavam preparados para aquela cidade e povo. Quem diria que um homem tão aflito poderia ter sentido naquele momento outra coisa que não os sofrimentos que passava? Mas o Senhor deixou claro quanto mais lhe lembravam as nossas culpas do que as suas dores; e quanto mais sentia os nossos trabalhos do que os seus, e que nenhuma coisa levava mais diante dos olhos que o remediar deles. Este é ele que na hora em que entrou em Jerusalém recebido com festas e ramos de todo o povo, ia chorando os sofrimentos que aquela cidade haveria de passar, e a sua destruição, com que a cegueira e os pecados que nela havia haveriam de ser castigados; e no meio dos maiores tormentos e sofrimentos, esta mesma lembrança ocupava o seu pensamento. Nós vivíamos sempre no seu coração; as nossas necessidades roubavam-lhe o amor e o cuidado; e como ele as conhecia melhor do que nós, e as tinha sempre presentes, todo o seu sofrimento lhe parecia pequeno, e todos os nossos muito grandes; por isso não estimava sofrer quanto sofria para nos remediar.

Parece que o trabalho do Senhor aqui pedido é que se trate da doutrina da Cruz. Mas o espelho divino dos exemplos de Cristo nosso Senhor está tão claro que ele, por si só, sem mais palavras, ilumina os olhos da alma e descobre as verdades da sua Cruz. Eu direi apenas uma coisa, que a maior e mais alta graça que este Senhor faz nesta vida às almas é dar-lhes a sabedoria e a imitação da sua Cruz e trazê-las sempre crucificadas, sem nunca desistir delas. Mas também afirmo que, sem a sua luz particular, esta verdade não pode ser conhecida. Vemos em Cristo nosso Senhor escolher para si esta morte: levar a sua Cruz às costas para ser morto nela, coisa nunca vista noutro; abraçá-la com gosto, cair e insistir em levá-la; levá-la por outro, enquanto ia tomando fôlego para morrer nela e ser desmontado; e depois deitado nela, não a largar, mas ainda depois de morto ser por outro tirado dela, e deixá-la como herança aos seus escolhidos. Nela teve todas as suas vitórias, e nela recebemos todos os nossos bens. Vejo que só os crucificados, e os que mais imitam estes exemplos na vida, são mais aceites por nosso Senhor. Por isso determino que quem não sente em seu coração esta pura verdade muito clara (que a maior graça que pode receber de Deus é fazê-lo digno de cruzes, e que quem as tem recebe de Deus maior dom nelas do que todos os bens que têm todos os justos e contemplativos), se tenha ainda por cego, e com coração muito aflito e peça ao Senhor continuamente luz interior para conhecer esta pura verdade. E se Deus lhe conceder essa graça, que trabalhe para não ser ingrato, mas a tenha por um tesouro riquíssimo, e se abrace às cruzes como único e certo penhor dos bens eternos.

Exercício à Cruz.

Sai, meu bom Jesus, meu Rei, meu guia e pastor da minha alma; sai, que aqui está já erguida a vossa amada Cruz, que tanto desejais. Consagrai-a e santificai-a para ser companheira e glória de todos os vossos escolhidos.

Põe, Senhor, os olhos e o amor na tua Cruz, e, ao vê-la, sem palavras, fortalece-me interiormente e diz:

“Oh minha amada, querida e toda a vida desejada! Tu és a minha formosa esposa, por quem sirvo e a quem espero há trinta e três anos. Tu és a tesoureira das minhas riquezas, o triunfo das minhas vitórias, a glória e

coroa do meu amor. Hoje seremos unidos em perpétuo matrimónio: quem te servir, a mim serve, e quem te desprezar, a mim despreza. Tu serás, de agora em diante, a honra dos meus; e quem te desprezar será humilhado, e quem de ti fugir será abatido. Hoje me receberás em teus braços, hoje te batizarei no meu sangue, e hoje serás mãe e amparo de todas as gentes. Por mim serás para sempre honrada, e eu por ti reconhecido por todos; quem não quiser ser cativo e prisioneiro teu não será visto nem favorecido por mim.

Aqui te abraço, amiga minha, desejada minha, e companheira perpétua minha. Põe-te aos meus ombros, vamos ao lugar da morte, façamos dele lugar de vida, reinemos, vençamos e honremo-nos ambos juntos. Que hoje acabe a tua desonra, e comecemos, neste dia, a triunfar em glória. A morte apenas separará meu corpo de ti, mas nada poderá tirar-te do amor deste coração; para sempre viveremos juntos. Tu serás a tutora e amparo dos filhos que hoje, de todas as partes do mundo, a nós trarão. De ti tremerá o inferno, e contigo se alegrará o paraíso.

Toma estes braços, este corpo, este coração, este amor; quem me desejar e buscar, tome a ti por sua guia e companheira, e tudo o que de mim quiser, por ti alcançará. Quem assinalares será meu, e quem tu sempre acompanhares será por mim amparado.”

À Cruz

Adoro-te, sinal de saúde, preço da glória, consagrada com os braços e sangue do meu Senhor Jesus Cristo. Adoro-te, bandeira das suas batalhas, guia dos seus escolhidos, triunfo das suas vitórias, amparo dos seus servos, sinal dos seus filhos. Adoro-te, sabedoria oculta, luz do mundo desconhecida, honra dos que te servem, segurança dos que te carregam, coroa dos que te abraçam, prémio dos que te amam, salvação dos que a ti se entregam.

Quem morre em ti, vive; quem vive em ti, reina; quem te ama, está contente; quem te deseja, acerta; e quem te abraça, se enriquece. Adoro-te, árvore da vida, em que está o fruto de que todos vivemos, o Filho de Deus

vivo. Adoro-te, balança direita, que não pende para nenhum lado, em ti só é conhecida a justa medida e o peso verdadeiro de todas as coisas.

Quem te despreza, é desprezado por Deus; quem te honra, é estimado por Ele. Adoro-te, verdadeira e própria figura do divino amor que em ti arde e resplandece. Porque a tua altura penetra o Céu, a tua estatura é muito reta, segura, justa e desapegada de toda a coisa viscosa da terra.

O teu pé penetra o centro de todas as coisas, o íntimo dos corações e chega ao inferno. Os teus braços nunca se encolhem, mas se estendem até aos confins da terra. A tua face nunca se enruga, não foge de ninguém, não se esconde, não despreza nem rejeita ninguém; mas todos se abrigam à tua sombra, todos amparas, e para todos estás descoberta e aberta. Nada temes, nada receias, nada desejas, senão corações; e teu título e coroa são o reinado e a glória.

Ardeste sempre no amor daquele que em ti se sacrificou, e esse fogo dás a todos que te buscam e amam. Em ti está a saúde e a vida; em ti está a confusão dos inimigos; em ti está a comunicação da suavidade soberana; em ti a fortaleza do coração; em ti a alegria do espírito; em ti a soma da virtude; em ti a perfeição da santidade; em ti a saúde da alma; em ti a esperança certa da glória.

Os errados por ti são trazidos ao caminho certo; os cegos da alma são iluminados por ti; os ignorantes são ensinados e feitos sábios em ti; por ti os pecadores são recebidos e justificados. O mundo em ti fica desconcertado e confundido; a soberba é derrubada, e a humildade é coroada.

Tu confirmaste os Apóstolos, consagraste os Mártires, deste vitória às Virgens; santificaste todos os justos; alegras os Anjos; sustentas e aumentas a Igreja, e povoas o Paraíso.

No dia do juízo, virás diante de Jesus para a glória dos seus amigos, e perpétua confusão dos seus inimigos.

Aqui me ofereço a Ti, aqui Te abraço, aqui Te recebo como meu Senhor Jesus Cristo, meu amparo perpétuo, minha luz e sabedoria, meu guia e segurança no meu desterro. Não me deixes nunca, nem Te afastes de mim.

Ainda que a carne seja fraca, ainda que se revolte contra Ti, ainda que tenha medo, ainda que muitas vezes recuse levar-Te e queira fugir de Ti, que ela sinta o que é, mas Tu nunca me abandones. Que as Tuas dores sejam para mim saúde, que morrer em Ti seja para mim vida, e que não haja hora nem momento em que eu não Te encontre junto de mim. Ó meu bom Jesus, crucifica-me contigo nessa Cruz; prende nela, com o Teu amor, a minha carne; atravessa com o Teu amor o meu coração; ilumina os meus olhos com a Tua luz divina, para que eu veja e compreenda sempre as verdades da sabedoria da Tua Cruz.

Oh, sinal de saúde, preço da glória, verdadeira guia dos errados, que fruto colhi e onde fui parar quando fugi de ti? Se me lanço longe de ti, não posso fugir dos trabalhos, pois vivo na terra deles, cheia de dores e misérias, mas caio nas mãos de muitos que me carregam, derrubam, destroem, desconsolam, inquietam e matam.

Porque se fujo de ti para servir ao mundo, o mundo me tira a paz interior, a consolação segura, a sabedoria do Céu, e tudo me rouba, despedaça e arrasta. Se fujo de ti para servir a carne, vivo em mares perpétuos de perturbações. Se fujo de ti por amor próprio e vaidade, ando sempre faminto e descontente.

Em tudo isso falta a saúde, a honra, a amizade, a verdade e a lealdade. O que se deseja nunca chega; o que chega logo se perde; as esperanças são vãs, a vida sem fundamento, e a morte cheia de medo e tormento.

Porque tudo isso traz infinitas coisas que sujam a alma e a consciência, muitas que culpam e nenhuma que realmente console. Não sobra senão lágrimas e mágoas sem alívio, e perdas da alma e do corpo sem consolo.

Isso fui até agora, Cruz santíssima, porque fugi de ti, e porque não te abracei de todo o coração e amor.

Mas tu, para aqueles que estão aflitos, desconsolados, abatidos, desamparados no mundo, estás preparando coroas de glória eterna. Pacíficas o coração, limpando a consciência, justificando a alma, enriquecendo os espíritos, fortalecendo as fraquezas, assegurando as esperanças, iluminando a fé e acendendo a caridade.

E os que parecem mais despedaçados e derrubados por ti, por ti são levantados, fortalecidos, enriquecidos e glorificados.

Se tiras os bens temporais, dás os do espírito e do Paraíso; se tiras honras, fazes filhos de Deus; se encheste de injúria, coroas de glória; se desamparas por dentro, abraças o coração com virtude divina e secreta; se desamparas por fora, aproximas a alma de Deus.

Aos que prendes, libertas; aos que cargas de ferros, soltas das culpas; aos que tiras tudo, enches com tesouros do Céu; e quando pareces mais rigorosa, então sentem mais suavemente aqueles que te amam.

Oh, quem nunca se lançasse a ti! Oh, quem nunca fugisse de ti! Oh, quem conhecesse os teus segredos! Oh, quem entendesse as tuas verdades escondidas!

Tu trazes os filhos de Deus no mundo esquecidos, desterrados, perseguidos, abatidos, cheios de lágrimas e pobreza, desfavorecidos, não ouvidos, desamados, pisados por todos; e para estes, que mostras mais crueldade, és o maior amigo.

De dentro os fazes contentes, vivos, cheios e sábios; vivem se não os deixas, morrem se os desamparas, ardem no teu amor, desapegam-se do que o mundo ama, e trazem o coração no Céu.

Oh, quão ricos, quão contentes, quão satisfeitos, quão sábios, quão divinos e tementes a Deus andam por ti e em ti! Desejam desapegar-se de tudo e viver com Cristo; tudo os cansa, tudo os enfastia; só sofrer em ti, só abraçar-se contigo, só arder em ti no fogo divino os consola e satisfaz.

E tu, amiga fidelíssima, companheira verdadeira, virás com eles no dia do juízo para os honrar, justificar, coroar e glorificar, e confundir os seus perseguidores e inimigos.

Oh luz do Paraíso, porto seguro dos atribulados, recebe-me em tua companhia, e que por ti seja elevado e unido àquele que por mim foi crucificado em ti.

Oh Mãe de Deus, companheira fiel da Cruz deste Senhor, e com ela cheia de riquezas soberanas, não saia a tua Cruz da minha morada, nem a tua luz da minha alma.

Ó corte celeste, reunida e coroada pela virtude que nasceu desta Cruz, por vós eu mereça estar no número dos crucificados, para ser também dos glorificados. Ámen.

Exercício de Cristo com a Cruz às costas.

Senhor, não recusais tomar essa pesada cruz sobre os ombros, ainda que estejas tão fraco com a grande quantidade de sangue derramado, tão abatido pelos tormentos que já sofrestes, e com o corpo todo coberto de chagas. E bem sabeis que não tereis forças para carregar tão pesada carga, e ainda assim a tomais sobre Vós. Ó Deus de amor! O vosso amor julga tudo possível, e nada considera impossível.

Renovam-se os gritos do povo, o clamor furioso contra Vós, a pressa dos fariseus para vos tirar a vida, as palavras e injúrias que vos lançam. E Vós, entre eles, Cordeiro divino, com tão poucas forças, mais cansado, com as chagas a reabrirem-se, coberto de suor e sangue misturados, humilhado e esmagado com um sofrimento insuportável — parece que renovais o vosso amor, a vossa paciência, o vosso silêncio, a vossa obediência e o gosto de padecer por mim.

Sede bendito, glorificado, adorado e amado por toda a criação!

Sobre essa Cruz, meu Redentor, levais os pecados de todo o mundo, para os pregardes nela convosco, satisfazendo por todos. Ali levais os meus próprios pecados, tantos e tão graves; são eles que vos causam tanta dor e aflição.

Com os pés caminhais sobre a terra, mas o vosso coração penetra os céus, rompendo o peito do Pai Eterno com brados interiores pelos pecadores, alcançando-nos misericórdia divina, e abrindo a real estrada do paraíso — a santa Cruz, até agora desconhecida do mundo.

Ali ides bradando em silêncio, chamando todos a seguir-vos e imitar-vos, prometendo que ali encontrarão todos os bens e o verdadeiro descanso. Levais atrás de Vós a primeira, a maior e mais fiel amadora — vossa Mãe santíssima, a Virgem imaculada, que caminha atormentada com a sua própria cruz, derretendo-se em dor.

Ides como Capitão e Estandarte dos justos, proclamando guerra contra a carne, o mundo, o demónio e os pecados. Revelais os segredos do vosso amor e confirmais o anúncio que fizestes ao mundo: que quem não toma a sua cruz e não vos segue, não é digno de Vós, nem terá parte convosco.

Vestis agora as vossas próprias roupas, deixadas a túnica branca de Herodes e a púrpura de Pilatos, para que todos vos reconheçam e saibam que é na Cruz que vos glorificais.

Ali destruís todas as desculpas que mimam a carne e alimentam a vaidade. Ali santificais as lágrimas, as perseguições, as injúrias e todos os sofrimentos. Iluminais os entendimentos, inflamais as vontades, abraçais as almas que chamais à imitação, desenganando o mundo, purificando a vossa doutrina, confirmando as vossas verdades, cativando e atraindo todos os corações a seguir-vos.

E porque sabeis que, quando estiverdes pregado na Cruz, não podereis abrir os braços, agora os abris sobre a Cruz, abraçando os pecadores, os justos, os aflitos — todos os que desejarem o vosso amor e companhia — como filhos, por amor dos quais morreis.

Ó meu Rei! Ó meu Capitão! Ó meu Amor, minha Esperança, minha Glória, meu Guia, minha Soberana Verdade, minha Vida verdadeira, minha Sabedoria certa, minha Luz resplandecente, meu Bem total — não permitais que este vosso indigno servo fique fora dessa vossa companhia, onde Vós e a Virgem Santíssima, as duas colunas do céu, os dois puríssimos espíritos mais aceites pelo Pai Eterno, ides juntos, abraçados às vossas cruzes.

Que será de mim fora delas? Que caminho seguro posso seguir, se me desvio da vossa Cruz? Levai-me, Senhor, convosco. Não tireis de mim os vossos olhos nem a vossa Cruz. A Vós quero seguir, a Vós quero imitar, convosco me quero crucificar. Prefiro a cruz convosco do que todo o

conforto da vida sem Vós. Eis aqui o meu corpo, pés, mãos, cabeça e membros; eis aqui a alma. Eis-me aqui — tudo vos ofereço. Que tudo seja convosco, cheio de cruzes e dores.

Não permitais que eu deseje ou busque outra coisa. Não permitais que eu recuse ou fuja dos sofrimentos e da cruz, por mais pesados e ásperos que sejam.

Com Vós quero ser desconsolado, aflito, desamparado e perseguido, do que ser acariciado pelo mundo.

Desde o início do mundo, todos os vossos eleitos carregaram cruzes e tribulações. E quanto mais vos amaram, mais convosco foram atribulados e crucificados. E eu, miserável, fugindo da vossa Cruz e dessa bandeira, como poderei agradar-vos? Como poderei ser dos vossos?

Ó Filho do Deus vivo! Se eu vos amasse de todo o coração e vos servisse com muitos trabalhos por mil anos, esperando que me désseis um só momento da vossa companhia e sofresseis por mim um pequeno sofrimento — tudo isso ainda seria pouco para merecer tamanha graça.

Pois agora vos vejo, ó meu Deus, e meu Senhor, tão carregado de dores, com essa cruz às costas, feito meu Capitão e Guia, convidando-me a seguir-vos com sofrimentos bem menores — como não ardo de desejo de padecer por Vós? Como posso considerar grande qualquer sofrimento? Como não lamento cada momento que passo sem cruz, sem aflição, por vosso amor?

Minha carne, fraca, geme com a cruz; cega, quer fugir dela; perversa, aborrece-a.

Mas Vós, meu Remediador, com o vosso Espírito, que agora me ides merecendo, e com o amor que me mostrais, sois poderoso para operar maravilhas nesta alma miserável — transformando a minha fraqueza em gosto de sofrer convosco muitas cruzes.

Quando, Jesus atribulado, me verei convosco atribulado? Quando, amigo desta alma, me verei por Vós como vos vejo por mim? Quando será

minha única consolação levar convosco muitas cruzes e aflições, sem me cansar, como Vós mandais?

Ó única saúde das minhas misérias — quer esta carne enferma goste ou não — Vós sabeis que quanto mais sou atribulado, mais estou seguro, mais perto de Vós, mais sábio, mais vosso discípulo e amigo.

Deixai que a carne cumpra o seu ofício, mas Vós, que sabeis o que me convém, não vos compadeçais dela. Afligi-me e atribulai-me convosco, e ajudai-me e fortalecei a minha fraqueza para que eu leve as cruzes que me derdes, e nunca deseje outra coisa.

Vós, Senhor, que conheceis com sabedoria os meus erros, sabeis como ando perdido fora desse caminho. Tomo por bem o que é mal, por verdade o que é vaidade, tenho por graça o que é só natureza, justifico o que devia reprovar, estimo o que devia desprezar, busco a honra, dou importância a mim mesmo, trago o coração disperso, longe de Vós, ocupado em mim e no mundo.

E o que deveria confessar com infinitas lágrimas — escondo. A alma está tão longe de Vós, meu Soberano e Infinito Bem, que peco e nem sinto; ofendo-vos, e não me dói. Envergonho-me de quem sou, mas finjo ser dos vossos, sendo na verdade inimigo desta vossa companhia crucificada.

Que direi, Senhor? Lanço-me a vossos pés. Vós sabeis quem sou. Vós vedes a miséria deste coração, quando a carne anda solta, sem freio, sem cruz. Tudo o que então faço é o que vos leva agora a esse estado. Isso estais Vós agora sofrendo e pagando.

Pois vida segura desta alma e todo o meu bem, como poderei viver contente com aquilo que vos vai matando? Ou acabai comigo agora, Senhor, para que eu já não vos ofenda; ou desde agora para sempre, colocai sobre mim a vossa Cruz.

Porque para aquilo que eu não posso, Vós, poderosíssimo e fidelíssimo ajudador, dareis força e espírito para que eu possa carregar.

Vós iluminareis o meu entendimento, abrasareis o meu coração com o vosso amor, e fareis em mim as vossas habituais maravilhas.

Aqui renuncio a toda a consolação da vida. Tudo — se for para a vossa glória — se transforme para mim em cruzes. Amigos, companheiros, parentes, conversas e tudo o que até hoje me deu prazer — transformai em cruz, para que só Vós sejais meu amigo, meu companheiro, meu único consolador.

Oh, quão ditoso serei, quando isto acontecer! Quão rico, quando só vos tiver a Vós por companhia! Então vos direi de verdade:

"Único amor meu, único prazer meu, único Pai meu!" Então sereis só Vós a minha única bem-aventurança — quando tudo nesta vida me deixar, e me crucificar, e eu a tudo renunciar por Vós.

Senhor, Vida da minha alma, para onde ides? Não me ouvis, que vou gritando atrás de Vós? Ides subir ao Calvário sem mim? Dai-me essa Cruz antes que lá chegueis, porque mais Príncipe estareis entre três ladrões, do que entre dois: salvareis dois, e se quiserdes matar-me, ficarei para sempre crucificado convosco.

Oh Amor, oh Amor! Oh meu Amor, matai-me agora com o fogo da vossa caridade, que me consuma, se é que hei de passar esta vida sem vivê-la toda empregada em padecer por Vós.

Gravai, Senhor, na minha alma aquela grande verdade que um crucificado por vosso amor disse: que se alguém recebesse de Vós a mercê de uma só hora de sofrimento por vosso amor, como satisfação por trezentos anos de fiel serviço, ainda assim, não pensaria em si mesmo, pois tamanha graça teria em si tantos merecimentos.

Oh verdade escondida! Oh verdade certa! Mas eu, Senhor, que nada mereço, peço-vos, pela largueza da vossa bondade, que me concedais essa mercê, mesmo sem a merecer: que toda a minha vida e cada uma das minhas horas me sejam uma cruz por vosso amor, pois sei com certeza que é isso que mais Vos agrada, e é o que a minha natureza mais recusa, e o que mais me convém. E se me faltarem forças para isso, Vós, generosíssimo

doador dos vossos dons, não as negareis a quem crucificais por vosso amor. Amai-me, Senhor, e crucificai-me.

Oh ditoso Cireneu, que por dinheiro alcançaste o que eu não consigo alcançar com lágrimas: levar essa Cruz e aliviar, ainda que um pouco, esse divino Cordeiro do imenso peso que carrega. E ainda que isso fosse para chegar mais depressa à morte, era isso mesmo o que Ele desejava.

Tu o segues com a Cruz sem entenderes: se conhecesses esse Senhor e soubesses o que carregas, nunca soltarias essa Cruz — a ti crucificariam, e Jesus viveria.

Não havia, Senhor, um amigo que por amor levasse essa Cruz? Oh Filho do Deus vivo, oh amante fidelíssimo das almas, oh tesoureiro da bem-aventurança: só Vós levais a Cruz por puro amor, pois tudo o que nela mereceis é para dar aos vossos. Nem quereis, nem tendes outro prémio além do nosso proveito. Todos os que Vos seguem vão por amor ou por promessa vossa; e mesmo que da sua parte se desinteressem, da vossa têm recompensa certa. Mas quem mais se desinteressa mais deseja fazer a vossa vontade — e que maior recompensa poderia haver no céu ou na terra?

Oh Deus de amor, oh amor de Deus: quão ricos e abençoados vão os que, com sua cruz, Vos seguem! O lugar de Cireneu não foi à frente, mas atrás de Vós, porque não quereis dar a dianteira a ninguém, para que os crucificados caminhem iluminados pela vossa presença, fortalecidos e inflamados. E quem Vos segue, Luz do Paraíso, vai sempre vendo, amando, recebendo, gozando.

Cala-te, língua. Cala aqui, coração. Falai Vós, meu Senhor, pois o vosso servo escuta. Dizei a este coração que vê, que sente, que carrega, aquele que diante de si Vos contempla. O Amor leva, e o Amor o leva. Aonde? A quem? Ao Amor, e a amar.

Ame-vos eu, ó Deus meu! Que me derreta todo em vosso amor. Abrasai-me, amai-me, e lavrai-me, meu divino Amor, por Vós.

Oh Mãe de Deus, rica em cruzes e em amor, sem Vós o vosso Cordeiro não quis levar a Cruz, para Vos pagar o amor que Vos devia. Alcançai-me,

Senhora, que eu também não fique de fora, mas que em mim se mostre o que o seu grande e ardente amor merece.

Oh Anjos, oh cidadãos do Céu, pedras vivas lavradas com esta Cruz para esse edifício celestial: louvai por mim a este Senhor. E pois para essa vossa companhia Ele me criou, fazei que, pela sua Cruz e com ela, me guie e me leve a ser como Vós diante d'Ele. Amém.

TRABALHO XLIII

Pregado, levantado e desconjuntado na Cruz

Chegados ao monte Calvário, onde os sinais do amor do Senhor e os seus imensos sofrimentos e tormentos haviam de chegar ao extremo que se pudesse imaginar, não foi permitido ao Cordeiro inocentíssimo nenhum descanso, nem alívio do cansaço do caminho, que já o tinha quebrantado grandemente.

Logo começaram os algozes a preparar tudo para pregar o Senhor na Cruz e levantá-lo nela — o maior dos trabalhos e tormentos que o seu corpo podia suportar. Desataram-lhe as cordas com que ia preso e despiram-no das suas vestes, que, por estarem coladas à carne ensanguentada e ferida, ao serem arrancadas, renovaram cruelmente todas as suas chagas — especialmente as da cabeça coroada de espinhos, cuja coroa, ao ser tocada, reabria feridas com dores imensas.

Tudo se fazia ao Senhor com extrema crueldade e desumanidade, e Ele obedecia aos algozes em tudo como se fossem seus senhores. Despia-se, vestia-se, tornava a despir-se; dava as mãos para que lhas atassem ou desatassem; estendia-se sobre a cruz para ser pregado com tamanha mansidão e obediência como se se tratasse de mandamentos do Pai Eterno.

Aqui aprendem também os que verdadeiramente buscam a paz interior a conservar-se quietos e serenos em todos os sucessos contrários e penosos. Pois os falsos amigos, as injustiças e todo o mais que lhes acontece tomam-no como mandado do Céu e vêem os seus inimigos como ministros da divina vontade. Por isso, submetem-se a tudo e a todos, até nas coisas mais contrárias, como se fossem ordens e preceitos divinos. E daí nasce o verdadeiro amor aos inimigos, pois já não os vêem como tais, mas como executores dos conselhos de Deus, e sentem mais o mal que eles fazem a si próprios do que o que deles recebem — pois tudo o que recebem, tomam-no como algo mandado do Céu, e sofrem por ver que isso seja ocasião da sua condenação.

O puríssimo Cordeiro ficou de pé, nu, transformado numa viva chaga dos pés à cabeça, todo Ele gotejando sangue sobre a terra, as feridas abertas expostas ao ar e a coroa de espinhos penetrando-lhe a cabeça — figura mais dolorosa e lastimosa não se podia imaginar.

E como o seu coração nunca estava ocioso, creio firmemente que, naquele brevíssimo espaço de tempo em que os algozes assentavam a cruz no chão, firmando-a para o pregar nela, e preparavam os cravos, as marretas e as cordas para o levantar, Ele ergueria os olhos e as mãos — que ainda estavam soltas — ao Céu. E, com lágrimas ardentes e abundantes, oferecia-se novamente à obediência do Pai Eterno, pela salvação dos homens. E, sem dúvida, essas lágrimas e suspiros interiores foram ouvidos no Céu e alcançaram tudo quanto desejaram.

Este é o verdadeiro caminho para agradar a Deus em tudo e alcançar d'Ele luz para agir sempre com acerto e força para suportar os trabalhos da vida: não começar nada, nem entrar em coisa alguma, sem primeiro fazer oração interior a Deus, ainda que seja muito breve — pois não pode deixar de ter bom êxito aquilo que em Deus e com Deus se começa.

Este momento é devotíssimo para a alma se aproximar do Senhor, lançar-se aos seus pés e receber aquele santíssimo orvalho que de todo o seu corpo e chagas está a gotejar. É tempo de, com Madalena, lavar-lhe os pés com lágrimas, antes que seja pregado na cruz, e alcançar d'Ele muitas graças — pois não deixará de acolher estes desejos amorosos da alma, assim como acolheu os que estavam ali presentes para o consolar.

Aproximaram-se então os algozes e deram-lhe um pouco de vinho misturado com fel e mirra — como se dirá mais adiante — bebida desumana, inventada apenas para o Senhor. Pois em tais circunstâncias, costuma-se dar ao sofredor bebidas confortantes, para o fortalecer no momento da morte. Em algumas partes, até se dá confissão para que menos se sinta o tormento.

Mas estes cruéis e malvados algozes, atiçados pelos judeus, não consentiram nada que pudesse dar ao Senhor alívio ou refresco; antes, transformavam tudo em instrumentos de maior dor. No vinho que lhe poderia aliviar o estômago, colocaram as duas coisas mais amargas e

agressivas — o fel e a mirra — que queimavam a boca, a garganta e o estômago.

Assim amanheceu e permaneceu em jejum o Senhor naquele dia, não tomando mais que vinagre, e isso quando já estava para expirar — como mais adiante veremos.

Não sei quem era mais inflamado neste momento: se a malícia dos inimigos do Senhor, que inventavam novas maneiras de tortura, ou o Senhor em as repartir pelo seu corpo, de modo que nenhum membro ficasse sem sua parte. A verdade é que Cristo nosso Senhor venceu, pois trouxe todos os seus membros à competição de qual mais sofreria. E até as suas entranhas e o sentido do gosto quis cortar e atormentar com a aspereza do fel, da mirra e do vinagre — já que não cabia neles outro tormento.

Tudo se pode crer do fogo divino de amor que n'Ele ardia — fogo este que bem merece que lhe respondamos com amor igualmente refinado, de modo que tudo quanto houver em nós esteja perdido, se não for empregado no seu serviço.

Preparada a cruz e tudo o necessário para pregar nela o Senhor, mandaram os cruéis algozes que se deitasse nela de costas. Obedeceu o divino Cordeiro sem resistência, deitando-se sobre a cruz, com a coroa de espinhos por almofada que lhe penetrava de novo a cabeça com dores imensas, com os braços abertos e os olhos no Céu.

Aqui se viu, pela primeira vez, o divino Cordeiro lançado sobre o santíssimo altar da cruz, ardendo no fogo do seu próprio amor: com os braços abertos para acolher todo o coração necessitado e com os olhos no Céu, abrindo com eles as portas do paraíso, até ali fechadas pelo pecado de Adão.

Como este Senhor é o sumo Sacerdote, por quem somos reconciliados com o Pai Eterno e por quem temos entrada junto d'Ele — e é também o sacrifício agradabilíssimo a Deus, pelo qual se perdoam os pecados do mundo — Ele, ao ver-se sobre o altar da cruz, fez de si mesmo sacrifício e ofereceu-se por toda a humanidade, com todo o amor e desejo infinito da salvação dos pecadores.

Ali, sem dúvida, os seus braços abertos chamavam todos os homens para os consolar e com eles se entregar ao Pai Eterno. Ali se completou a reconciliação dos pecadores com Deus; ali o Céu e a Terra foram abraçados e unidos numa só Igreja, uma só casa, uma só companhia, onde Deus reina.

Nunca houve, nem haverá, outro sacerdote mais aceite, nem altar mais sagrado, nem sacrifício mais meritório do que este: no qual o Cordeiro, sacerdote divino e sem pecado, oferece-se a si mesmo como puríssimo sacrifício na santa cruz por toda a humanidade.

Enquanto o Senhor se ocupava neste seu ofício sagrado, os ministros da sua morte também cumpriam o deles — o mais cruel possível.

Dizem alguns que começaram pela mão esquerda, e, feita a marca e o buraco na cruz, lhe atravessaram um cruel e grosso cravo pela palma da mão, rompendo os nervos para que melhor sustentasse o corpo. E como aquela parte é a mais sensível, por estar ligada ao coração, os nervos se encolheram com o tormento, de modo que, ao quererem pregar a mão direita, ela não alcançava o buraco já feito na cruz — pelo que foi necessário esticá-la com cordas. O mesmo fizeram aos pés. Com isso, os seus santíssimos membros começaram a desconjuntar-se.

A tudo isso Cristo nosso Senhor calava. Não gemia, nem se queixava, nem franzia os olhos ou o rosto, como fazemos nas grandes dores. Mas, com serenidade no rosto e invencível constância — mais do que humana — sofria e suportava as mais cruéis dores que um corpo pode receber.

Pois não se contentou em sofrer tudo com paciência perfeitíssima, mas quis ainda que nada no seu semblante revelasse peso ou tristeza, para que o que se via exteriormente concordasse com a vontade e amor com que tudo padecia.

Em tudo isso, calando, ensinou-nos a arte de levar as cruzes com perfeita paciência, grande merecimento e proveito espiritual, para sermos neles agradáveis a Deus.

Quem se vê envolto em trabalhos deve, antes de mais nada, aceitá-los como mandamentos do Senhor, para os suportar com suma obediência à sua

divina vontade. Deve evitar toda queixa — tanto das criaturas quanto de Deus — mesmo que a mão de Deus lhe pareça rigorosa. Porque as queixas nascem do amor-próprio, que recusa sofrer.

Não trate de justiça ou razão, nem da sua fraqueza ou pouca capacidade para o peso do sofrimento. A única razão deve ser obedecer a quem assim o permite; e a força, confiar na sua bondade. Faça da cruz um altar, e de si mesmo um sacrifício, e, assumindo o ofício de sacerdote, ofereça-se a Deus, aflito e atribulado, para sofrer mais e mais, quanto, quando e como for servido à sua divina majestade.

E porque a natureza sempre reage mal ao sofrimento, tenha consigo o Crucificado em constante combate interior, para não se deixar vencer pela tristeza. Antes, adore sempre o Senhor por tudo, recebendo com bom semblante tudo quanto vier da sua divina mão. Alargue o coração com fé, pois Deus não lhe negará a graça de, a cada dia, ser mais forte.

Tome como meio para tudo isto manter sempre os olhos interiores voltados para o Céu — pois isso torna leve tudo o que na terra é penoso. Como diz São Paulo: contemplando não o terreno, mas os bens celestiais, verá que, em comparação com as imensas coroas de glória que os pequenos sofrimentos da terra fabricam no Céu, todos eles parecem leves e sem importância — por grandes que sejam.

Exercício espiritual sobre a elevação de Cristo na Cruz.

Pregado o Senhor na Cruz, já estava cavada no chão uma cova suficiente para a receber, bem firme e direita. E como a Cruz já tinha o Senhor cravado nela, não se podia movê-la sem lhe causar imensas dores. Mas como tudo era feito por aqueles que só desejavam atormentá-lo com maior crueldade, tudo lhe faziam com desumana brutalidade.

Assim, arrastaram a Cruz pelo chão (para não lhe faltar sequer o tormento de ser arrastado), até fazer com que o seu pé ficasse junto da cova. Logo começaram a levantá-la pelos braços da cruz até atingir uma altura suficiente para que outros pudessem puxar com cordas presas a ela. E ora pendia para um lado, ora para outro, para aumentar ainda mais o sofrimento

do Senhor. E quando a Cruz caiu bruscamente dentro da cova, e depois ao apertarem o pé e a cravarem com força de pancadas, para que a Cruz ficasse firme e não pendesse para nenhum lado, o Senhor sofreu um tormento tão incomportável, que como nos falta a experiência dessas dores, também nos faltam palavras para as descrever.

Sabemos, porém, que das maiores dores que um corpo pode sofrer é quando um osso se desloca do seu lugar, ou quando uma junta se rompe. E sendo o Senhor levantado na Cruz, seu santíssimo corpo ficou sustentado apenas pelos cravos. Todas as articulações começaram a estalar, e os ossos a se separarem uns dos outros, tão visivelmente, que — como já o profetizara David — podiam contar-se todos os seus ossos (Salmo 21/22, 17). Assim padecia Cristo em todo o seu corpo (como diremos mais adiante com mais detalhe).

Enquanto o Senhor sofria esses tormentos, os seus inimigos, que tanto desejavam vê-lo crucificado, longe de se compadecerem, estavam contentes e festejavam como se tivessem alcançado uma grande vitória. A gritaria do povo ao ver a Cruz levantada enchia tudo de vozes e alvoroço.

Ali ficou o Filho de Deus com os pés levantados da terra — mas não tanto que não lhe pudessem chegar — com o corpo erguido em direção ao céu, mas com os olhos voltados para a terra; e com os braços estendidos, sem poderem juntar-se. Pois assim quis Ele estar naquela postura: para que a terra e os amores terrenos não tivessem nele parte alguma, e para que os que amassem a sua cruz pudessem aproximar-se; e todos os que o buscassem crucificado o encontrassem de braços abertos para os acolher, com olhos cheios de luz para os receber, e com um coração abrasado de amor para os encher de bens.

Tudo atrai a si, como Ele prometera. O Céu, reconciliando os pecadores com Deus; os justos, inflamando-os no seu amor; os pecadores, convidando-os à penitência e à misericórdia, satisfazendo por eles. Assim, ao ver-se levantado na cruz, esquecendo os próprios sofrimentos, e lembrando-se dos males dos pecadores, que tanto desejava remediar, não se contentou com os colóquios interiores que oferecia ao Pai por nós, mas abrindo a sua sacratíssima boca, até então calada, bradou em alta voz, cheia de amor e lágrimas ao Eterno Pai, pedindo-lhe misericórdia por aqueles que

o crucificavam — não só com as mãos, mas também com os pecados, que Ele na cruz pagava — dizendo:

«Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.»

Que amor maior se pode querer que este? Que não só nos tenha lembrado entre tantas dores e tormentos, mas que, vendo-nos cegos por vontade própria — e merecendo tanto castigo por essa cegueira quanto pelos pecados mesmos —, este nosso piedoso e amoroso intercessor ache em nós uma desculpa, alegando a nossa ignorância para alcançar-nos perdão.

E em verdade, o Senhor, que vê e pesa as nossas culpas com claro juízo, acha que valia a pena pôr-se Ele mesmo na cruz para que fossem perdoadas. E nós, que as sentimos tão pouco, fazemos delas motivo de vida e prazer — e se bem as conhecêssemos, o medo nos faria fugir delas.

Vê-se aqui claramente o que São Basílio diz da misericórdia divina: que, quando Deus vê os nossos pecados, encontra neles dois rostos — um que o move ao castigo, por serem em sua ofensa; e outro que o move à compaixão, pelo mal que nos causam — e esta última prevalece.

Os nossos pecados punham Cristo na Cruz, enchiam-no de dores e tormentos, ofendiam o seu Eterno Pai — mas porque nos cegavam e condenavam, Ele teve mais dó de nós do que de si mesmo. E sem pensar em si, pede que sejamos perdoados, como cegos e ignorantes.

Crucificaram com o Senhor dois ladrões, um de cada lado, e Ele no meio, como se fosse o chefe deles — ainda que não o fosse nos roubos, era-o em roubar os corações. E o Senhor não se envergonhou dessa companhia na morte, pois sempre a aceitara na vida, comendo e bebendo com pecadores, e entre eles quis morrer: pois como bom Pastor, viera à terra buscar as ovelhas perdidas.

Assim nos quis mostrar que os pecadores têm melhor lugar na sua Cruz, e que se Adão perdeu a árvore da vida e caiu em morte, nesta árvore — a Cruz — temos agora a verdadeira vida, de modo que a morte já não nos pode fazer mal.

Sinal de tudo isto foi a tabuleta pregada sobre a cabeça do Senhor, que Pilatos mandou escrever com a causa da sua condenação, em hebraico, grego e latim — as três línguas em que se escreveu toda a sabedoria humana e divina — dizendo:

«Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.»

Pregaram-na na cruz antes de levantá-la. E ainda que os judeus protestaram contra estas palavras e pediram a Pilatos que não dissesse que Ele era rei dos judeus, mas que se dissera rei falsamente, Pilatos recusou mudar a inscrição. Porque o Espírito Santo, que já determinava vencer, quis que entre tantas afrontas que o Senhor padecia, ficasse claro que aqueles que o buscassem, amassem e servissem crucificado, teriam nele um verdadeiro Rei, um amparo, vida, riqueza e todos os bens. E como Rei e Senhor de tudo, dali perdoava pecados, dava vida eterna a ladrões, salvava pecadores e usava o seu eterno poder.

Entre todos estes mistérios, lembremos também as dores da Virgem Nossa Senhora (ainda que trataremos disso com mais detalhe mais adiante), a qual não viu pregar o seu Filho, mas ouvia os martelos, que lhe trespassavam o santíssimo coração, e esperava ver aquilo que mais receava: vê-lo crucificado. E assim, quando viu, por entre a multidão, o seu Filho unigénito ser levantado ao alto, quanto mais o amava, mais isso a feria; e sua natureza, não podendo com a força da dor, caiu por terra desfalecida — até que, recobrando os sentidos, terminou de passar aquela cruz só dela, sem haver igual na vida.

São tantos e tão profundos os mistérios que a alma tem para considerar e sentir em Cristo crucificado, que embora na narração histórica seja preciso resumir muito para evitar prolixidade, é necessário alargar os exercícios espirituais, para que se possam sentir mais intimamente as misericórdias do Senhor. Por isso coloco aqui três exercícios sobre este capítulo, como fiz no capítulo anterior, e farei no seguinte — para que a alma, considerando tudo mais devagar e com mais atenção, possa tirar maior proveito espiritual.

Exercício a Jesus despido, antes de ser pregado na Cruz.

Agora, alma minha, deixa de contemplar o alvoroço daquela gente que se prepara para crucificar o Senhor, e ouve os gritos, a pressa e a crueldade dos seus inimigos. Repara na brutalidade com que despiram o Senhor, que já levava os vestidos colados às chagas, e que, ao serem arrancados, abriram novas feridas, fazendo jorrar sangue fresco da sua santíssima cabeça e de todo o corpo.

Contempla essa figura tão lastimosa, e aquele coração que nunca esteve ocioso nem afastado do Céu. Assim que se vê nu e com as mãos livres, Ele as levanta com os olhos ao Céu, cobertos de lágrimas, oferecendo-Se por ti ao Pai eterno. Aproveita este breve momento: aproxima-te d'Ele antes que o preguem.

Prostrada a alma aos pés do Senhor, como se O tivesse presente, abraça-O com amor e diz:

Aqui me abraço a estes divinos pés, amor da minha alma, a eles me prendo com este coração. Aqui me quero derreter antes que sejais pregado nesta Cruz, e antes que a morte vos leve dos meus olhos. Antes que estas mãos, agora ainda soltas, sejam cravadas, abraçai esta alma pecadora, por quem tanto sofreis. Consumi todas as minhas maldades, abrasai as minhas friezas, prendei-me todo interiormente a Vós.

Ó meu bom Jesus, ó Cordeiro divino, ó amor desta alma, puro e verdadeiro, recebei os braços desta alma e fazei com que sejam puros, desapegados de tudo o que é terreno, e fervorosos no vosso amor, para que Vos sejam mais agradáveis.

Lançai, Senhor, os olhos da vossa misericórdia sobre esta vossa pobre criatura, e não me rejeiteis. Recebei este abraço que, como posso, vos dou, e que desejaria dar-Vos com o amor de todos os que Vos amam. Gastai em mim, com este vosso sangue, tudo aquilo que Vos desagrada, para que nada haja em mim que me afaste de Vós.

Ó meu verdadeiro amparo, se me vir acolhido por Vós e recebido no vosso amor e amizade, quão bem-aventurado serei! Quem me chamará pobre, ainda que tudo me falte? Quem me dirá miserável, ainda que viva

nesta vida triste? Abraçado a Vós, abrasado no vosso amor, mesmo que todos me esqueçam e me deixem, ficarei contente e satisfeito, só por estar Convosco.

Pois bem, Senhor meu, mostrai a esta alma a beleza do vosso coração. Chegue até mim o fogo que Vos consome. Caiam sobre mim essas lágrimas quentes que saem dos vossos olhos, para que me lavem, me inflamem no vosso amor e me unam Convosco para sempre.

Ó meu único bem, sem o qual sou paupérrimo, vejo quanta pressa há em Vos crucificarem, e eu continuo como sou. Antes que vos tirem deste lugar, antes que me desapegue destes vossos braços, curai as minhas chagas. Vede que mais ferida está a minha alma que o vosso corpo, e que corre mais veneno das minhas culpas do que sangue das vossas chagas.

Vós sois o meu Redentor, em Vós está a misericórdia que tanto preciso. E já que os meus pecados Vos trouxeram a este estado, sabeis melhor que eu quanta necessidade tenho dela. Não sei confessá-los nem conhecê-los bem, mas diante dos vossos puríssimos olhos estão todos patentes e descobertos.

Tal como sou, aqui me lanço a estes vossos pés. E já que me vedes e conheceis, perdoai-me com misericórdia, e não me deixeis sem remédio, entre tantos trabalhos que por me remediar sofreis. Se quereis, Senhor meu, bem me podeis purificar nesta hora. Pesa-me de Vos ter ofendido, e prefiro morrer agora mesmo do que voltar a ofender-Vos.

Feri, Redentor meu, este coração com dor pelos meus pecados; dai-me ódio de mim mesmo; abrasai-me no vosso amor; tirai os impedimentos que há entre mim e Vós, para que nunca mais Vos ofenda, e viva sempre atado a Vós por puro amor.

Ó minha vida, e esperança segura, tivestes amor bastante para deixar abrir o vosso corpo em chagas por mim, para derramar todo o vosso sangue por mim, para Vos deixar pregar e desarticular nesta Cruz por mim, e para nela morrer por mim. Faltar-Vos-á agora amor para me perdoar os pecados? Para me dar um ódio verdadeiro a eles? Para me dar força para me emendar e Vos amar, para nunca mais Vos ofender?

Para tudo isso tendes amor, bom Jesus. Sei que desejais mais do que eu dar-me estas graças — e por isso morreis! Mas em mim vedes Vós mesmo a causa por que me negais o dom. Ó verdadeiro remédio da minha alma, confesso que todo o impedimento nasce de mim; mas também peço o remédio, e por isso me agarro a estes vossos pés, e por isso o meu coração clama por Vós.

Cego estou, e ignorante. Iluminai, ó luz divina, o meu entendimento; dai-me a conhecer quem sou; mostrai-me o que em mim impede todos estes bens e me afasta de Vós; e dai-me ódio perfeito a tudo o que Vos desagrada. Esta obra, Senhor meu, há de ser vossa, porque para tudo tendes amor e misericórdia.

Se não sei oferecer-me a Vós de todo o coração, Vós supri o que me falta. Para isso sois meu Redentor, para isso derramais este sangue, para suprirdes com ele tudo o que falta à minha pobreza. Se Vós, Jesus meu, me desamparardes, quem poderá valer-me? Se Vós não me olhardes, quem me poderá remediar? Se Vós não me curardes, quem me poderá limpar das minhas culpas?

Pois elas me cegam, e causam todo o mal que vedes — e só em Vós está o remédio. Tende piedade desta vossa criatura; perdoai-me, iluminai-me, curai-me, ressuscitai-me, libertai-me dos meus males, para que, purificado deles, eu Vos possua com puro amor, me crucifique Convosco, e seja todo vosso, tendo-Vos a Vós só como meu único e soberano bem.

Que é isto, Mestre verdadeiro das verdades eternas? Quereis ser crucificado nu e despido, e assim morrer na Cruz? Nem sequer quereis levar convosco a túnica que vossa santíssima Mãe vos fez? Já que ela era de coisa da terra e nela foi criada, pesa-Vos levá-la convosco. Nu entrastes no mundo e nu quereis sair dele? E nem quereis que a morte vos tire o que tendes, como sucede com os outros, mas, ainda vivo, antes de subir à Cruz, deixais tudo, devolveis à terra o que é dela, e quereis ser crucificado despido.

Do mundo não quereis mais do que a Cruz, os açoites, as chagas, as afrontas e as injúrias. Só quereis e escolheis para Vós aquilo que é penoso e mortal, que todos aborrecem — e nisso quereis acabar a vida.

Nu nos reconciliais com o Pai, nu fazeis as pazes entre Deus e os homens, nu abris as portas do Céu, nu satisfazeis pelas culpas, nu ensinais a verdade da vossa doutrina, nu triunfais da morte, do inferno, dos pecados e do mundo; nu nos mostrais a perfeição do vosso amor, nu nos enriqueceis e nos encheis de bens, e nos dais tudo o que tendes — porque estardes nu não vos faz pobre, nem vos tira quem sois, nem as vossas eternas e infinitas riquezas.

Ensinai, luz divina, esta alma cega a possuir tudo deixando tudo. E já que não pode chegar a isso sem a vossa luz, lavai os meus olhos com sangue, para que veja claramente a sublimidade e perfeição desta vossa sabedoria e deste puro amor.

Ó riqueza do Céu e Filho do Deus vivo! Sois tão incompreensível e tão rico que só Vós bastais para saciar e encher as almas. Sois tão grande que podeis satisfazer toda a minha capacidade. Sois tão puro que nada se pode comparar Convosco. Sois tão suave que arrebatais todas as forças da alma. Sois tão formoso que cativais todo o íntimo do coração. Sois tão amigo que prendeis e abrigais toda a alma. Sois tão divino fogo de amor que abrasais todo o espírito.

Como, pois, não haveis de querer reinar nesta alma, despida e desapegada de tudo, sem tolerar nela mistura de outro amor? Como poderá caber em Vós outra coisa, neste coração tão pequeno? Vós sabeis que a alma se torna da medida daquilo que ama: se ama coisas da terra, não podeis Vós, Majestade infinita, caber nela. Convosco, a minha alma cresce, alarga-se, ajusta-se à vossa medida, pode ficar cheia e satisfeita — porque Vós, amor das almas, bastais para tudo.

Quando, bom Jesus, me verei desapegado de tudo por amor de Vós? Se Vós me fizerdes a mercê de me tomardes por vosso, de me possuirdes e me iluminardes — que perderei eu em deixar todas as criaturas e em ser desamparado por todos?

Pois sendo eu vosso, estarei rico de Vós. Desapegai, Senhor, este meu coração de tudo o que existe fora de Vós; e que esse “tudo” seja como Vós o entendeis, e não como a carne o imagina.

Que eu veja como Vós o vedes, e não como a minha miséria pensa. Oh, quão rico é quem assim Vos possui! Oh, quão ditoso quem assim Vos ama! Oh, quão bem-aventurado quem assim Vos segue!

Se Vos vejo assim em mim, que outra coisa melhor posso ter para Vos agradar, senão este desapego e esta nudez interior? Os vossos grandes amantes Vos seguiam nus e despojados. Qualquer ocupação terrena era peso para o vosso abrasado Agostinho. Qualquer trapo do mundo pesava ao vosso pobrezinho Francisco. A própria pele era peso ao vosso Apóstolo São Bartolomeu.

Fugiam os prisioneiros do vosso amor para o deserto; da vida e das carnes se desapegavam os mártires e todos os vossos verdadeiros amantes, que nu Vos viam na Cruz e choravam com amor e desejo de também se verem assim por Vós. Essas são obras do vosso amor.

Oh amor que arrebata! Oh amor que transforma! Tão pobre e tão rico; tão nu e tão cheio; tão escondido e tão luminoso; tão cativo e crucificado — e ao mesmo tempo tão livre, senhor e triunfador! O que é isto, Senhor meu, só Vós o podeis ensinar, só Vós o entendeis completamente; só Vós o podeis fazer sentir.

O mesmo amor que Vos trouxe a esta Cruz, seja esse mesmo o que agora me conceda este desapego de tudo e esta amorosa união Convosco. Que esse amor me ilumine, e me faça compreender estas verdades. Que me desapegue de mim mesmo, e me faça esquecer tudo o que me afasta de Vós. Que me torne pesado, que me seja carga tudo aquilo que em Vós eu não vejo aqui.

Mudai, Senhor, essa sentença. Vivei Vós em mim, e que eu seja crucificado por amor de Vós. E se nisso sou atrevido, é o vosso amor que me faz pedir. E se não pode ser, ide-Vos, bom Jesus, à vossa amada Cruz — e nela me pregai Convosco, nela me abrasai, nela me desapegai de tudo, nela me uni Convosco, pois sois a minha glória, toda a minha esperança, o meu tesouro.

Oh puríssima Virgem, Vós que mais amastes, e a quem o amor desapegou de tudo com mais pureza, alcançai-me aquilo que destas

verdades experimentastes.

Oh Corte celeste, que só do amor deste Senhor viveis e vos alimentais, tirai desse fogo uma brasa, lançai-a neste coração, para que consuma nele as impurezas da terra, e eu, desapegado de toda a afeição terrena, me entregue convosco ao amor deste meu Senhor e Rei. Amém.

Exercício ao pregar Cristo nosso Senhor na Cruz

Já a Cruz, alma pecadora, está preparada. Aproxima-te com este divino Cordeiro, para veres e sentires os tormentos e dores que Ele vai sofrer.

Oh meu bom Jesus, por que tendes de passar por tantos sofrimentos? Já esta Cruz está consagrada pelos vossos santíssimos ombros; já é honra e alegria padecer nela. Já nós, pecadores, podemos tomá-la como remédio para os nossos males.

Basta, meu Senhor, o que já padecestes. Mandai que eu seja crucificado nela. Vivei Vós, e que eu morra. Mandai Vós, que sois o Juiz; e que eu pague, pois sou o pecador.

Descansai já de tantos tormentos, e deixai que eu comece a levá-los por Vós, pois são mais justamente destinados a mim.

E se o vosso amor não permite isso, peço-Vos, por esse mesmo amor, que crucifiqueis este meu coração Convosco. Que ele nunca mais estime outra coisa senão a Cruz.

Que nela eu Vos conheça, e Vos ame, que nela Vos busque, e nela Vos encontre, e nela Vos possua.

Olha, alma, a crueldade com que pegam no Senhor e O mandam estender sobre a Cruz. E a mansidão com que a tudo obedece!

Como tomam medida para os buracos dos cravos, e O pregam, sem nenhuma piedade, pelas partes mais sensíveis: os nervos — com cravos duríssimos e grossos de ferro.

Se podes, sente a grandeza dessas dores imensas. E se não sabes sentir, deseja isso e pede ao Senhor que to conceda — para que sofras no coração o que Ele, com tanto amor, sofre no seu santíssimo corpo.

Abrandai, suavíssimo Jesus, a dureza deste meu coração neste momento, para que estes cravos o penetrem, e eu sinta em minha alma as vossas dores, já que só quereis passá-las em vosso corpo.

Que o meu coração não fique sem dor e sem sentimento delas, pois as sofreis por mim. Que nele se acenda o vosso amor, a gratidão, e o ódio pelos meus pecados, que a isso Vos trouxeram.

Sede agora generoso comigo, Senhor, neste pedido que Vos faço, pois eu nem sei, nem posso, sentir tão grandes sofrimentos — a menos que Vós me concedais tal graça.

O manso e divino Cordeiro lança-se e estende-Se de costas sobre o santíssimo altar da Cruz, para nela Se sacrificar.

Estende aqueles seus amorosíssimos braços e pés, ergue os olhos ao Céu e, em silêncio, brada aos ouvidos do Pai eterno, oferecendo-Se por nossos pecados. E seu coração diz:

“Ó meu Pai, glorificai-me nesta hora, para a qual vim por vossa obediência. Recebei-me como sacrifício vivo por todo o género humano. Perdoai aos pecadores por quem satisfaço. Acendei em todo o mundo o vosso amor. Convertei as almas erradas, e fazei crescer a glória do vosso Nome. O que o mundo não merece por si, não lhe falte, pois por todos aqui Me ofereço.

Abrandai a vossa ira, abri os tesouros da vossa misericórdia. Que ninguém fique fora da vossa graça, pois por todos Vos ofereço este sangue, este corpo e esta vida nesta Cruz.

Olhai, Pai eterno, como arde este meu coração em amor pelas almas, em desejo de morrer por elas. E Eu mereço trazê-las todas a estes braços, que aqui tenho abertos por vossa obediência, para as recolher.”

“Vinde a Mim todos os que estais em pecado — Eu vos perdoarei. Vinde, todos os atribulados — Eu vos consolarei. Vinde, todos os errados — Eu vos acolherei. Aprendei de Mim, pois Me vedes aqui, manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas.”

Oh bom Jesus, bom Pastor desta alma errada, eis-me aqui: recebei-me, Senhor, nesses braços, pois me chamais. Dai-me esse amor, essa humildade, essa mansidão à qual me convidais por vosso exemplo.

Rendei a Vós todo este coração, levai-o Convosco, imprimi em minha alma a vossa divina virtude, para que eu sempre Vos siga e nunca me aparte de Vós.

Basta, meu Senhor, já tantos anos fui surdo aos vossos chamados, tanto por dentro como por fora. Abri, nesta hora, os meus ouvidos, para que eu ouça a vossa voz, e Vos siga e imite.

Não pudestes mostrar maior amor do que este: de ser pregado numa Cruz para morrer por mim. Pois não me negueis agora o fruto desses vossos sofrimentos.

Dai-me aquilo para o qual me chamais. Comunicai-me o vosso Espírito. Entregai-vos a mim, e nunca mais me solteis da vossa mão.

Vós vedes quantas coisas contrárias ao vosso amor me cercam. Vedes como estou acostumado a segui-las e a deixar-Vos por elas. Vedes quão justa é a minha desconfiança de mim mesmo, e que só em Vós posso confiar.

Por isso, à vossa voz obedeço, bom Pastor. Aqui estou — a ovelha perdida que volta à vossa obediência. Tomai posse de mim e nunca mais me largueis. Fazei-me inteiramente moldado à vossa vontade, obediente ao vosso Espírito até a morte de cruz, sem resistência.

Ó Pai Eterno, Vós bem sabeis que não posso levantar os olhos para Vós, tal é a vergonha e o peso dos meus muitos e gravíssimos pecados. As misérias desta alma estão todas descobertas diante dos vossos olhos. Grande é a ira que mereci, pois chegou o vosso Filho unigénito a este estado tão

extremo. Se considerais os meus pecados, não tenho esperança de vida, porque eles não merecem misericórdia.

Mas Vós me destes este divino Cordeiro, ardendo de amor por mim, sacrificando-se neste altar santíssimo da Cruz, para minha salvação. Ele é vosso Filho, que em tudo vos fez a vontade; a ele me destes por Mestre e Pastor, e mandastes que me achegasse a Ele, e que d'Ele tomasse tudo o que me falta. Com Ele, meu Deus, não posso ser rejeitado por Vós, pois Ele vos é agradabilíssimo em tudo, e é por meio d'Ele que desejais receber-nos.

Eu vos o ofereço como sacrifício vivo, e com Ele uno a minha própria oferta, entregando-me a Vós com todos os meus pecados, males e feridas desta alma. Por Ele, Senhor, tende misericórdia de mim; por Ele, perdoai-me; por Ele, dai-me o vosso amor e o aborrecimento dos meus pecados; por Ele, dai-me o vosso Espírito, para imitar em tudo este vosso Cordeiro.

Lembrai-vos, Senhor, que Ele disse que não negareis o bom Espírito àquele que vo-lo pedir. Esse Espírito vos peço agora. E aquilo que me falta para ser ouvido, seja suprido pelo valor deste sacrifício, deste divino Cordeiro que aqui vos ofereço.

Dai-me Espírito de amor, Espírito de mortificação de mim mesmo, Espírito de oferecimento e de perfeita resignação à vossa vontade, Espírito de conhecimento e imitação do que este Cordeiro me ensina aqui. Que o seu Espírito viva em mim, e lançai fora desta alma os meus próprios espíritos, que me separam de Vós. Uni-me a Ele, para que sempre o siga. Ensinai-me com Ele a morrer por Vós. Desprendei-me, com o amor d'Ele, de tudo o que Ele não é. Fechai os meus sentidos e meu coração ao mundo e aos seus enganos, e abri-os apenas para este Senhor, para que Ele reine nesta alma, que vos seja totalmente possuída e vos possua.

Contudo, meu bom Jesus, quereis mesmo ir até o fim, ser pregado na Cruz? Não estariam melhor empregados estes vossos pés, andando de lugar em lugar, convertendo tantas almas? E estas mãos, não estariam melhor iluminando cegos, curando doentes, ressuscitando mortos, socorrendo tantas necessidades do mundo? E, em vez disso, quereis que estejam aqui pregadas, sofrendo, padecendo, tirando-vos a vida — vida tão necessária aos pecadores?

Adoro-vos, meu divino Mestre, e dou-vos infinitas graças, pois por tantos modos me ensinais a verdade da doutrina escondida da vossa Cruz. Porque, embora a vossa vida, os vossos pés e mãos sejam tão necessários às almas que viestes redimir, Vós me ensinais que mais lhes aproveitam crucificados, sofrendo, morrendo e amando, do que fazendo as maiores, mais divinas e heróicas obras. A maior obra — e a que vos é mais agradável — é amar, e a forma mais elevada de amor é sofrer até morrer.

É isso o que mais vos agrada, é isso o que considerais essencial, é nisso que pondes o peso e a substância do que quereis das almas. É o que fazeis, e é assim que tudo levais à perfeição.

Ó Sabedoria Eterna, gravai essas verdades nesta alma, pois são essas as que vos agradam, e tudo o contrário delas considerais engano.

Quando a alma está na cruz, sofrendo, a carne está mais sujeita, os vícios não reinam, os apetites estão domados; o homem, por dentro e por fora, está submisso e crucificado. E, nessa única obra, o homem inteiro — interior e exterior — está entregue a Vós, louvando-vos, obedecendo-vos, amando-vos.

Não é mais santo quem sente mais fervor, nem é mais justo quem recebe mais consolações; nem vos é mais agradável quem recebe mais gostos espirituais, mas sim quem está de todo crucificado. Aquele que é atribulado, perseguido, desamparado, crucificado por fora e por dentro, mas permanece calado, paciente e perseverante por amor — este é o vosso amado, este vos é mais aceite, este é o mais justo, o mais estimado por Vós.

Esse é o verdadeiro aproveitado, o que mais faz, o que mais frutifica em vossa casa, mais que todos os que trabalham de outro modo, sem isto.

Ó fogo do divino amor, que me descobres estas verdades em Cristo Senhor, por que não me abrasas com Ele? Por que não me crucificas com Ele, e me deixas ainda folgando, enquanto Ele está tão penado?

Ó Senhor meu! Já que esta é a vossa verdadeira sabedoria, não me deixeis andar em trevas. Iluminai-me com ela, e quando vier ocasião de a praticar, não me deixeis voltar atrás. Tomai-me, desde já, por vosso, e não

permitais que eu siga outro caminho senão este. Dai as vossas consolações, Senhor, a quem as merece, aos vossos servos fiéis. A mim, dai-me apenas o vosso amor — e com esse amor crucificai-me, até que me transforme por completo em Vós, de tal modo que sofrer por Vós seja para mim vida e alegria.

Meditação sobre a crucifixão das mãos de Cristo

Quero, meu bom Jesus, andar ao redor desta vossa Cruz, para que me concedais graças em cada tormento que nela sofreis com estes duros cravos.

A mão esquerda

Adoro-te, santíssima mão esquerda, que criaste o céu e a terra, que sempre acolheste os pecadores e sustentaste a todos os que com amor nela reclinaram a cabeça para descansar em ti. Já que esta é a mão que pregam primeiro, porque está mais próxima deste vosso divino e ardente coração — e por isso vos causará maior dor — ordenai que com ela preguem também este meu triste e miserável coração.

Lembrai-vos, Senhor, que não pedis aos homens senão que vos entreguem o coração, porque só em vossa mão ele está seguro. Eis aqui o meu: tomai-o nessa vossa mão, pregai-o com esse duro cravo junto com ela nesta Cruz, para que fiqueis sempre cravado e unido a ele, e ninguém o possa tirar daí.

Oh, quão ditoso serei se mo tomardes! Oh, quão bem-aventurado, se aqui mo pregardes, ó vida deste coração! Vede quão mortal ele anda fora desta mão; vede quão perdido ele anda, livre, por onde quer. Aqui, Senhor, aqui o quero; aqui o tomai, aqui o prendei, aqui o pregai, ó Jesus meu e meu amor!

A mão direita

Adoro-te, santíssima mão direita de meu Senhor Jesus Cristo. Tu és fortaleza de todos os fracos, distribuidora de todos os tesouros, portadora de todos os bens; a ti olham todos os miseráveis, esperando remédio.

Ó bom Jesus, esta vossa divina mão não perde a sua força e virtude, mesmo ao ser cravada, mas antes confirma a confiança que devemos ter nela. Pregai, Senhor, com ela nesta cruz, esta miserável carne minha, esta terra fraca, tão medrosa de sofrer por Vós, tão viva para o mal, tão morta para o vosso serviço.

Aí, Senhor, nessa Cruz, prendei-a com o vosso temor, e freai nela as suas liberdades e apetites. Consumi nela as leis contrárias ao vosso Espírito e amor. Mortificai nela os gostos contrários às verdades da vossa Cruz. Que esta carne viva em Vós, e por Vós esteja sempre crucificada, obediente ao Espírito, para que toda a sua malícia, fraqueza e miséria seja consumida.

A ambos os pés

Adoro-vos, santíssimos pés, cansados e calejados por tantos e trabalhosos caminhos que percorrestes por minha causa; Vós que trouxestes esta cruz até aqui, e nela haveis de ser pregados por mim. Endireitai os meus maus e errados caminhos por onde até agora andei; guiai-me pelo caminho da verdade e da lei que sempre cumpristes. Pregai, Senhor meu, com estes santíssimos pés, os meus pecados e passos desviados, para que sejam perdoados. Pregai com eles todos os meus desejos e afetos da alma, para que não andem vagando pelas vaidades e pecados, mas sigam as pegadas destes vossos santíssimos pés.

Faça correr, Senhor, a virtude deste santíssimo sangue por todo o meu corpo e alma, para que me santifique, purifique, abrase e me transforme em Vós. Levantai-me convosco, bom Jesus, crucificado na cruz, e não me solteis jamais de Vós até que completeis em mim a obra que nesta cruz me ensinastes; para que, todo mortificado e cheio do vosso amor, eu pertença a Vós para sempre, segundo a vossa vontade.

Ó Mãe de Deus santíssima, pelas dores que penetravam e rompiam o vosso puríssimo coração ao ouvir os golpes dos martelos que pregavam estes pés e mãos, alcançai-me do vosso Filho que me prenda consigo a esta cruz, e nunca mais me solte dela. Ó corte celestial, obra e fruto destas chagas, socorrei este pecador, e alcançai-me deste Senhor que eu só viva destas chagas e nelas habite, pois com a virtude delas Vós reinais. E já que estais desfrutando dos frutos destas mãos e pés pregados na cruz, fazei que

eu não viva faminto delas, mas que por elas mereça fazer parte da vossa companhia, para a qual fui criado. Amém.

Exercício ao ver Cristo Nosso Senhor levantado no alto da cruz.

Abri, meu bom Jesus, os meus olhos, iluminai o meu entendimento, enternecei a minha alma com o fogo do vosso amor nesta hora, para que eu sinta em mim essas cruéis dores e imenso sofrimento que agora passais ao serdes levantado, pregado em alto na cruz. Já que o sofreis por mim, Senhor, fazei que no meu coração eu sinta a dor que Vós sentis, ao ficar suspenso em vão por três pregos, estalando todas as juntas do vosso santíssimo e inocentíssimo corpo, separando-se os ossos entre si, esticando-se todos os nervos. Fazei-me sentir, com dor, a crueldade e os gritos com que vos levantam, e as pancadas com que apertam e calçam esta cruz, pois cada uma renova e aumenta todas as dores que sofreis. E essa totalidade de dores imensíssimas que, em todas as articulações, nervos, ossos e partes desse corpo vos atormentam, ó Cordeiro sem mácula, Vós suportais calado, sem queixa, sem gemido, sem recusar nenhuma delas.

Oração da alma a Cristo, vendo-O interiormente levantado crucificado.

Adoro-vos, Filho do Deus vivo, Deus do meu coração, amor da minha alma. Adoro-vos, glória dos justos, coroa dos bem-aventurados. Adoro-vos, Senhor do céu e da terra, Redentor do mundo. Adoro-vos, tesouro de todos os bens supremos. Adoro-vos, Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, por mim crucificado nesse madeiro. Adoro-te, ó árvore da verdadeira vida, cheia de todos os frutos de graça e de glória que nesse Senhor se encerram.

Aqui, prostrado diante de Vós, e ali no alto crucificado, vos adoro e reconheço por toda a minha esperança, pois em Vós possuo tudo quanto posso desejar. Se me sinto pobre, ali estais, Senhor meu, para me enriquecer. Se me sinto fraco, ali estais para me fortalecer. Se me sinto pecador, ali estais para me redimir. Se me sinto cativo, ali estais para me libertar. Se me sinto miserável, ali estais para ser misericordioso comigo. Se me sinto tíbio, ali estais ardendo de amor por mim. De todas as formas em

que me encontro necessitado, eu vos encontro, meu bom Jesus, ali crucificado, cheio de remédios e favores para me socorrer e valer em tudo.

Amo-vos, Deus da minha alma, e muito mais desejo arder no vosso amor. Oh, se dos meus olhos se fizessem lâmpadas, e do meu sangue óleo, e dos meus nervos e carne cera e pavio, e todo por fora e por dentro eu me consumisse e ardesse no vosso amor! Seria pouco, para satisfazer esse amor, ver-me convosco crucificado. E já que não o estou, não quereis Vós, bom Jesus, que ao menos me veja abrasado no vosso amor?

Ó amor, que assim triunfastes desse divino Cordeiro, que fizeste n'Ele tudo quanto quiseste! Agora estás grande, agora estás contente, agora triunfante, pois o tens padecendo, ardendo e amando. Adoro-te, amor divino, infinito, eterno, soberano, rico, poderoso, formoso e cheio de todos os bens. Abrasa-me com a tua força, e transforma-me neste Senhor.

Adoro-vos, suave Jesus, no alto crucificado, cheio de obras divinas. Não estais, Senhor meu, tão alto que nos fujais para o céu e deixais de ser visto, nem tão baixo que alguma coisa terrena vos atinja: e ali estais com a vossa divindade unida convosco, com a vossa santíssima alma e corpo, tudo por mim sacrificando e oferecendo. A vossa virtude divina traz para essa cruz todos os bens do céu, penetra os infernos e neles destrói as esperanças longas e o degredo dos justos, que ali vos esperam para os tirardes à glória, quebrando as forças do demónio.

Ali fazeis juízo e condenais os vossos inimigos; abris as portas do céu; perdoais aos pecadores e reconciliais-nos com Deus. Ali ajuntais os filhos dispersos pelo mundo; rompem-se as sentenças de morte lançadas sobre o género humano; santificais os trabalhos dos homens e fazeis deles estrada certa e segura de glória; acendeis todos os corações; iluminais todas as trevas e cegueiras do mundo; e dais o vosso tesouro da glória a todos quantos vos quiserem, tanto quanto de Vós desejarem, e segundo o modo como vos buscarem.

Oh vida da minha alma, que mudança é esta que hoje aparece em Vós, tão fora do comum? Nascestes quase em segredo, visto e adorado apenas por alguns pastores e três reis; fostes reconhecido no templo só por dois ou três justos. Vivestes trinta anos oculto; e durante três anos Vos destes,

repartido: ora a uma cidade, ora a outra. Ressuscitais quase em segredo e apareceis a poucos, e por pouco tempo. Subis aos céus diante de poucos, e por pouco dura a visão da glória com que subis. Mas para ser crucificado, Vos vejo no alto, ao meio-dia, em público, num monte aberto, na época da Páscoa, quando de todas as partes se reunia o povo — igualado a ladrões e a justos, com os braços abertos, cheio de dores e de amor.

Bendito, adorado e glorificado sejais, Senhor, por todos os corações e por todas as vossas criaturas! Todas as vossas outras obras tiveram fim, e lhes destes termo; mas como na cruz Vos vedes, ninguém Vos afasta dela. Não pensais em testamento, nem em sepultura — só em sofrer, em penar e em amar. E isso quisestes que de Vós nos ficasse. Aqui quisestes ser conhecido de todos igualmente, e sem distinção: porque na cruz — e não nas honras — quereis ser imitado. É aqui que quereis ser louvado, adorado e amado.

Ó Deus do meu coração, tão rico, tão liberal, tão generoso e tão formoso: quem Vos cativou assim por nós, homens? Que encontrastes em nós para nos amar de forma tão desmedida? Se por mim eu tiver de julgar os outros, vejo em mim razões para ser por Vós rejeitado, pois nunca Vos amei de todo o coração, e só Vós mereceis o amor desta alma. Nunca Vos busquei com verdadeiro desejo de Vos agradar; nunca Vos servi com todas as minhas forças. Ofendi-Vos muitas vezes, desobedecendo às vossas leis; vivi segundo os desejos da minha carne, cumpri a vontade dos vossos inimigos; sempre fugi de sofrer por Vós e convosco. Frio e entediado das coisas espirituais, amei sempre as terrenas; torpe para as coisas do Céu, negligente e fraco para o vosso serviço, ágil para o mundo, diligente para os meus próprios gostos.

Sendo eu assim, Senhor — e muito pior do que sei dizer —, que achastes em mim para me amar desta maneira? Oh amor sem medida, sem lei e sem razão — mais do que amor, um fogo divino que arde! Por isso me amais assim: porque me vedes tão perdido, e sem outro remédio senão Vós. Para me remediar, Vos crucificais; para me perdoar, Vos atormentais; para me salvar, Vos ofereceis desta maneira; e para me transformar, passais por tantas mudanças em Vós mesmo.

Ó divino Amor, que Vos darei em troca de tão imensa caridade? Dou-Vos a Vós mesmo — infinito Amor por mim — porque não vejo coisa que Vos possa satisfazer plenamente senão Vós a Vós mesmo. E junto-me a Vós — todo este miserável pecador — e me ofereço inteiro a Vós. Meus pecados e misérias (que são tudo o que possuo) coloco aos pés desta Cruz. Corpo e alma, que de Vós recebi, assim como os tenho, arruinados e perdidos, assim mesmo Vos os entrego. Tudo ofereço a esse divino fogo com que, por mim, meu bom Jesus, ardeis.

Lembrai-Vos, que me prometestes que, uma vez crucificado e elevado da terra, atrairíeis tudo a Vós — e não fizestes exceção de nada (João 12,32). E, ainda que pelos meus pecados eu seja menos que nada, continuo a ser vossa criatura e obra das vossas mãos. Assim como Vos tenho, Senhor meu, crucificado — penhor de todos os vossos bens, que comigo prometestes — também tendes convosco dois ladrões, penhor de todos os pecadores, porque todos somos vossos por direito.

Pois então, Senhor, já que agora tudo atraís a Vós, não me deixeis de fora: levai-me a Vós, meu Deus; uni-me a Vós, e transformai-me todo em Vós, crucificado. Triunfai, Senhor, de mim, como o amor triunfou de Vós. Mostrai o esplendor do vosso poder e dos tesouros da vossa misericórdia, transformando-me inteiramente em Vós, crucificado. Dai-me, Senhor da minha alma, que só Vós reineis e vivais em mim; e que eu viva em Vós crucificado — e que seja para mim lucro morrer por Vós, e vida viver em Vós.

Nunca Vos afasteis do meu coração, nunca dos meus olhos, nunca do meu desejo, nunca do meu amor. Que nesta hora tudo se acabe para mim, e que só Vós permaneçais: Jesus crucificado, amor da minha alma, vida das minhas mortes, todo o meu bem, meu único tesouro, minha verdadeira bem-aventurança: Jesus!

Oh amor! Oh Jesus! Oh meu crucificado! Já não sei falar, nem sei o que pedir: cale-se tudo em mim, falai Vós; vivei Vós; reinai Vós; possui Vós; abraza-Vos, ardei Vós neste coração, que, de agora para sempre, é todo vosso. Não quero mais possuir coisa alguma, nem desejar, nem saber outra coisa. Ó minha glória! Ó minha esperança! Ó meu crucificado e verdadeiro amigo: Jesus!

Oh Mãe de Deus santíssima, que nesta hora estais também crucificada com o Cordeiro, transpassada de dores por amor, dilacerada, desfalecida e prostrada — pelas dores que sofrestes ao ver, elevado acima do povo, o vosso único Filho, vosso tesouro, todo o vosso bem e amor, sem Lhe poder valer: valei-me agora, pois para isso Ele quis dar-Vos tanto sofrimento.

Fazei, minha Senhora, que com Vós eu sinta as vossas dores e as d'Ele. Oferecei-me a este Senhor aos pés desta Cruz e dai-me nela um lugar, para que, por Vós, eu seja acolhido e abrasado no amor deste Senhor. E já que por mim mesmo não o mereço, alcançai-me d'Ele que, se outra coisa — contrária a isto — por meus pecados eu tiver de sentir, que nesta hora se acabe, para que não seja em vão tudo quanto este divino Cordeiro e vosso Filho por mim padeceu.

Oh Anjos, que vos maravilhais deste amor pelos pecadores; oh cidadãos do Céu, frutos desta Árvore da Vida, da qual vos veio todo o bem que tendes — ajudai este miserável a ser, por este Senhor, preso à sua Cruz, acolhido em sua graça, e abrasado em seu amor até a morte. Que eu termine esta miserável peregrinação e exílio na sua imitação, sofrendo por Ele. Amém.

TRABALHO XLIV

Estar horas vivo na Cruz..

Imensos, numerosos e insuportáveis foram os trabalhos e tormentos que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu na Sua cruz, depois de nela ter sido pregado e erguido. Um dos mais dolorosos — que reunia em si muitos outros — foi morrer lentamente, prolongando-se por horas o suplício da cruz. Embora esse tormento fosse suficiente para matá-Lo rapidamente, pois estava fraco, com muito sangue perdido e sofrendo dores insuportáveis, Ele sustentava a Sua humanidade pela virtude da Sua divindade, para que chegasse até ao fim de tudo o que determinara padecer. E, como na cruz não havia qualquer alívio, a morte lenta tornou-se um tormento e um sofrimento imenso.

Se encostava a cabeça à cruz, trespassava-Se mais com os espinhos; se se erguia em vão, sentia ainda mais dores e ficava mais debilitado; se baixava a cabeça, via a tristeza dos amigos, o jogo e o lançar de sortes sobre as Suas vestes, o prazer dos inimigos e outras muitas coisas que O afligiam e aumentavam a Sua dor. Se apoiava o peso nos pés ou nas mãos, as chagas abriam-se mais com a dureza dos cravos; se não se apoiava, todo o peso do corpo ficava suspenso, os ossos desconjuntavam-se cada vez mais, os nervos esticavam-se, as articulações separavam-se, e, como a carne se estendia, as chagas abriam-se ainda mais, fazendo correr muito sangue, que O enfraquecia. Assim, cada membro do Seu corpo sofria dores cruéis; e quanto mais a vida se prolongava, mais as forças Lhe faltavam, o que tornava o sofrimento ainda maior, pois, sendo menores as forças para suportar, as dores, que cresciam com o tempo, tornavam-se muito mais intensas.

Este tormento durou cerca de quatro horas. Desde a hora de prima (por volta das seis da manhã) até à de terça (cerca das nove) o Senhor foi levado a Pilatos e a Herodes, açoitado e coroado de espinhos. Cumprida a hora de terça, e entrando a de sexta (ao meio-dia, segundo São João), foi condenado à morte e levado ao Monte Calvário, onde O crucificaram. Antes de acabar a hora de sexta (meio-dia) foi pregado na cruz, e ali permaneceu vivo desde

então até à hora de nona (cerca das três da tarde). Durante essas três horas o sol escureceu, caíram trevas sobre toda a terra e houve um grande tremor; muitas pedras fenderam-se, sepulturas abriram-se, e muitos justos ressuscitaram e apareceram a muitos, dando testemunho da verdade da nossa fé.

Todos estes sinais, ordenados por Deus para manifestar a Sua majestade e a gravidade da ofensa que recebia com aquela morte injusta, eram como se a própria criação demonstrasse o sentimento que faltava aos corações humanos diante do sofrimento do Autor da vida e Redentor do mundo. Mas, como a luz do sol alegra e fortalece os espíritos abatidos, também este consolo faltou ao Senhor nas últimas três horas em que permaneceu vivo na cruz. É possível até que, com o grande tremor de terra, a própria cruz se tenha abalado, aumentando-Lhe o tormento.

É espantoso como um corpo humano pôde suportar tantas horas um peso tão cruel de dores sem morrer. A morte era o único alívio possível, e o atraso dela era o maior tormento de todos. Quando José de Arimateia pediu a Pilatos o corpo do Senhor, este admirou-se de que tivesse morrido tão depressa; no entanto, Pilatos não tinha noção do que o Senhor sofrera na sua casa e do tratamento cruel que recebeu da multidão à qual O entregara.

O que tornou estes sofrimentos ainda mais humilhantes foi o facto de, sendo Ele Filho de Deus, ter passado tudo nas mãos de gente tão vil e cruel, que chegou a disputar as Suas pobres vestes. Como eram quatro soldados e a túnica era apenas uma, grosseira e antiga, não quiseram perdê-la. E como era tecida de alto a baixo sem costura, se fosse cortada perderia o valor; por isso, lançaram sortes para que ficasse inteira com apenas um deles, que certamente festejou a posse daquela peça. Era esta a gente que, tendo nas mãos o Filho de Deus vivo, O açoitou, atormentou e crucificou, acompanhando-O até à morte com corações duros, cruéis e cheios de escárnio.

Nas derradeiras horas, todos os mares de sofrimento que Cristo padeceu durante a vida vieram rebentar com toda a sua força. As dores imensas do corpo foram acompanhadas de muitas outras aflições, de modo que qualquer coração sensível ficaria profundamente comovido ao ver o inocente Cordeiro cercado de tormentos que não merecia. Mas Ele quis

mostrar, no meio deles, o muito que nos amava e tentar conquistar o nosso amor.

A Sua humanidade, que assumiu por nós, entregou-a nessas últimas horas cheia de serviços e benefícios para nós. Vendo bem o que sofreu, percebemos que cada osso, cada articulação, cada nervo, cada veia, cada partícula da Sua carne nos serve e nos socorre, quer sofrendo dores mortais, quer derramando o Seu sangue, quer passando por outros tormentos. A cada parte do Seu corpo devemos tanto como ao todo, pois todas estavam ocupadas em trabalhar pela nossa salvação.

Nem faltaram tormentos para os sentidos: o que os olhos viam nos amigos e inimigos; o que os ouvidos ouviam de blasfémias e injúrias; o que o olfato sentia naquele lugar imundo do Calvário, próprio de mortos e condenados; o que o gosto suportava com o fel, a mirra e o vinagre; e, sobretudo, o abandono de Deus e de todas as criaturas. Tudo n'Ele estava ocupado com o que nos era necessário, de modo que tudo nos pede e merece o amor da nossa alma.

Que este Senhor, que tão caro nos conquistou, não fique sem recompensa, e que não aconteça morrer Ele por amor e nós vivermos sem O amar. Ele não podia fazer mais do que fez para ser aceite e amado; e nós, que O temos por Deus, talvez não tenhamos nada mais esquecido do que o Seu amor e o que Lhe devemos. Ele, que sabia tudo isto enquanto morria, sofria mais por essa ingratidão do que pelos tormentos que O matavam.

Não se devem esquecer, entre tantos sofrimentos, as obras divinas que este Senhor atormentado realizava no meio das Suas dores. Cumpria o que prometera antes de estar na cruz: que, quando fosse elevado da terra, atrairia tudo a Si. E não só o fez abrindo o Céu, perdoando os pecados, unindo céu e terra num só rebanho, destruindo o poder dos inimigos da alma e comunicando às almas tesouros infinitos de méritos, mas também cativando, pela Sua mansidão, todos os corações para que buscassem n'Ele descanso e remédio.

Assim como a pedra-ímã atrai o ferro e o aço, também o Cordeiro crucificado atrai a Si todo o coração necessitado. Pois, ainda que, olhando para Ele, vejamos apenas dores, tormentos e abandono, Ele temperou tudo

na Sua cruz de tal maneira que deixou para Si todo o peso e amargura, e reservou para os que se aproximam d'Ele com amor apenas suavidade, acolhimento, ternura e amizade. Parece que os Seus espinhos se transformam em rosas, as Suas dores em flores, os cravos em lírios, as penas em doçura, as chagas em favos de mel, os trabalhos em descanso, os tormentos em refrigério e a Sua morte em vida pacífica.

Assim nos ensina a sofrer, que não assusta; assim nos põe a Sua cruz, que lhe tira o peso e o rigor; assim nos obriga a imitá-Lo, que afasta todo o medo. Porque tudo o que n'Ele vemos trabalhoso, parece que já nele se gastou e perdeu a aspereza, recolhendo-a toda em Si e consumindo-a, para nos dar tudo o que da Sua cruz havemos de receber, limpo, formoso, suave e aprazível.

E assim é, na verdade: enquanto o amor do mundo e das coisas desta vida nos afasta deste Senhor crucificado, a Sua vida e imitação parecem-nos rigorosas, ásperas e pesadíssimas à nossa natureza. Mas, se nos desapegamos e nos aproximamos d'Ele, vemos o engano em que vivíamos e encontramos-nos presos por suaves laços de amor, desejando sofrer com o Senhor — e quase não conseguimos, porque todo o rigor Ele guardou para Si e todo o suave nos deixou.

Prova disso é que aqueles a quem o Senhor concede, por Seu amor, trabalhos exteriores, ou tentações e desamparos interiores, ou tudo junto, encontram-se tão ligados pela virtude interior deste Cordeiro crucificado que não têm ânimo para procurar fora d'Ele consolação nas criaturas, e sentem, no meio de tudo, uma segurança e quietude que as criaturas não podem dar. No fim, experimentam claramente que as asperezas das pedras duras e das cruzes que os afligem são as próprias fontes perenes de toda a consolação, suavidade e descanso da alma.

O nosso Senhor, no meio de todos os Seus tormentos, completou de forma perfeitíssima e superabundante a obra da nossa redenção. Pois, vendo-Se na cruz, como quem estava diante do Eterno Pai para resolver a nossa causa, nunca deixou de, com ferventíssimas lágrimas, pedir o nosso remédio e oferecer-Se com todo o Seu sangue e tormentos como preço da nossa redenção. A cabeça, que não tinha alívio, encontrava refrigerante em estar erguida com os olhos fixos no Céu, penetrando o seio do Pai eterno.

O preço que pagou por nós foi de tal valor que tudo quanto quis alcançou: junto de Deus, satisfazendo inteiramente a Sua justiça; junto dos pecadores, enchendo-nos de riquíssimos tesouros de méritos, graças e misericórdias; junto dos nossos inimigos, conquistando vitória perfeita; junto da terra e do Céu, fazendo da terra escola para os Seus filhos e campo de gloriosas batalhas dos Seus eleitos; e do Céu, porta aberta para todo o coração humano que quisesse entrar por Ele.

Como o maior impedimento para todos estes bens era a sentença de morte e exílio dada contra o género humano pelo pecado do primeiro pai, Adão — que nos sujeitava à jurisdição do pecado, do demónio e da morte, escrita na própria carne que herdámos de Adão — o Redentor do mundo rasgou essa "escritura" (como diz São Paulo), pregando na cruz a inocentíssima carne que tomou de Adão, e, ao rasgá-La com as chagas de onde manava o sangue, apagava a velha sentença de condenação e escrevia em Si os novos contratos entre Deus e os homens: perpétuas pazes e o testamento final, no qual nos fazia herdeiros do reino do Seu eterno Pai e nos concedia partilha dos bens eternos com Ele, o Filho natural, herdeiro primogénito.

E como o testamento só tem efeito depois da morte do testador, Deus confirmou esta última vontade com a morte na cruz, pela qual ficámos, com o tesouro do Seu sangue, legítimos e verdadeiros herdeiros da Sua glória. Por isso, a Lei Evangélica se chama Novo Testamento e a de Moisés, Antigo Testamento: porque esta foi substituída, e a Evangélica é a última vontade do Testador, que morreu, deixando-nos por condições necessárias para entrar na partilha dos bens eternos. O Seu sangue é chamado sangue deste novo e eterno testamento, no qual nunca haverá mudança, pois foi confirmado com a morte do Testador. Por este sangue precioso fomos comprados do poder dos inimigos e colocados em liberdade como filhos de Deus, e foi com ele que nos foram restituídos os bens que tínhamos perdido, dos quais, pelo valor deste sangue, somos agora herdeiros.

Mas, como o Redentor do mundo sabia a importância de guardar a Sua lei e as Suas puras verdades, para não perdermos os bens eternos e soberanos de que nos fazia herdeiros, e sabia quão poderosos seriam os enganos dos inimigos — embora vencidos por Ele — para nos voltar a

vencer e cativar, não deixou, no meio dos Seus trabalhos e tormentos mortais, de nos declarar claramente em Si as verdades da Sua lei e os enganos dos inimigos, para que ninguém alegue ignorância das condições para ser herdeiro do reino do Céu.

Na cruz, condenou toda a soberba, a desobediência à lei de Deus, os mimos e excessos da carne, a vaidade da vida, o amor das coisas temporais e tudo o que nos afasta do serviço do Pai eterno; e aprovou, com o Seu exemplo, o ódio ao pecado, a pureza de consciência, os trabalhos e cruzes, a mortificação da própria vontade e gostos, a paciência nas adversidades, a humildade e mansidão de coração, a pobreza de espírito, o amor aos inimigos, o combate contra as tentações e o amor perfeito a Deus e ao próximo.

Em suma, deixou-Se como espelho das nossas vidas, para que nelas vejamos claramente as verdades evangélicas, e para que ninguém se deixe cegar e enganar, pois nada será aprovado no Seu divino juízo que não tenha sido antes aprovado na Sua cruz.

Exercício a Cristo Nosso Senhor vivo na cruz.

Sois todo meu, bom Jesus, rica esperança da minha alma; e todo empenhado no meu serviço e remédio. Tudo o que tomastes da minha humanidade me devolveis com tanto custo e trabalho, e com tanto proveito para mim, que não posso considerar-me pobre dos Vossos bens.

Nenhuma necessidade tínheis de mim quando, por mim, Vos fizestes homem; por mim tomastes a minha humanidade, e com toda Ela me socorreis, com toda sofreis por mim, e com toda me servis, para conquistar o amor deste coração. E já que toda a dais como preço da minha redenção, contentastes-Vos de a oferecer inteira, e sofrer inteira, mas, em cada parte dela, tomais trabalhos particulares e em tudo ardeis em brasas de vivo amor.

Dais-me a Vossa divindade cheia de amor infinito, que dá infinita virtude a quanto me dais e sofreis para o meu remédio. Dais-me essa santíssima humanidade atormentada dos pés à cabeça: a cabeça coroada de espinhos; os cabelos e barbas arrancados com puxões; as faces santíssimas

inchadas com bofetadas; os olhos cheios de lágrimas e vendo tantas coisas penosas; a boca cheia de fel e vinagre; o olfato atormentado pelo Calvário, lugar de mortos; os ouvidos cheios de gritos, injúrias e blasfémias contra a Vossa divina pessoa; a garganta ferida pela corda com que estivestes preso e cansada de não poder sustentar a cabeça; as santíssimas mãos e pés pregados com duros cravos; as carnes todas, de alto a baixo, abertas por golpes; os nervos cruelmente esticados; as juntas desconjuntadas; os ossos tão separados que se podiam contar; as vestes jogadas à sorte; as forças que se vão gastando; a vida que se vai acabando; a honra, pois estais entre ladrões; a preocupação constante apenas com o meu remédio; a Vossa santíssima Mãe, que me deixais por mãe e senhora; o Vosso eterno Pai, de cujo reino me fazeis herdeiro; os Vossos méritos, que quereis apenas para mim; a Vossa glória, que me prometeis; a Vossa misericórdia, que me ofereceis; a Vossa justiça, a que por mim satisfazeis; a Vossa alma, que por mim se separa do corpo; a morte mesma, que por mim sofreis; todo o Vosso sangue, que derramais sem guardar uma só gota; e o amor que a tudo isto Vos obriga e em que ardeis.

Ó minha soberana riqueza, como guardais melhor para comigo, pecador, o amor que mandastes que eu Vos tivesse, do que eu guardo para Convosco, sendo Vós o meu verdadeiro Deus! Amais-me com todo o coração, com toda a alma, com toda a virtude, com todas as Vossas forças e com tudo o que tendes. Estais totalmente desapegado para comigo, generoso, liberal, feito um riquíssimo tesouro de todos os bens para mim. Ó vida verdadeira da minha alma! Ó Senhor do meu coração! Não sei agradecer este amor, nem estimá-lo como merece. Adoro-o, louvo-o quanto sei e posso, e desejo ter as forças e virtudes de todos os anjos, santos e justos, para, com todos, Vos amar e responder a tão grande fogo de amor como me mostrais.

Mas, meu Deus, Vós fazeis tudo como quem sois, e eu, miserável, faço tudo miseravelmente. Mas também isto me destes, fazendo-Vos fraco com os fracos, pobre com os pobres, e tomando a semelhança de pecador com os pecadores; para que todos vissem que não esperais de nós coisa igual à Vossa — que não temos — mas que Vos contentais com as nossas pobrezas e desejos.

Pois, Senhor da minha alma, tudo o que da Vossa mão recebi, aqui Vos ofereço e entrego para o Vosso serviço perpétuo: corpo, alma, sentidos, faculdades, vida e morte, e os pecados, que são o que é só meu; e todos os dons que me destes — amigos, família, inteligência, habilidades, bens naturais e temporais, e de graça — tudo coloco aos pés desta Vossa cruz. Até agora, bom Jesus, de tudo fiz mau uso, e, dando-mo Vós para Vos servir e merecer a Vossa graça e glória, com tudo Vos ofendi e mereci a Vossa ira e a condenação da minha alma.

Mas, meu Redentor, a Vós me volto com todo o coração; aqui me entrego, preparado para todas as consolações, tribulações, desamparos e trabalhos que quiserdes que, pelos meus pecados e para Vos servir, eu padeça. Pelo amor que me mostrais, peço-Vos que de tudo Vos apodereis e disponhais como melhor for para o Vosso serviço. Senhor desta alma, entrai nela; olhai com os meus olhos, ouvi com os meus ouvidos, falai com a minha boca e movei todos os meus sentidos.

Abraçai o meu coração no vosso amor, nunca me largueis da vossa mão, nem me deixeis voltar aos meus males passados. Perdoai o que pequei, purificai e curai o que vos desagrada. Transformai-me totalmente em Vós, convertei-me todo em vosso amor, crucificai-me todo por Vós e em Vós, meu amor, glória e esperança.

Ó bondade infinita, pois tudo quanto sois e tendes me dais, fazei na minha alma que só convosco me contente, que a Vós deseje, por Vós suspire, que a Vós tenha e só a Vós queira. Sede Vós apenas o meu tesouro, a minha vida, a minha honra, o meu descanso, a minha paz, a minha segurança, a minha riqueza, o meu refúgio, a minha glória. Que só a Vós a minha alma busque e vos encontre; só a Vós siga e a Vós chegue; em Vós repouse e, nos vossos santíssimos braços, descanse contente e esquecida de tudo o que é da vida.

Ó meu único bem, amor e esperança da minha alma, como é possível que esta cruz, e estas horas nela, sejam para Vós tão penosas e, para todos os pecadores, de alívio, consolação e refrigério? Cada hora que nela permaneceis é para Vós mortal: as forças enfraquecem, o corpo fica mais pesado, as mãos e os pés mais rasgados, as articulações e as chagas mais abertas, as dores cada vez mais intensas e a morte cada vez mais próxima.

As afrontas e injúrias parecem renovar-se a cada instante; a dureza da cruz não amolece; o rigor do Pai Eterno não abranda; o sol tirou a sua claridade e, de todas as partes, tudo vos atribula e aflige com tormentos mortais. Só para os pecadores, nesta cruz e nestas horas de morte, não há dor nem trabalho — apenas encontram aqui alívio e refrigério.

Ó divino e inocentíssimo Cordeiro, para Vós só quereis as dores; tão faminto estais delas que não permitis que eu ache nesta cruz algo que me cause pena ou espante a minha fraqueza. Bendito e glorificado sejais, amor divino. Se estou cativo, nesta cruz encontro liberdade; se estou em terra de inimigos, aqui encontro um amigo verdadeiro e leal; se estou acorrentado, aqui as correntes se tornam brandas; se estou preso, aqui a prisão se torna suave; se estou desconsolado, aqui me consolais; se estou tentado, aqui venceis os meus inimigos; se me injuriam, aqui essas palavras se tornam saborosas; se me caluniam, aqui me ensinai por elas verdades eternas; se me abandonam os amigos, aqui me fazeis filho vosso,

Vós que sois meu inimigo apenas quando peco; se me falta o necessário, aqui me provedes; se os homens me perseguem, aqui me defendeis; se me condenam injustamente, aqui me justificais; se me roubam, aqui me restituís; se peco, aqui me perdoais; se estou fraco, aqui me fortaleceis; se estou triste, aqui me consolais; se fujo de Vós, chamais-me; se volto, acolheis-me; se estou ignorante, instruís-me; se cego, iluminai-me; se caído, levantais-me; se morto, ressuscitais-me; se frio, aqueceis-me; se devoto, mais ainda me inflamai; se erro, guiais-me; se começo, orientais-me; se avanço, favoreceis-me; se persevero, coroais-me. Aqui encontro paz, aqui encontro consolação, aqui choro, aqui me alegro.

Para tudo, meu Deus crucificado, me servis: para a casa, para o campo, para a corte, para o deserto, para a solidão, para a companhia, para o palácio, para o mosteiro; para todo o estado, para todo o negócio, sois, meu Jesus crucificado, refúgio seguro, companheiro leal, amigo fidelíssimo, mestre sapientíssimo, pai amantíssimo. Vejo-vos, meu consolador, com as mãos pregadas, e, se a Vós me aproximo, abraçais-me; estais com os pés pregados, e, se vos chamo, respondeis-me e acompanhai-me; com o corpo preso e debilitado nesta cruz, e, quando a ela me chego, acolheis-me. Logo vos encontro suave, logo doce, logo amoroso, logo belo, logo tudo o que

desejo e procuro em Vós. Que mais quero, bom Jesus, se tudo tenho em Vós? Que mais desejo, se para tudo e em tudo me servis?

Que faço, meu Deus, quando aqui não estou? Só quando fujo de Vós me pareceis áspero; só quando me afasto me pareceis rigoroso; só quando me esqueço de Vós e amo outras coisas vos temo. Mas quando a Vós, meu divino remediador crucificado, me aproximo, vejo quanto me enganava, pois logo vos encontro, logo me acolheis, logo me amais, logo me encheis de bens. Oh! Quem nunca de Vós se esquecesse! Oh! Quem nunca de Vós se apartasse! Alma minha, ama este Senhor, ama-o, ama-o e deixa tudo por amor dele. Tudo te prejudica e ele toma sobre si os teus males e penas, dá-te o seu amor e os seus bens. Amo-vos, bom Jesus, amo-vos, minha bem-aventurança, e desejo arder sempre no vosso amor.

Ó cruz, leal companheira deste Senhor e de todos os seus, solta-me agora e entrega-me a ele, para que o receba na minha alma; ou tu, com ele, entra nela e crucifica-me com ele em ti. Não viva eu já senão para ti e para ele; acabe já a minha miséria; em ti renove-se a velhice de Adão e viva eu em novidade de espírito deste Senhor. Ó cruz, já que este Senhor não se cansa de padecer, cansa-te tu de o atormentar. Só tu foste digna de sustentar o preço da glória. Doce cruz, ó doces cravos, doce peso carregais; sede já doce para ele, pois quem pende de ti não merece o que padece. Abaixa os teus ramos, ó árvore divina, inclina os teus braços, abranda o teu duro interior, suaviza o teu rigor natural, para que com mais brandura sustentes os membros cansados deste inocentíssimo cordeiro.

Descansai já, Senhor, de tanto padecer; vinde para esta alma que vos deseja e tanto precisa de Vós. Assentai-vos nela, morai nela, descansai nela, tomai-a toda para Vós e possuí-a, pois para Vós a criastes, e completai nela a obra que nesta cruz começais. Acendei nela o vosso amor, morrei abraçado comigo para que eu viva sempre abraçado convosco.

Ó santíssima Mãe de Deus, companheira fidelíssima dos trabalhos deste Senhor, vedes com quanto esforço ele me buscou e me remiu; não seja isto em vão: por Vós mereça eu que ele viva sempre em mim e eu nele, sem que nunca haja entre nós separação.

Ó corte celestial, que deste Senhor aprendeis a amar os pecadores e que fazeis festa no céu pela conversão de cada um deles, ajudai-me a converter-me totalmente a ele, a amá-lo, a crucificar-me nele e por ele para sempre. Amém.

Oração

Luz divina, que iluminais todas as almas que estão nas trevas e cegueira da morte; luz que o cego Tobias via, quando, cativo da tua beleza, conservava a pureza da sua alma e em ti tinha toda a sua esperança; luz que, mesmo abatida com desonras e crucificada entre ladrões, não podeis ser escondida, nem pela escuridão do sol que encobriu os seus raios, nem pela malícia dos vossos inimigos, nem pelas afrontas que o mundo vos fez; luz que aí resplandeceis com eterna e divina sabedoria, descobrindo as verdades ocultas, mostrando os erros da vida humana e o caminho certo do céu; luz que vos dais a conhecer aos que vos crucificaram, que fazeis confessar o ladrão que vos blasfemava, que sois reconhecida pelas pedras que se fendem e pelo Pai Eterno, por cuja obediência morreis — lançai, divina luz, os vossos raios sobre este coração cego e ignorante, para que veja o que nessa cruz condenais e reprovais, o que nela ensinai e aprovais. Acendei esta alma fria no amor da vossa sabedoria, no ódio ao que aí condenais e no desejo de imitar o que aí mostrais e ordenais.

Doutrina breve, em que a alma pode ver parte do que o Senhor na Cruz condena, e ensina, com breves orações pera se acusar do que the falta, e pedi-lo ao Senhor.

Doutrina

Os fundamentos da vida mundana e os desgraçados alicerces das obras dos que andam afastados deste soberano bem crucificado são: apostatar, como diz a Sagrada Escritura, da obediência e amor devidos a Deus; cobiça e apego à carne e aos bens temporais que os olhos vêem; soberba e vaidade da vida, pelas quais, deixando Deus, fonte de água viva, nos encharcamos no amor da carne, no amor da vida e nas coisas terrenas; soberbos, levantados, presumindo de nós, não sendo nada, como se fôssemos alguma

coisa; amando-nos mais do que a Deus, suprema riqueza e soberana bem-aventurança, único digno de ser amado.

Todos nós, pecadores, filhos de Adão, por estes caminhos entramos e andamos, afastando-nos de Deus, e por eles chegamos a estar diante deste Crucificado, juiz soberano, tão mortais, tão perdidos, tão chagados, tão distantes do que nele vemos, como ele, clara luz, vê em nós. Tudo isto este Filho de Deus vivo, mestre divino nosso, condena e reprova nesta cruz, onde está tão cheio de trabalhos e aflições: sofrendo, amando e morrendo. Calado, grita; sem falar, condena; afasta de si e derruba todos estes fundamentos e infelizes alicerces da vida mundana e todos os males que deles nascem e sobre eles se sustentam.

Começando pela soberba da vida, que o Senhor aqui condena, vê-se bem que o Cordeiro Jesus, sendo igual ao Pai, por amor das nossas pobres almas e de todos os pecadores, se humilhou e se sujeitou a quantos o quiseram prender, atormentar, escarnecer, blasfemar, julgar mal, condenar, crucificar e matar. Sendo o preço da glória, a honra do Pai Eterno, a majestade divina que todos adoramos, fez-se mais baixo que os animais da terra, opróbrio e desonra do mundo, puro abatimento, afronta e escárnio do povo.

De que podemos nós, pecadores, presumir quando vemos este Senhor assim? Se ele quis que da sua divindade e verdades, da sua divina pessoa, da sua sagrada humanidade, das suas obras divinas, da sua vida santíssima e puríssima doutrina, os seus inimigos escarnecessem e, quanto pudessem, o humilhassem — que lugar resta para nós, soberbos, diante dele crucificado? Assim reinou, assim nos mereceu os bens da glória, assim nos mostrou que nos humildes corações é a sua doce morada, assim declarou quanto ódio tem e quão contrário é à soberba da vida humana.

Oração

Ó meu humilde Jesus, humilha a minha soberba, imprime nestas miseráveis entranhas o vosso espírito, arranca de mim a raiz da soberba, que nasceu comigo, cresceu comigo, anda comigo, sempre me acompanha e em tudo se mistura, até quando falo convosco e de Vós trato, a encontro em

mim, miserável que sou. Fazei, Senhor, a vossa virtude em mim e confundí esta soberba; dai-me um perfeito e profundo ódio de mim mesmo e de tudo o que me possa levar a presumir de mim; e um íntimo amor pela santa humildade, pelos desprezos, injúrias e abatimentos, para que mereça ser vosso discípulo, amigo do que Vós amais, imitador do que crucificado me ensinais e inimigo da soberba que aqui maldizeis.

Doutrina

Esta humildade tornou o Senhor tão obediente ao Pai Eterno que, por amor e obediência, morreu morte de cruz, tão desonrosa. Nisto se declarou e ensinou que é assim que quer que seja estimada a sua obediência; e que desta forma deseja que seja tida a sua lei — que, se for necessário, se guarde à custa da honra, do sangue e da vida, considerando tudo o mais como coisa inferior e tão condenável como peste e veneno para a alma. Assim nos advertiu que nenhuma desculpa ou pretexto será aceite contra a sua lei, e que quem quiser mais razões para obedecer do que o simples facto de ser Ele quem manda, não será seu.

Oh, desventurados de nós! Quanto tem este precioso sangue de lavar e curar nas nossas almas! Por coisas tão baixas deixamos a lei deste Senhor; quanto mais estimamos torpes prazeres do que ela! Mais vale para nós a lei do mundo, que aprova o que todos, errando, fazem, e mais nos importa o que os homens cegos dirão de nós do que a obediência à sua santíssima lei. Oh, como segue errado o mundo que seguimos!

Oração

Ó misericordioso Senhor, ponde o meu coração inteiramente em Vós, não permitais que me disperse pelas coisas que até agora segui. Daqui volto à vossa obediência. O meu desejo presente é viver sempre sujeito à vossa vontade, antes morrer mil mortes que ofender-vos. Entrego-vos, Senhor meu, esta alma; tomai-me inteiramente à vossa conta e não permitais que eu caia nunca desta vontade que agora me dais.

Por vosso amor, renuncio a todas as leis do mundo e a todas as culpas que cometi contra a vossa lei; arrependo-me profundamente delas: perdoai-

mas, Senhor, pelo poder dessas chagas, e sujeitai-me perfeitamente à vossa obediência. Fazei, meu Redentor, que todas as almas, pelo amor que aqui nos mostrais, se rendam à vossa obediência. Oh, se todos os que há no mundo fôssemos um só rebanho vosso, todos do vosso aprisco, todos ouvíssemos a vossa voz e todos vos seguíssemos, divino Pastor nosso! Oh amor, que tudo podes, acende-te, dilata-te, abraça todas as almas, destrói estas desobediências à tua lei, sujeita todo o coração, cativo da tua bondade e formosura.

Doutrina

Outro fundamento do mundo é a cobiça da carne e de tudo o que os olhos vêem, que cativa as almas e, por mau amor, nos faz perder as verdadeiras riquezas. Que lugar têm estas coisas na cruz de Jesus, que tão claramente condena todo o excesso da vida? Ali está tão nu, tão desapegado, tão pobre, que nem um copo de água tem para a sua sede; tão sem mimo ou conforto, que nenhum membro do seu corpo tem descanso, nem onde reclinar a cabeça, nem onde sustentar os pés, nem onde apoiar o corpo cansado — apenas dores e aspereza de cruz. Sem vestido, sem comida, sem cuidados, sem dinheiro, sem bens, sem músicas ou perfumes, sem adornos ou divertimentos; com dores, com afrontas, com abundância de trabalhos e falta total de consolação e alívio, assim acaba a vida. Oh vida mundana! Oh vaidade da terra! Oh prazeres e mimos da carne! Oh desejos torpes dela! Oh cobiça de dinheiro e bens! Oh negócios e afazeres temporais excessivos, que ocupam e pervertem as almas, onde ficais? Que lugar tendes nesta cruz e junto deste Senhor?

Oração

Ó misericordioso Jesus, perdoai-me quantas vezes vos perdi por amor de tudo o que condenais; quantas vezes fiz mais por este inimigo corpo do que pelo vosso espírito. Ó divina piedade, aqui se cala a minha língua e grita para Vós o segredo do meu coração contra a abominação dos meus pensamentos, desejos e afetos, que não posso esconder dos vossos olhos divinos. Pequei, Senhor, pequei muito e gravemente; confesso as minhas

enormes culpas e desventurados pecados: misericórdia, misericórdia, misericórdia. Socorrei-me, chagas de Jesus, socorrei-me, cruz de Jesus.

Ordenai, Senhor, a todas as criaturas e a todos os tormentos que se vinguem em mim das vossas ofensas. Transformai-me, piedoso Jesus, agora mesmo, pela vossa infinita bondade, de carne em espírito, de vaidade em verdade, de terreno em celestial. Acabe já esta má vida e, se não há de acabar, acabe de todo a vida, pois melhor me é morrer que ofender-vos. Oh, se crucificásseis já, Senhor, os olhos, a língua e todos os sentidos deste homem terreno! Se crucificásseis todos os meus desejos terrenos e baixos! Pois esta obra há de ser vossa, começai-a logo: que eu viva só para Vós, e em Vós puro, espiritual amante destas verdades e inimigo de tudo o que até agora perversamente amei contra Vós.

Doutrina

Este divino Mestre oferece-se na cruz ao mundo e a todas as verdades. Declara a todos, sem exceção, que pelo que aqui aprova ou reprova nos há de condenar ou salvar. Aqui se dá como Mestre, para que, em todos os negócios e obras exteriores e em todos os desejos, afetos e amores interiores, o que nesta cruz se pode justificar lhe seja aceite, e o que for fora destas leis que aqui dá, não lhe agrada. É culpa nossa se erramos, pois não queremos fixar os olhos neste claro e divino Sol crucificado. Cegamo-nos com os nossos desejos, deturpamos estas puras e claras verdades, trocamos o sentido das suas puríssimas obras com falsas razões humanas. Erramos porque não queremos submeter-nos à sua divina sabedoria e ao exemplo que aqui nos dá esta luz soberana, verdade certa e segura das almas.

Oração

Tirai, Senhor, os meus olhos de toda a vaidade e de mim mesmo; fixai-os sempre em Vós, e que eu vos traga sempre presente na minha alma, louvando-vos de todo o meu coração por tão grande mercê.

Doutrina

Não só este Senhor crucificado desfaz os perversos fundamentos da vida humana e terrena, mas também revela a verdadeira vida espiritual tão claramente que só se engana quem não quiser olhar com os olhos puros da alma e do amor. Pois crucificado consagrou a mortificação do amor desordenado por tudo o que está abaixo de Deus; a total entrega à sua divina vontade, sem resistência nem exceção de coisa alguma que se possa imaginar; com profunda e humilde obediência e amor puro e desapegado de tudo, o qual exercita todas as virtudes e cumpre todas as suas vontades. ELE quis que fosse o real caminho do espírito; Ele consagrou, ensinou, aprovou e, nesta cruz, fez-se divino mestre e espelho dele. Aqui, nele crucificado, encontra o principiante por onde caminhar e aproveitar-se; aqui, o perfeito onde se consuma em todo o bem e virtude. Aqui também este Senhor, cheio de dores, ensina a lei certa do amor: deixar tudo pelo Todo; só a só, único ao único, nu ao nu; entregar-se a amar sem lei, sem medida, sem termo; amar padecendo e padecer amando; não achar na impossibilidade pretexto, nem na fraqueza desculpa; porque, se é puro, tudo pode, nada teme; preso está livre, ardendo não se queima, vivendo morre e morrendo vive, pois só do crucificado Jesus vive, e com Ele, vivendo, morre para sempre viver.

Como claramente se vê que, morrendo por puro amor, viveu para sempre. Aqui crucificado mostra a verdadeira liberdade da alma que puramente o ama — a qual não consiste em ser livre para fazer a própria vontade e não ter de ninguém contradição, mas em não estar cativa de nada, nem presa de afeto algum senão d’Ele; em estar livre e desapegada de tudo para possuir a Ele; e em que nenhum amor nem ódio de coisa alguma a prenda, por estar livre para padecer muito, para deixar tudo, para aborrecer tudo e para ser aborrecida por todos e por tudo, por um só crucificado que ama e em quem encontra tudo.

Aqui, crucificado, mostra-se a semelhança dos quatro dotes da glória que, de algum modo, como em imagem, possui a alma crucificada que O ama de forma pura e perfeita. Pois, pura e limpa, presa ao seu amor, unida perfeita e puramente a Ele em carne mortal, parece impassível. Nenhuma aflição ou tribulação a abate ou entristece; nada destrói ou diminui a pureza do seu amor, como se nada de sensível lhe chegasse, estando possuída e transformada pelo amor a que está entregue. Ele, alargando com ela todas as

suas potências e sentidos, suprindo e fortalecendo as fraquezas da natureza, a que ainda neste desterro está sujeita, dá-lhe, nisto, uma espécie de imagem daquela imperturbável impassibilidade da alma glorificada deste Senhor, à qual nada, do que sofria nos mares dos seus tormentos, chegava.

Mostrou também o Senhor em si mesmo que, na pura e perfeita união do seu amor, a alma tem semelhança com a glorificada claridade e, de algum modo, penhores dela (ainda que muito desiguais ao que há na pátria celeste). Pois não só pela pureza e limpeza interior, mas também pela luz das verdades que entende e conhece — nas quais Deus a ilumina por dentro — está ocupada unicamente em Deus, toda iluminada por Ele, clara e resplandecente aos olhos divinos.

Assim como nenhum abatimento pôde encobrir a luz das verdades deste Senhor crucificado, assim também nesta alma tanto mais resplandece a luz dessas verdades que ama, quanto maiores são as trevas que reinam no mundo. Esta alma é sutil, tudo penetra, e nada há tapado ou fechado que a possa impedir da ocupação que tem em Deus, estando toda imersa n'Ele e por Ele cativa. Como este Senhor, que, tendo contra si quase muros de aço cerradíssimos, tudo penetrou até concluir as suas divinas obras, abrir o Céu e colocar-nos no seio do Pai Eterno.

Enfim, mostrou que a união perfeita do amor puro torna a alma leve para subir e, sem intermediário, colocar-se naquele que nela reina; e para tudo o que o seu amor dela quiser. Tudo tem crucificado, tudo possui na pobreza, em tudo reina no mundo abatida: porque em tudo ama a Jesus crucificado, que a ensina.

Oração

Oh, quão baixo estou, Senhor da minha alma, e quão terreno me sinto com estas verdades tão claras que nesta Cruz me mostrais! Mas, meu Deus, para isso estou aqui, aos pés desta Cruz, pobre e miserável, pedindo misericórdia. Comam os filhos amados esse divino pão inteiro; lançai a este miserável e terreno cachorro da vossa casa as migalhas que comeu a Cananeia — com elas me fartarei, e elas me tornarão tal que possa ser por Vós elevado à pureza de espírito. Dai-me, Senhor, o espírito dessa vossa

Cruz, a luz destas verdades eternas e o amor abrasado, para que nunca daqui, de Jesus crucificado, me afaste. Oh amor! Oh suavidade soberana! Oh esperança minha perfeita! Oh vida verdadeira da minha alma! Ouvi-me e mudai-me no vosso espírito, de agora para sempre!

Oh Mãe de Deus, perfeitíssima amante deste Senhor, que recebestes d'Ele todos os bens que tendes, não só para Vós, mas para que, por vosso meio, se nos comuniquem, tende misericórdia deste pobre miserável que pede ao Senhor remédio para fugir de si mesmo e estar todo n'Ele. Já que Ele mesmo o quer, tirai de mim todos os impedimentos e ajudai-me a transformar-me de terreno em puro espírito de amor.

Oh anjos santos! Oh corte celestial, já fora dos perigos da vida, já abrasados e possuídos deste amor, juntai à vossa companhia este miserável e, pois fui por este Senhor redimido, seja, por vossa intercessão, por Ele justificado, mudado e transformado. Amém.

TRABALHO XLV

Escárnio das verdades de Christo

Cristo, nosso Senhor, em todo o processo da sua santíssima Paixão, sofreu um género de tormento muito grande, que já ficou por vezes mencionado antes, mas que deixei para tratar aqui, porque, nas horas em que esteve na cruz, foi quando mais o padeceu. Consistia em ver e ouvir zombarias e escárnios contra as verdades da sua pessoa e da sua doutrina.

Na cruz, este tormento cercava-o por todos os lados: os transeuntes que passavam, os soldados que o guardavam, os ladrões crucificados com Ele, os sacerdotes, os príncipes e os judeus — todos o escarneciam e blasfemavam contra Ele. E, entre todos, o manso Cordeiro ouvia e calava, sentindo tudo com grande dor.

Naquela noite e nesse mesmo dia, já o Senhor tinha sofrido dois gravíssimos escárnios e desprezos contra a sua santíssima pessoa. O primeiro foi em casa de Caifás, onde zombaram da sua eterna sabedoria, tapando-lhe os olhos e dando-lhe bofetadas, dizendo: “Profetiza, quem foi que te bateu.” Trataram-no como a um falso profeta. Como eles tinham experiência de que Cristo, nosso Senhor, conhecia os seus pensamentos e sabia o que se passava no seu íntimo — de modo que nunca o puderam enganar nem apanhar em palavra, e sempre ficaram publicamente confundidos e envergonhados nas suas ciladas —, estavam tão magoados e furiosos com isso que, vendo-o agora nas suas mãos, sem povo que o defendesse, todos unidos na mesma malícia, quiseram saciar-se desprezando a sua sabedoria desta forma tão afrontosa.

Assim, zombavam d’Ele precisamente naquilo que mais os feria. Do mesmo modo que os irmãos do santo José, quando o tiveram em seu poder e quiseram acabar com ele, o chamavam “o sonhador”, em desprezo das verdades que tinha sonhado sobre a preeminência que viria a ter sobre todos, assim também estes, desprezando a verdadeira e mais que humana sabedoria que o Senhor tinha manifestado, troçavam das suas profecias:

“Adivinha, falso profeta, quem te bateu; põe o dedo em quem te feriu, se és profeta, ainda que tenhas os olhos vendados.”

Estes, habituados à cegueira da alma, sucessores daqueles que cobriam o rosto de Moisés por não poderem suportar a luz que trazia da sua conversa com Deus, taparam também os olhos à luz divina que tinham diante de si e que nunca quiseram ver nem receber, mantendo-a entre eles para permanecerem sempre cegos. Mas essa soberana luz, então, deixou-se cobrir e desprezar — podendo muito facilmente confundi-los — para que, desconhecida, nada impedisse as obras que, para nossa redenção, desejava realizar. Contudo, sabendo quem era, não lhe era pequeno tormento ser assim tratado, como se fosse falso profeta e mestre de falsidades, por aqueles que voluntariamente se cegavam e tomavam falsidades por verdades.

O outro escárnio semelhante a este aconteceu em casa de Pilatos, com ainda menos respeito pela sua divina pessoa. De olhos destapados, vestido com manto de zombaria e coroado de espinhos, com um cetro de cana na mão, cercado de soldados, como já foi dito, davam-lhe bofetadas, cuspiam-lhe no santíssimo rosto e diziam: “Salve, Rei dos Judeus.” Tudo isto foi feito com tamanho atrevimento como se fosse um bufão, um falsário e traidor, e como tal fosse reconhecido.

Mas o Senhor, como se fosse culpado e condenado, tudo suportou, deixando que, por então, triunfassem as mentiras dos seus inimigos — sendo-lhe tão fácil mostrar-se Senhor do céu e da terra, e fazer-se servir, honrar e obedecer por todos os elementos e criaturas como seu verdadeiro e soberano Rei. Como já tinha dado licença aos mares das tribulações para se levantarem contra Ele, não quis fazer nada para tornar mais leves os seus sofrimentos ou menores as afrontas.

Além destas duas injúrias notáveis contra as verdades da sua pessoa, todas as acusações e falsos testemunhos apresentados diante dos juízes, todo o tratamento afrontoso e profano que publicamente lhe deram nas ruas e praças de Jerusalém, tinham como principal objetivo desacreditar a sua santidade e obscurecer as claras verdades das suas palavras divinas.

Mas, depois de crucificado, nas horas em que esteve suspenso na cruz, este género de tormento cresceu de tal forma, com tantas zombarias e desprezos, que alguns o têm como o maior de todos os sofrimentos da sua santíssima Paixão. E, porque as coisas que mais se sentem costumam ser as mais difíceis de suportar, parece-lhes que este tormento tinha mais motivos de dor do que todos os outros.

Nos outros sofrimentos, ainda que houvesse dor e aflição, podiam ser desejados por quem, por amor, queria mostrá-los como testemunho: açoites, coroa de espinhos, bofetadas, cruz, fel e vinagre, e outros tormentos corporais, mesmo atormentando o corpo, podiam ser instrumentos da honra divina. Mas blasfemar contra Deus, negar verdades eternas, diminuir as manifestações da divindade e majestade do Filho de Deus — ainda que Deus saiba tirar delas o bem que pretende — são coisas que, por tocarem diretamente na honra divina, só se podem sofrer por justa razão, mas nunca desejar, devendo ser sempre aborrecidas.

Sendo o Senhor o principal zelador da honra divina e morrendo por ela, neste género de sofrimento tinha muito mais que aborrecer do que desejar. Por isso, pode considerar-se este o maior de todos e no qual Ele mostrou mais paciência e sofrimento. Quem tiver passado por algo semelhante na vida compreenderá quanta perfeição de paciência e graça de Deus são necessárias para suportar isto com paz de alma, mais do que qualquer outro sofrimento.

Padecer um castigo merecido pela culpa cometida leva à resignação; padecer sendo inocente, contra toda a razão, embora pareça insuportável, ainda pode trazer alegria interior aos santos, que nisto mais do que em tudo se alegravam. Mas ver serem negadas verdades puras e santas ou verdades católicas, quanto maior for o amor de Deus e mais perfeito o zelo da sua honra, tanto maior será a dor e mais heroico o sofrimento.

Foi este sofrimento que o Senhor suportou com tanto silêncio como se fosse insensível; mas, sem dúvida, o seu coração padecia mais do que o corpo em todas as suas dores e tormentos. Estando na cruz, entre ladrões, foi alvo da malícia, ódio, mesquinhez e ignorância de todos; e todos, com maior atrevimento, o desprezaram e atacaram nesta parte, quanto puderam.

Os que passavam abanavam a cabeça em escárnio, dizendo em voz alta, como se lhe dessem vaias: “Tu, que destróis o templo de Deus e em três dias o reconstróis, salva-te a ti mesmo; se és Filho de Deus, desce da cruz.” Assim desprezavam os milagres com que tinha libertado muitos de doenças e da morte, julgando-os como feitiçaria e engano: “Já que salvou outros, salve-se a si mesmo e prove que é Filho de Deus, descendo da cruz.”

Tal foi a força do falso entendimento que os fariseus incutiram no povo ignorante, que este, vendo-o crucificado, lançava-lhe em rosto o que tinha dito sobre o templo do seu corpo, como se fosse contra o templo material de Deus — interpretação falsa dada pelos fariseus para desfazer a sua virtude divina. Pois quem não tinha força para se livrar do tormento da cruz, como poderia destruir e reconstruir um templo em três dias?

Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos zombavam do Senhor nos mesmos termos: “Salvou outros e a si não se pode salvar. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz e acreditaremos nele.” E o que mais pesava ao Senhor era que zombavam da confiança que Ele tinha em Deus: “Pois confia em Deus, que Ele o livre agora, se o quiser; já que dizia que era Filho de Deus, mostre agora que o estima e o salva como filho.”

O povo, imitando os seus chefes, dizia: “Se é o Cristo, o escolhido de Deus, que se salve a si mesmo, pois salvou outros.”

Os soldados aproximavam-se, oferecendo-lhe vinagre em vez de vinho, e diziam: “Se és Rei dos Judeus, salva-te e põe-te a salvo.” Os ladrões crucificados com Ele — ambos no início, e depois, quando um se converteu, o outro, obstinado até à morte — também blasfemavam contra o Senhor, dizendo que, já que tinha ajudado tantos nas suas necessidades, se ajudasse a si mesmo e a eles, se era Rei soberano.

Assim, todos, cada um como podia, blasfemavam contra o Senhor, zombavam da sua pessoa divina, desprezavam as suas verdades e diminuíam as suas grandezas.

Afrontava ainda mais o modo como diziam tais zombarias: o ladrão, com raiva de se ver sem remédio no seu tormento; o povo, cuspindo para o ar, rindo-se alto e inventando pragas; os sacerdotes e príncipes, cheios de

soberba e satisfeitos por terem conseguido o que queriam, vendo-se vencedores da sua malícia e ódio e julgando-se justificados perante o povo; os transeuntes abanando a cabeça como quem diz que, finalmente, se tinha descoberto a verdade; e todos comentando, pasmados, como tinha conseguido enganar o povo durante tanto tempo.

E, embora os Evangelhos relatem isto em poucas palavras, pode imaginar-se que, de gente tão ingrata, que tanto tinha recebido deste Senhor; de inimigos tão maliciosos e cheios de ódio; e de soldados e gente rude e vulgar, teriam saído ainda mais palavras e maiores insultos do que os registados. Ali, repetiam-se muitas vezes as blasfémias habituais dos fariseus, que agora se viam triunfar como desejavam: “Não dizíamos nós bem que eras endemoninhado, enganador, samaritano, e que, por feitiçaria e comércio com o demónio, fazias as tuas obras? Se isto é mentira, livra-te das nossas mãos.” Outros perguntavam pelos seus discípulos e zombavam de o ver sem eles.

Outros, com festa e zombaria, incitavam-No a pregar, dizendo que O ouviriam. Ali, lembravam em particular os Seus milagres e as Suas palavras, misturando tudo com diabólicas blasfémias. Ali, lisonjeavam o povo diante dos seus príncipes e líderes, felicitando-os pela obra que haviam terminado, elogiando-os como pessoas de entendimento, experiência e governo. Enfim, ali se faria e diria tudo pior do que podemos relatar ou imaginar, como era de esperar de gente tão maliciosa, com ódios tão antigos e enraizados contra o Senhor. E tudo isto, bem considerado, sem necessidade de mais palavras ou exageros, mostra quanto sofrimento teria o Cordeiro crucificado, que conhecia a verdade sobre Si e sobre os corações dos blasfemos, e sabia as intenções condenáveis de todos, ouvindo de toda a parte tantas afrontas e escárnios.

Este é um género de cruz e de sofrimento que o Senhor, muitas vezes, dá aos Seus maiores amigos e às almas que quer desapegar do amor-próprio e do mundo, para lhes conceder muitas graças interiores. Porque, como prudentíssimo Capitão da conquista da glória e sapientíssimo Mestre do campo onde são exercitados os filhos e escolhidos de Deus, entrega aos mais valorosos e esforçados combatentes as empresas mais perigosas, nas quais se alcança maior honra e mérito. Mas, como esta batalha não se trava

apenas contra a natureza, mas muitas vezes parece ir contra o próprio zelo da virtude, é necessário, para não se perderem, aprender deste divino Cordeiro a luz da verdadeira doutrina e perfeição evangélica, e, desta gente má e perversa, os erros e a cegueira dos que não seguem os passos e perfeitíssimos exemplos do Senhor.

Vemos nos inimigos de Cristo que a primeira coisa que fizeram foi tapar os olhos à luz, para melhor realizarem a sua vontade e para que não fosse vista a beleza do Seu esplendor, que os poderia confundir. Vemos que, não com justiça nem com razão, mas com escárnios e gritos, querem cegar a verdade; e, para isso, aproveitam-se da ignorância do povo e da audácia dos soldados. Vemos que o povo não aprova o que os sacerdotes e príncipes fazem por serem mais santos ou melhor formados, mas por serem mais astutos e poderosos, com melhores artimanhas para conseguirem os seus intentos, e que, quando vêem o Senhor calado, então O julgam derrubado e vencido. Vemos aprovar, como bom governo, a perseguição ao justo e o abatimento das suas obras como prejudiciais à república e aos interesses mundanos. Vemos que a gente mais ambiciosa da terra, a mais invejosa e a que menos trata da honra e santidade de Deus, mas mais da sua própria, e de sustentar a vaidade, é a que mais se opõe às verdades e virtudes do Senhor, trabalhando com mais afinco para as abater, sem lhes faltarem para isso dignidades, riquezas e tudo o que desejam; e que, como nesses cargos não estão os melhores, o inocente Cordeiro e as Suas verdades são os mais perseguidos pelos maiores.

Vemos o povo desonrar o Senhor e lançar-Lhe em rosto as Suas obras, não com a verdade que tinham experimentado n’Ele, mas com os falsos entendimentos dos seus líderes; e neles reina mais a ingratidão e a cegueira do que o amor às puras verdades. Vemos os ladrões blasfemadores colocarem toda a sua felicidade em livrar-se dos seus tormentos e cruzes, não reconhecendo o Cordeiro divino como Filho de Deus, porque não os libertava delas. Vemos, em todos, reinar a malícia e prevalecer o ódio, levando-os a considerar falso o justo abatido e falsas as esperanças que o Cordeiro tem em Deus, quando Deus não O livra logo dos sofrimentos. Tais são também todos os que perseguem a virtude sob pretexto de bem comum e de zelo santo; e por estes passos caminham para prevalecer e sustentar-se nos seus intentos.

Por outro lado, vemos o Filho de Deus apegar-Se à Sua Cruz de tal maneira, que nada O tira dela enquanto Lhe dura a vida.

Vemo-lo calar-se e não se defender com palavras, nem agir por si mesmo. Vemo-lo, no tempo de sofrer, esconder a sua virtude. Vemos o Pai Eterno não intervir em defesa da sua honra, deixando que Ele seja abatido pela vontade dos inimigos. Vemos o ladrão convertido, a quem Deus abriu os olhos, reconhecer, em meio a tantos desprezos, a virtude divina do Cordeiro; e não procurar já libertar-se do tormento, mas alcançar o Paraíso. Vemos este Senhor, no meio de todos estes escárnios, realizar as suas obras divinas (como foi dito no capítulo anterior), reinar nos corações dos escolhidos, ser reconhecido por todas as nações do mundo, salvar todos os pecadores, ressuscitar em glória e julgar os próprios inimigos.

Por isso, os seus verdadeiros imitadores devem ter estas verdades como espelho, e não querer outro modo de vitória senão aquele que vêm no seu Capitão: que, quando parece que se retira e foge, então regressa contra todo o mundo com puras verdades e vence.

Lancemos os olhos sobre o modo como Deus governa a sua Igreja, e veremos que, sendo o mais necessário às suas ovelhas ter entre elas muitos servos seus e muitos imitadores das suas virtudes, o nosso divino Pastor permite que uns sejam mortos pelos lobos e outros perseguidos e humilhados pelos maus; entrega a cabeça do seu amado Batista a uma adúltera; entrega as vidas dos seus Apóstolos a inimigos do seu nome; e muitas outras coisas faz deste modo, porque, com a sua eterna sabedoria, vê que é melhor para a sua Igreja ser rica em virtudes, exemplos, sofrimentos, méritos e mortes gloriosas dos seus santos e das suas vidas.

E não é de admirar que Deus permita que, na casa dos cegos, o mais cego seja rei; e na casa dos maliciosos, o mais malicioso seja o maior; e que os seus servos, que vivem entre eles iluminados pela sua luz, não sejam vistos nem ouvidos, antes as próprias virtudes lhes armem laços para os derrubar! Mas, como a verdadeira casa e reino dos servos do Crucificado Jesus é o Céu, o Senhor permite que sejam conhecidos no mundo apenas enquanto isso servir para a salvação de alguns escolhidos, e que, no fim, sejam abatidos, para que mantenham o olhar apenas na vida eterna que esperam, e para que o mundo nunca se possa vangloriar de ter levantado e

honrado os filhos de Deus. Assim, reconhecem que os seus verdadeiros bens e a sua honra segura dependem de Deus e não do mundo.

Duas coisas devem ter em conta os servos de Deus, para que o zelo da virtude, no meio das perseguições dos maus, não os engane e lhes faça perder a paz interior. A primeira é que Cristo, nosso Senhor, nunca está mais honrado no mundo, e as suas virtudes nunca têm entre os homens o devido lugar, senão quando Ele crucificado é mais vivamente imitado pelos seus; e quando, aos olhos dos homens, eles se prezam mais de imitar os seus desprezos do que, com inquietação, procuram exaltá-lo. É isto que, com a virtude divina, vence; é isto que, cedo ou tarde, reina e prevalece.

A segunda é que se guardem muito de ocupar a vida e os cuidados a desfazer com astúcia as ciladas dos perseguidores da virtude, e a contrariar as suas artes com outras que a mansidão do divino Cordeiro não ensinou, pois forçosamente acabarão vencidos por eles e a si mesmos se acharão mais prejudicados. Porque os que apenas pretendem sustentar-se a si próprios e fazer guerra à virtude são, geralmente, mestres consumados em manhas e artifícios humanos. Como não cuidam da honra de Deus nem da pureza da virtude, mas apenas da aparência dela, para destruir onde ela é só pura e verdadeira, antes de tudo perdem o temor de Deus e refinam-se na invenção de ardis para tudo o que pretendem. Já os que cuidam da pureza das virtudes vivem de simplicidade santa, de prudência do Céu, de paz interior e de contentar apenas os olhos de Deus. E, se saem daí para desfazer as artes dos maus com conselhos humanos, acabam por tornar-se também mestres consumados e soldados experimentados, que fazem mais numa hora do que eles em toda a vida; e dão ocasião para que a virtude fique ainda mais confundida.

O melhor é lutar com armas desiguais: com perfeita paciência, com pura fé em Deus, com os olhos e a esperança postos no Céu, com pureza no amor ao próximo, e com esse mesmo amor rezar pelos inimigos; com silêncio e total sofrimento. Pois estas armas têm consigo a virtude divina, e não há minas nem ardis que as derrubem. Enfim, se o Crucificado for imitado, o seu servo sairá vitorioso e coroado.

Exercício sobre o escárnio das verdades de Cristo

Adorem-vos, Deus da minha alma, Filho de Deus vivo, esperança do meu coração, o Céu e a Terra, os justos e os pecadores, os Santos e os Anjos do Céu. E eu, com eles, vos adoro, vos louvo, vos bendigo e vos dou infinitas graças por este gravíssimo trabalho e tormento que quisestes padecer nessa Cruz.

De verdade, Senhor, os mares das tribulações vos inundaram, e as ondas de imensas dores e afrontas vos cobriram; pois não só encheram os vossos santíssimos membros de tormentos cruéis e sem piedade, mas, já que a vossa divindade não podia padecer, ofenderam-na com desonras e injúrias tão enormes, que o zelo, que em Vós arde pela honra divina, vos fazia sentir isto muito mais do que as dores corporais que sofríeis. Sofrer tormentos do corpo, estar entre ladrões como seu chefe, padecer falsos testemunhos, bofetadas, injúrias, escárnios — é duro; mas o amor vos tornava tudo isto, de outro modo, doce, para mostrares quão verdadeiro amigo sois dos pecadores e quão obediente ao vosso Pai eterno.

Mas ver e ouvir escárnios contra as vossas soberanas verdades, e contra a vossa própria divindade — sendo Vós o verdadeiro Filho de Deus, Senhor que dais espírito aos Profetas, conhecedor dos corações, resplandecendo claramente nas vossas obras a divina virtude, e ensinando as puras verdades da vossa santíssima doutrina — e, apesar disso, vos injuriarem como falso, enganador e mentiroso… em tudo isto, o coração humano não pode imaginar quanto tormento vos dava. Porque não só de fora vos atormentava ouvir tais blasfémias, mas o vosso zelo pela honra de Deus vos consumia, e o amor divino que em Vós ardia vos atormentava ainda mais.

E todavia, sentis muito, e calais muito, e deixais, por agora, que os vossos inimigos fiquem com a sua razão aparente, e Vós desmentido em público, com tanta afronta, sem responder por Vós, apenas calando, sentindo, sofrendo, magoando e atormentando o vosso coração.

Que é isto, amor divino? Que é isto, esperança e glória do meu coração? Tais extremos quisestes passar de dores, e quisestes que nenhuma houvesse que nessa Cruz não vos trouxesse imensos trabalhos. Atormentar-vos com açoites e com a Cruz é crueldade dos vossos perseguidores; atribuir-vos o que não sois é malícia dos vossos inimigos — e deles não se pode esperar outra coisa.

Mas, para chegardes ao mais profundo dos mares das tribulações, vem ainda atormentar-vos a vossa própria verdade, a vossa própria divindade, a vossa própria doutrina; e serdes, de facto, Aquele que eles escarnecem com blasfémias, vos dilacera a alma com sentimento incomparável, muito mais do que se fosse verdade aquilo que eles dizem. Aqui, meu Deus, a minha alma pasma, o meu coração emudece: para Vós estavam reservados estes grandes mares de tribulação, porque tendes força divina, e pela vossa medida quisestes que fossem os vossos sofrimentos. Mas isto está tão acima das forças da natureza humana, que, se alguma vez os vossos servos sofrem algo que com isto se compare, só a Vós o devem, pois é obra vossa que o realizais neles.

Amo-vos, meu Deus. Amo-vos, bom Jesus, por estas dores tão incomparáveis, e desejo desfazer-me inteiramente no vosso amor. Pois o amor que me tendes não tem lei nem medida no arder e amar, mas também não quis ter medida no padecer e sofrer. Confesso, meu Senhor, a minha fraqueza e miséria, que aqui totalmente se espantam e enfraquecem. Quando penso que posso padecer por vosso amor, a minha alma sente gosto; quando penso que os vossos inimigos me podem perseguir por causa do vosso nome, parece que a virtude desse nome me transforma noutra pessoa; e, se os vossos servos me perseguem, ainda que seja mais difícil de suportar, penso todavia que Vós o permitis assim por causa dos meus pecados.

Mas, quando me vejo perseguido com a própria verdade, com o que faço por obediência a Vós, com o que sei — porque Vós me ensinastes — que é virtude, e vejo o que é puro e verdadeiro ser usado como verdugo e algoz contra mim; e quando me chamam mentiroso, apenas para sustentarem mentiras que são contra a vossa honra e contra a verdade, confesso, meu Redentor, que a minha natureza cai e não consegue suportar tal carga. Aqui, mais do que em qualquer outra coisa, a vossa poderosa mão tem de mostrar, na minha fraqueza, a vossa virtude e força.

Todavia, meu divino Mestre e Senhor, confesso que é isto o que convém: amar sem medida e padecer segundo a medida que Vós quiserdes. Creio e reconheço — porque assim mo mostrais — que me convém padecer muito, calar muito e sofrer muito, sem olhar por que meio, com que razão

ou de onde me vem o trabalho, mas olhar apenas para a vossa mão divina, dar-vos graças por tudo e deixar-vos agir; não reconhecer outro autor das minhas coisas e trabalhos senão Vós.

Ó Cordeiro divino! Ó Sabedoria eterna! Se é isto que me ensinais na Cruz, que fazeis, pois ardeis no meu amor, e não transformais por completo a minha natureza, mudando-a em amor puro e imitação vossa? Vós tínheis infinita justiça e razão para não sofrer estas blasfémias, e, todavia, ultrapassastes tudo, para que nada ficasse por padecer. E eu, se bem me conheço, percebo que a minha razão para não sofrer é o excessivo apego à minha natureza: não só por fraqueza, mas também pela soberba que nela lançou as suas más raízes. Todo o amor que me mostrais nessa Cruz há de curar isto.

Ó misericordiosíssimo Mestre da minha alma, Vós vedes que, quando encontro razões para não me submeter inteiramente a tudo o que quereis que eu padeça — sem outro juízo, nem razão, senão o vosso querer — estou fora de mim, sem juízo cristão nem de verdadeiro amigo vosso. Não leveis em conta, bom Jesus, as minhas loucuras e desatinos; tende piedade deles, curai-me e aplicai os remédios que esta alma precisa para se parecer convosco.

Venha a cruz, venha a tribulação de onde quiserdes, como quiserdes e quanta quiserdes, pois sois o fidelíssimo amigo da minha alma; e, com a tribulação, sei e creio que virá a vossa ajuda para a suportar. Humilhai-me, Senhor, ao vosso querer, e que não me fique razão, nem verdade, nem justiça, senão parecer-me convosco. Refreai, meu Deus, a minha língua, para que a tudo cale; refreai os meus pensamentos, para que, em silêncio, vos imite; dilatai o meu coração, para que sempre vos siga e se alegre em padecer por Vós.

Quando, meu Senhor, me verei por Vós como vos vejo por mim? Se Vós, sendo meu Deus, quisestes mostrar-me, com tantos extremos, que em tudo só cuidáveis de me dar a conhecer quanto estimais a minha alma e quão fielmente me amais — que muito é que eu, verme da terra, deseje em tudo mostrar-vos que só a Vós quero agradar, só a Vós amar e, por Vós, tudo padecer de coração?

Ó amor divino, faz em mim o que por mim fazes em ti. Já que me amas, abraça-me; já que te dás todo, consome em mim tudo o que te desagrada. Acuso, meu Senhor, diante da vossa divina majestade, a minha cegueira: muitas vezes, e em muitas coisas, tenho juízos errados sobre o que me convém, embora não vos blasfeme como eles. Porque eles pensam que, se Deus fosse vosso Pai, o mostraria tirando-vos da Cruz; e que, se fôsseis verdadeiro nos vossos milagres e doutrina, mostraríeis a vossa virtude descendo da Cruz e não vos deixando atormentar.

E o ladrão blasfemo pensa que todo o vosso poder está apenas em o tirar da Cruz convosco. Eu, bom Jesus, embora creia o contrário, acuso-me de que, quando me dais o que desejo, quando me favoreceis com consolações, quando acudis às minhas necessidades e supris as minhas faltas, então vos reconheço como bom Senhor, então vos chamo misericordioso, então considero grandes as vossas mercês, louvo-vos e adoro-vos por elas. Mas, se me atribulais, se me falta o necessário, se ocultais os vossos favores, já não sou tão generoso nos louvores, nem vos acho tão suave.

Em tudo, meu Deus, sou este: em tudo me pareço comigo; em tudo, miserável, fraco, pobre, cego e nu de todos os bens.

Iluminai, luz divina, esta cegueira, para que eu não erre nem me deixe enganar por falsos pareceres. Ensinai-me a louvar-Vos, amar-Vos e reconhecer-Vos igualmente tanto no favor como na tribulação, tanto na prosperidade como na adversidade, pois em tudo sois o mesmo: em tudo Pai, em tudo amigo, em tudo fidelíssimo benfeitor desta alma.

Ao converter ladrões crucificados e ao fazer suportar o sofrimento com consciência das culpas e com paciência, mostrais mais a Vossa virtude do que ao tirá-los da cruz. Ao fazer-Vos reconhecer pelo centurião como verdadeiro Filho de Deus e ao, morrendo na cruz, levar muitos dos que Vos desprezavam a regressar às suas casas batendo no peito pelo que tinham feito, mostrais mais quem sois do que respondendo em defesa própria. Porque a Vossa virtude e força estão no interior, e não apenas no exterior.

Por isso, Senhor, permitis que as mentiras dos Vossos inimigos prevaleçam, aos olhos do povo ignorante, contra as Vossas puríssimas verdades. Mas reservais o seu conhecimento para a experiência do puro

amor, que sobre tudo mais estimais. Oh soberano amor! Oh divino fogo, que, coberto de cinza e abafado por tanta malícia e tribulação, ardes e te inflamas nos corações dos que são Teus!

Jesus crucificado, bom e desonrado, amor divino, o amor puro reconhece-Vos como verdadeiro Filho de Deus. Não é só a fé que o crê e confessa, mas também o coração limpo e o verdadeiro amor que, pelo que dessa cruz transparece, o sente. Oh, que influências dessa cruz lançais no coração! Que luzes lhe comunicáis! Que segredos lhe descobris! Que riquezas interiores de abraços lhe dais — suaves, doces, cheios de paz, de luz, de glória e de amor!

Reconstruís em três dias, ressuscitando, o templo do Vosso sacratíssimo corpo, como prometestes; e dessa cruz, como Filho de Deus vivo, num momento ergueis os corações derrubados, templos vivos Vossos. Salvais crucificando, dais gosto atormentando, regais secando; tudo mudais, tudo renovais, tudo enriqueceis, tudo encheis, tudo satisfazeis, mesmo onde parece que apenas espantais e metes medo.

Oh suavidade do meu coração! Oh luz escondida da minha alma! Oh liberdade crucificada do meu espírito! Oh Filho de Deus vivo, tão fraco e tão forte, tão abatido e tão elevado, tão desonrado e de tanta majestade, tão aflito e tão suave, tão atormentado e tão brando! Tu és aquele que estes não conhecem, porque estão tão longe do Teu conhecimento quanto do Teu amor. Assim grito, amor divino. Assim clamo, amor excessivo. Assim chamo, amor puro. Assim suspiro por Ti, amor poderoso e verdadeiro. Já que me amas, leva-me por amor a Ti. Já que por mim ardes, inflama-me. Que queres de mim, amor, que tanto por mim padeces e tanto a Ti me chamas? Eis-me aqui: cumpre a Tua obra. Enche-me, transforma-me, consome-me, muda-me todo em Ti. Oh divino! Oh soberano! Oh formoso! Oh suave! Oh único amor, poderoso para tudo quanto queres e invencível em tudo quanto padeces!

Virgem santíssima, ajudai a ferir este coração com o amor de Jesus e ajudai a curar com amor, pois dele viveis e, por ele, ao pé desta cruz, com Ele padeceis.

Não sejais mesquinhos, amantes do Céu, para com este pecador miserável. E, pois nesse amor está o seu remédio, amai muito por mim e abrasai-me em Jesus. Amen.

TRABALHO XLVI

Perder-se Judas, e um ladrão, ao lado de Cristo.

Do amor nascem o ódio, o temor, a alegria e a dor: ódio pelo contrário daquilo que se ama; temor e receio de perder; alegria por possuir; e dor por ter perdido. Quem reconhece o quanto o Senhor ama os pecadores, e vê quanto fez para lhes mostrar esse amor, e quanto esse amor O fez padecer para lhes dar remédio para não se perderem, entenderá em que grau Ele sentia: ódio pelos pecados que nos perdem; temor e receio da perdição de muitos e de que algo contribua para tal; alegria e prazer por nos salvar; e dor e tristeza pelos que se perdem.

E não há dúvida de que um dos maiores e mais desconsoladores tormentos que o Senhor, em toda a Sua vida e paixão, sofreu foi a lembrança dos muitos filhos de Adão que se haviam de perder, e pelos quais Ele trabalhava e morria em vão, porque não queriam aproveitar-se dos remédios e ajudas que lhes oferecia para se salvarem. E tinha particular sentimento pelos que procuravam a Sua morte e pelos ministros dos Seus tormentos, pois se perderiam derramando o sangue que por eles mesmos Ele sacrificava. E os próprios tormentos que Lhe infligiam ficavam como fundamento da sentença de condenação, pois Ele os sofria para sua saúde e remédio.

Mas como o Senhor não podia dispensar com a Sua justiça, padecia e morria com essa mágoa. Declarou o Senhor essa dor por meio de um profeta nesta lastimosa palavra: «Ai! Como me hei de vingar dos meus inimigos!» Pois, vendo quantos se não aproveitariam do que fez para lhes perdoar, sentia-se muito obrigado pela justiça a condenar aqueles por quem morria.

E se este sentimento em Cristo Nosso Senhor foi geral por todos os que se haviam de perder, quanto maior seria por aqueles a quem tinha feito maiores e mais particulares mercês, e dado maiores e mais claras ocasiões para não se perderem? Daqui se entende a particular dor e aflição que causou ao Senhor perder-Se-Lhe da Sua mesa e companhia um Seu familiar

apóstolo, Judas; e, do Seu lado, estando crucificado, um ladrão se perdesse, indo o outro dali para o Paraíso.

Judas recebeu do Senhor mercês abundantíssimas, não só para não se perder, mas também para salvar muitos, como fizeram todos os outros Apóstolos. Pois Cristo tirou-o do povo e fez dele Seu discípulo, um dos doze a quem revelava os Seus segredos, a quem dava doutrinas mais perfeitas, trazendo-os junto de Si, na Sua companhia e à Sua mesa.

Que exemplos de heroicas virtudes não veria ele no Senhor! Que palavras ouviria de Sua boca! Que particularidades daquela divina conversação, capaz de fazer de demónios anjos, se ali andassem! Além disso, deu-lhe poder de fazer milagres — e ele fez, só com o nome do Senhor; e, por Seu mandado, com esse nome sacratíssimo, os demónios saíam dos possuídos. Tinha, pois, provado a majestade do seu Senhor e Mestre.

Apesar de todas estas mercês, por cobiça de dinheiro perverteu-se e decidiu vendê-Lo. Cristo Nosso Senhor acudiu-lhe logo com outras mercês e ajudas ainda maiores, para que mudasse o seu mau propósito. Na última Ceia, fê-lo participante do Seu sacratíssimo Corpo e Sangue e fez dele sacerdote (segundo dizem Santo Agostinho e São Leão Papa); lavou-lhe os pés; e, misturando com estas soberanas e altas mercês inspirações interiores, procurou abrandar a dureza do seu coração. E, vendo que nada aproveitava, declarou publicamente a todos os Seus Apóstolos que um deles O havia de trair, e que melhor lhe fora ter sido lançado ao fundo do mar, com uma pedra ao pescoço, do que ter nascido — e nem assim pôde dobrá-lo, nem por amor nem por temor.

Até na hora da Sua prisão recebeu dele o beijo como de amigo e disse-lhe, com dor por vê-lo perder-se, aquelas palavras que eram para quebrar pedras: «Amigo, a que vieste? Com um beijo de amigo Me entregas?» E nem assim bastou para que o desventurado se convertesse. Antes, quando viu que os judeus tinham condenado o Senhor à morte e O levavam a Pilatos para confirmar a sentença, caiu em outra desgraça ainda maior. Viu o mal que tinha feito e, em vez de se arrepender, como fez São Pedro, desesperou da misericórdia de Deus; devolveu as trinta moedas aos

sacerdotes do templo e enforcou-se, arrebentando pelo meio e derramando as entranhas, e a sua alma foi para o inferno.

Assim se perdeu o discípulo e companheiro de Cristo, carregado das Suas mercês. Mas, como o Senhor não faz mais força aos corações do que inspirá-los, ensiná-los e movê-los com as Suas mercês, não faltou a Judas nenhuma ajuda necessária para se salvar; mas ele, rejeitando tudo, foi à perdição, e o Senhor ficou com a dor e mágoa de o ver perder-se.

Entrando Cristo Nosso Senhor na Sua Paixão, com tamanho sentimento e mágoa de ver o demónio levar aquela alma, tanto quanto tinha mostrado desejar salvá-la; quando na cruz Se viu entre dois ladrões, e um deles convertido Lhe pediu misericórdia, não cuidou de demoras, mas, para se refazer da mágoa do discípulo perdido, prometeu logo no primeiro instante o paraíso ao ladrão crucificado.

Vê-se assim o gosto e o desejo que este Senhor tem de salvar. Pois se condena os que, por sua própria vontade, se perdem, é por necessidade de justiça; mas por amor, desejo, gosto e prazer perdoa a quem se arrepende. E onde há tanto amor e prazer em perdoar, necessariamente há também grande sentimento em ver perder-se quem deseja salvar. Assim sentiu grandemente pelo ladrão que se perdeu com tantas ocasiões que teve para alcançar perdão, ocasiões não menores que as de que o bom ladrão se aproveitou para obter misericórdia e paraíso.

Estava ele ao lado do Filho de Deus, verdadeiro Redentor dos pecadores, junto do sangue que por ele se derramava; via com os seus olhos o Cordeiro inocentíssimo, que, logo ao subir à cruz, pedia em voz alta perdão pelos pecadores; via a Sua mais que humana paciência; o silêncio e mansidão com que ouvia e calava tantas blasfémias e injúrias; via os Seus olhos, sempre voltados para o céu, sem cessar de derramar lágrimas; via as trevas e o tremor da terra, que espantavam o mundo inteiro; via o arrependimento do seu companheiro e como logo foi perdoado.

O bom ladrão, lançando os olhos no Senhor e considerando tudo isso, iluminado interiormente, compreendeu que o divino Cordeiro não podia ser culpado no que padecia e que tinha ao seu lado o Senhor do Céu. Arrependido dos pecados e da má vida que aquele tormento lhe lembrava, e

das blasfémias que contra o Senhor dissera, fez a satisfação que pôde com uma heroica confissão. Primeiro enfrentou o companheiro, dizendo-lhe com palavras eficazes: «Ainda não temes a Deus, estando em estado de morte, condenado por tuas culpas? Nós, sem dúvida, padecemos justamente, pois recebemos o justo pagamento das nossas más obras. Mas este, que mal fez?»

E, pondo os olhos no Senhor, com toda a contrição e humildade, confessou-O como seu Senhor, juiz soberano e premiador dos méritos de cada um, Deus do Céu que pode dar a quem quiser, Rei da glória, dizendo: «Senhor, quando entrares no Teu reino, lembra-Te de mim, pecador.» Nosso Senhor, que entre tantos blasfemos e diante dos Seus inimigos valorizou essa gloriosa confissão, considerou-a digna do paraíso. E, ouvindo-o todos, respondeu-lhe: «Hoje estarás comigo no paraíso.»

Com esta palavra, pô-lo em estado de graça, confirmou-o nela e batizou-o com um batismo de amor, como o primeiro cristão que, com a fé na boca, morria. Este era exemplo mais que suficiente para o outro ladrão, já que, de qualquer forma, iria morrer, aproveitar-se da bondade do divino Cordeiro. Mas nem o que via n'Ele, nem as mercês que via conceder ao companheiro, o moveram a entrar em si; antes, obstinado na blasfémia, morreu e perdeu-se.

Estava o Senhor a morrer por aqueles dois companheiros ladrões, oferecendo o Seu sangue ao Pai eterno por eles; e, feito entre eles como capitão e amigo próximo, prometendo a um o paraíso imediato, via o outro tão condenado que blasfemava ao morrer, e tão duro que nada o levava ao arrependimento; e, da Sua própria ilharga, à sombra da cruz que Ele já tinha santificado para remédio dos pecadores, da Sua derradeira companhia, tão estimada, via perder-se aquela alma.

Sem dúvida, ainda que, como justo juiz, salvou o arrependido e condenou o obstinado, todavia, como Redentor, como Pai, como amigo fidelíssimo e bom pastor daquela desventurada ovelha, sentiu e doeu-Se muito de a ver perder-se numa ocasião tão propícia e numa conjuntura tão grande e excelente para se salvar.

Estes são os excessos e as angústias do divino amor que atormentavam o divino Cordeiro naquela cruz, para que nada Lhe faltasse que pudesse tornar os Seus tormentos mais penosos e os Seus trabalhos mais pesados.

São muito necessários e grandes os ensinamentos que todas estas coisas nos dão. Primeiramente, da parte do Senhor, mostram-nos que nós não sabemos desejar e procurar tanto a nossa salvação, nem sentir tanto a nossa perdição, como Ele. E que, em todo o tempo e a toda a hora, está de braços abertos para receber os arrependidos, oferecendo os Seus tesouros a todos os que quiserem aceitá-los d'Ele.

Nem poderíamos desejar exemplo mais seguro e demonstração mais clara disto do que ver Deus fazer de um ladrão o primeiro cristão que, depois da Sua morte, se salvou pela confissão da fé e pelo Seu amor. Assim deixou a todo o pecador a segura confiança de que nunca lhe será negada a entrada, a qualquer tempo e hora, onde o ladrão já tem a dianteira.

Esta confiança que, da parte de Deus, temos por tão segura, Judas e o ladrão condenado tornam-na duvidosa. Pois, quando alguém quisesse escolher um lugar e estado muito seguro para se salvar, pareceria não haver outro melhor do que estar ou no Céu, entre os Anjos, ou na terra, no número dos Apóstolos, ou na morte, pagando pelos seus pecados, ao lado de Cristo crucificado.

Mas nem o Céu assegurou os Anjos, pois muitos caíram dele; nem o estado apostólico salvou Judas, que dele saiu perdido; nem a companhia do Senhor crucificado salvou o ladrão, que com Ele foi condenado. Nenhuma mercê do Senhor assegura as almas, senão quando elas livremente se aproveitam dela e lançam mão das ocasiões que Deus lhes dá para se salvarem.

Mas quem se esquece de tudo e entrega o seu coração aos próprios desejos, fica perdido pelo seu poder, e tudo nele se torna inútil. São Gregório Papa, no quarto livro dos Diálogos, conta um caso raro e espantoso nesta matéria: que um homem morreu e viu-se condenado ao inferno, e, ressuscitado, viveu tão mal que voltou a morrer no mesmo estado, sendo novamente condenado.

Nosso Senhor, no Evangelho, não quis que ninguém se sentisse seguro apenas pelos talentos recebidos, mas sim por lucrar com eles merecimentos para o Céu. Só o humilde, que cuida da sua alma e, com temor de Deus, se aproveita das mercês recebidas, vivendo com cuidado de agradar a Deus e a Ele se apegando com amor, assegura a sua salvação.

Por fim, e como conclusão desta matéria, para que a confiança na bondade de Deus não cause em nós descuido de viver bem — como, por causa dos nossos pecados, muitas vezes acontece — e para que ninguém confie em se salvar apenas na última hora, ainda que com a certeza de que, se nesse momento se converter de coração, será recebido, lembro o que diz o nosso Padre Santo Agostinho, falando da salvação do bom ladrão: ainda que a fé ensine que não há dúvida de que será recebido e perdoado por Deus quem, na derradeira hora da vida, se converter, todavia, quem em toda a vida não quis converter-se de todo o coração, com tantas ajudas como temos para isso, dificilmente o fará na hora da morte, estando cheio de dores e medos, de modo que mereça ser recebido.

Por isso, diz Santo Agostinho que o Senhor ordenou que, na Sagrada Escritura, ficassem escritos muitos exemplos de pessoas que se converteram e foram perdoadas ainda em vida. Mas, posto que a muitos perdoa na última hora, não quis que ficasse escrito mais do que o caso de um só ladrão, para que ninguém presumisse ser o segundo.

Exercício da dor que o Senhor sentiu pela perda de Judas e de um ladrão

Sois todo formoso, bom Jesus, todo brando, todo suave, todo amoroso, quando vos aproximais dos corações pecadores. Os vossos olhos convertem as almas; as vossas palavras abrandam as durezas; a vossa conversação atrai os errados; o vosso acolhimento cativa. Sois todo amável, verdadeiro amigo, todo dedicado, e cada vez mais renovado em amor e por amor dos pecadores.

Santificastes com os vossos pés Madalena; santificastes com a vossa presença a casa de Zaqueu; santificastes com o vosso chamamento o publicano Mateus e o perseguidor Paulo; santificastes com os vossos olhos o negador Pedro. Comíeis com os pecadores com agrado, recebíeis-nos com

brandura, perdoáveis-lhes com misericórdia, defendíeis-nos com sabedoria, enchíeis-nos da vossa bondade. Assim, com verdadeiro juízo, justificastes o publicano, destes o paraíso ao ladrão; e a nenhum pecador deixastes vazio e sem remédio, senão ao que quis, por sua vontade, ser duro e obstinado.

O vosso amor derretia-se pelos pecadores; estimastes mais a sua salvação do que a vossa honra e vida. Deste-vos todo por eles, chorastes os seus males, pagastes as suas penas, mostraste que ardíeis no seu amor, que vos doíam muito os seus pecados e sentíeis profundamente a sua perdição. Quanto mais ardíeis no desejo da salvação dos pecadores, maior era a dor, o trabalho e o sofrimento pela sua perdição.

E, se isto sentíeis por todos os que se perdem, quem poderá imaginar o imenso sofrimento que tivestes pela perda de Judas e do ladrão que estava a vosso lado na cruz? Quem vos ama, meu Deus, entende-vos, porque conhece a fineza do vosso amor. Estes dois já os tínheis apanhado nas vossas redes, na ocasião de os libertar das garras do demónio, e, por sua obstinação e malícia, perderam-se. Isto não foi para Vós menos tormento do que os que padecíeis na cruz.

Ainda esta dor e mágoa vos restava suportar na vossa Paixão, ó Cordeiro de Deus! Bendito e louvado seja o vosso divino amor. Vós sois assim, Senhor, Redentor meu: não deixais de fazer tudo o que podeis para que ninguém se perca. A Judas, depois de pervertido e de vos ter vendido, fizestes sacerdote, destes-lhe o vosso santíssimo Corpo, lavastes-lhe os pés, falastes-lhe ao coração, dissestes-lhe que melhor lhe fora não ter nascido, para que tivesse medo de si mesmo.

Aceitastes o seu beijo e abraço no Horto, mesmo sendo traidor, e chamastes-lhe “amigo” com familiaridade, para ver se o podíeis ganhar. Ele quis perder-se, e Vós, com a mágoa desse vosso coração manso e suave, fostes padecer por ele, sabendo que nem disso se iria aproveitar. Assim se condenou, deixando-vos ferido pela dor e profundo sentimento da sua perdição.

Parecia que, em parte, o vosso amor ficava consolado por terdes ao vosso lado ladrões; destes logo o paraíso a um arrependido, para compensar a dor que tínheis pela perda de Judas com a salvação deste perdido. Mas a

dor e a mágoa renovaram-se com a perda, junto de Vós, do outro ladrão obstinado.

Ó amor divino, não cego, mas voluntariamente cativo dos pecadores, que mágoas são estas? Estais tão ocupado na cruz, e tão absorvido, que vos esqueceis das vossas dores pensando na perdição e nos males voluntários dos pecadores? Ó fogo infinito, ó entranhas de Pai, ó verdadeira amizade tão desinteressada, tão pura, tão pródiga, tão esquecida de si e tão lembrada dos pecadores que ama!

Porque não vos amo, bom Jesus, de todo o meu coração? Porque gasto um momento da vida fora do vosso amor e serviço? Oh, se me empregasse com todo o cuidado em Vós, como vos vejo empregado em mim! Quando, Senhor meu, me verei assim? Que longo "quando", e quanto tarda! Apressai-vos, meu divino Pastor, a tomar-me, a cativar-me com o vosso amor, a pôr em Vós todo o meu desejo e cuidado, pois só isso vos agrada, e sem Vós o fazerdes não o posso alcançar.

Bastam as penas que vos causei com os meus pecados; não permitais que as aumente com a minha perdição. Aqui me rendo a Vós, desde agora e para sempre; tomai-me por vosso, crucificai-me e salvai-me.

Ó Rei da glória, ó Senhor do paraíso, ó verdadeiro amigo e pastor da minha alma, aqui tendes outro ladrão em quem possais compensar a dor e a mágoa que vos ficou de se perder aquele, em ocasião tão boa e com tamanha oportunidade de se salvar ao vosso lado. Eu sou o ladrão que merece ainda mais do que eles ser castigado pelas minhas maldades. Eu sou o falsário nos bons talentos de graça e de natureza que me destes: ou usei mal deles, ou mantive-os ociosos, sem aproveitar, nem lucrar com eles a minha salvação.

Eu sou o que muitas vezes roubei a vossa glória com a minha soberba e vaidade, não referindo todos os bens a Vós, a quem pertencem, e apropriando-me, em vão, do que devia à vossa graça e misericórdia. Eu sou o que trocou a pureza das vossas verdades pelas mentiras do mundo e da minha carne, e pelos miseráveis ganhos dos baixíssimos prazeres da vida. Eu sou o que gastei a maior parte da vida em obras mais dignas de tormentos e condenação do que de perdão.

Quantas vezes, Senhor, podíeis matar-me e, com toda a justiça, entregar-me aos demónios e mandar-me para o inferno, separado de Vós para sempre — e, todavia, com infinita misericórdia me suportastes e esperastes até agora! E, ainda assim, desta vossa paciência estou tão desaproveitado, como Vós, bom Jesus, me vedes e sofreis.

Portanto, único médico das minhas chagas, já que estais tão magoado pela perda desse ladrão, eis aqui a minha hora: aqui tendes outro, muito pior, que com muito mais razão podeis condenar. Dai-me, Senhor meu, essa cruz que ficou vazia. Ela não perdeu a sua virtude por nela se ter perdido aquele mau; Vós já a santificastes; está reservada para mim. Dai-ma, divino Cordeiro; crucificai-me nela ao vosso lado; consolai-vos na minha alma da perda desse obstinado.

Confesso, meu Deus, com o outro ladrão — meu companheiro, mais ditoso e bem-aventurado do que eu — que sois Rei do paraíso e que o podeis dar a quem quiserdes, e que não o negais a quem, com puro amor, se converte a Vós. Confesso que, onde estais, sois Deus e Filho do Eterno Pai, que me pode salvar. Confesso que tudo o que me mandardes padecer pelos meus pecados é muito menos do que mereço.

Vós, inocente Cordeiro, sois o que padece sem razão, pois nenhum mal fizestes, e encheis todas as almas de todos os bens que de Vós desejam, e sois um tesouro riquíssimo de glória e bem-aventurança. Mas eu, que não temi ofender a vossa bondade infinita e o vosso amor, justamente serei condenado.

Mas, Jesus e meu Salvador, lembrai-Vos de mim, pois ides para o Vosso Reino. Dai-me esse lugar ao Vosso lado, que está desocupado, para que eu tenha a esperança de que me levareis convosco para o Céu. Não queirais, Senhor, sentir mais compaixão por almas perdidas; ganhai esta, pois aqui me converto a Vós, nem me amais menos do que àqueles que tendes crucificados ao Vosso lado. Não Vos peço, Rei da glória, o paraíso para hoje, como dais a este meu companheiro, pois não o mereço; mas peço que, hoje, nesta hora, me coloqueis nessa cruz e nela me conserveis toda a vida, enquanto for da Vossa vontade, porque nela me ofereço inteiramente ao Vosso querer. Ó bom Jesus, se eu me visse nela, junto de Vós, pregado e preso pelo Vosso amor, pela Vossa graça e misericórdia, que nunca quisesse

dela sair! Bom Pastor e Senhor desta alma, Vós sabeis que nada está mais perto do paraíso do que a cruz; sabeis que ninguém tem mais seguros penhores da glória do que os crucificados; ninguém goza mais certamente da Vossa companhia e das influências da Vossa graça e amor do que quem está na cruz, sujeito e obediente a Vós.

Peço-Vos, Senhor meu, a cruz e a Vossa graça para estar ao Vosso lado, verdadeiro e suave paraíso das almas crucificadas; nela terei seguro o Vosso Reino; nela se consumirão totalmente os meus pecados; nela me assemelharei, de algum modo, convosco; nela me dareis o Vosso amor; nela Vos terei comigo estreitamente unido; nela viverei para Vós, morrerei para toda a vaidade da vida por Vós, e acabarei suavemente em Vós, reinando gloriosamente para sempre convosco.

Ó Mãe de Deus, advogada dos pecadores, que vistes com os vossos olhos estas misericórdias que o Senhor concedeu aos que erravam, e estas dores que, na sua alma, sofria pelos que se perdiam — Vós, que as compreendíeis melhor que ninguém, pois O amáveis mais do que todas as criaturas — vedes que este amor não terminou, mas permanece e permanecerá inteiro para sempre. Pois, Senhora minha, deste Senhor aprendestes a ter misericórdia dos pecadores; socorrei este que Vos chama. Alcançai-me este lugar daquele que estava perdido, com perseverança por toda a vida, e um lugar para sempre no Seu Reino.

Ó ladrão ditoso, que hoje vais ser cidadão do paraíso e tão íntimo deste Senhor, leva contigo toda a corte celestial e compadece-te deste pecador teu companheiro, que permanece desterrado. Ajuda-me a alcançar a cruz que te salvou, o amor que te renovou e a glória que te coroou. Amém.

TRABALHO XLVII

À vista das dores de sua sacratíssima Mãe.

A Santíssima Virgem, nossa Senhora, foi companheira tão fiel de todos os trabalhos de Cristo, nosso Redentor, e participou neles de tal modo, que não se pode falar dos sofrimentos do Filho sem recordar, de forma muito especial, o que a Mãe passou. Pois a causa das dores da Senhora foram as que via sofrer ao seu Filho unigénito; e não era para Ele pequeno tormento saber e ver o que Ela, por amor d'Ele, padecia.

E assim como Ela foi a mais perfeita imitadora das perfeitíssimas e heroicas virtudes deste Senhor, também na ordem das Suas dores e no modo de as suportar, Lhe foi muito semelhante em tudo o que podia e devia imitar. Desde que se tornou Mãe de Jesus Cristo, nosso Senhor, trouxe no coração a batalha de amor que também mantinha o seu Filho em perpétuo tormento: a dor pelo que havia de vê-Lo sofrer — que Ela bem sabia e muito receava — e a submissão à vontade de Deus, que o queria; juntamente com o ardentíssimo desejo de ver concluídos os mistérios da redenção do mundo, que Ela, como intercessora dos pecadores, mais do que tudo desejava. Assim, o amor pela salvação das almas levava-A a desejar o remédio; mas esse mesmo amor, como Mãe, fazia-A sofrer com os meios necessários para o alcançar, sabendo que haviam de custar tantos e tão imensos sofrimentos ao seu Deus e Filho.

Como não falhava a nenhuma obrigação, padecia na medida do seu amor, desejando a nossa salvação e submetendo-se inteiramente a toda a ordem divina.

Chegado o dia da Paixão do Senhor, creem os Santos, pela caridade e obediência com que Cristo sempre tratou a sua Santíssima Mãe, e pelo cuidado que tinha de socorrer todos os aflitos, que, antes de entrar nos sofrimentos, Se foi despedir da Virgem Santíssima. Nessa despedida, pedir-Lhe-ia licença, como à Senhora e Mãe, para ir cumprir a obediência ao seu Eterno Pai; e dir-Lhe-ia que também era vontade do Pai que Ela O acompanhasse ao pé da Cruz, O amortalhasse e O sepultasse. Aí Lhe daria

instruções sobre o que havia de fazer, onde deveria permanecer até à Sua ressurreição, e Lhe confiaria os discípulos e o cuidado de todos os fiéis, até chegar o momento de ser levada ao Paraíso.

Como o Senhor já muitas vezes Lhe teria falado sobre a ordem da Sua Santíssima Paixão, renovar-se-ia ali a lembrança de tudo e das horas a que cada coisa aconteceria, para que Ela O acompanhasse espiritualmente em tudo. E porque as dores, de parte a parte, nessa despedida, eram inimagináveis, penso que não se exprimiam por palavras as mágoas de um e de outro; mas os olhos e os corações compreendiam-se e comunicavam os sentimentos interiores. E, por outro lado, a perfeição do amor de ambos e a conformidade à vontade divina não permitiam, nos sentimentos naturais, qualquer imperfeição nem falha na obediência perfeita. Como o Senhor era Filho para sentir muito as dores da Mãe, e Deus para A fortalecer para tudo, consolou-A com palavras divinas, que Ela recebia e guardava no coração como humilíssima serva; e favorecia-A e animava-A interiormente com divinas influências de nova graça, fortaleza, excessos de amor e riquíssimos dons espirituais, para que pudesse suportar os imensos mares de sofrimentos que Lhe estavam preparados.

Está claro que, se fosse possível e conveniente, a Senhora trocaria com alegria, padecendo Ela pelos sofrimentos do seu santíssimo Filho; e quanto menos tormento Lhe custaria e com quanta satisfação daria a vida para Lhe poupar a Sua. Mas, como a ordem divina queria outra coisa, Ela ficou oferecendo o coração, e o Senhor foi entregar o corpo, para que cada um, na sua santidade, padecesse o que Deus mandava. A Senhora, na parte mais sensível — a alma — havia de sofrer todos os trabalhos do amado Filho, sem se lembrar dos seus próprios; e o Senhor, com a Sua humanidade, suportava todos os Seus e também os da Mãe, na medida das forças de cada um.

Assim Se despediu o Senhor e entrou no abismo sem fundo dos Seus tormentos e sofrimentos; e a Senhora ficou em contínua oração, acompanhando-O interiormente. De tal maneira que a Virgem começou este dia de grandes trabalhos com oração, lágrimas, agonias interiores e perfeita entrega à vontade divina, como Cristo começou no Horto, onde suou gotas de sangue. E nesse recolhimento permaneceu até ter notícia do que o seu

Filho unigénito passava e chegar a hora que Ele lhe tinha indicado para O acompanhar.

Na noite em que o Senhor foi preso, foi levado à casa de Caifás, onde, depois de os judeus se cansarem de zombar d'Ele, cada um se recolheu a sua casa, e o Senhor ficou preso na mesma casa até de manhã, por volta das duas horas, pouco mais ou menos.

Em tudo isto se achou São João Evangelista, que soube que o Senhor, no conselho dos judeus, fora condenado à morte, ficando decidido que, pela manhã, O levariam a Pilatos para confirmar a sentença de morte de cruz.

Escrevem os Santos que, nesse tempo, São João saiu também da casa de Caifás — talvez por ordem do Senhor ou por inspiração interior — e foi à casa de nossa Senhora dar-Lhe conta do que se passara e da decisão dos judeus. Os que escrevem sobre isto representam muitas lamentações que a Senhora e o discípulo diriam, ao contar e ouvir o que se passara até ali; pois tamanhas foram as dores, que tudo se pode imaginar, mas tudo o que se diz é muito menos do que realmente foi.

Penso, porém, que, acima de tudo, as lágrimas e os sentimentos do coração falavam mais do que a língua, pelo menos na Senhora; pois, na sua modéstia, não perdia a compostura nem proferia palavras desordenadas — apenas o coração padecia de modo que ninguém poderá imaginar.

Vendo a Senhora que era tempo de ir buscar e acompanhar o seu único Filho nos Seus sofrimentos, rompeu a manhã e Ela saiu de casa, imitando no silêncio o Cordeiro Jesus, como ovelha muda levada à morte, regando todo o caminho com as suas puríssimas lágrimas e elevando aos Céus ferventíssimos suspiros. Os devotos de nossa Senhora têm, daqui em diante, caminhos para A acompanhar com amor e compaixão das Suas dores, como os que o Senhor, nesse mesmo dia cheio de sofrimentos, percorreu pelos nossos pecados.

Levando os judeus o Senhor à casa de Pilatos e a Herodes, penso que, com a confusão e a multidão, a Senhora não pôde ter vista d'Ele até que, depois de açoitado e coroado de espinhos, Pilatos O mostrou ao povo. Mas Ela ouvia os gritos, o alvoroço e o tumulto de toda a cidade, as injúrias e

afrontas que Lhe faziam, as blasfémias proferidas contra Ele, os juízos tão falsos e distantes do que o Senhor merecia; e ia imaginando como o Cordeiro seguia entre aqueles cruéis lobos. Tudo isto Lhe custava imensas dores e muitas lágrimas.

Mas, como n'Ele tinha posto todo o seu amor, ainda que vê-Lo fosse o que mais A cortava e magoava, era também o que mais desejava; porque o amor tem estes extremos: sofre pior a ausência do que o trabalho que dá tê-lo presente, por grande que seja. Com estes desejos e receios, esperava a soberana Virgem a vista do seu Filho, quando Ele apareceu, aberto de chagas da cabeça aos pés, com o rosto inclinado, correndo por todo o corpo sangue dos espinhos que Lhe trespassavam a cabeça, com corda ao pescoço, mãos atadas, cetro de cana nelas, vestido de escárnio. Bem sabia que estava ali por amor de nós; e Ela cria que Ele entendia o seu coração, que ficou tão trespassado de dores como o corpo d'Ele de chagas e de gotas de sangue.

Ali ouviu as falsas testemunhas, viu-O ser trocado pelo ladrão e homicida Barrabás, ouviu os brados e gritos pedindo a Sua morte e o pregoeiro a anunciar a cruel sentença. Ali viu erguida a cruz em que O haviam de pregar e ser levado com ela às costas para o Calvário, e seguiu-O pelo rasto das Suas pegadas cheias de sangue, lavando aquelas ruas e estradas com tantas lágrimas como o Filho com gotas de sangue, e não menos carregada, na sua medida, da cruz das dores interiores que padecia, do que o Filho da cruz que levava aos ombros.

No monte Calvário, a Senhora sentou-se acompanhada das santas mulheres que seguiam o Senhor, e que não Lhe davam outra consolação senão as lamentações que faziam por Ele. E, calando, a exemplo do seu Cordeiro, padecia e suportava todos os seus dolorosos sentimentos.

A Senhora ouvia as pancadas dos martelos que pregavam o Senhor na Cruz, e que lhe quebrantavam o espírito. Sofria com imensa dor, aguardando vê-lo levantado na Cruz, e já, de antemão, sentindo todos os tormentos que o Senhor havia de padecer em cada membro e articulação, pois o amor que lhe tinha fazia-a pressentir tudo.

Estava enfraquecida pela vigília da noite anterior, com pouco alimento e mais jejum do que a natureza pedia para suportar tão grandes trabalhos.

Chorara muito ao ver o Senhor erguido na Cruz e pendendo dela com dores tão desumanas e cruéis, sem que ela pudesse socorrê-lo, nem o Senhor quisesse que ela o fizesse.

O sentimento que, nessa ocasião, a soberana Senhora experimentou foi tão excessivo que, segundo muitos devotos e doutos autores, foi necessário um especial auxílio da mão divina para que ela permanecesse, em tamanha aflição, sem perder a compostura, conservando-se firme ao pé da Cruz de seu Filho.

Embora a dolorosa vista lhe causasse pena imensa, não o abandonou. Permaneceu com Ele até à morte e, voltando a derramar rios de lágrimas dos seus puríssimos olhos, iniciou um novo martírio com a presença do Senhor crucificado.

Quando o povo lhe deu passagem, aproximou-se da Cruz com o amado discípulo e outros que a acompanhavam — ora de joelhos, ora prostrada, ora sentada, ora olhando para o seu Cordeiro, ora baixando os olhos. No íntimo da alma, exercia o ofício de intercessora pelos pecadores, oferecendo por eles ao Eterno Pai aquele Filho, o seu sangue e as suas dores, com ardentíssimo desejo da salvação de todos.

Temia vê-lo expirar e morrer, sofrendo com a duração de tormentos que sabia só terminarem com a morte. Desejava que o Eterno Pai abrandasse o rigor das dores que o Filho padecia, mas conformava-se com a sua vontade.

Olhavam-se a santíssima ovelha e o divino Cordeiro, compreendiam-se mutuamente e compadeciam-se um do sofrimento do outro. Tudo ali foi de tal ordem que se pode afirmar com certeza que, por mais que se alcance ou se sinta daquelas dores, ninguém pode chegar ao grau em que realmente foram sofridas, nem compreendê-las plenamente, a não ser aqueles dois puríssimos corações, que se amavam, se magoavam e se entendiam de forma perfeitíssima. Pois, sendo as dores proporcionais aos amores, quem está longe desse amor está longe de as compreender.

Por isso, não gastarei palavras a descrever os sofrimentos da Senhora, pois qualquer descrição fica muito aquém do que o coração pode alcançar. Deixo ao amor e ao desejo de servir e agradar-lhe o sentimento que é justo

que todos a acompanhem. Quem mais se aproximar, mais mercês receberá dela.

As dores desta sacratíssima Senhora cresciam e renovavam-se com tudo o que ia sucedendo: ao ouvir as palavras com que o Senhor declarou ao Eterno Pai o desamparo em que se encontrava; ao vê-lo beber vinagre; ao vê-lo expirar na Cruz; ao recebê-lo nos braços depois de o tirarem dela; ao envolvê-lo no lençol; ao sepultá-lo; e, por fim, com a saudade que a acompanhou ao recolher-se em casa para esperar a ressurreição — parecendo-lhe anos aqueles três dias.

Nos verdadeiros e perfeitos imitadores de Cristo Nosso Senhor, que chegaram ao estado de puro amor de Deus e do próximo, vemos um grande efeito dessa mesma caridade: sofrem com gosto os seus próprios trabalhos por amor de Deus, mas sentem muito mais pelos trabalhos alheios — ao ponto de lhes ser mais fácil suportá-los em si mesmos do que vê-los nos outros.

Cristo Nosso Senhor teve isto mais do que todos, como claramente mostrou por muitos exemplos em toda a sua vida. Em particular, no dia da sua Paixão, sabendo que estava vendido por Judas, sentia mais a dor da sua perdição — lamentando que lhe fora melhor nunca ter nascido, visto que se perderia — do que os trabalhos que, por sua traição, teria de suportar. Às mulheres que choravam enquanto Ele levava a Cruz, mostrou claramente, por palavras, que mais lhe doíam os sofrimentos que elas e toda a cidade haviam de passar do que aquilo que Ele próprio padecia.

Levantado na Cruz, como que esquecido dos tormentos em que estava, mostrou preocupar-se muito mais com as necessidades dos pecadores do que com as suas próprias dores, procurando-lhes logo o perdão. Vemos, assim, que o amor que o Senhor tem pelas suas criaturas torna-lhe presentes e próprios os seus sofrimentos, de tal modo que, no meio dos que Ele próprio padecia, mostrava sentir mais os dos outros.

Sendo isto assim, não há dúvida de que um dos grandes trabalhos que o Senhor teve na Cruz — e que mais lhe causava pena do que as suas próprias dores corporais — foi ver a imensa aflição e o imenso sofrimento em que a sua santíssima Mãe, nossa Senhora, estava ao pé da Cruz, bem como tudo o

que padecera naquele dia e o que ainda tinha por padecer até à sua Ressurreição.

Ela era a criatura que Ele mais amava, e a que mais lhe era aceite de todas as do Céu e da Terra; e ela amava-o mais do que todas. Era sua Mãe, e a melhor de todas as mães; companheira fidelíssima na sua peregrinação e trabalhos; inocente e puríssima, sem merecer, por culpa própria, o grande sofrimento que padecia.

Era tal o sofrimento que nenhuma pessoa humana, nascida ou por nascer, poderia experimentar igual. Pois tal mãe, vendo diante de si tal Filho, tão injustamente atormentado, mergulhado em tão profundos mares de dores, sem lhe poder valer, carregava uma cruz tão grande e tão pesada que só para ela estava reservada. E bem se viu que, pela medida das suas heroicas virtudes e graças, lhe foi imposta a cruz e o tormento; e nem lhe valeu ser puríssima e mãe para deixar de passar por tão grandes cruzes.

Mas, assim como o Senhor, por honra de sua Mãe, não permitiu que criatura alguma, nem mesmo os ímpios que o crucificavam, ousasse afrontá-la ou ofendê-la, também quis que apenas Ele, seu Filho, e o amor de mãe que ela tinha, fossem os algozes do seu coração no fim da vida — sendo que, no princípio dela, tinham sido ministros dos soberanos prazeres que conhecera.

O que o Senhor crucificado via, penetrando o coração da sua santíssima Mãe — as suas lágrimas desconsoladas, o desamparo em que se encontrava e em que ficaria sem Ele — e que, segundo a ordem divina, não tinha outro remédio senão suportar, foi para o seu brandíssimo e suavíssimo coração um novo género de tormento e martírio.

O Padre Eterno ordenou que, ao pé da Cruz, estivesse o seu Filho unigénito, para que nada lhe faltasse de tudo o que humanamente pode causar grande dor, tornando-lhe os tormentos mais pesados. Assim, pensam alguns — e com muita razão — que, quando o Senhor viu a sua santíssima Mãe e lhe falou da Cruz, não quis chamá-la de “mãe” para não a magoar ainda mais nem magoar-se a si mesmo.

Não lhe disse outra coisa senão mostrar que não se esquecia dela e acudir, como então podia, ao desamparo em que a via, dando-lhe o discípulo mais querido por filho, para a acompanhar e servir, pedindo-lhe que o recebesse nessa condição: «Mulher, eis o teu filho.» E ao discípulo disse: «Eis a tua Mãe.»

E como São João, ao pé da Cruz, representava a figura de todos os pecadores amados, quis o Senhor que todos ficassem obrigados a servir esta Senhora e a enxugar-lhe as lágrimas. O santo discípulo, logo, se deu por comprometido a servi-la enquanto vivesse — como de facto fez — e teve-a por seu amparo, Senhora e Mãe, considerando-a a melhor herança que podia receber do seu amantíssimo Mestre na terra.

A Senhora recebeu alguma consolação ao ouvir a voz do seu único Filho, pois percebia que, com aquela troca, não o perdia como Senhor e Filho; e, na derradeira hora, qualquer lembrança e palavra dos filhos ou de verdadeiros amigos é grande consolação.

Mas, como aqueles dois puríssimos corações se entendiam perfeitamente, a Senhora aceitou São João como filho e, nele, a todos os pecadores — pois via bem que essa era a intenção de Nosso Senhor. E como por amor deles morria, e os seus pecados lhe tinham causado a morte, quis, na derradeira hora, tirar-lhes toda a desconfiança que pudesse restar, entregando-os ao cuidado da pessoa que mais estimava e que mais intimamente com Ele estava unida, para que, ao seu amparo, todos confiássemos ser por Ele recebidos.

E do amor que esta Senhora tem pelos pecadores ninguém pode duvidar, pois que, no parto espiritual deles, ao pé da Cruz, teve as imensas dores que lhe faltaram no parto virginal do seu unigénito Filho e Deus.

Vemos, assim, que todos os mares de dores da Mãe e de tormentos do Filho acabam, por fim, em mercês e riquezas para os pecadores. E, em suma, tudo nos obriga a fixar os olhos nestes dois puríssimos espíritos e a empregar toda a nossa vida em seu serviço, pondo todo o cuidado em imitar-lhes os passos — pois mal pode esperar o servo ser aceite se seguir caminhos diferentes dos que vê tomar a Senhora e o Senhor.

Como estava enfraquecida pela vigília da noite anterior, com menos alimento e mais jejum do que a natureza requeria para suportar tamanhos sofrimentos, e tendo chorado muito ao vê-lo levantado na cruz e preso a dores tão desumanas e cruéis, sem poder — nem o Senhor querer — que ela lhe prestasse auxílio, a aflição que a soberana Senhora padeceu foi tão excessiva que, segundo muitos devotos e doutos autores, foi necessário um socorro especial da mão divina para que permanecesse em tão grande tormento sem dar qualquer sinal de descontrolo ou perder a compostura. Assim, permaneceu firme ao pé da cruz do seu Filho; e embora a vista dele lhe causasse imensa pena, não o abandonou, antes esteve junto dele até à morte. Quando as lágrimas voltaram a correr dos seus puríssimos olhos, começou para ela um novo martírio, sofrendo com a presença e visão do Senhor crucificado.

Quando a multidão deu espaço, Nossa Senhora aproximou-se da cruz, acompanhada pelo discípulo amado e outros que estavam com ela; ora de joelhos, ora prostrada, ora sentada, ora fixando os olhos no seu Cordeiro, ora baixando-os. No íntimo da alma, fazia o ofício de medianeira pelos pecadores, oferecendo por eles ao Eterno Pai aquele Filho, o seu sangue, as suas dores, com ardentíssimo desejo da salvação de todos. Receava vê-lo expirar e morrer, e sofria ao perceber que os seus tormentos só acabariam com a morte. Desejava que o Eterno Pai abrandasse o rigor das dores que o Filho padecia, mas conformava-se com o que Ele ordenava. O divino Cordeiro e a sua puríssima ovelha olhavam-se, entendiam-se e sofriam juntos.

E tal foi a intensidade de tudo naquele momento, que seguramente se pode afirmar que, por mais que se alcance ou se sinta daquelas dores, ninguém chega ao grau em que elas realmente se encontravam — só aqueles dois puríssimos corações, que se amavam e compreendiam perfeitamente, poderiam entendê-las. Porque, sendo as dores proporcionais ao amor, quem está distante desse amor também fica longe de compreender tais sofrimentos. Por isso, não gastarei palavras a exagerar os trabalhos da Senhora, pois seriam sempre muito menores do que o coração pode alcançar. Deixo o sentir que é justo que todos acompanhem, ao amor que cada um lhe tiver e ao desejo de a servir e agradar; pois quem mais se aproximar dela, mais graças receberá.

As dores desta sacratíssima Senhora cresciam e renovavam-se com tudo o que de novo acontecia: ao ouvir as palavras em que o Senhor declarou ao Eterno Pai o abandono em que se encontrava; ao vê-lo beber o vinagre; ao vê-lo expirar na cruz; ao recebê-lo nos braços depois de deposto; ao amortalhá-lo; ao encerrá-lo no sepulcro; e ao recolher-se a casa, tomada de saudade, para esperar a sua ressurreição — e parecerem-lhe como anos aqueles longos três dias .

Nos verdadeiros e perfeitos imitadores de Cristo Nosso Senhor, que chegaram ao estado de puro amor a Deus e ao próximo, vemos um grande efeito dessa mesma caridade: sofrerem, por amor de Deus, os próprios trabalhos com alegria e sentirem muito mais pena pelos sofrimentos alheios, ao ponto de preferirem tomá-los sobre si do que vê-los em outrem.

Muito mais do que todos, teve isto Cristo Nosso Senhor, e mostrou-o claramente por muitos exemplos ao longo de toda a sua vida. Especialmente no dia da sua Paixão, sabendo-se vendido por Judas, sentia-se mais penalizado pela perdição do traidor e pelo facto de lhe ter sido melhor não ter nascido do que pelos sofrimentos que a traição lhe causaria. Às mulheres que choravam ao segui-lo com a cruz às costas, mostrou claramente que lhe doíam mais os trabalhos que elas e toda a cidade teriam de passar do que os que Ele mesmo estava a sofrer. Levantado na cruz, como que esquecendo os tormentos que suportava, mostrou maior cuidado pelas necessidades dos pecadores do que pelas suas próprias dores, procurando-lhes logo o perdão. Vê-se, assim, que o amor do Senhor pelas suas criaturas lhe torna presentes e quase seus os sofrimentos alheios, de tal forma que, no meio dos seus próprios padecimentos, sente mais os dos outros.

Sendo isto verdade, não há dúvida de que um dos maiores sofrimentos que o Senhor teve na cruz — e que lhe causava mais dor do que as próprias penas corporais — foi ver a imensa aflição e o profundo tormento em que estava a sua sacratíssima Mãe, junto ao pé da cruz, e tudo o que padecera naquele dia e teria ainda de padecer até à ressurreição. Pois era a criatura que Ele mais amava, a mais aceite por Ele entre todas as do céu e da terra; e amava-O mais do que todas as outras. Era mãe, e a melhor de todas as mães; companheira fidelíssima na sua peregrinação e trabalhos; inocente e puríssima, sem merecer, por culpa própria, sofrimento tão grande. E tal

sofrimento era de tal ordem que nenhuma pessoa humana jamais passaria por igual. Porque uma mãe ver diante dos seus olhos tal filho, injustamente atormentado e mergulhado em abismos de dores, sem lhe poder valer, é cruz tão grande e pesada que só para ela foi guardada. Bem se viu que, pela medida das suas heroicas virtudes e graças, lhe foi dada essa cruz e tormento; e nem lhe valeu ser puríssima e mãe para deixar de passar por tais cruzes. Antes, como o Senhor, para guardar a honra que devia à sua Mãe, não permitiu que nenhuma criatura, nem mesmo os malvados que o crucificavam, se atrevesse a insultá-la ou afligi-la, foi Ele próprio, como Filho amado, e o amor de mãe que ela lhe tinha, que se tornaram algozes do seu coração no fim da vida, tal como no início lhe tinham sido ministros dos mais sublimes prazeres.

Aquilo que o Senhor crucificado via e penetrava no coração da sua sacratíssima Mãe — as lágrimas desconsoladas, o abandono em que estava e em que ficaria sem Ele, sem que houvesse remédio segundo a ordem divina senão passar por tudo — foi para o seu brandíssimo e suavíssimo coração um novo género de tormento e martírio. O Padre Eterno quis que, ao pé da cruz, o seu Filho unigénito tivesse este sofrimento, para que nada lhe faltasse de tudo o que humanamente mais pode afligir e tornar mais pesados os tormentos. Alguns pensam, e com razão, que quando o Senhor viu assim a sua sacratíssima Mãe e lhe falou da cruz, não a quis chamar de "mãe" para não magoar ainda mais o seu coração, nem magoar-se a si mesmo. Limitou-se a mostrar que não se esquecia dela e a acudir, como então podia, ao desamparo em que a via, dando-lhe por filho o discípulo mais querido, para que a acompanhasse e servisse, pedindo-lhe que o tivesse como tal, dizendo: «Mulher, eis o teu filho.» E ao discípulo: «Eis a tua mãe.»

E como São João, ao pé da cruz do Senhor, representava a figura de todos os pecadores amados, quis o Senhor que todos ficassem obrigados a servir esta Senhora e a enxugar-lhe as lágrimas. O santo discípulo logo se deu, enquanto ela vivesse, ao seu serviço (como fez), tendo-a por amparo, senhora e mãe, e servindo-a como a melhor herança que poderia receber do seu amadíssimo Mestre na terra.

Nossa Senhora recebeu com a voz do seu único Filho uma consolação não pequena, pois via que, com aquela entrega, não o perdia como Senhor e Filho; e na hora derradeira, qualquer lembrança e palavra de um filho ou de um verdadeiro amigo consola. Mas como aqueles dois puríssimos corações se entendiam muito bem, a Senhora aceitou São João como filho, e nele a todos os pecadores, pois via que essa era a intenção do Senhor. Como morria por amor deles, e os seus pecados lhe tinham causado a morte, quis, na última hora, tirar-lhes toda a desconfiança que pudessem ter pelo sofrimento que lhe tinham causado, entregando-os à criatura que mais estimava e que maior entrada tinha junto d'Ele, para que, ao seu amparo, todos confiássemos ser por Ele recebidos.

A Senhora não recebeu apenas uma pequena consolação ao ouvir a voz do seu único Filho, porque bem via que com essa entrega não o perdia nem como Senhor nem como Filho. E, na última hora, qualquer lembrança e palavra dos filhos e dos verdadeiros amigos traz sempre grande consolo. Mas, como aqueles dois puríssimos corações se entendiam perfeitamente, a Senhora aceitou São João como filho, e nele aceitou todos os pecadores, porque percebeu bem que essa era a intenção de Nosso Senhor.

E como Ele morria por amor deles, e os seus pecados lhe tinham causado a morte, quis, na última hora, tirar-lhes toda a desconfiança que poderia ficar pelo peso que os seus pecados lhe tinham dado, entregando-os àquele que mais estimava e que tinha maior intimidade com Ele, para que todos confiássemos ser recebidos ao seu amparo.

E do amor que esta Senhora tem aos pecadores ninguém pode duvidar, pois que, no parto espiritual deles, aos pés da Cruz, sofreu as imensas dores que lhe faltaram no parto virginal do seu Filho unigénito e Deus.

Assim vemos claramente que todos os mares de dores da Mãe e todos os tormentos do Filho acabam, por fim, em graças e riquezas para os pecadores. E, enfim, tudo nos obriga a fixar os olhos nestes dois puríssimos espíritos e a empregar toda a vida no seu serviço, cuidando em imitar os seus passos. Porque mal pode esperar ser aceite o servo que segue caminhos diferentes dos que vê levarem a Senhora e o Senhor.

Exercício das dores da Virgem sacratissima, e das que o Filho padecia ao ver as que passava a Mãe.

Bom Jesus, inocente Cordeiro, tão atormentado em todos os sentidos nessa Cruz, e vendo igualmente atormentado o coração dessa puríssima e santíssima Mãe, vossa serva, ensinai-me a acompanhar-vos e a partilhar dos vossos sofrimentos e dos dela.

Oh, que dois corações tão puros, tão limpos, tão cheios de graça e de belezas interiores, tão abrasados em puro amor, tão carregados de trabalhos, tão unidos um ao outro e tão angustiados um pelo outro! A Virgem Santíssima sentia, como mãe e fidelíssima amiga, os imensos sofrimentos do Filho, divino Cordeiro; e o obedientíssimo Filho sentia, como amigo verdadeiro e leal companheiro, as incomparáveis dores da Mãe. A puríssima ovelha e o inocentíssimo cordeiro chamam-se mutuamente, choram um pelo outro, padecem um pelo outro, e cada um sente os sofrimentos do outro sem qualquer consolação; e quanto maior e mais puro é o amor, tanto mais imensas são as dores e sentimentos.

Ó coração duro, como não te derretes em dor e lágrimas, vendo que foste tu a dar causa a dores tão imensas da Virgem e do Cordeiro Jesus? Que fez esta Senhora para passar por tantos sofrimentos? Que fez este Senhor para padecer tantas aflições de todos os lados? Mau e perverso pecador, os teus desgraçados pecados são os algozes destes santíssimos e puríssimos corações. Perdoai-me, corações puríssimos, e tomai-me para Vós; fazei de mim o que mereço. E, já que todas as criaturas vos obedecem, ordenai a todas que se vinguem de mim. Passai para mim essas dores e penas, pois, sendo eu causa delas, quero ajudar a chorar e a sentir o que vos faço padecer. Amor da minha alma, Jesus, e Virgem, minha esperança, que tanto vos assemelhais no amor que tendes aos pecadores: tirai-me o gosto da vida, pois sou vosso, e, já que passais tormentos, não permitais que eu acabe a vida sem eles. Sendo eu vosso servo e da vossa casa, ainda que indigno, não permitais que eu tenha outro gosto de vida senão o que Vós gostais, e que traga sempre na minha alma as vossas dores, para que convosco padeça, convosco sinta, convosco ame e convosco empregue toda a minha vida ao vosso serviço.

Ó Virgem Santíssima, como se mudaram todos os vossos prazeres em sofrimentos! Se tivésseis tido prazeres mundanos, bem se entenderia que viessem tais mudanças; mas Vós, Rainha dos Anjos, nunca tivestes gosto senão em coisas divinas. Deus possuía o vosso coração e levava-o todo para Si: só Ele e tudo o que Dele procedia, e a Ele vos conduzia, vos davam gosto. Tínheis alegria em vos ver Mãe, cheia de Deus; em vê-lo nascido e adorado por Anjos, Pastores e Reis; em tê-lo ao vosso peito, sustentado pelo vosso puríssimo leite, servido pelos vossos braços imaculados; em oferecê-lo no Templo; em vê-lo reconhecido pelo justo Simeão e por Ana. Durante os trinta anos em que o tratastes, os vossos gostos eram divinos, puramente espirituais e interiores, provenientes do que Ele vos comunicava de Si, dos júbilos, dos êxtases e arroubamentos, nos quais a vossa puríssima alma, inflamada pelo vosso Filho e Senhor, era elevada, unida e transformada n'Ele. Recebestes mais que todas as criaturas, porque O amáveis com amor puríssimo mais que todas elas.

Pois, Senhora minha, que havia nesses tão puros e fiéis gostos e tão interiores prazeres que pudesse mudar-se em dores? Não estava o vosso amor bem provado? Necessitava ainda de ser exercitado pela dor? Também vos atingiu a miséria e o tributo dos filhos decaídos de Eva, embora não tivésseis os seus pecados? Também para Vós este desterro não podia deixar de ser terra de trabalhos e vale de lágrimas? Ó miserável pecador, como ousas querer momentos de prazer na vida, se os teus gostos são tão condenáveis, quando vês isto na Rainha dos Anjos? Envergonha-te, miserável, e confunde-te diante deste Senhor e desta Senhora pelo tempo da vida que gastaste em tantas desordens, e pela má vontade com que sofres qualquer sofrimento, sempre pronto a queixar-te e a fugir dele. O Filho Jesus morre penando, como vês; a puríssima Virgem, Mãe, não escapa às dores que padece; e tu, pecador perverso, queres consolações e prazeres?

Todo o tempo, Senhora dos Anjos, que vivestes na companhia deste Senhor, foi vivido na espera destas dores que Simeão vos profetizou; e viram os vossos olhos todos os vossos divinos contentamentos mudados em tão grandes dores, que pareciam fazer esquecer os sagrados prazeres passados. Pela medida do vosso amor foi a grandeza do vosso tormento e dor. O Senhor despediu-se de Vós para ir padecer, mostrando que era sua vontade que O acompanhásseis ao pé da Cruz, e já então ficastes

trespassada de dor. Chamou-vos São João, pois chegara o tempo de padecer o Cordeiro, e saístes regando as ruas de Jerusalém com lágrimas. Encontrastes o vosso único Filho e Deus entre lobos que lhe pediam a morte, e vistes que já não era adorado por Reis nem Anjos, nem servido pelos vossos braços puríssimos, mas mostrado ao povo como falso rei, blasfemado, desonrado, condenado à morte, carregado com a sua Cruz e levado ao Calvário, convosco atrás dele, cheia de dores imensas e lágrimas sem conta.

Ouvistes as marteladas quando o pregavam na Cruz, atravessando-vos a alma. Estáveis cheia de tormentos e aflições, esperando aquela triste hora em que o havíeis de ver crucificado; e, quando o levantaram com grande gritaria e estrondo, de modo que vos apareceu acima da multidão, todo o vosso ser se apertou, o sangue gelou, e, não podendo suportar a dor, ficastes trespassada e desfalecida, até que, voltando a Vós, vos cobristes de lágrimas e passastes aquelas horas ao pé da Cruz, vendo os imensos trabalhos, os cruelíssimos tormentos, as injúrias e afrontas que sofria o vosso amor; até que o vistes expirar. Então, separado de Vós pela morte, foi colocado morto nos vossos braços; Vós o amortalhastes e o pusestes na sepultura, prestando-lhe os últimos ofícios, como no nascimento lhe prestastes os primeiros serviços, como leal companheira e serva que fostes, desde antes de nascer até depois de morto. Tudo isso, entre mares de trabalhos, ondas de dores, apertos de aflições, desamparos e desconsolos da vossa santíssima alma, como ninguém pode imaginar. Em tudo o vosso amor ardia e vos atormentava; a fé não diminuía; a obediência, que entregara o vosso coração a Deus, não contradizia. Tudo vos magoava, tudo vos afligia, tudo vos desconsolava, tudo vos trespassava de dores sem nenhum alívio. Ó Virgem Santíssima, quem pudesse sentir o que nessa alma padecestes!

Nela havia tantas dores quantas padecia o vosso santíssimo Filho, quantas chagas O abriam e quantas blasfémias O desonravam. E como muito amáveis, muito sentíeis e muito penáveis. Nem coração com menos amor que o vosso poderia jamais sentir plenamente o que então padecestes.

Quando os vossos leais servos e amigos, Rainha do Céu, contemplam estas coisas, todos se desfazem em lágrimas e dor por verem os vossos divinos prazeres mudados em tão cruéis sofrimentos e a vossa puríssima

inocência sujeita a trabalhos tão desumanos; e, se pudessem desfazer-se e consumir-se todos para vos tirar, aliviar e consolar, fá-lo-iam. Que sentiria, pois, o coração daquele inocentíssimo Cordeiro, único Filho de Deus e vosso, que via e penetrava inteiramente as dores que passáveis? Ele, que sempre vos possuiu e foi possuído pelo vosso amor, que trinta anos vos serviu, acompanhou e obedeceu; que via que não merecíeis as penas que sofríeis; que via o desamparo em que a sua morte vos deixaria; que via as saudades que a sua ausência havia de causar no vosso coração; e que nem Vós lhe faláveis, nem Ele vos falava, porque palavras não podiam abrandar tais dores. E, acima de tudo, via que era forçoso passá-las, pois Ele não havia de deixar de obedecer, morrendo e sofrendo, nem Vós de padecer, vendo e amando como amáveis.

Ó Pai Eterno e Deus de toda a consolação, que dois corações aqui tendes crucificados! Como não socorreis ao vosso único Filho e à vossa santíssima esposa e humilíssima serva? Como quebrastes para com eles a lei que mandastes, de que, no mesmo dia, não fosse sacrificado no vosso altar o cordeiro e a mãe ovelha? E eis que, num só dia, numa só hora, numa só Cruz, com os mesmos cravos tendes pregado o Filho santíssimo e o coração da inocentíssima Mãe!

Lembrar-vos-íeis, porventura, mais das ovelhas brutas, que não queriam ser sacrificadas no dia em que sentiam a falta dos seus cordeiros, do que da puríssima Virgem, tão atormentada pelas dores e pela morte do seu divino Cordeiro? E quisestes que não tivesse ela outro atormentador senão o amor do seu único Filho, e que a Ele não faltasse, entre tamanhos mares de dores, a vista dos trabalhos da sua Mãe santíssima, que ainda mais o acabavam de magoar e afligir?

Bendito, louvado e glorificado seja, Senhor, o vosso amor com que amais os pecadores. Adoro-vos e dou-vos infinitas graças por todas as obras do vosso infinito amor. Ó Filho de Deus vivo, luz divina da minha alma, pelo vosso infinito amor com que me amais, peço-vos que acabeis de iluminar por inteiro esta alma nestas verdades tão puras, tirando-lhe do coração o desejo de consolações nesta vida e imprimindo nele puro amor por vós e desejo de padecer por vós.

Já que a vós todas as vossas grandezas vos trouxeram tormento, até mesmo a vossa sacratíssima Mãe, e a ela vós lhe destes mares de tribulações, que cegueira é a minha, ao pensar que vos hei de agradar por outro caminho? Amor meu, sabedoria minha, até quando andarei cego e errado? Até quando vos fugirei? Até quando este homem terreno não se renderá àquilo que tão claramente vejo em vós? Para que quero a vida, se não for gasta e acabada por vós, como vejo a da sacratíssima Virgem gasta por vós em dor, e a vossa acabar-se na Cruz por mim?

Que maior desengano quero dos meus erros que este? Ó esperança minha, chegue já a mim esta luz, chegue já a força deste amor, cheguem as mudanças que faz nos corações que se lhe rendem. Aqui me submeto, ofereço e entrego todo; fazei vós, Senhor, que seja de inteiro e puro coração. Imprimi em mim as vossas dores, dai-me em que as imite, tirai-me o gosto de tudo e dai-me apenas o de vos amar muito e padecer muito por vós.

Deus do meu coração e Senhor da minha alma, adoro-vos e dou-vos infinitas graças porque até estas dores, que vêm dos trabalhos da vossa sacratíssima Mãe, empregais em meu proveito, e ma dais por Senhora e Mãe. Mostrais que me estimais tanto que quereis que ela me tenha, em vosso lugar, por filho, e que, como a esse, me ampare, favoreça, ajude, tenha misericórdia de mim e se compadeça das minhas necessidades. Não encontrastes, Redentor meu, outra consolação para a vossa sacratíssima Mãe senão dar-lhe por filhos homens maus e pecadores? Bendito e louvado sejais, que não quisestes deixar nada de fora, mas que tudo se empregasse no meu remédio.

Pois, piedoso remediador meu, entre tantos remédios não fique eu sem o meu. Tomai-me todo em vós e fazei-me digno servo vosso e desta puríssima Senhora.

Ó Mãe de Deus sacratíssima, lembrai-vos que as dores que não tivestes no parto virginal do vosso unigénito Filho se vos redobraram aos pés da Cruz, no parto espiritual dos pecadores, quando os tomastes por filhos. Já que tão caro vos custei, tomai-me por vosso servo, amparai-me e guardai-me. Merecei para mim ser ouvido por este Senhor, possuído e abraçado por Ele, e transformado todo no seu serviço e na sua vontade inteiramente.

Fazei comigo, sacratíssima Virgem, o ofício de mãe, intercedendo por mim para que não se perca este vosso indigno e miserável filho.

Ó cidadãos celestiais, frutos das entranhas espirituais e do amor desta puríssima Senhora, inclinai-a a favorecer-me e ao seu único Filho a tirar-me das minhas misérias e a transformar-me em perfeito servo seu. Amém.

TRABALHO XLVIII

Desamparo que Cristo teve na Cruz.

Remédio e grande alívio costumam encontrar todos os que sofrem, quando, no meio das suas aflições, se vêem acompanhados por amigos que os ajudem a suportar, ou por coisas que possam distrair a imaginação e afastá-la dos trabalhos presentes. Mas ver-se alguém atribulado de todos os lados, cercado apenas por coisas que lhe aumentam a dor, sem poder pousar os olhos em nada que lhe traga alívio, e sentir-se privado de todo o conforto, é algo que não só torna os sofrimentos muito maiores e mais difíceis de suportar, como, com razão, se pode considerar o principal de todos os trabalhos e a fonte de todos os outros.

Por isso, o nosso Senhor costuma provar os seus com este género de sofrimento, tão contrário à natureza e aos gostos da vida. Quando quer encaminhar as almas que O procuram com verdadeira determinação da vontade e dispor-se a conceder-lhes muitas graças interiores e comunicar-lhes muito de Si, primeiro dá-lhes a cruz das tentações e outros trabalhos, conforme a capacidade de cada um, para que com eles comecem a perder o apego às coisas terrenas e a exercitar-se na imitação do divino Mestre, Cristo nosso Senhor. E, à medida que começam a submeter-se à obediência de Deus e a aceitar as cruzes que Ele lhes dá, retira-lhes toda a consolação que poderiam receber das criaturas, para que O busquem só n'Ele, e para que as criaturas não lhes roubem parte do amor da alma pela consolação que nelas encontrariam.

Depois de se desapegarem das criaturas e de renunciarem com amor divino a tudo o que delas podiam esperar, querendo ser guiados e consolados só por Deus, e lançando-se de coração nos Seus braços, o Senhor costuma então esconder-lhes o Seu favor, dando-o de forma que eles não o reconheçam, ocultando-lhes as Suas consolações e deixando-os num desamparo interior tal que nem nas criaturas, nem n'Ele, encontrem de que se valer para se consolarem. Faz isto para purificar perfeitamente o Seu amor neles, para que não O procurem nem amem pelas graças que esperam receber, mas por quem Ele é, e pelo que merece. E assim permaneçam com

puro amor por Ele, contentes tanto quando Ele os trata com desamparo como quando os trata com favor, e igualmente satisfeitos com Deus quando Ele aflige a Sua criatura ou quando a consola, sem querer nem impor qualquer lei ou limite à vontade divina e providência que os governa, senão o que Ele livremente quiser.

Este é o estado perfeitíssimo dos que amam e servem a Deus de forma perfeita — estado que muitos não entendem, poucos desejam e pouquíssimos alcançam. No entanto, todos os que procuram a Deus de coração, ainda que não cheguem a esta perfeição, são, de uma forma ou de outra, provados por este caminho e passam por ele segundo o que cada um pode sofrer e aproveitar com a graça recebida.

Os que passam por esta prova de desamparo, tanto de Deus como das criaturas, e nisto permanecem fiéis a Ele, compreendem por experiência que este sofrimento supera todos os trabalhos corporais, e que seria muito mais fácil sofrer todos os martírios por Deus do que suportar este martírio espiritual — tanto por ser muito mais prolongado, como por ter as ajudas e consolações espirituais muito mais ocultas do que nos martírios corporais, os quais são sempre acompanhados de auxílios espirituais sensíveis, que tornam doces os tormentos e a morte. Nestes casos, Deus acode de modo mais palpável (se assim se pode dizer), tanto para que a intensidade das dores corporais e o medo da morte não derrubem a fé e o amor, como porque o amor dos Santos Mártires já não precisa de ser provado — pois dar a vida e tudo por Deus é a maior prova de amor.

Os experimentados neste género de trabalhos entenderão melhor do que ninguém quanto devemos a Cristo nosso Senhor, verdadeiro e único consolador de todos, por ter querido, entre tantos e tão imensos sofrimentos da Sua Paixão, que não Lhe faltasse este: ver-Se de todas as partes desamparado de tudo o que Lhe pudesse dar algum alívio ou consolação. O Senhor não só quis padecer tormentos tão cruéis que não se possam encontrar outros iguais ou maiores, mas também ordenou que as circunstâncias que os acompanhavam fossem tão rigorosas e ásperas, que parecessem ou fossem mais penosas do que os tormentos principais.

Tal foi este desamparo, se o olharmos bem de todos os lados: – Da parte das criaturas humanas, não só Lhe faltou todo o conforto, mas todas Lhe

aumentavam o tormento. Os amigos e companheiros — os Seus Apóstolos — abandonaram-n'O; um vendeu-O, outro negou-O e outro, ao pé da Cruz, aumentava-Lhe a mágoa. A Sua Santíssima Mãe e a companhia que com ela estava redobravam-Lhe a dor com a grande pena e aflição que sofriam diante dos Seus olhos, sem que o divino conselho permitisse que fossem então consolados ou ajudados. Não houve pessoa alguma, dentre todas as que Ele curou e ensinou, que ali aparecesse para estar ao Seu lado, ou que ao menos dissesse uma palavra para condenar o que Lhe faziam tão injustamente.

– Da parte dos inimigos, recebia imensas aflições, dores gravíssimas, tormentos cruéis, injúrias e escárnios desmedidos. Mostravam tal desumanidade para com Ele que, para Lhe fazer mal, perderam a compaixão natural, chegando a inventar novas formas de atormentá-l'O por dentro, dando-Lhe a beber vinho com fel e mirra, e vinagre; e, depois de morto, atravessaram-Lhe o lado com uma lança. Tiraram-Lhe as vestes e sortearam-nas. E tudo faziam com tanta alegria e satisfação como se Ele fosse um flagelo para o povo e a Sua morte um livramento.

– Não Lhe guardaram justiça, nem razão, nem compaixão, nem reconhecimento, nem respeito, como se fosse a mais baixa criatura do mundo. Assim, de toda a parte, viu-se atribulado e desamparado de toda a consolação; e daqueles a quem mais amava, e por cujo bem morria, recebeu perseguição e tormento.

– Da parte dos Anjos, não foi visitado no meio de tamanhos mares de desamparo, como o fora no Horto.

– Da parte das criaturas irracionais, incapazes de consolar, também Lhe faltou o que humanamente poderia servir de alívio. A dureza da Cruz, dos cravos e dos espinhos consumia-Lhe as forças e a vida; a luz do sol escondeu-se; e ficou de tudo tão pobre que nem um vestido, nem mortalha, nem sepultura própria teve. E para a Sua sede faltou até um pouco de água fria (que a nenhuma criatura falta), recebendo em seu lugar vinagre, como que para tornar a cena ainda mais desumana e dolorosa.

– Da parte do Seu eterno Pai — verdadeiro refrigério dos cansados — e do Espírito Santo — cujo próprio nome e ofício é ser perfeitíssimo e divino

consolador — foi também, nas horas em que esteve na Cruz, desamparado. Porque, chegada a hora de satisfazer pelos nossos pecados com todo o rigor da justiça, a que o Redentor Se obrigara, estava determinado no eterno conselho que, em tudo aquilo em que pecámos, Ele sofresse por nós. E assim, o Pai eterno não quis dispensar, naquele momento, nenhuma das penas que o Seu Filho eterno aceitara padecer. Por isso, entregou-O e deixou-O nas mãos dos Seus inimigos e algozes, como se não fosse Seu Filho, mas o próprio culpado; soltou, naquela hora, as rédeas ao poder das trevas para que n'Ele executasse quanto quisesse, com toda a fúria e malícia.

Além disso, interiormente, na parte mais íntima da alma, onde a Sua humanidade podia sofrer, privou-O de toda a consolação sensível e deixou-O num desamparo tão profundo que até reteve a glória da Sua alma, de modo a não ajudar o corpo senão a viver para sofrer mais, no meio dos imensos tormentos. Como o Senhor mede estes desamparos, quando os dá aos Seus servos, segundo o que cada um pode suportar conforme a graça recebida, o desamparo de Cristo, que foi medido pela Sua própria medida — cheia e perfeita de graça — só Ele e mais ninguém tinha forças para suportar.

Contudo, foi tal que, guardando o Senhor durante toda a Paixão um silêncio espantoso e não mostrando em nada o sentimento das dores, nem respondendo por Si a qualquer acusação, injúria ou afronta, neste sofrimento falou ao Seu eterno Pai e, declarando a dor em que Se encontrava, disse: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?»

Não é esta uma palavra dita como quem se queixa de injustiça, mas como quem, obedecendo ao próprio Pai, Lhe manifesta a grande dor que por essa obediência padece. É um modo de falar muito usado na amizade verdadeira, que pode parecer queixa, sem o ser. Como se um amigo, metido em trabalhos por outro, lhe dissesse: «Para que me meteste nisto?», não para censurar o ter começado, mas para declarar o trabalho que lhe custa levá-lo até ao fim, e o desejo de o concluir como deseja, já que o outro não o deixa antes disso. Assim, Cristo nosso Senhor diz: «Ah, Pai eterno e meu Deus, porque colocaste este teu Filho amado e único num desamparo tão grande, e numa obra tão custosa, sabendo que, ainda que custasse mais, Eu

Te obedeceria com amor? Tenho feito tudo o que podia; já pouco me falta para que Te tenhas por satisfeito e obedecido por Mim, e para que, por Meu intermédio, faças as misericórdias que mereci para os homens.»

Prova de que esta palavra não é queixa é que, logo depois de a dizer, não deixou de mostrar a sede que tinha, sabendo que, com isso, Lhe dariam vinagre a beber — como diremos adiante. Não se queixava ao Pai eterno para deixar de cumprir a obediência até à morte, mas para dar à Sua humanidade um pequeno alento, suspirando para Deus no meio de tão extremo sofrimento e desamparo. Isto é sinal manifesto do grande aperto em que estava aquele Coração invencível, que, no final de tão grande batalha, Se mostra tão cansado e afrontado.

Este desamparo do nosso Redentor foi amplamente profetizado no Salmo 21 e no Salmo 88. O primeiro começa com as mesmas palavras: «Deus, meu Deus, põe os olhos em mim; porque me abandonaste e Te afastaste tanto da minha salvação?» E, dando a causa por que foi desamparado, acrescenta: «Isto é obra dos meus pecados; não dos que cometi — que não tenho —, mas dos que tomei sobre Mim para pagar.» E, na maior parte deste salmo, descreve como Deus O deixou nas mãos dos inimigos, como zombaram das Suas esperanças, como O crucificaram e como lançaram sortes pelas Suas vestes. Mas, no fim, anuncia os frutos destes sofrimentos, nos bens que, por eles, todos os povos receberão.

O Salmo 88, depois de falar das grandezas do Filho de Deus encarnado e da eternidade do Seu reino, muda de tom e diz: «Mas Tu rejeitaste e abandonaste, e afastaste o Teu Cristo; destruíste os Seus muros e arruinaste os Seus fundamentos; todos os que passam pelo caminho O saqueiam, e ficou como vergonha entre os vizinhos. Ergueste a mão dos que O abatavam e alegraste os Seus inimigos. Tiraste-Lhe a ajuda e não O amparaste na batalha. Encurtaste os Seus dias e encheste-O de afronta.» E diz outras coisas semelhantes, descrevendo a angústia e o desamparo em que o Pai eterno colocou o Seu Filho entre os inimigos. Mas, vendo David, inspirado pelo Espírito Santo, os muitos e grandes bens que disto haveriam de vir, deixa de encarecer os trabalhos de Cristo e conclui: «Bendito seja o Senhor para sempre; assim seja, assim seja.»

Vê-se, assim, que o Espírito Santo deu tanto valor a estes desamparos do Filho de Deus que, para nunca serem esquecidos pelos homens, os pôs nas divinas profecias, descritos com tanta força, que ninguém possa alegar ignorância da grande obrigação que temos para com Deus por eles. Pois não pode deixar de ser excessivo um sofrimento tão largamente profetizado e tão dolorosamente declarado pelo Senhor, que, manso como cordeiro, sem abrir a boca, como diz Isaías, Se entregou à morte.

Este desamparo do Senhor seria ocasião para tratar dos desamparos com que os justos e servos de Deus são provados — assunto muito necessário, pois é o mais comum entre eles, o que lhes causa maior dor e trabalho, e os põe em maiores tentações. Mas o exemplo deste Senhor é tão claro que, sem muitas doutrinas ou palavras, ensina por si tudo o que as almas desamparadas precisam. Por isso, lembro apenas três coisas para consolação dos que passam por estes desamparos.

A primeira: embora este Senhor Se visse tão desamparado que desabafou com o Seu eterno Pai, não Lhe pediu que O consolasse nem que O tirasse do sofrimento em que estava, nem tomou qualquer consolação que, como Deus que é, poderia tomar; nem deixou por concluir a obra começada, mas, tal como estava, avançou até morrer. Isto é grande ensinamento para os atribulados e desamparados: não se devem considerar menos aproveitados se a sua natureza sente muito o aperto em que está. Antes, o sentimento é ocasião de maior merecimento. O verdadeiro alívio, nestes trabalhos, é contá-los e apresentá-los a quem os dá, e não ir a outrem com as suas mágoas, senão à própria mão que as envia. E isto não para pedir ou querer que lhas tire, mas com sujeição à Sua vontade.

E, quando se buscam outros meios para suportar estes sofrimentos (como os Sacramentos ou os conselhos de servos de Deus experimentados), não deve ser para procurar remédio para sair deles, mas para ser neles fiel. Pois recorrer a Deus na aflição, pela oração e por outros meios que a Ele nos submetem, é o verdadeiro remédio para fortalecer o coração, fundado na certeza da fé de que Deus dá estes trabalhos como, quando e quanto convém; e que o sacrifício que mais Lhe agrada é a voluntária sujeição à Sua divina ordem, com renúncia de toda a consolação — salvo a que Ele quiser dar, e da forma que Ele ordenar.

A segunda é que os servos de Deus não se deixem vencer pela tentação que, de modo habitual, persegue e acompanha aqueles que são provados com desamparos interiores e trabalhos exteriores: a de se julgarem esquecidos por Deus e abandonados à própria sorte. A fé ensina-nos que nunca foi possível que o Pai Eterno deixasse de reconhecer o seu unigénito e eterno Filho, nem que o abandonasse a si mesmo, ainda que o tivesse, por certo tempo, colocado em tão grandes desamparos; antes, por meio deles, cumpriu plenamente a palavra que lhe dera, quando, num dia em que o Senhor lhe pediu que o glorificasse, lhe respondeu — em voz clara e na presença de muitos —: "Já te glorifiquei e outra vez te glorificarei". Pois foi através desses trabalhos que lhe deu todas as suas vitórias, triunfos, glorificação, ressurreição do corpo, e o grande número de almas predestinadas que por Ele se salvam e povoam o Céu; e submeteu os seus inimigos debaixo dos seus pés.

Ora, se Deus cuidou tanto do seu Filho desamparado que, por um lado, o afligia, mas por outro lhe cumpria todos os desejos do coração, como poderá pensar o servo deste Senhor de infinita bondade — que tanto fez para nos alcançar e merecer bens — que Ele, querendo que uma pobre, miserável e fraca criatura sua o imite no padecimento e sofrimento de tão pesado trabalho, o vá depois abandonar e afastar de si, precisamente porque o provou pela sua mão? Não é Ele esse, mas sim o que diz David: "O Senhor está perto, e junto, dos que têm o coração aflito, e libertará os humildes de espírito".

A terceira e última, que responde a todas as dúvidas da fraqueza humana, é que Cristo nosso Senhor não quis apenas padecer este género de sofrimento para poder ser companheiro e exemplo de todos os que padecem, mas também — como diz São Cipriano — para nos merecer, por meio dele, o amparo e a consolação divinos. Por mais desamparado que alguém se veja, nunca poderá estar tão só como Cristo, pois Ele não teve companhia alguma; e os atribulados, quando toda a outra lhes falha, não estão sem a do mais desconsolado e aflito de todos, que é Jesus. E, porque cada um pode pensar de si mesmo que merece ser desamparado e que não é digno de receber auxílio, o Senhor supre a nossa falta e, com o seu

desamparo, merece para nós o favor divino, a fim de nos fazer plenamente ricos. Assim, o sentido daquela palavra é: “Meu Deus, meu Deus, lembra-te do motivo por que me desamparaste: foi para que ninguém fosse desamparado de Ti. Por este meu desamparo, ofereço-Te todos os que, por tua vontade, forem desamparados: recebe-os, guarda-os, favorece-os; e sejam, na minha companhia, vistos por Ti e aceites como eu sou.” Por isso, com tão divina companhia, a fé amorosa está seguríssima de que a alma nunca pode considerar-se tão atendida e aceite por Deus como quando, d’Ele, parece desamparada.

Exercício do desamparo, que o Senhor teve na Cruz.

Verdadeiro consolador dos corações atribulados, esperança dos espíritos abatidos, amante fidelíssimo das almas aflitas, Jesus, descanso, alento e frescura de todos os cansados, fracos e desamparados: que abismo é este de aflição em que vos vejo mergulhado, que chega a fazer falar esse vosso espantoso silêncio e parece enfraquecer a vossa invencível paciência? Sereis, porventura, como eu, que, com qualquer tribulação que me dais, logo penso que me lançais num mar sem fundo, do qual desespero de sair, como homem de pouca fé? Mas, quando quero sondar com juízo o mar que me mandais atravessar, logo vos encontro, e quase a pé enxuto me salvais; e, sendo Vós o verdadeiro porto seguro das minhas tormentas, vejo-vos tão cansado nas vossas, que não sei como me fica a mim algum alento.

Ó manso e divino Cordeiro, até aqui tão calado perante tudo, tão sofredor e encobridor das dores e trabalhos desse aflito coração, tão sem queixa nem resistência a tudo quanto quiseram fazer-vos, tão sujeito a todos os tormentos e trabalhos que vos quiseram infligir! Agora, no fim, rompeis e descobris o aperto e a aflição em que vos encontrais, com tão sentido suspiro, tão dolorosa palavra e lastimoso brado ao vosso eterno Pai?

Não é isto, meu suave Jesus, senão porque, como diz o Salmo, chegastes a todo o fundo do mar da aflição e do desamparo, sem já terdes forças ou alento humanos para mais. Quem vos poderia consolar, amor e vida da minha alma? Quem vos poderia aliviar este aperto em que vos vejo? Cumpristes, Senhor, o que dissestes pelo profeta: que vos espremestes, só e

sem ajuda de ninguém, nesse lagar da Cruz, sem de parte alguma terdes consolação ou alívio

. Quanto vos devo, meu consolador! Quanto me prendeis com tamanho benefício! Como poderei alguma vez corresponder a tanto amor, já que não chegastes a este extremo de aflição por obrigação, mas por vontade livre, para me salvar? Não por força, mas por amor, quisestes que tudo vos desamparasse. E, se não tivésseis desejado padecer tanto por mim, as vossas criaturas vos teriam socorrido: os Anjos ter-vos-iam defendido, as estrelas do céu cairiam, os elementos revoltar-se-iam e tudo se moveria para vos libertar do sofrimento. Mas o vosso amor divino, que é a regra das vossas obras, quis assim: que passásseis só por esses trabalhos, que chegásseis só ao extremo da desconsolação, e que, cuidando mais das minhas necessidades do que das vossas dores, reservásseis para Vós o passar tudo sem ajuda, para que ninguém se julgasse só nos seus trabalhos; pois estais com todos os atribulados e, quem pensa que está mais só, é o mais acompanhado por Vós.

Adoro este amor tão consolador. Adoro esta vontade tão amiga do meu remédio. Que seria de mim, meu Deus, se Vós não fôsseis para mim esse bem? Mas quem sou eu, e quem sois Vós, para quererdes atender tanto às minhas necessidades, que dais mais valor a elas do que à vossa sacratíssima e inocentíssima humanidade? Bem sabeis, bom Jesus, a desigualdade imensa que há entre Vós e mim; mas na vossa bondade e no vosso amor encontrastes razão para me remediar, e tanto à vossa custa.

Adoro-vos, Mestre e Pastor divino, pois, com tanto trabalho vosso, me quisestes ensinar que posso esperar de Vós tudo o que não mereço, e que para tudo tendes infinita bondade. Que desculpa me fica, meu Deus, para não vos amar de todo o coração, servir-vos com todas as minhas forças e deixar toda consolação por Vós? E até isto me permitis, com o vosso amor. Em tudo, bom Jesus, sois infinito, em tudo grande, em tudo liberal e magnífico: em amar-me muito, em perdoar-me muito, em esperar-me muito, em suportar-me muito; e, sobre todos os meus desagradecimentos, em padecer muito por mim, só, e sem ajuda de ninguém, para que a Vós só deva todo o meu bem.

Ó quão desventurado e pobre eu seria se pusesse o meu bem e o meu remédio fora de Vós, porque não encontraria vontade tão generosa e amorosa que fizesse por mim o que fizestes. Vós mesmo aceitastes a obediência do vosso eterno Pai para chegardes a esse desamparo; retivestes a vossa sacratíssima divindade para que a vossa humanidade chegasse ao extremo da desconsolação interior e exterior em que está; e privastes a vossa alma da sua glória, para que o corpo padecesse sem alívio dela.

Não quisestes que o Anjo do Céu vos viesse consolar, como fez no Horto. Levastes ao pé da Cruz a vossa sacratíssima Mãe, desamparada e cheia de imensas dores, para que aumentassem as vossas. Deixastes fugir os vossos Apóstolos, para que não vos defendessem nem acompanhassem. Quisestes carecer de toda a consolação e gratidão do povo que tínheis beneficiado com tantos dons. Ocultastes o vosso poder para que, como fraco, a malícia dos vossos inimigos pudesse fazer contra Vós tudo o que quisesse: chegaram ao extremo da desumanidade e da crueldade, ao excesso da vergonha, afronta e tormento, infligindo-vos isto com festa, com escárnio, com gritos, apupos e novas invenções de crueldade.

Sozinho, sem compaixão dos homens, sem companhia de amigos que vos consolassem, sem a luz do sol, que se escureceu, sem lembrança do que vos deviam, sem memória dos vossos milagres e doutrinas, sem vestido; como malfeitor, como ladrão, como falso, como revoltoso e destruidor do povo, como feiticeiro e enganador que não merece crédito; e, sem consolação da terra nem do Céu, quisestes, inocentíssimo Cordeiro, ver-vos nessa Cruz, estendido, desconjuntado, rasgado em chagas, cheio de dores mortais em todas as partes do vosso santíssimo corpo.

Faltando-vos tudo, e por todos abandonado — por dentro e por fora, por Deus e pelos homens —, desconsolado, aflito e desamparado, estais de tal modo que, embora assim o quisésseis e aceitásseis passar, ainda assim sois forçado, pela intensidade das dores e aflições, a suspirar e bradar ao vosso eterno Pai, perguntando-lhe porque vos desamparou.

Ó Deus do meu coração, ó todo o bem da minha alma, ó consolador dos atribulados, ó amparo dos desamparados, como fica o meu coração e as minhas entranhas ao ver-vos tão só e desconsolado? Não sei falar. Ó meu bom Jesus, desejo aqui derreter-me todo em sentimento, lágrimas e amor, e

abrir-vos este coração para que vejais se nele há algo que vos possa consolar. Desejo que, já que tudo vos falta nesta hora, não vos falte eu com este pobre espírito e fraco, frio amor. Abrigai-o, meu Deus, para que sinta o que passais, para que vos ame, vos abrace e se una a esta Cruz, ajudando-vos a sentir os vossos imensos trabalhos. Ó toda a minha riqueza, ó toda a minha glória, ó todo o meu coração! A Vós fala o meu interior: dilatai esta alma nesta hora para que sinta, para que entenda, para que ame, para que se derreta naquilo que vê em Vós, único merecedor do amor desta alma.

Desejo, meu Deus, não me separar desta Cruz; e desejo fugir de mim próprio, vendo-me assim diante de Vós e sentindo tantas repreensões neste vosso desamparo. Foi necessário que sofresseis este desamparo por mim, e eu queixo-me se não ando sempre nas vossas consolações. Miserável de mim, que, se não me tendes sempre à beira das vossas suavidades, julgo-me esquecido por Vós e, em vez de vos chamar na minha aflição, procuro consolações exteriores, fujo da vossa Cruz, desconfio da vossa bondade, vendo-vos bradar ao vosso eterno Pai e padecer, e, sobre isso, beber fel e vinagre, perseverando até cumprir toda a obediência, até suportar todas as dores e agonias mortais, para morrer nela.

Prometo muito, quando me consolais. Ofereço-me a padecer tudo, entrego-me a toda a vossa vontade, peço-vos cruzes para me parecer convosco; mas, se por vezes ocultais a vossa doçura e suave visitação, e não me dais o que com insistência vos peço quando estou consolado por Vós, tenho-vos por esquecido de mim, por afastado e fugido do meu lado, e considero-me rejeitado e lançado fora da vossa graça, e chego a pensar que a vossa misericórdia acabou para mim.

Como não vejo então, meu Deus, que o vosso desamparo não vos tirou o ser Filho de Deus, nem o proceder da sua substância, nem diminuiu nada da vossa grandeza, mas aumentou os tesouros infinitos dos vossos merecimentos e a minha redenção?

Ó quão miserável sou, quão inconstante, quão desconhecido das vossas mercês, quão interesseiro e mesquinho no amor que vos tenho, e infiel ao que vos devo! Purificai, Senhor, este frio e fraco amor desta alma.

Em tudo ajo como quem sou; em tudo mostro ser baixo e terreno. E Vós, meu Deus, em tudo sois grande, em tudo puro, em tudo semelhante a Vós mesmo: liberal, formoso, amoroso, leal amigo desta alma ingrata. Não é necessária força nem poder para me derrubar e enfraquecer, pois, quando penso estar mais firme e forte, se ocultais um pouco o vosso raio, qualquer pensamento, qualquer tristeza, qualquer tentação, qualquer contradição me derruba e me faz desconfiar da vossa amorosa presença e misericórdia. Verdadeiramente, meu Criador, nada sou, nada posso, nada valho. Assim nasci, assim fui até agora, e assim estou aqui diante de Vós. A vossa virtude, meu Deus, pode dar novas forças à minha alma.

Ó misericórdia infinita, com que vergonha deveria eu estar diante de Vós, lembrando-me da maior desventura desta miserável carne de terra! Quantas vezes e quantos dias não vos amei, nem vos desejei, nem quis padecer por Vós, e nem sequer sentia o que era o desamparo interior! Antes vivia em paz enganosa, embebido nos deleites e prazeres do pecado e do mundo, que mais me deixavam desamparado da vossa graça e afastado de Vós, sem eu o perceber. Oh, quão longe, bom Jesus, estive de Vós, quão afastado fiquei de Vós, divina formosura, tão antiga e sempre nova!

Isto, Senhor, esta minha miserável desventura é que vos colocou neste tão atribulado desamparo, para que eu não fosse de todo desamparado. Já que a vossa infinita misericórdia quis carregar sobre Vós tudo o que eu merecia, para me aliviar a mim, socorrei-me. Eu é que deveria ser desamparado de Vós e de toda a criatura, pois vos abandonei para vos ofender; tudo deveria se voltar contra mim, e Vós, Senhor, tivestes mais dó de mim do que de Vós mesmo. Para me amparar, Vós vos deixastes desamparar.

Perdoai, Senhor da minha alma, a esta vossa miserável criatura, tudo o que contribuiu para o vosso desamparo. Curai em mim tudo o que vos desagrada; volto-me agora para Vós, Pai de misericórdias, Deus de toda consolação. Recebei-me, perdoai-me e amparai-me com a vossa piedade, para que não se perca em mim tanto trabalho e tanto amor.

Ó Jesus desamparado, amparo de todos os órfãos e necessitados! O vosso amor ensina-me que, desse vosso desamparo, vêm para mim as forças para todos os meus trabalhos. Se não fosse o que Vós me merecestes com

este desamparo, que seria de mim quando me sinto privado de Vós? Mas Vós, meu verdadeiro e soberano remediador, assim como com as vossas penas me perdoastes as minhas, e com a vossa morte me destes a vida, assim também, sendo de Deus totalmente desamparado, me merecestes que o Pai eterno nunca me abandonasse, e que, quando mais me aflige, então mais me una a si.

Iluminai, minha divina luz, os meus olhos no tempo da tribulação, e já que é preciso passá-la, que não seja com medo; olhai, porém, para a minha fraqueza. Pelo vosso desamparo, vos peço: não que me não aflijais, mas que, na aflição, me ampareis e ensineis o meu coração a erguer-se somente para Vós, a perseverar, a não enfraquecer na fé nem deixar o vosso serviço, nem buscar consolação fora de Vós, nem mesmo em Vós, senão a que for do vosso agrado dar-me.

Humilhai-me nesta hora, fortalecei-me e consolai-me com o padecer. Dai-me ânimo para sofrer até à morte. E, pois, tudo há de ser obra e fruto desse vosso desamparo e da vossa misericórdia — porque sabeis que, para tudo, me falta força, se não for pela vossa graça — glorificai-vos, amor triunfante, na minha fraqueza, pois que, nas coisas pequenas e humildes, mais claramente mostrais a vossa força e fidelidade. Ouvi-me com misericórdia, amigo desta alma miserável e meu verdadeiro amparo.

Ó Mãe Santíssima e Virgem perpétua, que vistes e sentistes estas extremas aflições do Filho das vossas entranhas, e as sofrestes como fidelíssima serva e leal companheira dos seus trabalhos, sede minha advogada no dia do meu desamparo; cobri-me então com o vosso manto de misericórdia. Sustentai a minha fé, fortalecei a minha fraqueza; apegai-me ainda mais à mão divina que me aflige, para que nem fuja dela, nem reconheça outro valor senão o seu.

Ó corte celestial, que por tudo isto passastes com triunfo e vitória, compadecei-vos dos que ainda estão em combate, e favorecei-me para perseverar até ao fim e conquistar a coroa. Amém.

Nota: O texto a partir deste Trabalho XLVIII foi extraído de um pdf de fotos, que pode ser visto AQUI

TRABALHO XLIX

Sede extrema, e fel, e vinagre, que bebeu.

Os xaropes costumam ser dados aos doentes, na maior parte das vezes, para preparar os humores endurecidos que causam as doenças, a fim de que a purga tenha menos trabalho a resolvê-los e a expulsá-los das veias e das partes enfermas. Quando necessário, ajudam com sangrias, para aliviar o doente do sangue corrompido ou em excesso, que o sobrecarrega. E, quando a natureza está tão débil que não suporta outro alimento além do leite, sangram, medicam com xaropes e purgam a ama que cria, para purificar-lhe o leite, de modo que, por meio dele, se cure a criança enferma.

Assim se encontra a natureza humana por causa dos pecados, e assim fica cada vez que a eles se entrega: caindo em doenças mortais da alma, torna-se tão fraca que não tem forças para suportar a aspereza da medicina necessária. Por isso, o Senhor assumiu nas divinas Escrituras o nome de ama que nos traz ao colo, pois, pelo amor que tem aos pecadores — que Ele alimenta aos seios da Sua bondade e misericórdia — tomou sobre Si a nossa cura: suportou os cautérios e aceitou as sangrias, abrindo-se todo em chagas, para que bebêssemos as Suas misericórdias com a virtude do Seu sangue puríssimo, derramado por nós. E, para nos deixar a nós apenas o suave, bebeu Ele os xaropes de fel e vinagre, que nós muito bem merecíamos, para remédio dos gostos danosos da vida, pelos quais perdemos o Céu.

Nosso Senhor reservou isto para a última hora, para morrer com o sabor da própria medicina contra o primeiro pecado do mundo, que tantos males nos causou e pelos quais Ele tanto padeceu. Adão perdeu a obediência a Deus e começou a ser pecador, e pai de pecadores, ao saborear um pedaço da fruta que lhe fora proibida. Estava já profetizado que Cristo, nosso Senhor, pagaria este pecado bebendo vinagre e fel. Assim como a vida de pecado começou com um bocado doce, contra a obediência de Deus, o Redentor quis obedecer até à morte de cruz e terminar a vida cumprindo a profecia com um bocado amargo de fel e vinagre. Assim uniu o princípio da

nossa perdição ao fim da nossa redenção, para que ficássemos plenamente resgatados e perfeitamente curados.

A fruta má, de que Adão comeu e com a qual começou a nossa perdição, veio da árvore da sabedoria e da obediência que ele não guardou, caindo assim numa sabedoria terrena que o levou à morte. A divina sabedoria, porém, viria da árvore da Cruz, para nosso remédio; e antes de subir a ela, Cristo bebeu o fel; e, prestes a morrer, bebeu o vinagre, para que ninguém pensasse que na sabedoria da Cruz — que dá a verdadeira vida às almas — pudesse haver, no seu início ou no seu fim, o sabor da sabedoria do mundo, que mata. O mundo começa com doces bocados até matar; a Cruz começa e acaba com amarguras até dar a perfeita e eterna vida.

Cristo não bebeu fel e vinagre misturados na Sua Paixão, mas cada um em momentos diferentes. Antes de O pregarem na cruz, os algozes levaram-Lhe uma bebida feita de vinho, mirra e fel, como se fosse um costumeiro conforto para os condenados — mas tal era o ódio que Lhe tinham, que nem sequer aquele pouco alívio de vinho para O animar quiseram dar-Lhe. O Senhor, sabendo bem o que Lhe ofereciam, tomou apenas um trago e não quis beber mais. Quem conhece o quão amargos e terríveis são o fel e a mirra saberá que, mesmo num só gole, bastaria para deixar o corpo inteiro transtornado e atormentado.

Os algozes ficaram incomodados por Ele não beber mais e, talvez, se tenham rido muito por O terem enganado. Mas o Senhor, consciente do que tinha tomado, suportou em silêncio a amargura e o desconforto, sem franzir o rosto nem mostrar repulsa, cumprindo assim a primeira parte da profecia de David: "Deram-me fel por alimento". A segunda parte — "Na minha sede deram-me vinagre" — reservou-a para a hora final.

Tendo Cristo cumprido todas as profecias sobre a Sua vida e Paixão, restava apenas esta: beber o vinagre na Sua sede. Chegou, então, a hora, e, com uma sede imensa — causada pelos muitos tormentos e trabalhos que sofrera naquela noite e dia sem comer, e já às portas da morte —, sabendo que, se declarasse a Sua sede, Lhe dariam vinagre em vez de água, e que nisto não encontraria compaixão mas crueldade, ainda assim quis obedecer até ao fim ao Pai Eterno. Por isso, disse: "Tenho sede".

A Virgem Santíssima e os amigos ficaram profundamente angustiados por não Lhe poderem dar um pequeno alívio; e Maria, mais do que todos, sentiu-se trespassada, pois sabia, pelas Escrituras, que Lhe dariam vinagre e não podia impedir tal tormento. Os algozes, mais cruéis que feras, correndo a cumprir esta maldade, foram buscar uma esponja, colocaram-na na ponta de uma cana com ramos de hissopo, embebida em vinagre, e levaram-na à Sua boca. O Senhor, ciente do que Lhe davam e do que isso Lhe custaria, não recusou o tormento, mas bebeu o vinagre, que feriu o Seu peito já tão frágil.

Ao beber, e vendo que tinha cumprido todas as profecias e que nada mais Lhe restava senão morrer, retirou a boca da esponja e declarou que tudo estava realizado: "Está consumado". Creio que o disse com contentamento, como quem chega ao fim de uma longa e dura jornada e, após saciar-se com um pouco de água, suspira de alívio e satisfação. Assim, o Senhor, esquecendo o tormento do vinagre e satisfeito por ter chegado ao fim do que tanto desejava — cumprir toda a vontade do Pai para nossa salvação —, exclamou com alegria: "Está consumado".

Por isso penso que São João Evangelista, ao relatar esta como a última palavra de Cristo na cruz, quis encerrar com ela a história da Sua vida e dos Seus trabalhos, mostrando o contentamento com que deu fim a tudo e a satisfação pela sede da nossa redenção ter sido plenamente saciada, tornando a morte doce para Ele.

Não há, pois, que estranhar, mas sim adorar e agradecer ao Senhor por ter declarado a Sua sede, sabendo que Lhe dariam vinagre: porque o fim, que com isso dava a tão grandes desejos e a tão importantes obras, tornava o vinagre suave e saboroso.

Essa palavra: «Está consumado» dá a entender outra sede que o Senhor teve — não apenas de terminar o que tinha começado, mas de que todos tirassem proveito dos Seus trabalhos. Ninguém gosta de trabalhar em vão, em nada, ainda que seja de pouca importância; e muito menos quem trabalha de boa vontade e sente alegria em levar até ao fim o que começou com esforço.

Por isso, sendo a nossa redenção fruto de tantos trabalhos do Senhor, e mostrando-se Ele tão satisfeito por os ter suportado, é evidente que morria com muito maior sede da salvação dos homens — que era o fruto de todos os Seus trabalhos — do que de água, que na última hora Lhe faltou. E ainda que a sede natural fosse penosa, aproveitou-se dessa necessidade, da privação e do tormento, para levar a cabo a nossa cura. Mas, como a sede da nossa salvação não pode ser saciada senão quando os homens aceitam voluntariamente as graças que Ele nos conquistou com a Sua morte, morreu ardendo nessa sede e deixou a sua satisfação a cada um de nós, para que a matemos ajudando a nossa própria salvação.

Assim, cada um de nós deve considerar que, sempre que peca e obriga a divina justiça a condenar aquele que deseja salvar com misericórdia, dá a Cristo um fel e vinagre muito mais amargo e áspero do que o que Ele bebeu na Sua Paixão. É destes que Ele se queixava por Isaías: plantou uma vinha de muito bom cepo (assim é cada uma das nossas almas), cuidou dela com todos os cuidados necessários e, esperando boas uvas, muitas deram uvas bravas, cujo vinho não se podia beber.

Devemos, pois, acreditar que foi muito maior tormento para o Senhor a sede da salvação dos homens — vendo que muitos se perderiam pelos seus pecados — do que a sede natural pela falta de água ou a amargura do fel que provou. E, se a nossa compaixão natural e cristã, ao vermos este sofrimento do Senhor, nos faz desejar ter estado ali para Lhe dar um copo de água fria, e nos espantamos com a crueldade de quem Lhe deu vinagre a beber quando agonizava e morria, então devemos voltar esse pensamento para nós mesmos e não ser cruéis connosco nem com o Senhor. Pois, se Ele morreu e subiu ao Céu com sede da nossa salvação, não O deixemos com essa sede sem Lhe dar a consolação tão desejada de aceitar as Suas graças, amá-Lo como Lhe devemos e fugir do pecado, procurando imitá-Lo em tudo o que nos ensinou.

Se repararmos no momento em que o Senhor declarou a Sua sede, sabendo que Lhe dariam vinagre, veremos ali um claro espelho para cada um avaliar se serve a Deus de verdade e de coração. Pois, acabado de mostrar-Se aflito e abandonado, e quando parecia que podia esperar do Pai Eterno algum alívio, não só não o espera nem deseja, mas ainda provoca

ocasião para mais tormento e abandono. Aqui aprendemos quão diferentes são os caminhos da natureza e da graça nas cruzes e trabalhos que Deus nos dá.

A natureza, por ser fraca, sente e queixa-se; mas a vontade racional, ajudada pela graça do Senhor, deve estender-se e abrir-se para suportar ainda mais, se Deus o quiser. E mesmo que vejamos diante de nós coisas que à fraqueza natural parecem impossíveis, devemos enfrentá-las com mais ânimo, pois muitas impossibilidades são mais medos da fraqueza do que realidades. E, experimentados os trabalhos com confiança no Senhor, vemos, pela experiência, que a nossa pequenez se torna mais forte com a perseverança e a graça de Deus.

Assim como as duas vacas recém-paridas, às quais tiraram os bezerros para levarem a Arca do Senhor num carro — ainda que olhassem para trás e mugissem com saudade e dor —, seguiram sempre adiante guiadas por Deus até serem sacrificadas a Ele, também nós devemos compreender que o sentimento natural não destrói nem a santidade da virtude nem o seu merecimento. Grande desejo de agradar ao Senhor mostra aquele que, mesmo sentindo e gemendo pelo peso do trabalho, não deixa de o levar até se oferecer a si mesmo como sacrifício vivo, agradável a Deus. Mas quem, no abandono, volta atrás, mostra claramente que está num grau muito baixo — ou, melhor dizendo, que ainda não chegou a nenhum grau de virtude.

Disse Deus por Moisés que levou os filhos de Israel durante quarenta anos pelo deserto para provar os seus corações; e estes corações manifestaram-se mais nisso do que em qualquer outra coisa: sendo o povo mais agraciado por Deus, quando ouvia a Lei do Senhor e recebia os Seus favores, era generoso em prometer servi-Lo, mas duro e teimoso em O ofender ao mais pequeno desgosto. Ter, no abandono, sede de sofrer mais e procurar, na desolação, mais fel e vinagre para beber, é prova de serem verdadeiros amantes e imitadores deste Senhor.

Não devemos esquecer como, na última hora, se despediram Deus e o mundo, e como se pagaram mutuamente o tratamento que tiveram durante a vida. Enquanto viveu, Cristo encontrou o mundo e os seus gostos, reprovou todos os seus excessos e aprovou de tal modo o desprezo deles para ganhar o Céu, que até dar um copo de água de esmola santificou para merecimento.

E quis tão pouco do mundo, ou nada, que até as vestes que usou em vida deixou ao pé da cruz. Chegando à última hora, em que necessitou de um pouco de água, o mundo deu-Lhe vinagre, como quem se despede de um inimigo; e o Senhor aceitou o fel com a mesma vontade com que sempre rejeitou os seus prazeres, para que ficasse para sempre declarada a inimizade entre o mundo e os Seus.

Por isso, quem fizer as pazes com o mundo, não sei como as poderá ter com Cristo.

O Senhor deixou-nos também exemplo, neste último tormento a que deu ocasião com a Sua sede: assim como toda a Sua vida viveu com desejo e sede da nossa salvação, também este desejo deve ser o guia e o governo de toda a vida dos que se querem salvar. Naturalmente, o fim a que se destina uma obra é o que a orienta: não se trabalha a madeira do mesmo modo se for para fazer uma imagem ou um banco; e emprega-se muito mais esforço nos negócios de que se espera grande lucro do que nos que trarão prejuízo.

Isto é válido para todas as áreas da vida, mas só no assunto da salvação há este grande despropósito: dizendo todos que a desejam, muitos empregam todas ou quase todas as suas ocupações, trabalhos e cuidados da vida para a própria condenação.

A razão disto é que não desejam realmente o que dizem querer, senão de forma tão fria que não o têm como norte e guia de toda a vida. E não podem, portanto, esperar ser salvos aqueles que não fazem desse desejo a orientação de toda a sua existência, vendo que o Salvador, pelo desejo de nos salvar, sempre governou a Sua.

Exercício das sedes que o Senhor teve, e do fel e vinagre que bebeu

Que cuidado é este, meu Salvador e único remédio das minhas necessidades, de não vos ficar nada por fazer, nem trabalho algum por passar por mim? Mal acabais de declarar o vosso extremo desamparo, e a consolação que buscais é cumprir o que estava profetizado: que havíeis de beber vinagre na vossa sede mortal. O vosso amor, bom Jesus, lembra-vos

disso, faz-vos ter essa sede e dizer que a tendes, dando com isso ocasião a que vos atormentem com tão desumana e cruel invenção de bebida.

Arde, Deus de amor, em Vós o fogo do amor, e está sempre aceso; e, para não estar ocioso, busca sempre em que se inflamar e mostrar as suas obras. Ó meu único bem e glória minha, bem sabeis Vós por quem fazeis isto, que tão mal o mereço, pois tão ocioso vivo no vosso serviço e amor; tão descuidado em vos agradar em tudo; tão esquecido de fazer sempre a vossa vontade; tão pesado para as coisas que me ensinastes, e tão pouco disposto para elas, que nem com tantas lembranças e estímulos, nem com todo o amor que me mostrais, corro a elas com fervor, e facilmente as deixo por qualquer leve ocasião.

E, com isto, tão diligente para os meus gostos e apetites, e nunca esquecido de fazer a vontade deste corpo e do mundo. Eu, todo perdido por mim, e Vós, todo entregue a mim. Vós, todo empenhado em me levar a Vós; e eu, miserável, prefiro perder-me a deixar-me ganhar pelo vosso amor. Ó pesadas misérias! Ó duras prisões deste homem terreno! Quando rompereis estas cadeias do meu amor próprio, e me cativareis para Vós, levando-me todo atrás de Vós? Chegue, chegue, meu Deus, essa hora tão ditosa.

Ó fartura de todos os famintos! Ó satisfação perfeita de todas as sedes da minha alma! Não há outra coisa com que vos matem a sede senão vinagre, que vos corta as entranhas desse corpo tão fraco, tão debilitado, tão cansado e tão atormentado, nessa última hora? Não vos reconhecem agora os Anjos que vos serviram no deserto e acudiram à vossa fome? Agora, na derradeira hora, não aliviam a vossa sede mortal e deixam-vos atormentar com vinagre? Assim quisestes ser pobre na vida e acabar privado de tudo, sendo o verdadeiro Senhor de todas as coisas.

Assim, Cordeiro Jesus, vos trata o mundo, quando dele quisestes uma tão pequena coisa, que nem aos brutos cães se nega, estando tão cheio de bens e mercês vossas. Louvado, bendito e glorificado sejais por todas as vossas criaturas e pelas obras do vosso amor. Vinga-se agora de Vós o mundo: sempre vos desagradaram as suas coisas, sempre vos foram amargas e aborrecestes o que ele mais estima; condenastes os seus excessos, aprovaste o que ele condena e pusestes guerra entre os vossos e ele. Tratou-

vos, quando precisastes dele, como o tratastes: quando vos queriam pregar na cruz, ofereceram-vos vinho com mirra e fel; e quando quereis expirar, dão-vos vinagre. E, porque o aborrecestes na vida, faz que vos seja amargo na morte. Tão inimigo vosso está, tão cruel para convosco, minha soberana doçura e suavidade.

Ó divina e eterna sabedoria, que nem nascendo, nem vivendo, nem morrendo, quisestes comércio ou paz com o mundo! E nem ele a quer convosco, pois assim vos despede de si na última hora. Ó maldita e desventurada cegueira minha, que a este mundo tenho servido, nele tenho empregado o meu tempo, vida e desejos! Por ele perdi o gosto e sabor verdadeiro das coisas divinas; por ele me pareciam fel e vinagre as vossas interiores suavidades, quando não as buscava; por ele deixava a vossa companhia e me amargava com as vossas verdades, enquanto tinha gosto nas suas vaidades e enganos.

Ó infinita misericórdia, quanto tendes a perdoar-me! Bendito sejais por não permitirdes que a terra me engula e me confunda, e por não deixardes que os demónios e o inferno me arrebatem da vossa presença, pois assim troquei o suave pelo amargo, a vida pela morte, a graça pela culpa, o vosso amor pelos gostos do mundo, as vossas verdades por enganos e mentiras, e a Vós, saúde da minha alma, por um mundo tão pestilento e inimigo vosso, que assim vos trata.

Bem vos entendo, meu divino Mestre: sem me faltar nada, condenais tudo o que amei fora de Vós até agora; e tanto à vossa custa me mostrais que é verdadeiro fel e vinagre, para quem tem o gosto são, tudo o que se procura fora de Vós. Se Vós, Senhor meu, sois toda a bondade, toda a suavidade, toda a misericórdia, toda a doçura divina e mansidão, como pôde ter verdadeiro e bom sabor algo que esteja fora de Vós? Tende, misericordioso Jesus, piedade deste gosto tão doente e estragado da minha alma; curai-me e sarai-me de modo que, daqui por diante, o mundo seja para mim o que é para Vós: que esteja para mim crucificado e eu para ele; que nunca haja paz entre nós; que eu o trate como verdadeira peçonha desta alma, e ele me trate como seu inimigo.

E, já que Vós, Senhor meu, quisestes esse derradeiro bocado para que todas as minhas entranhas — aonde não podiam chegar os açoites e a lança

— não ficassem sem tormento por mim, mudai-me também a mim por dentro e convertei-me a Vós, para que só de Vós goste, só a Vós ame e tudo o que não sois Vós me seja amargo, pois sois a soberana doçura, a perfeita suavidade e o puro amor desta alma.

Que maravilha será que eu só de Vós goste e que só o vosso amor e serviço me satisfaçam, pois Vós, entre tantos tormentos, e acabando de beber algo tão áspero e forte como o vinagre por mim, em vez de mostrares repulsa e horror pelo tormento e sofrimento que vos deu, mostrais, ao tirar a boca dele, que estais contente e satisfeito, como quem acaba de beber um copo de água fresca em dia de grande calor e respira aliviado.

Assim Vós, esquecendo os tormentos, e refrescado com as mercês que me fazeis, respirais e dizeis: «Está consumado». Agora sim, já tudo está feito e eu satisfeito, pois posso ir para o meu Pai, deixando tudo acabado e saciada a sede que tinha de padecer. Porque não tenho eu, meu Deus, este gosto por Vós e pelas vossas coisas? Como não é para mim a melhor hora da vida sofrer algo por Vós ou prestar-vos algum serviço?

Em tudo sois amoroso; em tudo mostrais as entranhas verdadeiras de Pai e amigo desejoso do meu bem e remédio. Adoro-vos, Senhor meu; louvo esse amor, louvo esse cuidado e dou-vos infinitas graças por esse gosto que tendes em me fazer bem. Esse gosto, Senhor meu, me mova a tirar deste coração terreno toda a frieza e tibieza no vosso serviço, e me faça fiel imitador vosso e preso para sempre da vossa suavíssima bondade. Ó sempre! Ó para sempre!

Da outra sede de Jesus: a salvação das almas

Outra sede tendes Vós, Jesus Salvador e Redentor meu, que ainda não está satisfeita. Com ela nascestes e vivestes, com ela morrestes; com ela ressuscitastes, com ela subistes ao Céu e com ela estais até agora; e com ela estareis até ao fim do mundo: a sede da salvação das almas, de as conservar, de reinar nelas e de lhes comunicar os vossos bens. E não estareis satisfeito senão quando as tiverdes convosco, para sempre seguras e glorificadas.

Oh amor divino, como és comunicativo! Que vos importa, divina bondade, a minha salvação ou perdição? Que necessidade tendes de mim, ou que bem vos posso eu dar que já não tenhais, para que todo o vosso prazer seja estar com os filhos dos homens, possuir as suas almas, dar-lhes da vossa água viva e transformá-las todas em Vós? Queixais-vos quando não vos amo, mostrais sede do amor desta pobre alma, e estais contente se vos dou o meu amor. Todo Vos derrameis com as almas, e parece que com elas esqueceis a vossa majestade. Quereis, por um lado, ser estimado e amado como bem divino e infinito, e, por outro, ser tratado no amor como igual, como companheiro e como único e familiaríssimo amigo.

Queixais-vos aos corações amorosos, sentis as suas queixas, descobris-lhes os vossos segredos e entendeis os deles; dais-lhes os vossos suavíssimos abraços e recebeis os seus pobres presentes. Se vos evitam, ides em busca deles; se fogem, segui-os; se vos desconhecem, iluminai-os; se choram, consolai-os; se vos acolhem, estais contente; se vos possuem, entregais-vos e dais-lhes tudo o que tendes. Oh amor divino, que não queres outra razão para as tuas obras senão amar! Quem não te ama não te entende; e quem te ama nada tem a perguntar, porque no amor vê a razão de tudo.

Sois, meu Deus, fogo abrasador; quereis arder e pegar fogo onde tocais; e já que não podeis fazer deuses na substância, quereis fazê-los nas mercês, nas riquezas, na bem-aventurança e no muito que de Vós lhes podeis comunicar; coisas que nem o olho viu, nem a língua disse, nem o ouvido ouviu, nem o coração humano pode compreender; só amando se pode experimentar o que tendes preparado para comunicar aos que Vos amam com puro amor. A sede deste amor só se sacia com amor; e até nos terdes todos em Vós não será satisfeita, porque nada pode encher a nossa capacidade senão o mesmo de que Vós sois eterno e bem-aventurado.

Oh, quantas vezes, amor divino, Vos dei fel e vinagre em vez do amor que Vos devia, e que Vós nem queríeis beber nem ver! Porque não Vos amo, amor divino? Porque não Vos amo, bom Jesus, de todo o coração? Que encontro fora de Vós que se possa comparar convosco, para Lhe dar o amor desta alma e tirá-lo de Vós, que mo pedis com tanta sede? Fizestes esta alma capaz de Vós, e ando atrás de coisas fora de Vós; e como nela imprimistes fome e sede de bem divino e soberano, quando fora de Vós a

emprego noutra coisa, fico com mais sede, porque nada me pode satisfazer senão Vós, e não o entendo. Assim ficais Vós, Senhor meu, ardendo em sede de mim e rejeitando o fel e o vinagre que Vos dou, e eu, com muito maior sede, não a mato em Vós nem a posso saciar sem Vós.

Esquecei, meu Deus, esquecei, meu Jesus, nesta hora, o mal passado; agora volto-me para Vós, desejo-Vos e quero-Vos, vida da minha alma: aqui Vo-la entrego, pois tendes amor para me tomar perdido, para me abrasar frio, para me purificar corrupto e para me unir a Vós para sempre, ainda que até agora tenha vivido afastado de Vós. Renuncio desde já e para sempre a todo outro amor; fazei, Senhor meu, que tudo me cause repulsa e aborrecimento, exceto Vós, porque só a Vós deseja agora a minha alma, e deseja desejar-Vos, e amar-Vos para sempre.

Como o cervo sedento e cansado deseja as fontes de águas frescas, assim a minha alma, acossada pelo mundo e cansada de si, Vos deseja, meu Deus. Tem sede de Vós, fonte de vida. Quando chegarei e aparecerei puro diante de Vós, e verei as bem-aventuranças, as graças e a formosura desse divino rosto? As minhas lágrimas são para mim pão e água, dia e noite, enquanto Vos desejo e não Vos encontro, e enquanto o meu íntimo me diz e pergunta sempre pelo meu Deus, minha saúde, minha glória, meu tesouro, minha bem-aventurança.

Nesta terra deserta, desencaminhada e seca, a minha alma Vos busca com desejo de ver a vossa glória; porque o vosso amor me ensina que é melhor uma só hora convosco do que muitas e longas vidas com todas as coisas fora de Vós. Não me deixeis suspenso, oh amor divino; não vingueis os meus passados desprezos escondendo-Vos de mim; não castigueis o muito fel e vinagre que Vos dei ocultando-me a formosura da vossa divina face, que só me pode sarar e inflamar. Enquanto não Vos tenho nem experimento a vossa suave presença, estais com sede de mim, e eu não sei ter sede de Vós. Se eu, amor divino, não mereço que me sacieis, saciai-Vos Vós em me abrasardes e arrebatares todo para Vós.

Oh vida e esperança segura desta alma, não tardeis. Quando Vos tiver e quando purificardes este espírito, então serei todo Vosso e Vós todo meu; então tudo fora de Vós me causará enfado; então tudo me deixará sem que

eu perca nada, porque só Vós me tereis por vosso; então dilatar-se-á a minha alma, tudo terei, tudo poderei, tudo me levará e unirá a Vós.

Vós sabeis que não posso dar-Vos todo o meu amor e com ele matar-Vos a sede que tendes dele senão com a vossa água viva, de que Vós gostais. Esta prometestes a quem Vo-la pedisse com bom desejo e fé. A fé e o desejo, tudo me haveis de dar Vós, para que tudo deva ao vosso amor. Desejo-Vos, meu Deus, e creio que tudo me podeis dar: o meu coração Vos pede, e a Vós clama, fonte de vida. Fazei no meu coração uma fonte de água viva, que corra e chegue a Vós, vida eterna e soberana. Corra sempre o meu desejo para Vós, busque-Vos sempre o meu amor, que tudo o mais me aborreça, para que o meu espírito tenha o vosso sabor e Vós possais gostar dele e nele saciar a sede que tendes de mim e de me salvar.

Oh Vida verdadeira, quando viverei só para Vós? Oh esperança soberana, quando chegarei a Vós? Oh tesouro infinito, quando desprezarei tudo por Vós? Oh divina riqueza, quando estarei rico só de Vós? Oh formosura celestial, quando rejeitarei tudo por Vós e estarei preso por Vós? Oh rico, oh forte, oh poderoso amor, que tão amigo sois dos pecadores, que não excluístes as almas pecadoras, mas delas desejais ser amado, delas tendes sede e a elas quereis abraçar e salvar!

Pois que fazes, amor? A Ti me entrego: Tu me limpas, Tu me preparas, Tu me mudas à Tua vontade; arde em mim, vive em mim, envolve-me em Ti; faz deste ferro frio fogo ardente, e deste negro carvão brasa viva, todo, todo, todo mudado, transformado e abrasado em Ti, divino, suave e doce Jesus.

Oh Mãe de Deus puríssima, advogada das nossas súplicas, mediadora das nossas petições e desejos. Pela aflição que tivestes quando vistes dar vinagre por água ao vosso amado Filho, ajudai-me a alcançar deste Senhor o seu amor, pois sem Ele nem Lhe posso ser aceite, nem dos meus males justificado. Para isto Vos temos por Senhora e amparo de todos os pecadores, para que por Vós alcancemos o que não merecemos. O que peço é justo; o impedimento, tirai-o Vós. Oh clemente, oh piedosa, oh doce Virgem e Mãe santíssima!

Oh corte celestial, banhada em águas vivas, abrasada em vivo amor, em que arde a sede das almas desterradas, ajudai esta que deseja a vossa companhia. Amai muito este Senhor por mim, louvai-O muito por mim e comunicai-me desse fogo em que ardeis, para que sempre me abrase. Amém.

TRABALHO L

Agonias da morte.

Jesus Cristo, nosso Senhor, viveu nesta peregrinação e exílio trinta e três anos e três meses, desde o seu santíssimo nascimento até à sua morte. Contando desde o dia em que foi concebido como homem, viveu trinta e quatro anos. Todos esses anos, desde a primeira hora em que foi concebido no ventre da santíssima Virgem, nossa Senhora, até à última hora da sua vida, passaram-se (como já relatámos) em contínuos e grandes trabalhos.

Os primeiros anos da sua infância passou-os no Egito, fugido e perseguido por Herodes, longe da sua pátria. Esses, e todos até aos trinta, dedicou-os a contínua oração pela redenção do género humano, e a admiráveis exercícios e exemplos de virtudes, calado e oculto ao mundo. Os últimos três anos empregou-os a ensinar o Reino do Céu, pregar a lei evangélica, fazer muitos milagres e encher a Terra de graças soberanas.

Todas estas três etapas da sua vida foram povoadas de muitos e imensos trabalhos, que, como ricos tesouros de infinitos merecimentos, vieram terminar no mar imenso e profundo da sua santíssima Paixão. A sua vida, em anos, foi muito curta, pois morreu na flor da idade; nas obras foi muito ampla, pois nada daquilo para que veio à Terra ficou por fazer; e em merecimentos foi muito rica, pois com eles alcançou do Pai eterno tudo quanto quis. Não poupou ao seu corpo e humanidade nada do que pudesse padecer por nós; nem deixou de fazer o que fosse possível para se assemelhar aos atribulados pecadores, em tudo o que, sem pecado, podia experimentar e sofrer.

Para isso escondeu a glória da sua alma, humilhou a majestade da sua pessoa divina, permitiu que todos os trabalhos caíssem sobre Ele, entregou-se nas mãos dos seus inimigos e empregou na nossa salvação tudo o que, da nossa natureza, tinha assumido: membros, forças, idade, honra, obras e amor. Só lhe restava o sangue e a vida; e parecia que apenas isso nos faltava, para termos sempre vivo um Senhor que com tão grandes sinais se mostrou o nosso maior amigo.

E como Ele, em pessoa, lançou um chamamento universal para que todos fossem a Ele, e se declarou a verdadeira vida, parecia quase impróprio que morresse; e nem a morte ousaria afrontá-lo, se Ele mesmo não lho permitisse e não a constrangesse a matar. Mas o nosso Senhor quis antes perpetuar a sua vida, ressuscitando depois de morto, do que reter para si aquilo que, naturalmente, é mais amado — a vida — a fim de a dar e empregar ao nosso serviço.

Não podia, por natureza, morrer de doença, pois o seu corpo era formado de uma perfeita proporção de humores naturais, causa da conservação da saúde, e Ele era tão equilibrado na sua vida que nada poderia alterar essa composição, origem de qualquer doença. Uma morte por acidente não convinha ao Redentor e Salvador; primeiro, porque, vivendo e morrendo, devia remediar com obras e exemplos divinos as necessidades do mundo; depois, porque os acidentes, que para as criaturas são imprevistos, da parte de Deus são ordenados pelo seu eterno desígnio; e não convinha que o autor do mundo se matasse por sua própria vontade.

Apenas a morte por dores e tormentos lhe convinha, porque assim mostrava o amor que nos tinha, aumentava os tesouros de merecimentos, satisfazia pelas nossas culpas e se oferecia em sacrifício ao Pai pela nossa salvação. Assim, tendo feito tudo o que nos convinha e padecido quanto desejava, permitiu que a morte O alcançasse.

Já muito sangue lhe tinha saído do corpo, enfraquecendo-lhe as forças naturais, e a intensidade das dores e tormentos foi tal que o debilitou totalmente. Começou a entrar numa agonia lenta, para maior sofrimento. Ora desfalecia, ora recobrava algum alento; ora estremecia com o frio que lhe penetrava pelas chagas, pois estava despido; ora sentia o peito e a respiração apertarem-se; ora respirava mais fundo. E como não estava deitado e em descanso, mas pregado na cruz, com o corpo suspenso e atormentado pelas dores, essas, naquela hora, foram nele muito maiores que em qualquer outro homem.

O fôlego foi-lhe faltando pouco a pouco, os membros enfraquecendo-se, e quanto mais mortais se tornavam, com maior peso puxavam pelas mãos e pés pregados, aumentando-lhe a pena. Mantendo sempre o pleno uso da razão, para sentir melhor as dores que padecia, a cabeça inclinou-se de

fraqueza, os olhos — que a todos consolavam — quebrados, e a boca — que tantas e tão divinas palavras tinha proferido — fria e escurecida, ora se abria, ora se fechava, nos derradeiros suspiros.

Mas, para que todos entendessem que nem tormentos nem dores eram capazes de lhe tirar a vida sem que Ele o quisesse, e para deixar exemplo e norma de bem morrer àqueles que toda a vida ensinara a bem viver, no momento em que a fraqueza mortal costuma roubar a voz e os sentidos, Jesus, nosso Senhor, fortaleceu com a sua divindade a fragilidade da sua humanidade. Abriu os olhos, ergueu-os ao Céu e, com um brado tão forte que dificilmente um homem robusto poderia dar, disse, entregando a sua alma ao Pai eterno: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Ditas estas palavras, inclinou a cabeça, em sinal de perfeita obediência, e, abrindo a boca, com o derradeiro fôlego entregou a alma Àquele que, com amor eterno, a esperava; e morreu Aquele que a todos dá a vida eterna.

Este é o companheiro da nossa peregrinação, o consolador dos nossos trabalhos, o remediador das nossas necessidades e o leal amigo que, na hora em que tudo nos abandona, mais nos acompanha. E, como não morreu para se afastar de nós, deixou-nos, morrendo, a regra para morrermos contentes e partirmos desta vida seguros da sua companhia eterna: entregar-nos à divina vontade e colocar-nos nas mãos amorosas de Quem nos criou.

Não há melhor preparação para bem morrer do que colocarmo-nos na vontade e desígnio divinos. Um dia, alguns Santos Padres, conversando sobre como melhor se disporiam para morrer bem, cada um dizia o que o seu espírito lhe inspirava. Um recomendava a perfeita contrição dos pecados; outro, o valor dos Sacramentos; outro, os atos de pura oração. Finalmente, um deles disse que, para morrer bem, escolheria apenas acabar em perfeita conformidade e entrega total à vontade divina.

E com razão: porque essa entrega torna mais perfeita a contrição dos pecados, dispõe a alma para receber com mais eficácia os frutos soberanos dos Sacramentos, eleva com mais pureza o coração a Deus, torna mais proveitosa a ajuda dos Santos, humilha mais o espírito diante de Deus, aumenta a fé, a esperança e a caridade, leva a confiar totalmente n’Ele, que é o que mais agrada a Deus.

Afasta o medo das penas, com que o amor-próprio tenta inquietar a alma com temor servil, pois tudo se deixa a Deus, desejando apenas que Ele disponha de nós segundo a sua vontade. Renuncia-se a tudo o que se amava e que, naquele momento, se poderia interpor entre Deus e a alma, para amar somente a vontade divina. Entrega-se àquele abismo de infinitas misericórdias, sem outro cuidado que não seja o de se confiar Àquele que acreditamos e sabemos que, por amor, morreu para nos salvar.

Assim, todos os bens que na morte se podem desejar da parte de quem morre, para bem terminar, se encerram em entregar-se de coração nas mãos do Criador, verdadeiro e único redentor, com fé e humilde confiança n'Ele. Tudo está contido e ensinado nesta palavra: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito».

«Pai» é palavra que acende o amor; «mãos de Deus» ensinam a fé, que sabe serem cheias de todos os bens e misericórdias, poderosas para salvar e suprir as necessidades e faltas de quem não merece; «entrego» é palavra de confiança, entrega e humildade; «espírito» mostra que é algo nosso, necessitado de todos os bens que Deus encerra em si, para que só n'Ele os possamos encontrar. E tudo junto mostra que se restitui o que é seu ao seu verdadeiro Senhor, tão poderoso para restaurar o que estava perdido como para criar do nada.

Daqui aprendam todos os que confessam ou acompanham moribundos: não os atemorizar com medo dos pecados, mas encorajá-los a deixá-los de lado, depois de contritos e confessados; a renunciar, nas mãos de Deus, as penas merecidas e o estado que terão depois da morte; e a não pedir nem desejar d'Ele outra coisa senão que Ele se glorifique na sua criatura da forma que mais lhe agradar. Porque este é o estado mais seguro para bem morrer e o que mais garante a salvação.

Quando o nosso Senhor expirou na Cruz, o sol voltou a brilhar, o ar serenou, e aconteceram alguns factos notáveis que revelaram bem quem era Aquele que morria naquela Cruz.

No Templo de Jerusalém estava a Arca de Deus, onde se guardava a lei de Moisés, num espaço como uma capela, sempre coberta por um véu. Dentro dessa parte sagrada só entrava o sumo sacerdote, para consultar a

Deus, e sempre com grandes cerimónias. Esse véu simbolizava que tudo quanto havia na lei de Moisés estava oculto e em figuras, pois tudo apontava para Cristo, nosso Senhor, verdadeiro Messias, e para a lei da graça que Ele ensinava.

Para mostrar que já as figuras tinham terminado, que as verdades estavam descobertas e que era o tempo de o Senhor e Messias, crucificado, ser conhecido, recebido e adorado por todo o mundo — e que agora havia uma lei melhor, espiritual —, no momento em que o Senhor expirou na Cruz, e o sol voltou a brilhar, o véu do Templo, sem que ninguém lhe tocasse, rasgou-se de alto a baixo. O que estava oculto ficou à vista, público e acessível, que até então ninguém podia ver. Assim, com a morte deste Senhor, terminou a lei do temor e ficou confirmada a lei do amor e da filiação.

Também aconteceu que um centurião, capitão de cem soldados que guardavam o Senhor crucificado, ao ver o grande brado com que o Senhor, contrariando a própria natureza, entregou o espírito ao Pai eterno, compreendeu que aquilo não era simples força humana. Então proferiu a mesma confissão que São Pedro fizera da divindade do Senhor: «Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus». Assim, Deus fez-se conhecer, mesmo morrendo, e confessar por aquele que até então O guardara como a um traidor, chefe de ladrões, falso rei e falso deus, para que ninguém O ajudasse.

Algo semelhante aconteceu com muitos dos que ali estavam a observar, guardando-O e blasfemando. Ao verem o tremor da terra, o escurecimento do sol, o brado com que expirou, o imediato aclarar e o voltar da luz do sol, arrependidos e cheios de dor pelo que tinham feito, regressavam a suas casas batendo no peito. Já então se recordavam dos milagres do Senhor, já lhes agradavam as Suas doutrinas, já reconheciam a injustiça da Sua morte, já sentiam a falta da Sua presença, já se via a cidade como abandonada sem Ele. Já se reconhecia a inocência do Cordeiro e o Seu sangue fresco e quente começava a transformar os corações mais duros e empedernidos dos que O crucificaram, parecendo-lhes agora mais justo e santo o crucificado do que os seus algozes.

Oh, imitadores de Jesus crucificado, saí em defesa da Sua honra e perseverai, para mostrar ao mundo e aos vossos perseguidores que, quando sofreis por Ele e com Ele na cruz que vos dá, então é que verdadeiramente venceis e triunfais.

Exercício sobre a morte de Cristo nosso Senhor

Oh bom Pastor, perfeitíssimo amante das vossas ovelhas, chegou a hora que tínheis anunciado, em que, como amigo único e verdadeiro, morreríeis por elas, pois declarastes que o extremo do amor é morrer pelos amigos. Oh verdadeiro amigo da minha alma, quero-Vos vivo! Bem conheço a Vossa amizade; porque, então, atravessar tantas dores e ainda as agonias mortais? Como ousa a morte tocar-Vos, sendo Vós a verdadeira Vida, que destrói a morte? Como ides partir, Senhor meu, e deixar-me? E já que quereis passar por este trago mortal, descei da Cruz, vinde a estes braços, morrereis descansado. Abraçar-Vos-eis comigo, deixareis em mim a Vossa bênção, levareis o meu coração convosco ou me matareis também.

Nesta Cruz, Senhor meu, tudo Vos custa muito. Pesa mais o corpo enfraquecido pela morte, crescem as dores das chagas, aumentam os tormentos; e nem sequer, para atravessar a morte, tendes um instante de descanso? Até ao fim terá de durar isto? Oh amor constante, oh amor perseverante, que não quer ajuda de ninguém e que, enquanto não chega ao fim, não considera ter feito nada, nem se satisfaz!

Aqui, meu bom Jesus, ficarei; ao pé desta Cruz me lançarei; aqui chorarei esta separação, que mereci pelos meus pecados, pois lhes dei causa com as minhas gravíssimas culpas. Oh alma santíssima, não sei se Vos peça que partais depressa ou devagar: se apressais, arrancais-me a vida do coração; se demorais, prolongais as dores mortais deste inocentíssimo Cordeiro. Passai para mim as dores e tratai-O como quiserdes. Oh Pai meu, que tanto Vos custou adotar-me, dizei por despedida alguma palavra a esta pobre alma; deixai-me uma lembrança Vossa, a Vossa bênção. Já que a separação física é inevitável, fique-me impresso o Vosso amor, para que sempre me renove a saudade de Vós, meu Jesus, e Vos tenha em mim sempre presente e vivo.

Oh, como se fecham os Vossos olhos, minha luz; como Vos falta o fôlego, Espírito do meu coração; como enfraquecem esses membros, minha fortaleza! Já que não podeis suster a cabeça e a tendes inclinada para mim, abri esses piedosos olhos antes que de todo se feche a Vossa vista, e olhai-me com misericórdia; penetrai com a Vossa luz este coração, cativai com a Vossa saúde o amor desta alma. Se o Vosso amor não viver em mim, como poderei ficar sem Vós? Oh Pai amantíssimo! Oh esposo da minha alma! Oh companheiro dos meus trabalhos! Oh amigo fidelíssimo! Oh todo o meu bem! Se fico sem Vós, fico órfão — sem pai e sem amigo, sem Senhor, sem bem nenhum.

Bem podeis morrer e não me abandonar, pois morreis para me amparar. Senhor meu e toda a minha esperança, já que morreis por meu amor, e esse amor Vos faz agora sofrer agonias mortais, não me podeis negar o que nesta última hora Vos peço. Tendes, meu Pai e Senhor, feito o Vosso testamento: a alma dais ao Vosso Pai eterno, o corpo à sepultura, as Vossas riquezas levais convosco… e a mim, que me deixais? Esta Cruz, Senhor, deixai-me como herança e garantia da Vossa misericórdia.

Perdoai-me, Deus meu, nesta hora, os meus pecados. Pois na vida tanto pedistes e fizestes pelos pecadores, como, na morte, me havíeis de negar o perdão? Confesso aqui e aqui coloco todos os meus males. Pequei contra Vós, Pai amantíssimo, como filho perverso; pequei contra Vós, amigo verdadeiro, como ingrato; pequei contra Vós, Senhor misericordioso, como mau servo. Recebei-me nesta hora em que Vos apartais de mim, para que vivais sempre em mim.

Deixai-me, meu amor, como herança, juntamente com esta Cruz, a fonte de lágrimas que, neste exílio terreno, regue esta alma; e a fonte de águas vivas do Vosso amor, com que se regue a Jerusalém celeste, para onde ides.

DESPEDIDA

Ide-Vos embora, bom Jesus, já que assim o quereis, minha vida e minha esperança. Descansai agora dos Vossos trabalhos e acabai o Vosso exílio. Ide dar ao ladrão — que confia e espera na Vossa palavra — o paraíso que lhe prometestes, levando para junto de Vós as primícias e penhor de todas

as almas pecadoras, incluindo a deste miserável que deixais exilado e vivo nesta vida mortal.

Ide, supremo consolador, às profundezas, quebrai as suas portas, iluminai as suas trevas, aparecei aos santos Padres que suspiram por Vós, acabai com as suas longas esperas e tornai-os bem-aventurados e gloriosos com a Vossa presença.

Ide, Senhor meu, ao Vosso eterno Pai, que Vos chama; vencei com a Vossa morte a própria morte, tornai-a desde agora suave e desejada, pois será o fim das nossas saudades e servirá de passagem para Vos ir ver e estar convosco para sempre, amigo da minha alma.

Ide, minha glória, abri esse caminho tão oculto e essas portas tão cerradas do Céu, que esperam por Vós para serdes o primeiro a entrar por elas. Ide, vida do meu coração e amor da minha alma, e não tardeis em voltar, como prometestes. Encurtai o prazo destes três grandes dias e noites, tanto quanto a Vossa verdade o permitir, e deixai-me a Vossa fé, a Vossa esperança e o Vosso amor.

Olhai, Senhor, a ferida desta alma que fica, e a esperança que me deixais de Vos ver ressuscitado em mim, glorioso, imortal, belo, suave, amoroso, eterno e único companheiro deste espírito. Voltai, vida verdadeira, a viver, para que a minha alma, como deseja, viva convosco unida, possuindo-Vos e sendo possuída por Vós, abrasada no Vosso amor e transformada em Vós, meu único, verdadeiro e supremo bem.

Da palavra «In manus tuas, etc.»

Pai eterno, Deus de toda a consolação, e divino Espírito consolador, meu Deus e Senhor, reconhecei estas últimas palavras do meu Senhor e divino Cordeiro e Redentor, pois para mim as disse e para meu remédio as deixou na Sua última hora, para nunca as esquecer e por elas ser recebido.

Reconhecei a voz do Cordeiro divino que tira os pecados do mundo, pois a Sua última palavra concorda com a primeira que se escreveu d’Ele, quando, ainda menino, disse que Lhe cumpria estar nas coisas de Seu Pai.

Assim o fez. Sempre cumpriu, e até subir à Cruz, e nela agora morrer, Vos obedeceu. E, como quem sempre trouxe no pensamento e no amor o Seu Pai eterno, a Vós Se oferece ao morrer.

Toda a Sua obediência, meu Deus, é a minha riqueza; todas as Suas palavras são o meu tesouro; e nesta última me deixou, para todas as minhas necessidades e misérias, único e singular remédio e refúgio: as Vossas divinas e paternais mãos, cheias de misericórdia, de amor infinito e de bondade sem medida. A elas me ensinou a recorrer sempre, nelas esperar e nelas estar seguro em todos os perigos.

Este Senhor prometeu que, onde Ele estivesse, estariam os Seus. Assim, nessas mãos Se colocou, para que aí O vá buscar, nessas mãos O encontre, delas O receba, delas viva e nelas descanse.

Quando essas mãos me deixam, então estou verdadeiramente abandonado e miserável; mas quando me sustentam e guardam, então estou seguro, erguido, forte e cheio de bens.

Assim, Pai eterno, pela virtude e palavra deste Senhor, recebei-me, pois Ele já Vos mereceu com a Sua obediência e morte tudo o que eu não mereço.

Nas Vossas mãos, Pai e meu Deus, encomendo o meu espírito, a minha alma, o meu corpo, as minhas forças e os meus desejos. A elas e nelas me ofereço totalmente. Entrego-Vos o que fui até agora, para me perdoardes e remediardes; as minhas chagas, para as curardes; a minha tibieza, para a inflamardes; os meus maus e errados caminhos, para os corrigirdes; e todos os meus males, para os tirardes desta alma.

Encomendo e ofereço nessas santíssimas mãos o que sou — Vós o vedes melhor do que eu: fraco, miserável, ferido, inconstante, cego, surdo, mudo, pobre e nu de todos os bens, nada e menos do que nada por causa dos meus pecados; mais miserável do que sei ou posso dizer. Vós, meu Deus e Senhor, recebei-me e fazei de mim o que este divino Cordeiro deseja que eu seja.

Entrego nessas divinas mãos todas as minhas coisas, cuidados, afeições, sucessos, consolações, trabalhos e tudo o que sabeis que sobre mim há de vir. Tudo, meu Deus, encaminhai para a Vossa glória e honra; ensinai-me em tudo a fazer a Vossa vontade e a reconhecer que são obras dessa divina mão; nem querer outra coisa, e só nisso me consolar.

Oh mãos que fizestes o Céu e a terra para mim, e que tudo conservais para mim, e que me fizestes para Vós, não me deixeis andar fora de Vós. Nelas tenho o meu Cordeiro e meu amor; nelas me convém estar preso com Ele. Com Ele, em paz, e nessas mãos amorosas dormirei e descansarei, já que Ele, morrendo, me deixou nelas, confiando nas Suas infinitas misericórdias, como único e singular refúgio.

Já que, meu Deus, dessas mãos vivo e sou o que sou, fazei que para elas viva, nelas acabe e nelas morra, que nelas persevere no amor deste Senhor, e que delas só queira e espere todos os bens, para delas receber, com o meu Senhor, a coroa.

À CRUZ

Formosa Cruz, mais resplandecente e rica com o sangue deste divino Cordeiro do que com os mais belos rubis! Tu foste o termo dos Seus trabalhos, o início do Seu repouso, a vitória da Sua batalha, a elevação do Seu exílio, a entrada da Sua glória e a posse do Seu reino.

Toda ficaste a correr em rios do Seu precioso sangue, toda banhada nele. Tu és a minha herança, a minha rica parte que deste Senhor me ficou. Pobre morreu em ti, desapegado de tudo, só contigo abraçado e em ti cravado. Toda te deixou a todos os Seus e toda a cada um dos que O amam.

Adoro-te, abraço-te e recebo-te como meu rico tesouro. Oh, mais formosa que todas as estrelas, mais forte que todos os exércitos, triunfadora de todos os inimigos! Oh, como ficaste poderosa no campo, sem poder ser derrubada nem vencida! Já te reconheceu o Céu, já treme de ti o inferno, já o mundo te teme, já o inimigo sabe que Aquele que em ti morreu é o verdadeiro Filho de Deus.

Já honras os que antes humilhavas, pois pudeste fazer de um ladrão um cidadão do paraíso. Tu és a minha coroa, a minha glória, a minha riqueza — todos os bens por ti os tenho. A ti me acolho, a ti me abraço, em ti quero viver e morrer.

Já perdeste a tua dureza, já és jugo suave, penhor seguro da glória, início do reinado, descanso e alívio dos que a ti recorrem. Adoro-te, árvore de vida; adoro-te, fonte de sabedoria; adoro-te, muralha forte contra os inimigos; adoro-te, fornalha que arde no fogo do divino e amoroso Cordeiro.

Recebe-me nos teus braços, sustenta-me e santifica-me; por ti me receba Aquele que em ti me redimiu e por mim, cheio de amor, morreu em ti.

Oh Mãe de Deus santíssima, Rainha dos Anjos, gloriosa Estrela do Mar e guia dos pecadores, que permaneceis cheia de dores e saudades deste Senhor que destes à luz, e cheia de fé e esperança de O ver ressuscitado daqui a três dias: fazei-me ser crucificado com Ele, fazei-me ser recebido pelas Suas mãos, fazei-me ser sempre amparado por Ele e por Vós, para que d’Ele, para Ele e n’Ele viva e morra, e com Ele reine.

Oh corte celestial, que possuís este divino Cordeiro imortal, contentes de O ter e seguros de O não perder, ajudai este filho desterrado de Eva a viver sempre crucificado por Ele, sempre abrasado no Seu amor, para que mereça, por Ele e convosco, ser eternamente coroado e glorificado. Amém.

FIM DOS CINQUENTA TRABALHOS DE JESUS

Já que o sangue de Cristo, nosso Senhor, foi o preço da nossa redenção — sangue que Ele derramou, com muitos trabalhos, do Seu santíssimo corpo — e, como que para completar a medida, quis que, depois da Sua morte, Lhe fosse aberto o lado, para se derramar o que ainda restava no corpo, parece justo dizer que esse mesmo sangue exige e obriga que tratemos de modo especial desse santíssimo lado aberto, e que recolhamos, com todo o amor, os frutos do sangue que por ele saiu e os tesouros que do coração de Jesus foram revelados.

E, porque a principal intenção desta obra é que os atribulados encontrem nela um modo de se acompanharem com Cristo, nosso Senhor, atribulado, acrescentei a esta obra dois capítulos: um sobre o lado que foi aberto ao Senhor, e outro sobre a companhia que o Senhor faz a todos os atribulados, com os respetivos exercícios apropriados à matéria de cada um.

CAPÍTULO I

Do lado, que foi aberto ao Senhor.

Quando Cristo, nosso Senhor, padecia tormentos, não os sofria apenas como homem, mas também como verdadeiro Deus, que, com o Pai e o Espírito Santo, segundo o conselho eterno e divino, conhecia e dispunha a quantidade, a qualidade e o modo dessas dores, dando-lhes virtude para produzir os bens que desejava alcançar: acender em nós o Seu amor e salvar-nos dos nossos pecados.

De tal maneira ordenou as circunstâncias, tempos e acontecimentos, que tudo serviu para cumprir inteiramente as profecias, para confirmar a nossa fé e para o fim que tinha no coração. Foi tão generoso nisso que tomou por medida sofrer as Suas próprias forças — medida a que ninguém pode chegar — e fez as Suas dádivas de acordo com a Sua grandeza.

Em tudo ultrapassou os limites do que merecíamos e as próprias leis a que nos obriga. Por isso, já tendo dado o Seu precioso sangue como preço dos nossos pecados e de todos os bens da graça e da glória que nos faltavam, não Se contentou com derramar apenas parte desse sangue, que já seria suficiente. Ordenou que nem sequer o que restava por derramar após a morte ficasse no Seu corpo.

Tendo levado ao extremo a lei do amor — que já bastava mostrar-se em dar a vida pelo amigo, pois não há mais que dar —, Ele, que tinha a vida e a morte nas Suas mãos, quis ir além: antes mesmo de nascer, já tinha feito obras de amor infinito; não Se contentou em continuar esse amor durante toda a vida até morrer por nós; e, depois de morto, mandou abrir o Seu lado, para que a porta do Seu coração ficasse sempre aberta ao acolhimento de todos os que amava.

Isto aconteceu porque morreu numa sexta-feira da Páscoa, véspera do sábado, dia de grande veneração para os judeus. Como eles honravam as festas mais pelas cerimónias exteriores do que pela pureza do coração, não tiveram escrúpulo em cometer o crime de matar Cristo no dia da Páscoa,

mas consideravam grande profanação deixar pendurado na cruz, durante o sábado, um corpo.

Por isso pediram a Pilatos que mandasse quebrar as pernas a Ele e aos dois ladrões, para que morressem depressa e fossem retirados das cruzes antes do anoitecer. Sem o saberem, concordavam assim com o cumprimento dos mistérios e desígnios divinos: pois, como o sábado era dia de descanso dedicado ao culto divino, simbolizava o repouso das almas na comunhão e comunicação com Deus, onde toda a dor e amargura desaparecem.

Assim, era necessário que o corpo, no qual Deus completara as obras da nossa redenção, fosse retirado do madeiro da cruz e entregue aos braços dos que, com puro amor, haviam de celebrar com Ele esse sábado de descanso.

Pilatos consentiu no pedido: quebraram as pernas aos dois ladrões, mas, ao chegar à cruz do Senhor, vendo-O já morto, não Lhe quebraram os ossos. Assim estava profetizado na lei de Moisés, onde se ordenava que, no dia da Páscoa, cada família comesse um cordeiro assado, sem que lhe fosse quebrado nenhum osso.

Esse cordeiro era figura de Cristo, que, assado no fogo do Seu amor no forno da cruz, Se ofereceu como alimento das almas. Embora morto como fraco, não perdeu nada da força e virtude da Sua divindade para nos salvar, representada nos ossos — a parte mais resistente e firme do corpo humano.

Por isso, quis ser aberto em chagas por todas as partes e desconjuntado em todos os membros, mas sem que nenhum osso fosse quebrado ou separado do corpo, para nos ensinar que O temos sempre inteiro e suficiente para tudo o que nos é necessário, mesmo quando parece mais fraco do que quando Se mostra glorioso na ressurreição.

Mas, como os judeus, ministros sem o saberem dos desígnios do Senhor, não Lhe quebraram as pernas por julgarem que estava já morto, ainda assim, para se assegurarem da morte e satisfazerem a malícia e o ódio, Lhe deram uma lançada no lado direito, por baixo das costelas, atravessando até ao coração.

Alguns dizem que a lança Lhe terá mesmo rasgado e aberto o coração; mas, mesmo que não o tivesse atingido diretamente, certo é que tudo se abriu até onde Ele estava, ficando o coração de Jesus aberto de par em par, para nunca mais se fechar.

A tradição conta que este golpe foi dado por um soldado chamado Longinos, que, segundo alguns, era cego, e que o sangue que jorrou do lado lhe caiu nos olhos, curando-o. Mas, se não era cego do corpo, era-o da alma, pois não reconhecia o Senhor nem o bem que fazia ao mundo ao abrir-Se assim. Contudo, foi tão afortunado que o lado aberto lhe abriu os olhos da alma, e recebeu no coração as primícias das almas que se alimentariam das riquezas que dele saíram. Convertido à fé e ao amor desse Coração divino, deu depois o seu sangue e a vida por Ele, com glorioso martírio.

Do lado aberto do Senhor saiu logo sangue e água em tanta abundância e tão claramente separados que São João Evangelista pôde dizer com verdade que o testemunhava porque o tinha visto.

Como a água é a matéria do sacramento do batismo, e o sangue do Senhor lhe dá toda a virtude para santificar as almas, não há dúvida de que deste lado divino saiu a santa ablução que nos torna limpos e filhos de Deus. E não só este sacramento, mas todos os outros que têm a virtude do sangue de Cristo procedem do Seu santíssimo lado, fonte de todas as graças e bens espirituais e celestiais.

Ao santo batismo chamou Cristo “novo nascimento”, porque, tendo nascido filhos do pecador Adão e da ira, no batismo nos tornamos filhos da misericórdia e de Deus; e, assim como do ventre das nossas mães nascemos para o exílio e a morte, assim, pelo batismo, nascemos para ser herdeiros da vida eterna.

Fica, pois, claro que, se do Seu lado saíram a água e o sangue com que nascemos santos e filhos de Deus, todos os batizados somos filhos das Suas entranhas e a elas devemos o nosso parto e nascimento espiritual.

Assim, quis este Senhor assegurar o nosso amor de filhos, já que de muitas formas nos tinha mostrado o amor de Pai, para que ninguém O

pudesse vencer em amor. E, vendo-nos amados por Ele de todos os modos e razões, por todos Lhe correspondamos: como Pai, como Mãe, como Senhor, como Servo, como Irmão, como Filho, como Companheiro, e por todos os títulos de Amigo que Ele quis tomar.

Não podemos, portanto, voltar os olhos para esse lado e entranhas de que renascemos para o Céu com menos amor e confiança do que os voltamos para o seio materno de que nascemos para a terra.

É coisa digna de grande ponderação e admiração: nosso Senhor quis dar esta suprema prova de amor já estando morto, sem sentir dor nem tormento na lançada que Lhe deram, enquanto todas as outras dores as sofreu em vida, com tão grande aflição e sensibilidade, que bem se via serem proporcionadas ao Seu amor.

Antes de mais, importa que todo o católico entenda: o sangue de Cristo que saiu do Seu corpo depois de morto não tinha menos eficácia do que o que derramou vivo na cruz. A divindade do Filho de Deus estava tão unida àquela carne morta como estivera à alma quando ainda estava nela.

Assim como a alma do Senhor pôde, pela virtude da divindade que a tinha unida a Si, quebrar as portas do inferno e libertar os Santos Padres, também, pela mesma união da divindade com o corpo morto de Cristo, o Seu sangue pôde santificar os pecadores e ser preço da nossa redenção.

Porque nunca o Filho de Deus abandonou a humanidade que tomou, mesmo que, pela morte, as suas partes — alma e corpo — se separassem. E, embora nas horas em que esteve morto não fosse “homem” no sentido completo (pois homem é a união de alma e corpo), foi sempre verdadeiro Homem e verdadeiramente humanado, porque a Sua divindade estava unida a ambas as partes da Sua humanidade, mesmo separadas.

Por isso, essas partes, ainda que separadas, não tinham menos virtude para a nossa redenção do que quando unidas

Fica, assim, entendido que o nosso Senhor guardou esta demonstração suprema de amor para depois de morto, para que, em nenhum estado em que O víssemos, O encontrássemos desocupado das obras do Seu amor. E,

se a morte foi capaz de Lhe tirar a alma do corpo, não o foi para impedir o Seu amor, que, com o corpo e a alma separados, estava ocupado na nossa salvação.

A alma consolava os que estavam no Limbo, abrindo-lhes o caminho para a bem-aventurança eterna; no corpo, abria-se a porta para o descanso perfeito e seguro dos atribulados que ainda viviam na terra.

Assim, vemos que o Seu amor eterno, nem no ventre da Sua Mãe, antes de nascer, nem desde o nascimento até à morte, nem depois de morto, nem ressuscitado, nem sentado à direita do Pai, O deixa ficar ocioso: na vida, na morte e na glória, sempre cuida de nós e por nós intercede.

Não quis sentir dor na abertura do lado, porque a morte devia ser o fim e descanso dos Seus trabalhos, e o começo de recolher os frutos deles, dando-nos entrada e repouso no Seu coração, onde o Seu amor nos tem escritos. E, como esta era a coisa que mais desejou toda a vida, e que tantos e imensos trabalhos Lhe custou, deixou para depois de morto a abertura dessa porta, sem dor, para que não custasse trabalho a entrada de tamanhos bens, pelos quais trabalhou durante toda a vida.

Assim, sofreu muitas dores e penas nas chagas e tormentos, por onde nos mereceu os bens encerrados no Seu coração; mas não quis sentir nenhuma na chaga que nos abre esse coração, para que todos os que quisessem entrar o pudessem fazer livremente.

Também para nossa instrução convinha que o lado fosse aberto sem dor: primeiro, para entendermos que os trabalhos só custam até chegarmos ao coração de Jesus; uma vez aí, o Seu amor transforma tudo em suavidade e consolação. Segundo, para aprendermos que só é digno dessa divina morada quem morre para todos os gostos desordenados da vida.

O coração de Jesus é descanso, mas para quem n’Ele se contenta sem mistura de outro amor; é morada dos atribulados, mas daqueles que, com fidelidade, suportaram as tribulações para chegar até Ele; é vida verdadeira das almas, mas apenas para as que morreram para as vaidades desta vida mortal e renunciaram, por amor de Jesus, aos prazeres desordenados do mundo.

Assim, abrir-se o Seu lado depois de morto é sinal de que é lugar próprio para crucificados e mortificados. Restituiu-nos, com isto, o que tinha tirado aos homens em melhor sorte: se nos foi fechado o paraíso terrestre, abriu-se-nos o Seu coração; se à entrada daquele pôs um querubim com espada de fogo para impedir para sempre a passagem, neste divino paraíso abriu uma porta para nunca mais se fechar, e acendeu dentro um fogo que consome sem destruir, e que, pela sua formosura, chama e atrai todos.

Dentro deste coração está a verdadeira sabedoria, que consola as almas; o fruto de vida eterna e soberana; a fonte de água viva que rega a cidade de Deus — tanto os que ainda peregrinam neste mundo como os que já habitam na Jerusalém celeste; e o tesouro de todos os bens que as almas podem desejar.

Vinde, vinde, almas, entrai, provai e vede como o Senhor é suave!

Exercício sobre o lado aberto do Senhor.

Em tudo, bom Jesus, o Vosso amor ultrapassa todos os limites e leis; não pode haver outro igual. Podíeis, como verdadeiro amigo, chegar ao termo supremo do amor, morrendo pelos amigos — pois não há mais que dar, nem mais que fazer. Mas Vós, Deus de amor infinito, ides mais além: não só morreis por amigos e inimigos, mas, amando até morrer e dando a vida, ainda tendes mais para dar, ainda vos resta que fazer.

Dais o Vosso sangue que permanecia no corpo, e dais o Vosso coração, onde nos tendes escritos; e mandais abrir uma entrada tão larga que nunca mais se fechará. Amais vivendo, amais morrendo, amais depois de morto e amais para sempre. Nem a morte pode esgotar o Vosso amor, pois sempre amais e sempre tendes como mostrar o amor que nos tendes.

Nem morto quereis que me julgue esquecido de Vós; e, tendo-se a alma separado do corpo, providenciais para que me seja aberto esse lado santíssimo, para que eu entre no íntimo desse coração, que me enriquece de todos os bens.

Já não Vos pedirei, Senhor, como David, que me purifiqueis com um ramo de hissopo para ficar limpo, mas, como São Pedro, que me laveis por inteiro nesse sangue: cabeça, mãos, pés e todo o meu ser. Quando, pela virtude desse sangue, me purificardes, reconhecereis em mim o Vosso sangue; por Ele me perdoareis, por Ele me santificareis e por Ele me aproximareis de Vós; e o que eu não merecer, por Ele me será concedido.

Adoro-Te, divino Sangue, que com a Tua corrente levas a terra ao Céu; com a Tua enchente inundas de bens divinos todas as almas; e com o Teu ardor transformas inimigos em amigos, desviados em bem orientados, cegos e ignorantes em iluminados, e filhos da ira em filhos de Deus. Não me deixes fora de tão grandes bens, pois não tenho menos parte neste sangue do que todo o mundo junto.

Adoro-Te, lado santíssimo, abrigo seguro dos culpados, refúgio fresco dos cansados, acolhimento de todos os exilados e abandonados. Que desígnios são estes do Vosso amor, bom Jesus? Quereis-me tão próximo, tão unido a Vós? Não basta estar ao pé da Vossa cruz? Pode haver para mim maior misericórdia do que não ser dali lançado, como mereço? Ainda quereis que eu suba, que entre, que ocupe o lugar que no Vosso coração me quereis dar, como Senhor meu?

Quereis que se diga de Vós e de mim o que se diz do amor: que quem ama vive mais na alma amada do que na sua própria alma? Quereis ficar sem sangue e não quereis estar sem mim? O Vosso coração aceita estar sem a alma que Lhe dá vida, mas não aceita viver sem mim?

Aí quereis encontrar-me quando ressuscitardes, aí onde, na vida e na morte, o Vosso amor me tem escrito. Ressuscitado e sentado à direita do Pai, quereis que eu entre, quereis estar perto de mim, falar-me, ouvir-me, responder-me, receber a minha pobreza e dar-me as Vossas riquezas.

Se David considerava melhor um dia nos átrios da Vossa casa do que mil fora dela, e estimava mais ser um dos desprezados dessa casa do que o mais honrado do mundo, que diria se visse a entrada desse lado, e a alma que não está nos átrios, mas no íntimo desse peito divino, onde se encerra toda a majestade e riqueza do Pai eterno?

Quem me dera, Deus meu, entrar aí onde sei que sou lembrado, desejado, esperado, e onde tenho abundância de todos os bens! Vós, Senhor, que bem sabeis que não se podem desejar os bens do Vosso coração sem alguma experiência deles, levai-me, dai-me entrada nesse coração que desejais partilhar comigo. E, já que quereis viver comigo nele, colocai-me aí convosco, para que eu viva.

O Vosso apóstolo São Paulo julgava dizer muito quando dizia: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.» Mas que é isso comparado ao que Vós quereis, amor infinito, quando não quereis que ninguém Vos vença em amor, e quereis dizer de mim: «Vivo eu, mas não sou eu, porque neste coração vive este pecador que amo»?

Ó vida minha, porque morro tantas mortes, se sou amado por Vós? Porque me deixais vaguear, perdido e exilado, fora desse coração, onde unicamente me posso aquietar? Ó Pastor da minha alma, não se perca esta ovelha desgarrada; possa mais o amor que tendes por mim, para me levar a Vós, do que a minha malícia para me afastar de Vós.

Se o Céu se alegra com a conversão de um pecador, é pelo prazer que Vos dá ganhá-lo. Contentai-Vos, Senhor meu, dai a esse coração a alegria de me salvar, pois ele só se satisfaz quando me tem dentro de si. O Vosso abrasado Agostinho Vos chamava «mais íntimo que o íntimo das suas entranhas». [...] Quem me cega? Quando chegará ao fim o peso desta minha grande miséria, e nada mais me impedirá de estar todo em Vós?

Aí, nesse coração, tenho todo o meu verdadeiro tesouro; e que tesouro desgraçado é o meu quando está fora dele! Aí está o fogo que me há de abrasar e transformar; e como sofro então o frio destas geadas da alma, que arrefecem o meu espírito a ponto de nenhum dos Vossos divinos ardores o conseguir aquecer! Que vejo eu senão a Vós? E, no entanto, como estou longe destes bens que sempre me cercam!

Mas, Senhor, longe da Vossa fé e do Vosso amor estava também o Vosso Apóstolo São Tomé, quando, sem tocar, não queria crer. Fostes Vós que o procurastes, o chamastes e o fizestes meter a mão nesse lado; logo ficou outro, logo preso, logo iluminado, logo inflamado, logo exclamou: «Oh meu Senhor e meu Deus!»

Eu creio, meu bom Jesus, sem tocar, sem apalpar; creio o que ele creu vendo e tocando. Mas o amor que ele experimentou, esse Vos peço, para que fique preso de Vós. Aproximem-se de mim, Senhor, os fogos divinos que tão depressa, desse coração, correram pela mão do Apóstolo até lhe mudarem o coração; tirem-me a vida mortal e façam-me viver em Vós, vida vital da minha alma.

Oh vida, sem a qual morro, tira-me das mortes em que Te perco; não me deixes andar perdido fora de Ti, pois que, para me ganhares, vivo ou morto estás todo aberto.

Oh sacratíssimo lado, oh porta do paraíso; oh entrada do divino amor; oh fonte de vida que sempre manas! Leva-me com a Tua virtude a Ti, pois de Ti hei de receber o que me levará a Ti. A minha alma arde no Teu desejo; não Te feches para mim, nem me negues a virtude com que cativas as almas e as levas a Ti.

Em Ti me verei livre de mim, em Ti não chegarão os meus inimigos. Verdadeiramente, Senhor, altíssimo puseste o meu refúgio e a segurança de todos os meus bens — como disse David — e não pode chegar até Ele nenhum mal, pois o puseste dentro do Vosso coração. Por isso quiseste que só se abrisse depois de venceres todos os meus males e inimigos com a Tua morte, e depois de desbaratares os que Te cercavam; para que, como fortaleza invencível, eu me acolhesse a esse coração; e, como em terra pacífica, caminhasse para essa porta divina, aberta de par em par, seguro de tudo o que me poderia fazer mal.

Até chegar aí, ando em guerra, em perigo, cada dia roubado, cada dia ferido e golpeado; porque ando entre inimigos e trato com bens que me podem ser tirados. Mas aí não chega inimigo, nem mal, nem ladrão, porque todos os bens desse coração divino estão fora de qualquer poder de corrupção e perda.

Tudo o que há em mim para desejar, a Ti suspira: as minhas misérias pedem-Te misericórdia, os meus pecados pedem-Te perdão, o meu cativeiro pede-Te liberdade e a minha morte pede-Te vida.

Oh divino coração, ouve estes clamores, pois não podem deixar de entrar por portas tão abertas. O amor que Te fez tão acessível, esse mesmo Te mova a recolher-me em Ti, para que, de tantas maneiras, não me perca. Não me perderei, bem-aventurança minha; não me perderei, bondade infinita; terei a Ti por mim, e Tu me tirarás de mim e me assegurarás em Ti.

Adoro-Te, abraço-Te, saúdo-Te, divino coração, tão cativo do meu amor. Tudo em Ti tenho; desejo derreter-me todo em amor por Ti. Já não quero outro amor; já não quero que outro me conheça nem me veja. Tu só me bastas; Tu me mudarás, Tu me enriquecerás, Tu me saciarás o desejo desta alma.

Oh, se sempre aqui estivesse unido! Se aqui viver contigo, venha a morte quando quiser, porque me libertará deste corpo para viver sempre em Ti, sem medo de Te perder. Oh, como sou pobre sem Ti, e quão rico contigo! Como tudo me engana fora de Ti, sem que eu sinta a minha perdição!

Acabai, Senhor, toda a inclinação terrena deste bruto e miserável pecador; trazei-me todo após Vós, até que me veja livre de mim. Lembrai-Vos, Senhor, que não pedis aos homens mais que o coração, para Vos acompanhardes com ele. Quem me dera ter cinco corações para pôr nestas Vossas cinco chagas! Ou que eu todo me pudesse fazer em corações, para Vos dar muitos companheiros nos Vossos gozos e amar-Vos com mais amor!

Mas já que não tenho mais que um só, pequeno, miserável, frio e cheio de misérias, tal como está, vo-lo dou. Aceitai-o, Senhor, com misericórdia, e moldai-o à Vossa vontade, para que seja digno dessa divina e soberana morada.

Senhor meu Jesus Cristo, meu redentor e luz resplandecente das minhas trevas, colocastes todos os meus bens verdadeiros em Vós, para que não os pudesse achar fora de Vós, por mais que os procurasse, para que, ao menos, a minha necessidade e miséria me obrigassem a ir a Vós.

Vós quisestes ser meu Pai, Senhor, Irmão, Amigo, Companheiro, Pastor, Pão, Sabedoria, Força, Riqueza, Consolação, Descanso, Vida e Bem-

aventurança. Dissestes que ouviríeis a quem pedisse e abriríeis a quem batesse.

E, para que não andássemos por muitas portas, nem nos cansássemos em muitos caminhos à procura dos bens que nos prometeis, colocastes todos dentro de Vós e abriste as portas do Vosso coração para que todos entrássemos.

Nem então, Senhor, deixastes de saber que eu seria (como sou) pecador, ferido, miserável, ingrato, sujo e tão diferente da santidade, pureza, glória, limpeza e grandeza desse lugar e dessa porta a que me mandais bater. Mas, de toda a maneira, quereis que eu não procure remédio senão no Vosso coração, nem bata senão a este lado; e ameaçais-me com a morte e a perdição eterna se não o fizer.

Pois, Senhor meu, ainda que quem sou me afastasse daqui, o amor que me tendes puxa-me e traz-me a Vós. E se Vos hei de desagradar fugindo-Vos ou aproximando-me de Vós tão cheio de desventuras, prefiro receber da Vossa mão a morte do que ausentar-me de Vós.

Estou certo de que, se me podeis tirar a vida, não me tirareis o desejo do Vosso amor; nem abafareis os clamores de quem mandais que peça, para que tenhais ocasião de dar o que desejais e podeis dar.

Aqui, pois, estou, pecador; aqui bato, pobre; aqui clamo, miserável; aqui peço, necessitado. Não mereço ser ouvido nem recebido, pelas muitas vezes que me chamastes e eu não quis vir, e batestes ao meu coração e eu não quis abrir.

Mas não haveis Vós, Senhor, de ser como eu, pois quisestes ser Redentor das ovelhas perdidas e viestes buscar os que fugiam de Vós. Pois, Senhor, não fujais de quem Vos busca, ainda que seja alguém que causa repulsa.

Abri, Pastor meu soberano; abri, médico divino; abri, Pai de misericórdias, a este necessitado. Dai-me entrada nesse coração; lede o que nele tendes escrito; aí me achareis no número dos remidos; fazei-me, Senhor, também do número dos escolhidos.

Mostrai o resplendor da Vossa grandeza na minha baixeza; porque, se com a Vossa formosura prenderdes o perdido, santificardes o malvado e levantardes este miserável derrubado, ficará o Vosso nome exaltado e conhecida a grandeza da Vossa bondade.

E será, para todos os necessitados, buscado esse divino coração, e ver-se-á rico e rodeado das almas que Ele deseja.

Oh Mãe de Deus, Virgem puríssima, que vivestes sempre deste divino coração e sempre fostes rica dos Seus tesouros! Pois sois guia de quem O procura, conduzi-me a este santíssimo lado; aproximai-me d'Ele; tirai de mim todos os impedimentos que me possam afastar, para que entre, viva n'Ele e nunca d'Ele saia.

Oh Anjos e Santos bem-aventurados, que nesse paraíso de delícias estais satisfeitos e cheios, alcançai-me dos frutos que dele recebeis, para que, preso da Sua doçura e suavidade, tudo o que há fora d'Ele me cause enfado, e só ao Seu sabor corra, só a Sua formosura ame para sempre. Amém.

CAPÍTULO II

Da companhia que o Senhor faz a todos os atribulados; e de trabalhos que os homens têm, que Cristo não teve, [...]

É tão grande, tão imensa e tão constante a sucessão e acumulação de trabalhos que padecemos, nós, filhos degradados de Adão e Eva, neste vale de lágrimas, que deu origem e crédito, na opinião geral dos homens, a um provérbio latino que diz: "Consolação é, para os miseráveis, ter companheiros nas suas penas", e que em castelhano se exprime: "Mal de muchos, gozo es".

Mas esta é uma consolação muito imprópria para os trabalhos, pois a maior prova de que as misérias e trabalhos são incuráveis é serem todos miseráveis e atribulados. Não pode ser verdadeira consolação de males aquilo que não os tira nem remedeia. Penso, contudo, que tal dito se tornou aceite porque são tantos os trabalhos que cada um sofre, que, ao considerar os próprios como os maiores, acaba por encontrar e ouvir nos outros tantos ou mais, conformando-se consigo mesmo e não trocando os seus pelos alheios. Assim, não consola, mas alivia o peso do sentimento.

Vemos, assim, que a prática mais comum nesta nossa pátria de trabalhos, enquanto andamos desterrados do Céu, é responder aos males próprios com relatos de males alheios. É como num hospital, onde os doentes, reunidos, contam as suas dores e tratamentos; ou nas prisões, onde cada um relata as suas penas e culpas; ou entre cativos, que descrevem as suas misérias. Do mesmo modo, não há quem diga que lhe dói a cabeça, que está com má disposição de estômago, que lhe faz mal a mudança do tempo, que lhe roubaram a casa, que perdeu um parente, que sofreu uma injustiça, ou outro qualquer infortúnio, sem logo ouvir: "eu também passei por isso", ou algo semelhante.

E ainda que esta miserável conversa, pelo hábito, já não se sinta nem se pese, olhando-a bem, não conheço razão humana que mais leve a desejar o Céu do que imaginar-se num lugar onde não haja males e trabalhos próprios para contar, nem alheios para ouvir.

O pior de todas as misérias deste vale de trabalhos é que, sendo tão povoado delas, é tão pobre em consolações e alívios, que, pela maior parte, não tem outros senão a habituação à sua continuidade, que amortece o sentimento, ou o tempo, que leva os passados ao esquecimento. Mas nunca alguém viu que o trabalho alheio, por muito que se lhe junte, remediasse o próprio, nem que o passado, lembrado, consolasse o presente. Se os trabalhos pudessem ser verdadeira consolação de outros, nunca os atribulados se queixariam, pois, onde todos tivessem males, seriam gerais as curas. Mas a cada um dói o seu, e as dores que se sucedem não tiram as passadas, antes se acumulam com elas, e a lembrança das próprias e das alheias torna o degredo mais triste e a vida mais cansada.

Ficam fora desta conta os trabalhos do Senhor, porque só para eles Deus reservou serem verdadeira cura e perfeita consolação dos nossos. Quando os filhos de Israel, no deserto, foram castigados, por causa dos seus pecados, com serpentes que matavam todos os que mordiam — imagem do veneno mortal dos nossos pecados e dos trabalhos que consomem a vida —, Deus mandou, como remédio, que se fizesse uma serpente de bronze, semelhante às que matavam, e que se pusesse num poste, e todos os que, mordidos pelas vivas, a olhassem, ficavam curados e viviam.

Isto era figura de Cristo, nosso Senhor, crucificado e cheio de trabalhos, verdadeiro remediador dos nossos. Ele quis que o remédio certo, que havemos de encontrar nos seus trabalhos, não fosse representado por outra coisa senão por algo que, só de ser visto, curava. Pois, se sentimos tristeza ao pensar ou imaginar Cristo triste, não só não nos desanima, mas, causando em nós compaixão pela tristeza que nele vemos, não sei como, sem darmos por isso, ficamos leves, consolados e com o coração aliviado. Assim, qualquer trabalho, a lembrança dos do Senhor e a consideração deles, e a visão interior do amor com que por nós os sofreu, dão ânimo para suportarmos os nossos, fazem-nos desejar outros, tiram o peso, fazem desaparecer a pena e chegam mesmo a tornar agradáveis os próprios trabalhos, que, à vista do Senhor, nos afligiam e magoavam.

O Senhor inventou esta consolação para este desterro, porque, sendo impróprias as alegrias do Céu para os que dele estão afastados e peregrinos, e não podendo o seu amor suportar ver-nos em tamanhas aflições sem

alguma consolação, ordenou que uns trabalhos fossem consolados por outros: os nossos pelos seus, para que assim os seus nos dessem virtude, forças e ânimo para suportarmos os nossos, e os nossos, na companhia dos seus, se tornassem instrumentos de coroas no Céu.

Assim, rodeados de trabalhos, Ele colocou-se no meio de nós com a sua própria vida, para que ambos, no eixo do seu amor lubrificado com as grandezas das suas misericórdias e bondades, nos tornassem o jugo suave e o peso leve, e fosse um prazer carregá-lo com tão saudável companhia. Por isso, sem dúvida, os nossos trabalhos não nos parecem pesados senão quando são acompanhamos com os do Senhor.

David não os tinha tão à mão como nós, mas já os via em espírito quando dizia a Deus: "Mostraste-me muitas e duras tribulações, e, voltando-te para mim, deste-me vida e alento, e levantaste-me do centro da terra". Se David dizia isto com um pequeno favor que recebia de Deus nas suas tribulações, o qual lhe tornava tudo tão leve que lhe pareciam mais amostras do que verdadeiros trabalhos, vendo-se perseguido pelo Rei Saul, expulso do reino pelo seu filho, com a morte diante dos olhos todos os dias — que diria se se visse abraçado com Cristo, nosso Senhor, crucificado, cheio de trabalhos por nós, e com os favores que as suas chagas dão aos atribulados, tão diferentes e maiores que os que então recebia de Deus?

Sem dúvida, se com aquelas pequenas ajudas de Deus os seus trabalhos lhe pareciam mais mostra do que realidade, na companhia deste Senhor, ele chamá-los-ia verdadeiros prazeres, e teria a vida por mais cansada e perigosa em liberdade do que cercada deles.

Desses trabalhos, e não de outros, se pode com verdade dizer que “mal de muitos é alegria” e que é verdadeira consolação para os miseráveis ter tal companheiro nas suas penas, pois os do Senhor sempre curam, aliviam e transformam os nossos em bens, com a sua amorosa lembrança e companhia.

Por isso, nosso Senhor, tendo decidido acompanhar os atribulados e consolar os nossos trabalhos com os seus, não se contentou senão com tomar sobre si tantos e tão variados, que nenhum atribulado possa apresentar as suas queixas sem logo encontrar nele outra aflição

semelhante, da qual possa tirar proveito para a sua e recolher do Senhor o fruto e a consolação de que precisa. Assim, quando quisermos oferecer a Deus um dos nossos trabalhos, para que não receemos que será recusado ou desprezado, logo encontramos em Cristo outro semelhante, e, unido ao nosso, torna-se sacrifício agradabilíssimo, do qual se recolhe imenso proveito.

É verdade que há alguns trabalhos que os homens passam e que Cristo, nosso Senhor, não quis passar, ou por não serem convenientes à santidade e perfeição das suas virtudes e vida, ou por não poderem ser suportados sem defeito ou pecado. Mas a falta desses supriu-a o Senhor com outros quase semelhantes, tanto maiores e mais penosos que os que não teve, que ninguém poderá nunca pensar que passou mais trabalhos, nem maiores, do que Jesus, nem deixar de aproveitar-se da sua companhia para remédio e consolação dos seus.

Não teve o trabalho do remorso de consciência, nem a dor de contrição de pecados; mas sentiu tanto os nossos que suou gotas de sangue e passou por muitos tormentos para nos livrar dos que justamente merecíamos. Nunca poderemos chegar a tamanho sentimento e penitência pelos próprios pecados como Ele teve pelos alheios, pelos quais morreu.

Não teve em si contradição da carne contra o espírito, que é a coisa que, acima de todas, mais cansa e aflige os seus servos e amigos; mas teve tão contrária a vontade natural, da parte animal e sensitiva, sem pecado, com medo de padecer, à racional, que plenamente queria obedecer a Deus e aceitava os tormentos, que isto lhe causou tristeza mortal e agonia quase de morte. E, além disso, teve tantos espíritos malignos, humanos e diabólicos, que trabalhavam por contrariar e desfazer as suas verdades e obras, que lhe custaram mais pena do que a contradição que os seus sentem da carne contra o espírito.

Não teve o trabalho de cativeiro; mas, em seu lugar, serviu toda a vida pelos nossos pecados, com tanto trabalho, que, por boca de um Profeta, se queixa do que isso lhe custou.

Não teve trabalhos de perdas de bens materiais; mas, em seu lugar, assumiu os grandes trabalhos e privações da estreitíssima pobreza em que

viveu toda a vida.

Não teve orfandade nem viuvez; mas viu-se abandonado por Deus e pelos homens, e por toda a criatura, no tempo dos maiores trabalhos na Cruz, mais do que todos os órfãos e viúvas.

Não teve perdas de filhos; mas sofreu grandíssimas aflições e sentimentos pelas almas que se haviam de perder, que amava com amor de filhas, e que assim considerava.

Não teve desprezo de príncipes. Mas, uma só vez que entrou no palácio deles, saiu tratado como louco e desprezado como tal.

Não teve pleitos nem demandas. Mas foi levado a tribunais e audiências diante de maus juízes, onde nenhuma justiça lhe foi feita.

Não teve doenças corporais. Mas, em todos os membros onde a dor podia agir, sofreu tanto que mais leve lhe teria sido suportar as doenças comuns. Pois não se podem comparar dores de garganta com o desconjuntar de ossos; nem dores de cabeça com feridas dilacerantes; nem perturbações de coração com as aflições interiores que o Senhor teve; nem qualquer outra enfermidade com os tormentos que passou.

Não teve casos de desastres. Mas sofreu tantos e tão variados males provocados pelos seus inimigos, para o impedir e destruir, que superam os que vulgarmente se chamam azares da fortuna que atormentam as vidas humanas.

De modo geral, digo: quem vir em si algum género de trabalho que em Cristo, nosso Senhor, não encontre, ponha os olhos em toda a sua vida, e principalmente nele crucificado, e veja se há na sua humanidade corporal algum instante de descanso; e, quando encontrar que tudo nele é pena, entenderá que o nosso Senhor tomou sobre si toda a enchente das tribulações, e a nós deixou apenas um pequeno regato delas, de modo que não só não podemos queixar-nos, mas devemos envergonhar-nos de considerar muito o que sofremos na bandeira de um tão atribulado Capitão. Com isto, façamos correr os nossos trabalhos até desaguarem nos grandes mares do que o Senhor padeceu, porque, quando ali chegam, e se juntam

águas com águas, dores com dores, tribulações com tribulações, as nossas recebem virtude, força e eficácia das suas.

E, para ser Cristo, nosso Senhor, companheiro de todos os atribulados, já que tinha condenado os filhos de Adão a contínuos trabalhos pelo pecado do seu pai, também ele, fazendo-se seu filho, embora fosse livre da culpa, não quis livrar-se da pena, mas tomou maior parte dela que todos os filhos de Adão juntos. Desta maneira, como muitas vezes nesta obra temos dito, Deus mudou a sentença de castigo em merecimento de glória, para que, assim, com mais gosto suportássemos os nossos trabalhos, não como açoites, mas como ganho para o Céu.

E porque isto é muito difícil de acreditar, dado que a fraca natureza humana, amante de si mesma, aborrece tudo o que lhe dá aflição e considera mal todo o desgosto e tribulação, carregou o Senhor sobre si tantos trabalhos para que, quando pela fé víssemos os bens que por eles adquiriu, reconhecêssemos que santificou as nossas misérias e quase beatificou os nossos trabalhos, e, com gosto, abraçássemos aquilo que toda a vida nos acompanha, para que, sendo com o Senhor atribulados, fôssemos glorificados, assim como com Adão fomos culpados e castigados.

É muito usada esta linguagem na Sagrada Escritura. Queixando-se o Senhor dos homens por não lhe oferecerem sacrifício de louvor, declara qual é o que mais aceita, dizendo: "Oferece-me louvores, invoca-me no dia da tua tribulação, eu te livrarei e tu me honrarás". Em outro Salmo, tratando da proteção que o atribulado tem em Deus, diz: "Com ele estou na tribulação, livrá-lo-ei e glorificá-lo-ei". Em outro Salmo, diz: "Lança sobre Deus o teu cuidado, e ele te sustentará, e não permitirá que o justo vacile para sempre". Em outro, diz: "Perto está o Senhor dos que têm o coração atribulado, e salvará os humildes de espírito".

Desta forma, está cheia a Sagrada Escritura de referências à companhia que o Senhor faz aos atribulados para os livrar. Mas não entendamos que este livramento é tirar-lhes as aflições, para que vivam nesta vida sem elas, pois não é isso o que nos convém; é antes dar-lhes força para poderem suportá-las, tirar delas proveito e vitória, e passá-las com gosto por amor dele. Porque é obra muito maior, e maior mercê, fazer dos fracos e humanos filhos de Adão vencedores nos seus trabalhos do que tê-los ociosos.

Por todos estes motivos, Cristo, nosso Senhor, assim como nas Sagradas Escrituras se chama nosso, por nome de todos os bens que justamente podemos desejar, para que vejamos que todos e cada um dos nossos desejos n'Ele se encontram, mais do que em qualquer outra coisa, também, fazendo-se Capitão e Mestre dos atribulados, para ser imitado por todos, quis passar por tão variados géneros de trabalhos, para que, em cada um dos que os homens têm, encontrem nele lição e exemplo, guia e companhia para os poder suportar com proveito.

Seja Ele, por todas estas mercês dadas a criaturas tão indignas e pobres, para sempre bendito e louvado. Amém.

Exercício para quando o cristão estiver em algum trabalho

Conheça-te eu, meu Deus, e conhecedor meu; conheça-te, virtude e vida da minha alma; conheça-te assim como sou de ti conhecido. Manifesta-te, consolador meu, ao meu coração atribulado e tentado, e verterei luz dos meus olhos com a tua luz, e todas as trevas que me cercam fugirão com a tua presença.

Veja-te eu, única recreação do meu espírito; veja-te, única alegria da minha alma; veja-te, meu grande refrigério e minha suave consolação, de dentro e de fora. Ame-te eu, Senhor, fortaleza minha e toda a minha defesa em tempos trabalhosos.

Bem sei, Senhor, que não mereço chamar-te, nem ser visto, nem ouvido por ti; e que grande atrevimento é falar eu com tão alto Senhor. Mas a necessidade não tem lei; a dor e a miséria que padeço forçam-me a clamar a ti. Porque estou enfermo, chamo pelo médico; porque estou cego, clamo pela luz; porque estou morto, suspiro pela vida.

Quando olho para mim, vejo-me metido numa vida curta para os bens enganosos que mostra, pois passa como fumo; e longa para os trabalhos com que me aflige, pois sempre me cercam. Parece alguma coisa, e torna-se em nada; e em todas as suas coisas é inconstante. Ora me alegro, ora estou triste, ora estou são, ora enfermo, ora vivo, ora morto, ora pareço

afortunado, e sempre estou miserável, sempre fraco, sempre rodeado de laços e trabalhos que me derrubam e afogam.

E, quando penso que posso alguma coisa, então me acho sem alento e sem ânimo para qualquer trabalho que me suceda. Este sou eu, da minha própria colheita: mais fraco e miserável do que sei ou posso dizer. Se me deixas, Senhor, que será de mim? Clamo a ti, Senhor, porque toda a minha fortaleza está em ti.

Ajuda-me, virtude minha, por quem sou fortalecido; socorre-me, remediador meu, por quem sou sustentado; vem, luz resplandecente, pela qual vejo; mostra-me o teu rosto, glória minha, para ser recriado. Quando te conheço, está a minha fé forte para tudo; quando tenho os olhos em ti, tudo sabe esperar a minha alma; quando te amo, tudo pode a minha fraqueza.

Mas, se te escondes de mim e me deixas nas mãos da minha fraqueza, da minha tentação e tribulação, não sei como dizer, mas tu sabes quão miserável e pequeno sou.

Não entendo como em mim se juntam, e logo se conciliam, tanta miséria e tribulação, porque, antes que possa aproveitar-me das ajudas que me dá a tua bondade, já acho a minha fraqueza vencida e rendida, e a tribulação dentro de mim, fazendo de mim quanto quer. Ora me derruba, ora me atormenta, ora me lança fora de mim, prende-me as forças e o espírito, de modo que não sei valer-me, nem me entendo, nem sei como estou diante dos teus puríssimos olhos.

Ó conhecedor sapientíssimo das minhas misérias, tu vês o meu interior e sabes como estou no tempo da tribulação. Valei-me, Senhor, com a tua virtude; que nada me afaste de ti, nem me tire da tua obediência.

Aqui apresento interiormente a tentação ou tribulação que tenho diante de mim, e com humildade falo ao Senhor, dizendo:

Muitas e infinitas graças te dou, Senhor, por este trabalho que me dás e, embora a minha miserável fraqueza o sinta como pesada carga, eu reconheço que isto é o que me convém. Tu és meu Pai amantíssimo, Criador poderosíssimo, remediador bondosíssimo, amigo fidelíssimo e

governador sapientíssimo. Tu sabes o que me convém, o que posso suportar, e sempre usas comigo de misericórdia. Não olhes, Senhor, para os meus pecados nem para o sentimento da minha fraqueza, mas para a grandeza da tua misericórdia.

Onde, ou com que serviço, mereci eu que me fizesses participante da tua cruz e companheiro dos teus trabalhos? Tu sabes, Senhor, que, quando não me atribulas, o meu coração está mais descuidado de ti, mais vazio e aberto a todas as coisas do mundo; o teu amor está mais frio, os pensamentos mais dispersos, o apego às coisas desta vida mais vivo; as inclinações para o vício mais despertas, a soberba mais inchada, os pecados menos chorados, o teu temor mais perdido, os inimigos desta alma mais astutos contra mim, e eu, no meio de todos estes males e perigos, mais esquecido de ti e menos atento para me guardar deles.

O trabalho, ainda que me aflija, recolhe-me, ocupa-me e faz-me reconhecer a necessidade que tenho de ti; faz-me considerar melhor a gravidade dos meus pecados. E, mesmo quando, por fraqueza, estou impaciente, ainda assim estou menos em perigo do que quando, sem trabalho, vivo descuidado e contente. Louvem-te o Céu e a terra pela mercê que me fazes no trabalho que me dás; louve-te o teu amor e a tua bondade. E eu, assim como posso, com o coração atribulado, fria e timidamente te louvo, desejando louvar-te com o amor e fervor dos Anjos, Querubins e Serafins. Se me convém ser consolado, consola-me; se me convém ser atribulado, atribula-me.

Diante de ti, Senhor, está a minha tribulação, o meu perigo, a minha necessidade e a minha fraqueza. Não te falta sabedoria para veres o que me convém, nem bondade para o quereres, nem poder para o fazeres. Realiza nesta fraca natureza as tuas obras: dá-me a paciência que queres que eu tenha, dá-me conformidade com a tua vontade, como me obrigas, dá-me a fortaleza que me falta; tira em mim os frutos que pretendes desta tribulação; e, para tudo o que queres de mim, dá-me virtude e ordena o que quiseres. Pois és todo-poderoso, faz-me tal como me queres e dá-me que seja um instrumento dócil a todas as tuas vontades, sem contradição.

Não deixes que os meus inimigos prevaleçam contra mim, nem que a fraqueza da minha carne sucumba com este trabalho; não permitas que eu

faça, pense ou deseje coisa alguma que desagrade aos teus puríssimos olhos. Mas converte para ti todos os meus sentidos interiores e exteriores. Aqueles inocentíssimos braços que foram pregados na cruz são os que me atribulam; sejam, Senhor, também esses os que me convertam totalmente a ti. Abre os meus ouvidos para ouvir a tua voz e obedecer-te. Ilumina, luz invisível, os meus olhos para que eu te veja e siga. Dá-me um sentido novo para aspirar o perfume dos teus suavíssimos unguentos.

Cura o meu gosto para que sinta e reconheça a doçura que tens guardada para os que te amam. Dá-me memória que em ti pense, vontade que te queira, entendimento que te conheça, razão que se prenda fortemente a ti, e alma que, com toda a virtude, te ame. Porque, quando não te amo de todo o coração, cedo a amizades falsas e ando errante, buscando consolações fora de ti, onde não as posso encontrar senão enganadoras.

Só tu, Deus da minha alma, atribulando-me, dás verdadeira vida, verdadeira riqueza e verdadeira consolação. Faz-me, Senhor, reconhecer quanto te devo por este trabalho que me dás. Assim tratas os teus filhos e os teus queridos. E, sendo eu merecedor de ser rejeitado, tratas-me como a eles. Porque não hão de louvar-te as minhas entranhas e derreter-se no teu amor? Mudaste a sentença dos grandes castigos, que por meus pecados mereço, em tão pequena tribulação, e eu queixo-me?

Ó Senhor misericordioso, não me abandones nem me lances com ira longe da tua face! Mas dá-me forças, ânimo, entendimento e amor, para que esta tribulação não me derrube, mas que, com ela, eu faça a tua vontade e te sirva como tu queres e mandas.

Oferenda humilde nas mãos do Senhor e entrega total a Ele

Pai eterno e Deus de toda a consolação, que me criaste, me manténs e me sustentas com a tua misericórdia: diante de ti está a minha fraqueza e pobreza, e diante dos teus puríssimos olhos estão os tormentos que por mim padeceste na cruz, e os trabalhos que passaste toda a tua vida por minha causa. Neles está toda a minha confiança e neles encontra a minha pobreza todo o seu valor; com eles, as minhas pequenas ofertas serão recebidas e aceites.

Toma, Senhor, este trabalho em que estou, unindo-o aos imensos que por mim suportaste. Nada tenho de meu que te possa oferecer, senão estas misérias. Aqui te ofereço a minha tribulação em sacrifício e, com ela, ofereço-me a mim mesmo, com tudo o que sou e posso. Não rejeites, Senhor, a tua criatura. Se quiseres consolar-me, bendito seja o teu santo nome; se quiseres atribular-me, bendito sejas igualmente. Toma-me por teu, e isso me basta.

Aqui renuncio ao meu corpo e alma, vontades, desejos, sucessos da vida, consolações, trabalhos, e tudo o que sou e posso desejar, e tudo o que sobre mim possa vir. Aceita-me, Senhor, tão miserável como estou, e cumpre em mim todas as tuas vontades. Não me castigues, Senhor, tirando-me a cruz, mas consola-me submetendo-me, de vontade e amor, a ela.

Dá-me, antes, aquilo em que fores mais servido, e que, no princípio, no meio e no fim de tudo o que me deres, eu nunca queira ou busque outra coisa senão o que tu ordenares; e que considere como maior mercê a glória de ver o teu santo nome exaltado em mim, da forma que quiseres.

E, pois tu, Pastor verdadeiro da minha alma, quiseste ser meu mestre, meu guia e meu companheiro em todos os meus trabalhos — e para isso tomaste sobre ti tantos e tão imensos — fixa os meus olhos em ti, tira-me de mim mesmo e ensina-me a não desejar outra companhia, nem outro cuidado, que não seja imitar-te, levando com amor as cruzes que me deres.

Juntando este meu trabalho, e todos os que na vida padecer, aos teus tormentos e trabalhos que por mim passaste, ofereço-tos em satisfação das minhas culpas e por todas as almas do purgatório, especialmente pelas mais desamparadas.

E, pois sem o teu amor não posso fazer nada que te seja agradável, dá-me, Senhor, o teu amor, com o qual sabiamente, sobre todas as coisas, te ame. Ouve-me, Senhor, e recebe-me, pois tu és meu consolador e vida da minha alma, pela qual vivo e sem a qual morro; pela qual sou e sem a qual pereço; pela qual sou consolado e sem a qual sou atribulado: vida soberana, suave, doce, toda amável e digna de se morrer por ela, para que se viva nela.

Ó Mãe de Deus, Virgem perpétua e puríssima, amparo dos atribulados, guia dos errantes, ajudadora dos fracos e intercessora digníssima dos indignos pecadores: oferece este meu trabalho ao teu bendito Filho, com todos os que na vida passar, para que Ele os aceite em sacrifício, e alcança-me dele graça para o levar com paciência e conformidade à sua santa vontade.

Ó corte celestial, que em tudo estais sujeita à vontade do Senhor; que sois pedras vivas dessa cidade celestial e fostes aqui lavradas e limpas com muitos trabalhos e cruzes: alcançai-me a luz do Senhor para que o conheça, amor para que o ame, conformidade com a sua vontade para que em tudo a Ele me submeta.

E, pois passastes pelas minhas misérias, fortalecei a minha fraqueza na tribulação, para que, pela imitação dos vossos trabalhos, mereça a companhia da vossa glória, vendo, adorando e amando perpetuamente o Pai Criador, o Filho Redentor e o Espírito Santo Consolador, que vive e reina para sempre, sem fim, Deus e Senhor do meu coração. Amém

PROTESTO DO AUTOR

Eu, Frei Thomé de Jesus, indigno frade da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho da Província de Portugal, português e justamente cativo na Berbéria, protesto que a minha intenção e vontade, nas duas partes desta obra que compus — Trabalhos de Jesus — assim como em qualquer outra que tenha escrito ou que venha a escrever no futuro, é não divergir em nada, nem uma vírgula, da pureza e integridade da Santa Fé Católica Romana, nem da doutrina dos Santos Padres.

Por isso, humildemente, submeto tudo à emenda, correção e juízo da Santa Igreja Católica Romana, dos Padres ministros do Santo Ofício e de todos os que bem pensarem da Fé. E, se alguma coisa se encontrar escrita por inadvertência ou por falta de saber, que (Deus não permita) seja contrária à Santa Fé, desde já a considero retratada, desdita e revogada.

Peço, portanto, a emenda, aprovação e licença àqueles a quem compete, por ofício, dá-la, para que esta obra possa vir a público e ser impressa.

Feita por mim e assinada, estando cativo em Marrocos, a 1.º de Janeiro de 1582.

Frei Thomé de Jesus

FIM DOS TRABALHOS DE JESUS